

# Património cultural jacobeu, turismo e peregrinação: O Caminho Português Interior de Santiago de Compostela (CPIS)



Xerardo Pereiro (coord.)



**utad** UNIVERSIDADE  
DE TRÁS-OS-MONTES  
E ALTO DOURO

 **Cetrad**  
Centro de Estudos, Investigações e Desenvolvimento

**PASOS**  
Revista de Turismo y Patrimonio Cultural

Colección PASOS edita, nº 25



*Património cultural jacobeu,  
turismo e peregrinação:  
O Caminho Português Interior de  
Santiago de Compostela (CPIS)*

Xerardo Pereiro (Coord.)



Revista de Turismo y Patrimonio Cultural

Pasos Edita, 25

[www.pasosonline.org](http://www.pasosonline.org)

Turismo e peregrinação: O Caminho Português Interior de Santiago de Compostela (CPIS)/ Xerardo Pereiro (coordenação)/ Arlindo Cunha de Magalhães, Eunice Salavessa, Olinda Santana, Artur Alves, Xerardo Pereiro, Carlos Gomes, Ricardo Bento, Santiago Prado, Pedro Azevedo, Nieves Losada (autores)/ Tenerife: PASOS, RTPC / 2019/ 220 p. incluída bibliografía.

1. Turismo I 2. Ciencias Sociales II 3. Culturas turísticas III 4. Peregrinación IV. I Xerardo Pereiro (Coord.) II “Património cultural jacobeu, turismo e peregrinação: O Caminho Português Interior de Santiago de Compostela (CPIS)” III PASOS, Revista de Turismo y Patrimonio Cultural. IV Colección PASOS Edita

Sistema de Clasificación Decimal Dewey: 300 - 330

Edita:

PASOS, Revista de Turismo y Patrimonio Cultural  
P.O. Box 33.38360 · El Sauzal  
Tenerife (España)  
Director de la colección: Agustín Santana Talavera  
www.pasosonline.org - Colección PASOS Edita, 25.

Diseño de Portada: Imaginario  
Imagen de cubierta: Carlos Gomes y Readytopub  
ISBN (e-book): 978-84-88429-40-7

Web do CPIS: <https://cpis.utad.pt/>

Contactos: Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento (CETRAD), Departamento de Economia, Sociologia e Gestão (DESG), Escola de Ciências Humanas e Sociais (ECHS) Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) Edifício do Pólo II da ECHS, Quinta de Prados, 5000-103- Folhadela -VILA REAL (PORTUGAL); Mail do CETRAD: [ce-trad@utad.pt](mailto:ce-trad@utad.pt) - Web do CETRAD: [www.cetrad.utad](http://www.cetrad.utad)

## APOIOS

“Este trabalho enquadra-se no projeto de I&D “Património cultural da Euro-região Galiza-Norte de Portugal: Valorização e Inovação. GEOARPAD” Programa operativo EP - INTERREG V A Espanha - Portugal (POCTEP). Convocatória 1, Identificador 769- GEOARPAD (0358\_GEOARPAD\_1\_E), financiado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do Programa de Cooperação INTERREG V-A Espanha-Portugal 2014-2020 (POCTEP)”



"This work is part of the R & D project" Cultural Heritage of the Northern-Galicia-North of Portugal: Valuation and Innovation. GEOARPAD "Operational program EP - INTERREG V Spain - Portugal (POCTEP). Call 1, Identifier 769- GEOARPAD (0358\_GEOARPAD\_1\_E), funded by the European Regional Development Fund (ERDF) through the INTERREG V-A Spain-Portugal 2014-2020 Cooperation Program (POCTEP) "

PT: Este trabalho do CETRAD é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UID/SOC/04011/2019.

EN: This work of CETRAD is supported by national funds, through the FCT – Portuguese Foundation for Science and Technology under the project UID/SOC/04011/2019.

## AGRADECIMENTOS

Muito agradecemos a Cristina Sánchez-Carretero (CSIC-INCIPIT, Santiago de Compostela) e a Rubén Lois González (Departamento de Geografia da Universidade de Santiago de Compostela), o convite que nos fizeram para participar no projeto GEOARPAD. A António Fontainhas Fernandes (Magnífico Reitor da UTAD) e a Alberto Baptista (Pró-Reitor da UTAD para os projetos estruturantes) o apoio constante e incansável ao desenvolvimento do projeto Geoarpad na UTAD. A Ana Rita Dias (Vice-presidenta da Câmara Municipal de Vila Pouca de Aguiar), pelo seu estímulo e apoio constante ao projeto de investigação. A Gerard Baume (Federação Europeia dos Caminhos de Santiago), pelo seu grande apoio na fase inicial deste projeto. Aos técnicos de turismo dos municípios do CPIS, especialmente a Catarina Chaves (Vila Pouca de Aguiar), Cristina Gomes (Castro Daire) e Filipa Leite (Chaves) pela confiança e constante apoio na nossa pesquisa e por fornecerem-nos dados fundamentais para compreender o CPIS. Aos bolseiros do CETRAD Carlos Gomes e Artur Alves pelo seu empenho em concretizar o projeto e o seu apoio aos investigadores efetivos do CETRAD. Aos estudantes da licenciatura em turismo, à AEPGA (Associação para o Estudo e Proteção do Gado Asinino, ver <https://www.aepga.pt/>) e à Cátedra UNESCO da UTAD em “Geoparques, Desenvolvimento Regional Sustentável e Estilos de Vida Saudáveis” (<https://unescochairutad.wordpress.com/>) pela cooperação, participação e integração deste projeto sobre o CPIS e muitas das suas atividades (ex. caminhadas e visitas de estudo) nas atividades científicas e pedagógicas dos cursos de formação e do programa social de eventos académicos. A Rafael Sánchez-Bargiela (ex-gerente do Xacobeo – Xunta de Galicia), pelo estímulo e apoio constante aos caminhos de Santiago e ao CPIS em particular. Aos historiadores Arlindo Cunha de Magalhães e Paulo Almeida Fernandes, por partilhar, de forma generosa e solidária, com nós na UTAD toda a sua sabedoria sobre o CPIS e os patrimónios culturais jacobeus em Portugal.

*Património cultural jacobeu,  
turismo e peregrinação:  
O Caminho Português Interior de  
Santiago de Compostela (CPIS)*

## ÍNDICE

### **Agradecimentos**

#### **Prefácios**

António Fontainhas Fernandes (Magnífico Reitor da UTAD)

Timothy Koehnen (Diretor do CETRAD)

Ana Rita Dias (Vice-presidenta da CM de Vila Pouca de Aguiar)

Antonio Ponte (Diretor Regional da Cultura do Norte)

#### **Apresentação da publicação**

Breve apresentação. O Caminho Português Interior de Santiago de Compostela visto de perto e de longe - Xerardo Pereiro (Coordenador do projeto GEOARPAD na UTAD) 1

#### **Capítulos**

Capítulo 1. Viseu > Vila Real > Chaves: Da devoção ao turismo: O Caminho Português Interior de Santiago de Compostela (Arlindo Cunha de Magalhães - Universidade Católica Portuguesa) 5

Capítulo 2. Iconografia jacobea no CPIS e proteção dos bens culturais da Igreja (Eunice Salavessa - UTAD) 37

Capítulo 3. Paisagem cultural sagrada no CPIS (Olinda Santana e Artur Alves - UTAD)	59
Capítulo 4. Perfil, motivações e experiências dos peregrinos do CPIS (Xerardo Pereiro e Carlos Gomes - UTAD)	79
Capítulo 5. O CPIS enquanto rota transnacional Ibérica: significados e potencialidades (Xerardo Pereiro, Ricardo Bento e Santiago Prado – UTAD /UTAD/UNIR)	113
Capítulo 6. Em torno do Caminho Português Interior de Santiago: o caminho de Santiago por Terras de Basto (Vila Real-Mondim de Basto) (Pedro Azevedo – UTAD)	151
Capítulo 7. De Farminhão a Verim: crónicas, reflexões e recomendações para caminhar no Caminho Português Interior de Santiago de Compostela (Carlos Gomes – UTAD)	165
Capítulo 8. Plano estratégico de comunicação e marketing do Caminho Português Interior de Santiago de Compostela (Nieves Losada – UTAD)	189
<b>Breve CV dos autores</b>	201

## Prefácio 1

O Caminho de Santiago é uma rota seguida por milhares de peregrinos desde o início do século IX, desde que foi descoberto o sepulcro do Apóstolo Santiago o Maior. Desde essa época, milhares de peregrinos provenientes de diversas partes do mundo trilham os caminhos que conduzem à catedral de Santiago de Compostela, onde se venera o Apóstolo. A popularidade da peregrinação tem aumentado de forma significativa por motivos religiosos, mas essencialmente culturais e turísticos.

A crescente procura dos Caminhos de Santiago enquanto roteiro turístico, abre novas oportunidades para o desenvolvimento das regiões, o que exige uma aposta no conhecimento, na inovação e delinear novos formatos e conceitos, face à crescente exigência e competitividade dos mercados turísticos.

É neste contexto que se insere este livro, que reúne importantes contributos para formular propostas de melhoria do “Caminho Português Interior de Santiago de Compostela”. Procura explorar novas oportunidades locais para a valorização económica dos patrimónios culturais e paisagísticos, bem como dos sítios que integram esta rota.

Desta forma, a investigação desenvolvida no âmbito do projeto Geopad pode contribuir para a valorização dos recursos endógenos, identificando recursos patrimoniais e culturais. A sua valorização económica tem um impacto positivo no desenvolvimento regional, com reflexo na criação de empregos e assim atenuar o crescente declínio demográfico.

Este projeto constitui um espaço de partilha que une dois países pela cultura e pela agenda do conhecimento e do desenvolvimento regional. Mas também de partilha com a sociedade, pois a informação reunida será disponibilizada numa publicação em “open access”.

Este trabalho multidisciplinar desenvolvido por investigadores de diferentes áreas científicas da UTAD comprova as potencialidades do património jacobeu português e da paisagem cultural sagrada vinculada à ruralidade e, particularmente, do transmontano. Comprova que não há, nem na Europa nem em Portugal, uma concentração maior de lugares de culto jacobeu e de devoções afins do que em Trás-os-Montes. O percurso entre Viseu e Chaves tem, à sua volta, mais paróquias, ermidas e confrarias jacobeias e gonçalinas do que o próprio caminho francês. Mostra ainda as

potencialidades que este trajeto pode trazer para o desenvolvimento social, económico e humano sustentável das comunidades do Interior do país.

Na atual economia da experiência, de cada vez mais é fundamental apostar em projetos multidisciplinares desta natureza, pois o conhecimento e a inovação são determinantes para o aparecimento de novas atividades e serviços que combinem elementos culturais, criativos, educativos e de entretenimento.

Percorrer o Caminho de Santiago é uma forma de viajar ao ritmo de outros séculos, uma fonte de diversidade cultural, económica e social. Percorrer o Caminho de Santiago é também um recurso turístico decisivo, com um papel incontornável no desenvolvimento local que fornece as bases para negócios emergentes e inovadores.

Professor Doutor António Fontainhas Fernandes

Magnífico Reitor da UTAD (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

Presidente da CRUP (Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas)

## Prefácio 2

O livro agora publicado resulta do trabalho de uma equipa liderada por Xerardo Pereiro, Membro Integrado do CETRAD, na Linha Temática 4: Turismo e Desenvolvimento do Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento (CETRAD) e Coordenador do projeto de investigação “Património Cultural da Euro-região Galiza-Norte de Portugal: Valorização e Inovação. GEOARPAD”.

Este livro sobre “O Caminho Português de Santiago de Compostela”, procura conhecer o perfil e as motivações dos peregrinos e, por isso, é um contributo importante para formular propostas de melhoria do Caminho Português Interior de Santiago de Compostela (CPIS) e de procurar criar dinâmicas locais para a valorização económica dos patrimónios dos sítios por onde passa. A investigação apresentada é assim o um produto de vários anos de investigação desenvolvido no âmbito do projeto Geoarpad.

A investigação do CETRAD visa o desenvolvimento local, a partir da valorização dos recursos endógenos e procura fazê-lo de três maneiras: (1) identificar recursos (por exemplo, caminhos de Santiago e património e cultura associados); (2) dar prioridade à ligação entre maior desenvolvimento endógeno e inclusão social; e (3) inovar para aumentar a competitividade e valorização económica dos recursos, para criação de empregos e mitigação do declínio demográfico.

Este livro e a investigação que lhe está associada, enquadra-se plenamente nos objetivos de investigação do CETRAD, em particular no Grupo de Investigação “Turismo, Identidades e Património Cultural“, investigação que é fundamental para suportar os cursos de turismo lecionados na UTAD. Em conclusão, este livro representa mais um passo relevante para um conhecimento mais aprofundado sobre o turismo no interior e assim contribuir para a afirmação do CETRAD nesta área de estudo e visa fortalecer a valorização do CPIS como um instrumento para a valorização dos recursos do território e para o desenvolvimento local.

Prof. Dr. Timothy Koehnen

Diretor do CETRAD (Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento)

## **Prefácio 3**

Falar de Caminhos de Santiago é abrir um livro interminável de experiências, de saberes, de histórias, de vidas...

Este estudo realizado sobre o mais difícil mas mais bonito caminho a Santiago de Compostela, reflete um trabalho exaustivo e dedicado a um caminho esquecido pelas “massas” mas lembrado por aqueles que querem pensar e Viver o Verdadeiro Caminho a Santiago.

Numa estratégia integrada de desenvolvimento económico de oito concelhos do Interior de Portugal, sobre a temática “Caminho de Santiago”, este estudo mostra o património material e imaterial que estes podem promover e dinamizar, fazendo-nos concluir que efetivamente o Caminho Português Interior de Portugal, apesar de milenar, ainda agora começou, pois, se muito se fez, mais ainda há para fazer, quer seja no âmbito do Turismo, quer seja pelas “gentes” que recebem e acolhem os peregrinos.

Dr.a Ana Rita Dias

Vice-presidenta da Câmara Municipal de Vila Pouca de Aguiar e  
Presidenta da Federação Portuguesa dos Caminhos de Santiago

## Prefácio 4

### **Decreto-Lei n.º 51/2019, de 17 de abril: um CAMINHO para a normalização**

“Os caminhos de Santiago nasceram como caminhos de fé, mas tornaram-se vias que facilitaram o intercâmbio cultural. Por eles passaram, ao longo dos séculos, incontáveis peregrinos de todos os países da Europa, contribuindo substancialmente para o intercâmbio de pessoas, ideias e bens. Através dos caminhos de Santiago, difundiram-se ideias políticas, movimentos estéticos, estilos arquitetónicos, doutrinas teológicas, sistemas filosóficos, devoções e produtos. À sua beira construíram-se igrejas, conventos, hospitais, albergues e hospícios para acolher os peregrinos, prestar-lhes assistência religiosa e cuidar dos doentes”. SILVA, José Antunes da: Caminhos de Santiago: uma Europa peregrina, pp.337 (<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/12690/1/silva.pdf>, 2019.04.23)

Este Caminho de Peregrinação é uma expressão essencial da Cultura da Europa e marca a nossa identidade coletiva, sendo uma manifestação que não distingue pessoas, géneros e posições sociais.

Depois de terem sido reconhecidos como o primeiro itinerário cultural do Conselho da Europa, em 1987, os caminhos de peregrinação a S. Tiago de Compostela têm vindo a afirmar-se como um dos principais elos de relação da Cultura Europeia.

Ao longo dos últimos anos entidades públicas e privadas, reconhecendo a importância deste itinerário, têm vindo a promover um conjunto de iniciativas que procuram valorizar os Caminhos de Santiago, tanto do ponto de vista material, através da colocação de sinalética de apoio, da recuperação de património cultural ao longo destas vias, bem como através de campanhas de investigação e de promoção deste recurso patrimonial e socioeconómico.

Todavia, é comumente reconhecido que muitas destas iniciativas adquirem um carácter disperso, sem sistematização, com resultados necessariamente desiguais e nem sempre satisfatórios para os peregrinos.

Agentes de diversa natureza, associações de peregrinos, municípios, vinham já há algum tempo a reivindicar a produção de legislação que regu-

lasse em território português este itinerário e agregasse as diferentes ações de forma mais articulada e eficaz. Pretende-se, nomeadamente, garantir a coerência dos itinerários, facilitar uma gestão racional dos equipamentos e criar uma página eletrónica nacional onde os peregrinos consigam aceder à informação essencial sobre todos os itinerários certificados em Portugal.

Reconhecendo a importâncias cultural, patrimonial e económica dos Caminhos de Santiago o Governo de Portugal, através do Ministério da Cultura e do Ministério da Economia, criaram o Decreto-Lei n.º 51/2019, de 17 de abril, que Regula a valorização e promoção do Caminho de Santiago, através da certificação dos seus itinerários.

O Artigo 2.º do DL 51/2019 considera “...«itinerário do Caminho de Santiago», para efeitos de certificação, um itinerário de peregrinação utilizado, no território português, pelos peregrinos em direção a Santiago de Compostela, que seja de uso consistente, comprovado por fontes históricas, vestígios materiais ou tradição documentalmente registada, bem como o património cultural e natural que lhe seja associado, que observe os critérios de certificação previstos no anexo 1 do presente decreto-lei e do qual faz parte integrante.”

É designada uma comissão de certificação sob a égide das tutelas da Cultura e da Economia, são identificadas as entidades gestoras dos itinerários e é criado um Conselho Consultivo no sentido de envolver o mais largo conjunto de parceiros no processo de reconhecimento e valorização dos Caminhos de Santiago em Portugal.

Estamos convictos que poderão estar criadas condições para uma regulamentação / normalização do Caminho de Santiago em Portugal, para uma mais eficaz gestão e valorização deste recurso cultural e patrimonial, resultado num efetivo ganho cultural e socioeconómico das populações e dos caminheiros que o percorrem.

António Ponte

Diretor Regional de Cultura do Norte

Maió/2019

## Breve apresentação<sup>1</sup>

# O Caminho Português Interior de Santiago de Compostela visto de perto e de longe

**Xerardo Pereiro**

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD)

Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento (CETRAD)

xperez@utad.pt

“*Há um santo que nos une*” (Prof. Dr. António Fontainhas Fernandes, Magnífico Reitor da UTAD, Encontro sobre o CPIS, 10-1-2019, Vila Real, Portugal)

Este livro é resultado do projeto de I&D “Património cultural da Euro-região Galiza-Norte de Portugal: Valorização e Inovação. GEOARPAD” (cf. <https://cpis.utad.pt/>), mas tem a sua base no projeto Cultour plus (cf. <http://www.cultourplus.info/pt/>), no qual participou o CETRAD da UTAD com grande protagonismo e que se detinha sobre o estudo de rotas culturais e de peregrinação na Europa. A publicação representa um passo no caminho do estudo e investigação sobre o Caminho Português Interior de Santiago de Compostela (CPIS), que por ser menos conhecido e de revitalização recente não desmerece atenção científica. As marcas simbólicas de Santiago estão intensamente espalhadas e presentes em todo o Portugal, sendo, especialmente, encontradas no Norte de Portugal e, mais ainda, no interior Norte - zona que

---

1 Este texto é resultado do projeto de I&D “Património cultural da Euro-região Galiza-Norte de Portugal: Valorização e Inovação. GEOARPAD” Programa operativo EP - INTERREG V A Espanha - Portugal (POCTEP). Convocatória 1, Identificador 769- GEOARPAD (0358\_GEOARPAD\_1\_E), financiado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do Programa de Cooperação INTERREG V-A Espanha-Portugal 2014-2020 (POCTEP)”. Ver: <https://cpis.utad.pt/>. O texto foi escrito no âmbito da Bolsa de Licença Sabática de Xerardo Pereiro na Universidade de Santiago de Compostela, financiada pela FCT com o código SFRH/BSAB/143053/2018.

o CPIS atravessa. Esta forte presença de ícones jacobeus é, sobejamente, demonstrada nesta publicação pelos diversos autores. Estas marcas de Santiago aparecem muito ligadas à rota do CPIS: paróquias com o nome de Santiago, topónimos, caminhos, ruas, igrejas, capelas, esculturas, pinturas, albergues, hospitais históricos, feiras, lendas, tradições populares...

No projeto Geoarpad tentámos conhecer esses elementos culturais e patrimoniais para compreender os seus usos e significados contemporâneos (ex. turismo). Esta publicação contribui, de uma forma sistemática, com um conhecimento profundo sobre os patrimónios culturais jacobeus ligados ao CPIS e, também, sobre as experiências nele – e com ele – vividas por parte dos turíperegrinos. Para além do conhecimento histórico (ex. o contributo do Prof. Arlindo Cunha de Magalhães) e antropológico produzido e publicado neste livro e noutras publicações, o projeto Geoarpad criou também produtos de desenvolvimento tecnológico como um WEBSIG interativo com georreferenciação e filmagens de todos os troços da rota (cf. <https://cpis.utad.pt/>) que pode ser útil para quem gere o CPIS e para os utilizadores (ex. peregrinos e outros) e que é, por sua vez, complementar a esta publicação.

O livro que agora apresentamos está estruturado em 7 capítulos. O primeiro capítulo é obra do Prof. Arlindo Cunha de Magalhães (Universidade Católica Portuguesa) e cimenta as bases históricas do CPIS e a sua estratigrafia histórica e cultural, ligada ao culto de Santiago no interior Norte de Portugal. A sua erudição e conhecimento profundo da realidade jacobea em Portugal é aqui, generosamente, partilhada com os leitores.

O segundo capítulo, é da autoria da Prof<sup>a</sup>. Eunice Salavessa (UTAD) e nele aborda, com elevada sistematicidade e rigor científico, a iconografia de Santiago no CPIS, com especial destaque para a pintura e a escultura. O terceiro capítulo foi escrito pela Prof<sup>a</sup>. Olinda Santana (UTAD) e o Dr. Artur Alves (UTAD) e direciona a sua atenção para as paisagens sagradas do CPIS. A partir deste conceito, os autores refletem sobre os patrimónios culturais do CPIS, especialmente sobre as paisagens culturais de montanha e de vale (exs. Alto Douro Vinhateiro). Em seguida, centram-se no património cultural jacobeu do CPIS, isto é, o que se dedica, diretamente, a Santiago. Por fim, no seu texto, estabeleceram uma diferenciação entre patrimónios culturais protegidos (100) e não protegidos (685) que são atravessados pela rota do CPIS e que serviram de base para a criação de um WEBSIG interativo (cf. <https://cpis.utad.pt/mapas/>) de grande utilidade e relevância no âmbito do projeto Geoarpad – CPIS.

O capítulo 4 foi elaborado pelo Prof. Xerardo Pereiro (UTAD) e o Dr. Carlos Gomes (UTAD), e teve por base e referência um trabalho de campo intenso desde o ano 2016, a realização do percurso a pé e a realização de entrevistas com os peregrinos do CPIS. O texto debruça-se sobre o perfil social e cultural

destes peregrinos e sobre as suas motivações e experiências vividas no e com o CPIS. Para além dos dados qualitativos e quantitativos acerca dos peregrinos deste caminho, nas conclusões deste capítulo são vertidos os diferentes e profundos significados da peregrinação a Santiago de Compostela, enquanto ritual de passagem liminar, na voz dos seus próprios atores, os peregrinos.

O capítulo 5 é da autoria dos professores Xerardo Pereiro (UTAD), Ricardo Bento (UTAD) e Santiago Prado (UNIR). Este apartado tem como foco de análise as definições e delimitações desta rota turístico-cultural ibérica e transnacional, e das suas possibilidades de desenvolvimento e articulação com a peregrinação e a educação intercultural. O texto apresenta um enquadramento teórico das rotas e os itinerários culturais para mais adiante analisar a legitimação historicista da construção social e política desta rota. Para isso, os autores selecionaram três dos guias mais importantes que descrevem esta rota, e destacam o seu poder na hora de representar o território e moldar a experiência do visitante. A concluir o capítulo, os autores apresentam uma análise do potencial estratégico e das possibilidades de desenvolvimento desta rota turístico-cultural.

O capítulo 6 é obra do Dr. Pedro Azevedo, investigador do CETRAD-UTAD, e aproxima-se da questão das variantes do CPIS ao traçado oficial promovido pelos Municípios (<http://www.cpisantiago.pt/>). O texto tem por objetivo principal a identificação do traçado e, ainda, demonstrar a importância histórica do antigo Caminho das Terras de Basto utilizado pelos peregrinos rumo a Santiago de Compostela. Detentor de um elevado valor histórico-cultural, este caminho de peregrinação medieval constitui uma variante do Caminho Português Interior de Santiago e liga a cidade de Vila Real a Mondim de Basto. A observação participante e a investigação *in situ* permitiram identificar diversas obras arquitetónicas intimamente ligadas às peregrinações a Santiago de Compostela.

O capítulo 7 é uma reflexão do Dr. Carlos Gomes (CETRAD-UTAD) sobre a sua experiência de caminhar pelo CPIS, na sua parte portuguesa. Enquanto reflexão pessoal, não deixa de dialogar com outros peregrinos e agentes sociais e, em sede de análise, confrontar perspetivas. A partir desse diálogo acaba por criar um conjunto de recomendações práticas para peregrinar pelo CPIS. Contudo, mais além desta função utilitária das recomendações, o texto reflete, profundamente, sobre as razões e sentidos humanos da peregrinação a Santiago de Compostela através do CPIS.

O capítulo 8, da autoria da Prof.ª Dr.ª Nieves Losada, é um esboço de um plano de comunicação e marketing do CPIS, com base num diagnóstico da oferta e do perfil da procura, a autora propõe ligar o turismo de peregrinação com o de bem-estar e termal, pois o caminho atravessa uma zona de excelentes

termas em qualidade, número e diversidade. O foco central do texto é a sua proposta de cooperação com a Galiza na comunicação deste caminho e nas potencialidades de desenvolvimento numa ligação entre peregrinação e turismo que permita benefícios aos peregrinos e às comunidades locais.

Enquanto investigadores sentimos como nossa a RSI (responsabilidade social investigadora), e é isso que nos leva a publicar e partilhar este trabalho com a sociedade através de uma publicação em Open Access como garante a plataforma PASOS (<http://www.pasosonline.org/>). E, como afirmado pelo Reitor da UTAD mais acima, São Tiago une, países, pessoas e, destacadamente, une culturalmente Portugal com a Galiza. Ainda que também possa separar e dividir nalgum caso, na sua matriz os caminhos de Santiago são uma metáfora das solidariedades humanas e da sua importância para a criação de uma cultura de paz no mundo. O binómio cultura-turismo que se evidencia no CPIS apresenta um potencial de desenvolvimento social, económico e humano sustentável e responsável, para o qual pretende contribuir, ainda que modestamente, esta publicação.

# Capítulo 1

## Viseu > Vila real > Chaves. Da devoção ao turismo: O Caminho Português Interior de Santiago de Compostela

**Arlindo de Magalhães Ribeiro da Cunha**

Universidade Católica Portuguesa (UCP)

cunharlindo@gmail.com

### 1. Introdução

Este texto é resultado de uma palestra sobre o Caminho Português Interior de Santiago de Compostela, ministrada na UTAD (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro) em Vila Real (Portugal) o dia 5 de abril de 2017. O conteúdo do texto tem como base uma análise histórica, documental e das memórias sociais de terreno. Foram tidos em consideração os relatos de peregrinação a Santiago de Compostela, as estradas e caminhos históricos, o património histórico-artístico das rotas (ex. igrejas, ermidas, esculturas ...) de peregrinação, o património cultural jacobeu em Portugal, a extensa toponímia e hagiotoponímia e a devoção e culto de Santiago de Compostela em Portugal. Ao longo do texto põe-se de manifesto como peregrinar não é apenas um produto turístico, e como o caminho do peregrino é algo mais do que o prosaico caminho do viajero.

Em 2010 (29 de Outubro), em Chaves, nas IV Jornadas Luso-Galaicas Turismo Cultural e Religioso, eu disse assim:

«... sem medo de errar ou de ser contraditado, o mais belo, o mais espectacular, o mais recolhido, e o mais *espiritual* trajecto jacobeu português, é o que liga Viseu a Chaves, pela Régua e Vila Real, embora todo ele

---

Xerardo Pereiro (Coord.) (2019) *Patrimonio cultural Jaconeu, turismo e peregrinação: o caminho português interior de Santiago de Compostela*. La Laguna (Tenerife): PASOS, RTPC. [www.pasosonline.org](http://www.pasosonline.org). Colección PASOS Edita nº 25.

deva estar todo escacado pela auto-estrada entretanto construída! (...)».

O património jacobeu português, e particularmente o transmontano, é, ainda hoje, um tesouro desconhecido, silenciosamente guardado, quando não já violado ou destruído por adeptos de desportos radicais, por veículos todo-o-terreno, por motos 4, por *mágicos* e *iniciáticos*, e por todos os peregrinos éticos e *estéticos* de que falou David Lodge<sup>1</sup>. Tenho muito gosto em estar aqui; agradeço à Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro ter-me convidado a vir, e confesso que fiquei felicíssimo quando vi que, neste trabalho, participarão professores de antropologia, de turismo, de história e de biologia. Bem hajam todos: os que me convidaram e os que me vão ensinar.

São de facto imensos os caminhos “de Santiago” que, passado o Douro e atravessando Trás-os-Montes, os peregrinos compostelanos utilizavam para chegar ao pretenso túmulo do Apóstolo em Compostela. Imensos! Tantos que, em toda a Europa e particularmente em Portugal, Trás-os-Montes é o território que gerou a maior concentração de lugares relacionados com o culto jacobeu e a peregrinação a Compostela.

Não falarei da história multiseular da peregrinação ao *Finis Terrae* e depois a Compostela, porquê? e como? Falarei, sim, do Património que se gerou ao longo e à volta de um caminho romano e depois jacobeu que começava no Algarve mas que, de Viseu a Chaves, se salientou na demanda do pretenso túmulo do apóstolo Tiago.

Nos meados do séc. XII, o *Codex Calixtinus*, um celeberrimo manuscrito de Compostela, dizia assim: “As cidades e povoações maiores que então existiam na Galiza são as seguintes: Viseu, Lamego, (Dumio, Coimbra, Lugo,) Ourense...”<sup>2</sup>.

O Prof. Baquero Moreno, o primeiro que se interessou por esta questão dos caminhos jacobeus portugueses, publicou um mapa (foto 01) que muitos conhecerão mas que hoje está ultrapassado.

Nele marcou apenas caminhos a partir dos Algarves. Não reparou que a maior parte dos peregrinos que demandavam Compostela e partiam da Extremadura e da Andaluzia, poupando energias, quilómetros e tempo, não seguiam pela Via da Prata até Astorga e/ou Ponferrada mas, em diferentes lugares da fronteira, entravam em Portugal e, atravessado o Douro e Trás-os-Montes, já estavam na Galiza.

---

1 LODGE, David – *Terapia*, Lisboa: Gradiva, 1995, p. 257.

2 OTERO, X. Carro (reed.) - *Liber Sancti Jacobi “Repito: Calixtinus”*, 1992, Xunta de Galicia, p. 410. Seguiam-se depois as mais cidades apontadas: Iria, Tuy, Mondoñedo, Braga la metropolitana, la ciudad de Santa Maria de Guimarães, Corunha, Compostela, aunque todavía pequeña entonces”.





ga paróquia de Santiago<sup>4</sup>]; Vale da Senhora da Póvoa [paróquia Santiago], Sabugal [ermida e feira], Carvalhal Meão [paróquia Santiago], Vila Garcia [paróquia Santiago], Vila Franca do Deão [paróquia Santiago], Trancoso [antiga paróquia de «Santiago da Venda do Cepo», hoje lugar de Trancoso), Sernancelhe (capela<sup>5</sup>, Albergaria, imagem na igreja românica), Leomil (paróquia e hospital<sup>6</sup>), Cepões (ermida e toponímico), logo estava em Lamego.

4. Em tempo de Verão, os peregrinos que vinham da Alcântara espanhola, podiam subir a Estrela. Lá bem no alto da Serra, depois de Belmonte, na área da freguesia<sup>7</sup> de Folgoso [Gouveia], está uma capela de Santiago no «Cume de Santiago»<sup>8</sup> que aparecia lá no alto a dizer “é por aqui”! (ver foto 03).
5. Os últimos, os que vinham de Salamanca (e Madrid ...), antes de passarem a fronteira de Vilar Formoso, tardavam um pouco numa ermida de Santiago que ainda hoje existe em Fuentes de Oñoro, e daí es disso, resolveuamente rica mais para Trancoso do que para Viseu...a e da Anadalusia, e convergiam para Trancoso ou Viseu. Trancoso e Viseu distribuía, depois, os peregrinos.

---

4 Penamacor tinha 3 paróquias e uma era de Santiago.

5 Ver em apêndice “*Igreja > Capela > Ermida > Freguesia e paróquia*”.

6 Existiu em Leomil um mosteiro da ordem dos Cónegos Regulares de Roncesvalles que se dedicavam particularmente aos peregrinos de Compostela. Leomil foi sede da Ordem em Portugal (Ver *Ordens Religiosas em Portugal*, p. 232)

7 Ver em apêndice “*Igreja > Capela > Ermida > Freguesia e paróquia*”.

8 De facto, a Serra não impedia que quem viajasse da região de Belmonte para a vertente ocidental da Estrela, o pudesse fazer com segurança, sobretudo no Verão, a época auge da peregrinação jacobea. Era por aí perto, de resto, que seguia a estrada romana de Mérida a Braga. E terão sido tantos os peregrinos a passar por ali que o alto do cume serrano que lhes ficava ao lado acabou por ser baptizado, na Idade Média, claro!, de *Cume de Santiago*, 1481 metros de altitude. E no Cume, não podia deixar de ser, a capela de Santiago (ainda no ano de 1990 houve ali festa; de então para cá não sei). Em 1992, entrevistei ainda em Folgoso duas pessoas que, em separado mas uma confirmando a outra, me descreveram com precisão o caminho que os antigos pastores da região utilizavam na transumância de Inverno dos seus gados rumo à serra do Marão. Foram eles Paulo Jorge Esteves Pereiro, antigo pastor, e o Prof. Augusto Pires de Sousa, ambos residentes em Folgoso.

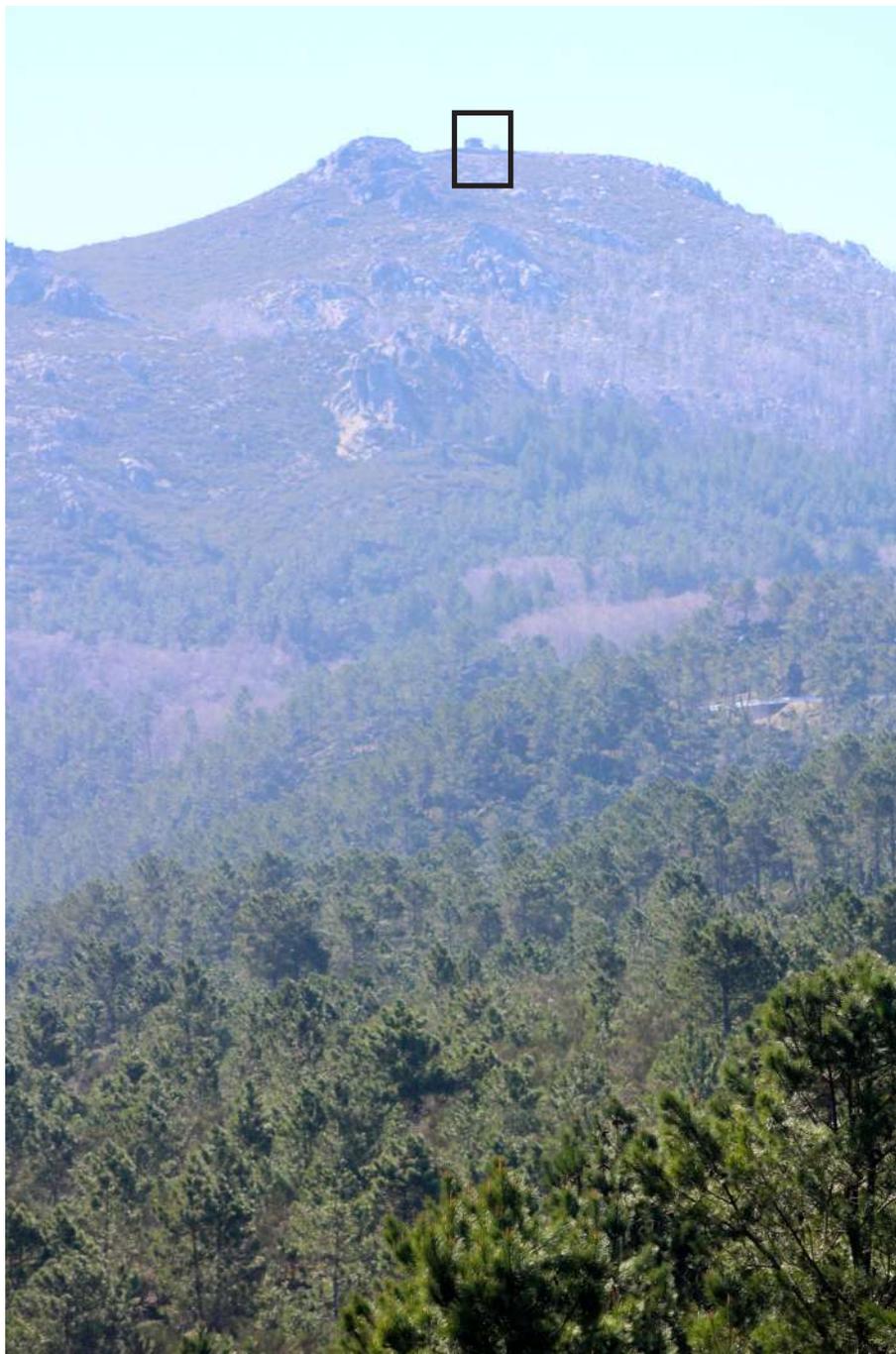


Foto 03: Capela de Santiago no Cume de Santiago, entre Belmonte e Folgoso (Serra da Estrela)

## 2. De Viseu a Chaves

Mas Viseu era, no tempo antigo, o maior nó de estradas e caminhos no centro de Portugal<sup>9</sup>, um verdadeiro *interface* de estradas: e de **Viseu** se partia, em território português, para **Lamego, ... e Ourense...**, caminho que passava necessariamente em Chaves, e que era parte importante do que ainda existia da velhíssima estrada romana de Ossónoba a *Aquæ Flaviæ* — coluna vertebral do território português — da qual nasceu, mais tarde, a mítica Estrada Nacional nº 2, Chaves - Faro.

Então porque é que a quase totalidade dos relatos de peregrinação a Santiago feita por terra portuguesa se refere unicamente ao trajecto Porto - Lisboa? Primeiro, é preciso saber que os relatos de peregrinação em terra portuguesa — 30, mas só 17 estão estudados — são todos de peregrinos ou turistas estrangeiros; depois que quase todos eles tinham interesses políticos, comerciais ou culturais, e por isso vinham à grande capital europeia que era a Lisboa do século XV/XVI — e já que estamos aqui agora vamos lá acima, a Compostela, e de passagem visitamos Santarém, Tomar, Coimbra.

O alemão Jerónimo Münzer, um grande humanista e geógrafo, veio a Lisboa falar pessoalmente com D. João II, em 1494, e depois, aproveitando a viagem, foi a Compostela. Mas é só um exemplo. Lisboa era porventura a grande cidade da Europa! Mas acontecia também o contrário: primeiro iam a Santiago e depois de lá estares, oh!, porque não vamos a Lisboa? Em 1451, o alemão Nicolau Valckenstein, capelão imperial, integrado na embaixada que o Imperador alemão enviara a Lisboa para, na capital portuguesa, serem celebrados os seus esponsais com Dona Leonor de Portugal, filha do nosso rei D. Duarte, aproveitando a viagem, antes de se dirigir a Lisboa, oh!, vamos primeiro a Compostela.

Pelos seus relatos de peregrinação, sabemos que esta gente rica viajava munida de criadagem, cozinheiros e boa comida, cobertores e lençóis, quando as havia, albergarias monásticas, ...: “Atrás de nós seguiam quatro criados com quatro cavalos e um burro, que carregavam as roupas da cama e as provisões” - testemunha Villarroël<sup>10</sup>. “Muitos bispos lá iam peregrinar, com longa comitiva de amigos e criados”<sup>11</sup>: esta gente rica e culta, alguma!, que “afectava galhardia,

---

9 Claro que havia muitas outras hipóteses: saliento uma por Salamanca - Trancoso e uma outra, mais a sul, passando em Santiago de Alcântara (do lado espanhol) rumo à Senhora de Mércoles (Castelo Branco).

10 VILLARROËL, Diego de Torres - *Vida*, 4ª ed., Madrid: Cátedra, p. 215.

11 MARTINS, Mário - *Peregrinações e Livros de Milagres na nossa Idade Média*, 2ª ed., Lisboa: Brotéria, 1957, p. 117.

gentileza e pompa de corpo e de traje, mas deixava ao léu o vazio da cabeça!”<sup>12</sup>, tinha necessariamente de visitar Santarém (a igreja do milagre e o gótico da cidade!), Tomar (o Convento de Cristo), Coimbra (a Universidade)...

Estes curiosos eram muito diferentes dos verdadeiros peregrinos, na sua maioria gente pobre e profundamente religiosa que ia a Compostela a pé e o mais a direito possível e depressa.

Estes, partindo de Lisboa, por exemplo, corriam por Alcobça, utilizando o caminho de Camarate (freguesia de Santiago onde ainda hoje existe um “Bairro de Santiago”), à entrada de Santo Antão do Tojal encontravam um lugar “de S. Roque”, seguiam depois a Santiago dos Velhos (freguesia jacobea), Torres Vedras (uma paróquia de Santiago), Bombarral (havia um altar de Santiago na paroquial), Óbidos (teve uma paróquia de Santiago), o hospital das Caldas da Rainha acolhia “com o maior carinho, na Casa dos Peregrinos, todos os romeiros de passagem que pedissem abrigo, principalmente os que se destinavam a Santiago de Compostela”<sup>13</sup>, Évora de Alcobça (paróquia de Santiago) e Alcobça (ver foto 04), onde tinham a albergaria do Mosteiro<sup>14</sup>... Daí a Soure (freguesia de Santiago), Montemor-o-Velho, depois a Aveiro (ermida do Apóstolo logo à entrada), Arazede, Cantanhede... tudo lugares “de Santiago”, ... logo chegavam ao Porto e, passando-lhe ao lado, Valença do Minho.

Afirmo já que a maior parte dos peregrinos jacobeus, vinda do Sul, da Extremadura e Andaluzia espanhola, do Algarve e do Além Tejo, se dirigia a Viseu. Porque concluo isto? Claro que ficaram mais marcas nos caminhos por onde passaram mais peregrinos. Ainda hoje é assim: constrói-se uma estrada nova, e aparece logo um cafezito, depois um restaurante, a seguir onde se possa dormir, mas logo um pequeno hotel, nasce uma pequena aldeia...

Vou apontar os dados do Património que tenho sinalizados neste trajecto. É um trabalho cansativo, tenham todos paciência. Vou falar de paróquias ou freguesias, de ermidas (capelas), de albergarias, hospitais, pousadas, estalagens, hospedarias e mesões, caminhos e calçadas, pontes e barcas, Confrarias e Irmandades — tudo “de Santiago”, de S. Gonçalo de Amarante e de algumas mais

12 VILLARROËL, *op. cit.*, p. 215.

13 «O hospital das Caldas da Rainha acolhia “com o maior carinho, na Casa dos Peregrinos, todos os romeiros de passagem que pedissem abrigo, principalmente os que se destinavam a Santiago de Compostela”» (CORREIA, Fernando da Silva - *Origem a formação das Misericórdias portuguesas*, Lisboa, 1944, p. 516).

14 “em Alcobça, a [Ordem] de Cister, recebia na sua albergaria, peregrinos pobres e estrangeiros, a quem distribuía remédios e pão” (VITERBO — *Elucidário*, Porto: Civilizaçã.a paroquial, e rante por orago, je desapareceram da nossa lembrablça”, [quw] ... no, 1983, p. 296.1.



Foto 04: Évora de Alcabaça (igreja paroquial)

devoções afins. Conhecendo isto, desenham-se-nos os caminhos jacobeus e descobre-se um património.

Da estrada romana Faro-Chaves que passava em Viseu ainda restavam e restam ainda alguns troços (limito-me ao trajecto Viseu - Chaves). Quase logo à saída de Viseu, onde havia pelo menos uma Albergaria<sup>15</sup>, em **Abravezes**, existia uma capela de Santiago, já de tempo antigo. Depois, a belíssima calçada de “Pousa Maria”; em Vila Meã (lugar de Moledo, C. Daire) uma capela de Santiago).

Pouco depois de Fareja, em Baltar (lugar agora da freguesia de Castro Daire), outra ermida de Santiago. Na vila havia um hospital cujos rendimentos “se distribuem em doentes e passageiros”<sup>16</sup>. Acima, em Mouramorta, uma capela de Santiago.

No **Mezio** pode ver-se uma pintura de Santiago no tecto almofadado da paroquial, onde há também uma imagem de S. Gonçalo, anotem, que falarei adiante deste Santo Gonçalo.

15 *Elucidário*, de Viterbo II, Porto: Civilizaçã.a paroquial, e rante por orago, je desapareceram da nossa lembrablça”, [quw] ... no, 1983, p. 296.1.

16 *Memórias paroquiais de Viseu*, p. 190.

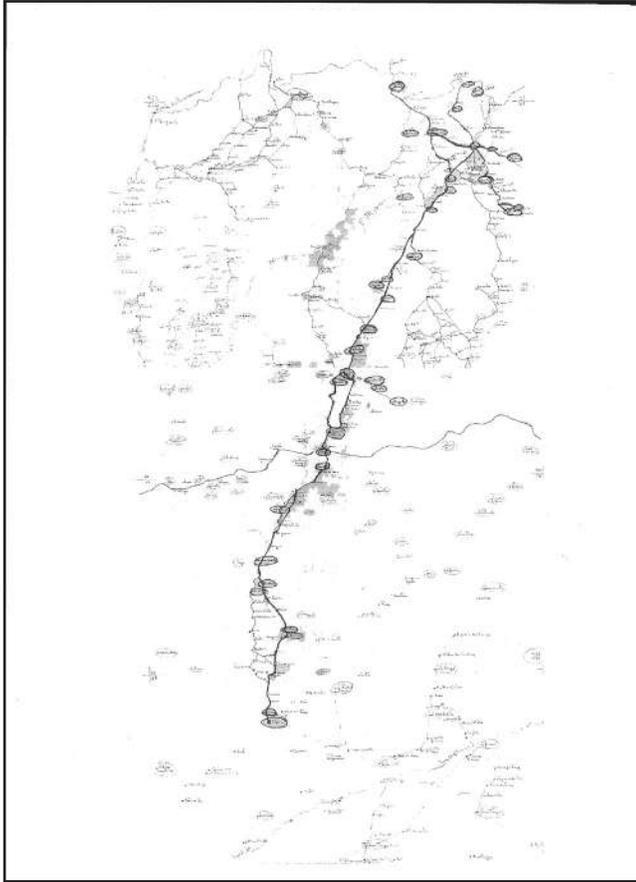


Foto 05: Mapa de Viseu a Chaves (Arlindo de Magalhães)

**Em Magueija**, melhor, na Magueijinha, existiu uma paroquial “de Santiago”, “acanhada e atarracada”, até que, no séc. XVIII, se construiu noutra lugar uma paroquial nova. Da primitiva nada resta. Mas perduram uma calçada, ainda hoje chamada “caminho de Santiago”, assim chamado, e uma ponte, ambas de origem romana. O povo não esquece!

Chegado a **Lamego**<sup>17</sup>, o peregrino podia pousar: “havia umas seis ou sete *albergarias*”<sup>18</sup>. Ainda em Lamego, numa ermida dedicada a Nossa Senhora

---

17 Chegava ainda a Lamego um outro caminho “de Santiago”. Vinha dos lados de Moimenta da Beira e Sernancelhe. A chegar à cidade, em Cepões, há um topónimo e ermida “de Santiago”.

18 “havia umas seis ou sete *albergarias*, e *hospital de leprosos*, [que] ... não deixariam de ter seu *hospício* ou *hospital*...; estas casas que, por antonomásia, se chamavam *charidades*, hoje desapareceram da nossa lembrança” (*Elucidário* de Viterbo, II, p. 97.1).

da Conceição havia um altar colateral de São Gonçalo; numa outra, de Nossa Senhora do Desterro, um altar e uma Irmandade de S. Gonçalo<sup>19</sup>. Ainda em Lamego na capela da Senhora da Conceição de Paredes havia um altar lateral de S. Gonçalo<sup>20</sup>. Um historiador diz que «a devoção a S. Gonçalo era uma das mais frequentemente invocadas na cidade [de Lamego]»<sup>21</sup>.

Em 1682 aprovam-se os Estatutos da Irmandade<sup>22</sup> dos Clérigos Pobres de São Bento da cidade de Lamego, da qual (Irmandade) São Gonçalo era padroeiro secundário<sup>23</sup>;

A seguir, é **Santiago de Sande** (também Lamego)<sup>24</sup>, **Cambres** (Lamego, ermida S. Gonçalo) e **Rio Bom**, com uma ermida de S. Gonçalo.

No século XVIII, a Régua era ainda uma povoação insignificante. Havia duas freguesias — a de S. Prisco da Régua (a montante) e a de S. Faustino do Peso (a jusante). Não faltavam barcas para a travessia do Douro.

**A montante podia subir-se** do lado esquerdo do Corgo na direcção de Panóias: na **Magalhã** (lugar de Abaças) há uma ermida da S. Gonçalo<sup>25</sup>, logo a seguir a paróquia de **Andrães** que é de Santiago e em **Constantim** há outra capela de S. Gonçalo<sup>26</sup>. Na abóbada almofadada da sacristia da capela da Casa de Mateus há um *santoral* que inclui Santiago e São Gonçalo.

Em tempo mais recente (quer dizer, a partir da Régua actual), passou a subir-se a **Lobrigos** (S. João), onde há uma ermida de S. Gonçalo<sup>27</sup>, passava-se

19 CAPELA, José Viriato e MATOS, Henrique - *As freguesias do Distrito de Viseu nas Memórias Paroquiais de 1758*, Braga, 2010, pp. 279.2 e 300.1. Na Sé Catedral havia a capela de Santiago “que renderá dez mil reis”!

20 COSTA, M. Gonçalves — *História do Bispado e cidade de Lamego*, V, 626

21 *Id.*, III, p. 392.

22 Ver Apêndice: “*Confraria / Irmandade*”.

23 Recorde-se o referido sobre a contenda entre dominicanos e beneditinos.

24 Em Santiago de Sande podia, passando em Samodães, chegar facilmente a Penajóia, onde havia uma ermida de Santiago

25 CARDOSO, Luis — *Diccionario geografico, ou noticia historica de todas as cidades... de Portugal, e Algarve...*, Vol 1, Lisboa, Officina Sylviana, 1747-1751, p. 2/3.

26 Em Lagares (Mouçós), lugar situado num antigo caminho que provinha de S. Martinho de Antas, há uma capela e houve um Confraria, ambas “de S. Gonçalo”. Dali se seguia para Vilarinho da Samardã.

27 De Lobrigos, por Santa Marta de Penaguião, chegava-se a Fontes (paróquia de Santiago e altar de S. Gonçalo na paroquial), na direcção de Vila Cova (Vila Real, paróquia de Santia-

à Cumieira (altar de S. Gonçalo na paroquial) e logo se estava às portas de Vila Real, em **Parada de Cunhos** (freguesia de S. Cristóvão), onde existe também uma capela de S. Roque com Irmandade<sup>28</sup>;

A jusante, havia mais duas barcas: a que ligava Samodães a Fontelas e seguia para Santa Marta de Penaguião; e depois a célebre barca de Moledo, criada nos inícios na nacionalidade por D. Afonso Henriques.

Quando, em 1289, D. Dinis fundou realmente a Vila Real de Panóias<sup>29</sup>, subindo do Douro pelo lado direito do Corgo passou a poder entrar-se na Vila, por **Folhadela**, paróquia de Santiago<sup>30</sup> em cuja paroquial havia também um altar “do milagrozo Sam Gonçalo, que pella grande devoçam com que o veneram os moradores desta freguezia lhe levantaram hum[a] irmandade com numero de trezentos irmanos e o festejam com toda a solemnidade no dia dez de Janeiro”<sup>31</sup>.

Em **Vila Real**, no «Campo do Tabolado», destruído no início do século XX para se construir a Av. Carvalho de Araújo, existiu, numa Rua de Santiago,

---

go), onde existe um belo padrão de S. Gonçalo. No adro da igreja paroquial de Santiago de Fontes (Sta Marta de Penaguião) — espero que ainda lá esteja e não o tirem! — há um painel de azulejos que ali terá sido colocado por inícios do séc. XX, ou ainda no XIX, no qual, entre outras quadras, esta: “Dar pousada aos peregrinos / Vale menos do que dar / Moradia às pobres almas / no coração do lugar”. Na afirmativa, o que esta quadra quer dizer isto: Vale mais dar moradia às pobres almas (do purgatório) no coração do lugar - aqui, no adro da igreja de Fontes, por exemplo - que dar pousada aos peregrinos. A peregrinação descera já, e muito, na valorização popular. O painel de azulejos de Fontes é *histórico*: porque nos dá conta da sensibilidade popular religiosa de um tempo passado.

28 *Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira*, Vol. 35, 857.1

29 A primeira estrada Viseu - Chaves foi a romana. Passava em Panóias. Agora se aponta por alto a sua direcção: Viseu, Orgens, Pousa Maria, Castro Daire, Magueija, Lamego e logo se passava o Douro. Depois, Galafura ou Poiares, Canelas, Constantim, Panóias, Lagares, Juste, Cidadelha, Vila Pouca de Aguiar, Pedras Salgadas (Rua da Estrada Romana), Sabroso de Aguiar, Oura, Salus (Termas romanas de Vidago), Samaiões, Madalena, Aquæ Flavixæ. Mas quando, em 1289, D. Dinis fundou a Vila Real de Panóias, tudo se alterou.

30 Uma estrada romana que, de Bragança, descia à zona do futuro Porto, cruzava-se, por Panóias, com a romana Viseu-Chaves. Um não curta calçada da bragançana pode ainda ver-se ao lado da igreja paroquial de Mondrões (ao lado ocidental da cidade), bem como a beleza do seu frontispício. Não podem também esquecer-se as freguesias de Vila Marim (Vila Real, que teve uma Confraria de São Gonçalo) e de Santiago de Lamas de Olo (Vila Real) que, Alvão acima e abaixo, ligava Trás-os-Montes com Mondim de Basto - Braga, a caminho de Compostela.

31 CAPELA (José Viriato) — *As freguesias do Distrito de Vila Real nas Memórias Paroquiais de 1758*, Braga, 2006, pp- 545-546.

uma capela do Apóstolo, que, até ao século XVII, foi sede de uma Confraria<sup>32</sup> de Santiago. Houve também uma Albergaria de S. Brás, onde após alguns abusos, em 12 Outubro de 1395, D. João I sentiu necessidade de proibir os nobres e outras pessoas poderosas de se aproveitarem dela, pois que — disse o rei — ela só devia servir para “se acolherem muitos pobres e minguados como foe feita para os pobres e romeus e outras pessoas que de direito quiserem hir pousar en ella”<sup>33</sup>. Em 1703 foi criada a Confraria de São Gonçalo na igreja do Convento de Vila Real<sup>34</sup>.

Ainda em Vila Real, na Capela Nova (ou igreja dos Clérigos, ver foto 06), de Nasoni, encontrei, em 1989, na sacristia uma bela imagem de Santiago.

Após Vila Real, em **Vila Seca** (Adoufe) há uma ermida de S. Gonçalo; em **Vilarinho da Samardã** (uma Confraria do mesmo S. Gonçalo); em **Zimão** e **Fontes**, dois lugares da paróquia de Telões (Vila Pouca de Aguiar), ambos com sua capela de S. Gonçalo. **Soutelo de Aguiar** ou do Vale, é freguesia “de Santiago”.

Após Vila Pouca de Aguiar descia-se a Cidadelha<sup>35</sup> e seguia-se para Chaves passando por Pedras Salgadas (com ponte romana), Sabroso, **Oura** (paróquia de Santiago) e **Redial** ou Rodeal (ermida de Santiago, já no concelho de Chaves).

Aqui chegados, às portas de Chaves — outro *interface* mais importante que o de Vila Real — precisamos dar-nos conta dos caminhos que ali arribavam e dali partiam:

1. **Oura** (paróquia Santiago), **Vilas Boas** (paróquia de S. Gonçalo)<sup>36</sup>, **Chaves**, **Vilarelho da Raia** (paróquia de Santiago); ou **Chaves**, **Couto de Ervededo** (ermida e ponte de Santiago)<sup>37</sup>, **Cambedo** (ermida de São

---

32 Ver Apêndice: “*Confraria / Irmandade*”.

33 PARENTE, João — *Idade Média no Distrito de Vila Real*, IV Vol., 2014, Vila Real: Âncora Editora, p. 316. Ver documento da Chancelaria de D. João I, in GONÇALVES, Fernando de Sousa Silva - *Memórias de Vila Real*, 1º Volume, Vila Real, 1987, p. 143.

34 SILVA GONÇALVES, Fernando de Sousa - *Memórias de Vila Real*, I, Vila Real, 1987, pp. 183 ss.

35 No lugar Vila Meã da freguesia Bornes de Aguiar, onde há também uma capela de Santiago, vinha ter um caminho jacobeu proveniente da Foz do Tua.

36 paróquia criada no séc. XVIII, com o peregrino e pontista S. Gonçalo de Amarante por orago.

37 Teve esta freguesia uma ermida de Santiago que foi derrubada para no seu lugar se levantar um fontanário. No caminho do Couto de Ervededo para Cambedo há uma «**ponte de**



Foto 06: Imagem de Santiago (certamente proveniente da antiga ermida do Apóstolo existente no «Campo do Tabolado») e foi destruído no início do século XX para se construir a Av. Carvalho de Araújo). Está hoje na Igreja clérigos ou Capela Nova, de Vila Real

Gonçalo);

2. **Oura** (paróquia de Santiago), **Redial** (ermida de Santiago), Chaves
3. **Santiago de Alhariz** (ver foto 07) (concelho de Valpaços, paróquia de Santiago), **Vilar de Nantes** (derrubada ermida de Santiago)<sup>38</sup>, Chaves.

---

**Santiago**» num lugar (conjunto de lameiros) a que se dá também o nome de Santiago. Uma imagem de pedra do Apóstolo a cavalo que era desta capela foi «dada» ao santuário vizinho de S. Caetano, onde ainda se conserva.

38 Num altar lateral da paróquia de Vilar de Nantes, havia uma imagem de Santo Amaro (*Memórias Paroquiais de Vila Real*, p. 263)



Foto 07: Frontaria da igreja paroquial de Santiago de Alhariz, Valpaços

**4. Santiago de Alhariz<sup>39</sup>, Santiago do Monte (ermida de Santiago)<sup>40</sup>, S. Pedro de Agostem (lugar Santiago > ermida desaparecida)<sup>41</sup>, Seara Velha**

---

39 Paróquia e topónimo.

40 Lugar da paróquia Nogueira da Montanha, há uma capela de S. Tiago, no lugar de Santiago do Monte e num sítio chamado “Castras de Santiago”, ou seja, “dois castros ligados um ao outro” (in MARTINS, João Baptista — *Os Castros do Concelho de Chaves*, Chaves: Câmara Municipal, 1993, p. 50).

41 Em São Pedro de Agostem há um hagiotopónimo *Santiago*, garantia de que existiu ali uma ermida dessa invocação.

- (paróquia de Santiago<sup>42</sup>), **Vilar de Perdizes** (albergaria)<sup>43</sup>;
5. Valpaços, **S. Julião de Montenegro** (fresco de S. Gonçalo)<sup>44</sup> (**ver foto 08**), **Eiras**<sup>45</sup> e Chaves ou **Santo Estevão** (ermida de Santiago<sup>46</sup>) e **Vilarelho da Raia** (freguesia de Santiago, tem uma ermida de S. Gonçalo).
6. De **Eiras** (ermida de Santiago) pode seguir-se para **Faiões** (desaparecida ermida de Santiago)<sup>47</sup> e **Vilarelho de Raia** ;
7. Chaves, **Seara Velha** (paróquia de Santiago)<sup>48</sup>, **Vilar de Perdizes** (hospital<sup>49</sup>).

Em Chaves, havia três Albergarias de apoio aos peregrinos: a da Madalena, fundada pelo ano 1160 pela Rainha D. Mafalda de Saboia (1125-?), casada com D. Afonso Henriques, sob a invocação de Santa Maria Madalena, daria o nome a um lugar da cidade; uma outra, de Nossa Senhora de Rocamadour, que pode ter sido fundada pela mesma Rainha Mafalda; e uma terceira, fundada por Lourenço Pires<sup>50</sup>.

O autor da resposta às Inquirições das *Memórias Paroquiais de 1758*, resumiu em poucas palavras uma interessante informação: “A ermida ou Santuário de Nossa Senhora do Pópulo [que está fora da Vila de Chaves], ... é de quoti-

- 42 Um Santiago Matamouros a cavalo na frontaria da paroquial O Apóstolo caiu da alimária não sabe quando, mas o cavalo lá está, sem cavaleiro. As gentes do lugar explicaram-me uma vez: se caiu é porque não queria lá estar, e por isso o não tornamos a pôr no sítio! Ora pega! O passado Verão voltei lá, estava já Santiago em seu cavalo!
- 43 A albergaria de Vilar de Perdizes (Montalegre), é certamente a mais imponente de quantas existiram em Portugal. Ainda lá está, na portaria, a inscrição: “Hospital pera agazalho / dos Romr / de Santiago anno / de 1724”.
- 44 Na paroquial, um belo fresco de S. Gonçalo.
- 45 Num caminho proveniente de Vilarandelo (Valpaços) que teve já uma ermida de Santiago e que passa em S. Julião de Montenegro (fresco São Gonçalo), Eiras (Chaves) tem uma capela de Santiago situada no alto do monte dito “do Castelo”.
- 46 «São anexas a esta Freguesia [Santo Estêvão] tres Ermidas, N. Senhora do Rosário, S. Mattheus & Santiago» (*Corografia Portuguesa*, p. ???).
- 47 Faiões existiu uma ermida de Santiago (COSTA, António Carvalho - *Corografia Portuguesa e Descrição Topografica...*, II, III, V, 2ª edição, Braga, 1868, p. 449).
- 48 Seara Velha (Chaves) é também uma freguesia nova, cortada da antiga Calvão, que tinha um lugar chamado Santiago: a sua ermida passou a igreja paroquial.
- 49 “... que no dito hospital houvesse uma botica e que na dita casa ou albergaria se recebessem, agasalhassem e tratassem nas suas doenças os peregrinos pobres de Santiago de Compostela...” (in *Enciclopédia Luso-Brasileira*, Vol. 35, p. 822.2).
- 50 CORREIA, Fernando da Silva - *Origem a formação das Misericórdias portuguesas*, Lisboa, 1944, p. 412.



Foto 08: Fresco de S. Gonçalo, na paróquia de São Julião de Montenegro (Valpaços)

diana romagem dos naturais e estrangeiros, principalmente dos peregrinantes que vêm e vão ao Apóstolo Santiago<sup>51</sup>.

Antes de terminar esta visitação ao património construído do caminho Viseu-Chaves — que eu disse “o mais belo, o mais espectacular, o mais recolhido, e o mais *espiritual* trajecto jacobeu português” — quero lembrar que, mesmo assim, nenhum dos estrangeiros, cultos e ricos, que subiram a Compostela ou de Compostela desceram até Lisboa, palmilhou o Viseu-Chaves.

---

51 CAPELA, José Viriato, BORRALHEIRO, Rogério e MATOS, Henrique - *As freguesias do Distrito de Vila Real nas Memórias Paroquiais de 1758*, Braga, 2006, pp. 212.1.

Há uma excepção que pode interessar ao Turismo. Em 1466, Leão de Rozmítal, cunhado do rei da Boémia, no seguimento de uma longa e cavalheiresca viagem pela Europa ocidental, chegado de Medina del Campo e Salamanca, entrou em Portugal, com o intuito de se dirigir a Santiago, pela Cova da Barca, junto ao rio Douro, um pouco a norte de Barca de Alva.

Seguiu depois este itinerário até Compostela: Freixo de Espada à Cinta, Torre de Moncorvo, Abreiro, Vila Pouca de Aguiar, Arco de Baulhe, Póvoa de Lanhoso, Braga, Ponte de Lima, e Tuy.

No regresso de Santiago, voltou por Braga, Guimarães, Porto, Arrifana, Águeda, Mealhada, Coimbra, Rabaçal, Alvaiázere, Tomar, Punhete, Montargil, Arraiolos, Évora, Évora-Monte, Estremoz, Elvas e Badajoz.

Há dois relatos desta viagem a Compostela, um da autoria do secretário de Rozmítal, Shaschek, e outro da autoria de Gabriel Tetzl, um patricio da cidade de Nuremberg que o acompanhava<sup>52</sup>.

### 3. Um caminho jacobeu verdadeiramente transversal!

Para compor o património jacobeu do trajecto Viseu - Chaves, é ainda necessário ter em conta as devoções paralelas à jacobea, o que, no território que vimos, pode parecer que não são muitas, mas são.

**S. Gonçalo de Amarante (foto 09)**, uma figura da Tradição medieval do séc. XIII, foi um pontista e um peregrino, mas a Roma e à Terra Santa. A sua figura histórica continua a ser uma questão em aberto; mas o percurso histórico do seu culto é bem diferente.

Estudando-o, encontrámo-nos com a história da Igreja portuguesa, desde o século XIII ao XVIII. Tudo nele se espelha: grandes desafios pastorais, seus métodos e resultados, grandes debates, pecados e horas de graça, caminhos da piedade popular e a sua perversão.

A personagem quase se diluiu na bruma do tempo, quase se apagou; ficou-nos a memória de um grande vulto, mas sobretudo do seu culto, que se enroscou no de Santiago. Por exemplo: na igreja do convento de São Gonçalo, em Amarante, há um altar de Santiago; e acontece exactamente o contrário na paroquial de Folhadela, aqui em Vila Real: a igreja é de Santiago mas tem um altar de S. Gonçalo.

---

<sup>52</sup> *Viajes de Extranjeros por España y Portugal desde los tiempos más remotos hasta comienzos del siglo XX*, recopilación, traducción y notas de J. García Mercadal, Vol. I, Junta de Castilla y León, 1999, pp. 255-257 279-281.



Foto 09: Gravura da *História das vidas e feitos... dos sanctos*, de Frey Diogo do Rosairo, publicado em Braga em 1567, p. 61v

No altar-mor da freguesia de Santiago de Custóias, do concelho de Matosinhos, aparecem lado a lado as imagens de Santiago (para quem entra à esquerda) e São Gonçalo (à direita). E na freguesia de Vila Seca, do concelho de Barcelos, o orago é Santiago, mas a festa é a São Gonçalo!

Enquanto a Igreja se enredava com o poder político, se distraía nos seus debates internos, e os dominicanos perdiam a iniciativa e o protagonismo pastoral que até então tinham em Portugal, São Gonçalo tornou-se um santo “nacional”.

E nos séc.s XVII e XVIII «a sensibilidade popular converteu-o num santo fácil e caseiro; nisto veio a dar aquele que, por índole e por carreira, se entregou ao convívio das causas humanas. (...). O asceta, a par da saudade de morrer, anda constante com a paixão da vida. Amou o mundo por algo que era nostalgia da felicidade. E os homens corresponderam-lhe com gratidão,

que é amor por quem se afeiçoa às experiências deles, ainda que sem ilusão e familiaridade». Assim acontece, de facto, com as grandes figuras que calaram na alma popular. Assim foi com António de Lisboa, de quem Agustina Bessa Luís escreveu o que acabo de ler<sup>53</sup>. Que bem poderia tê-lo dito igualmente de São Gonçalo de Amarante!

Apesar de tudo isso, as Confrarias e Irmandades de São Gonçalo espalharam-se consideravelmente pelas periferias de Vila Real, nos séculos XVII e XVIII, certamente por influência dos Dominicanos de Vila Real (o seu convento foi fundado em 1421 e extinto em 1834) e o de Amarante (existiu de 1540 a 1838). Os Estatutos da Irmandade dos Clérigos Pobres de São Bento da cidade de Lamego de que São Gonçalo era padroeiro secundário, datam de 1682<sup>54</sup>; em 1703 era criada a Confraria de São Gonçalo na igreja do Convento de Vila Real<sup>55</sup>; à volta da cidade existiam, em 1721, 4 Confrarias gonçalinas: em Borbela (altar de S. Gonçalo<sup>56</sup>); Adoufe (no lugar de Vila Seca, capela de S. Gonçalo<sup>57</sup>); Vilarinho da Samardã teve uma Confraria de S. Gonçalo: a imagem está na paroquial); e Vila Marim<sup>58</sup> (também Confraria e altar lateral na paroquial).

**S. Roque (fer foto 10)**, nascido em Montpellier, em meados do séc. XIV, desfez-se dos seus bens, e partiu como peregrino para Roma. No regresso ter-se-á dedicado ao cuidado dos empestados. Contagiado então pela peste negra que grassava um pouco por toda a Europa, abandonado por todos, passou a ser alimentado pelo pão que um vizinho lhe mandava, diariamente, por um cão. Por isso ele é iconograficamente representado a mostrar uma ferida na perna e acompanhado de um cão que lhe traz o pão na boca. É sempre figurado com a vara e a cabaça de peregrino. Por vezes, também a vieira de peregrino. São Roque, um culto não muito antigo, aparece em Mondrões (Vila Real) e numa capela de sua invocação em Parada de Cunhos, como atrás disse já.

**S. Cristóvão (ver foto 11)**. Já Erasmo (1466?-1536) prevenira: “se algum deles [dos santos] é de índole fabulosa e poética, como ... São Cristóvão ..., todos lhe terão maior devoção do que a São Pedro, São Paulo ou ao próprio

---

53 LUÍS, Agustina Bessa - *Santo António*, Lisboa: Guimarães Editores, 1973, p. 11-12.

54 Recorde-se o referido sobre a contenda entre dominicanos e beneditinos.

55 SILVA GONÇALVES, Fernando de Sousa - *Memórias de Vila Real*, I, Vila Real, 1987, pp. 183 ss.

56 *Memórias paroquiais de Vila Real*, p. 539.

57 *Memórias paroquiais de Vila Real*, p. 535.

58 *Memórias paroquiais de Vila Real*, pp. 183 ss.



Foto 10: Imagem de S. Roque, no Museu Nacional Machado de Castro, Coimbra

Cristo<sup>59</sup>. Mas só na sequência do Concílio Vaticano II, creio eu, foi retirado do calendário litúrgico.

Foi, no entanto, um dos cultos hispânicos mais espalhados na pré-nacionalidade no Norte de Portugal. Dizia a lenda que era um homem de grande compleição física que usava a sua força para ajudar as pessoas a atravessar os rios. Um dia, apareceu-lhe uma criança pesadíssima... Era o Menino Jesus! O seu culto estabeleceu-se sempre à beira de rios que não tinham pontes, mas era bom que as tivessem.

No rio Douro, os peregrinos que iam para Compostela ou de lá chegavam e se apresentavam para a travessia de um rio difícil de passar (como é o Douro!), abundam as paróquias dedicadas a S. Cristóvão: Mafamude (Vila Nova de

---

59 Elogio da Loucura, XLV.

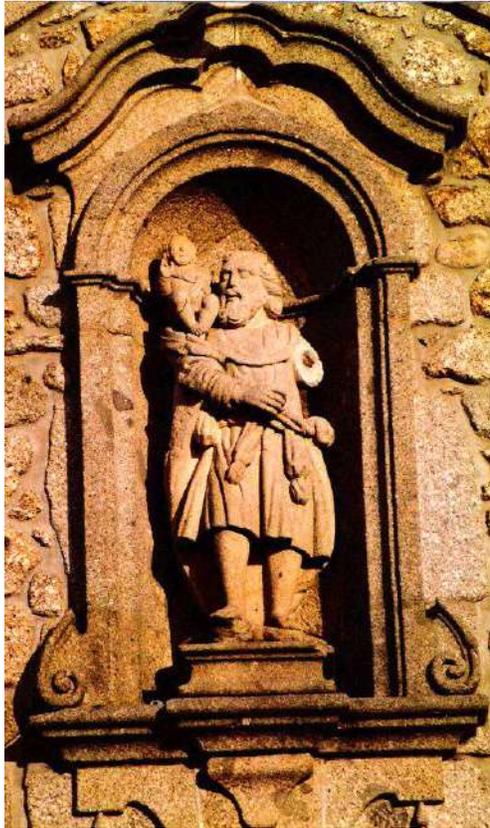


Foto 11: Na frontaria da igreja paroquial de S. Cristóvão de Cabeçudos (Famalicão)

Gaia), Espadanedo (Cinfães) e São Cristóvão de Nogueira (Cinfães), Arícera (Armamar), Candemil (Amarante)...

Para além da paróquia de Parada de Cunhos cujo orago é São Cristóvão (ali passa o Corgo), aqui perto, a norte de Vila Real, um pouco acima de Mouçós, há uma paróquia de *São Tomé do Castelo de São Cristóvão*. A freguesia agora reuniu-se à de Justes. Mas nasceu à volta uma ermida de S. Cristóvão, levantada junto de um pequeno ribeiro tributário do Corgo. Sempre que há lugar de culto a São Cristóvão, há rio por perto, grande ou pequeno, tanto faz!

Poderiam citar-se ainda **algumas mais devoções paralelas**. Desde logo, diversas invocações de Jesus e de sua Mãe Maria: Senhor do Padrão, Senhor da Boa Passagem (embora esta expressão seja, em muitos casos, sinónima de “Boa Morte”, parece, no entanto, não ser descabido afirmar-se que, aqui e ali, é diferente o seu sentido), Senhor ou Senhora do Caminho, do Bom Despacho, do Socorro, dos Aflitos, da Guia, da Estrada, da Boa Viagem, da Lapa (esta

relativamente frequente a norte e no enfiamento do célebre santuário da Serra da Lapa) ...

#### 4. O Caminho de Santiago e a linguagem popular

Para acabar, algumas palavras e expressões populares nascidas nas periferias do Caminho. À volta da peregrinação pululavam os parasitas, os ladrões, os vagabundos, os mendigos profissionais, os *tudo*. Os mais perigosos eram os falsos peregrinos, chamados “coquillards”, em francês, palavra que abarcava toda a espécie de vagabundos, delinquentes, vulgares trapaceiros e nicromantes dos futuros, que se serviam da concha da Santiago (coquille) como disfarce. Em Espanha, eram perseguidos pela própria legislação civil que envidava esforços no sentido de os apartar dos peregrinos verdadeiros, os “jacquets”<sup>60</sup>.

É neste contexto que nasce a palavra *galhofa*, de *galli offa* (latim > carne do gaulês). Galhofa era, inicialmente, o que nos conventos e noutros lugares de acolhimento se dava aos peregrinos que mendigavam comida ao longo do caminho francês. Mas, no meio deles, facilmente se intrometiam os falsos peregrinos. **Galhofeiros** eram portanto os falsos peregrinos que, ociosos e folgazões, se apresentavam a pedir comida; e galhofa deixou de ser a porção de carne (a carne para o francês) ou a quantidade de comida que se dava ao peregrino e passou a ser o barulho que eles faziam na sua distribuição.

Foi também neste mundo que surgiu o adjectivo *francês* num sentido que não tem nada a ver com a nacionalidade. Francês refere um indivíduo *com aparências falsas, falso* ou  *fingido*. Tem a ver com este sentido a expressão *ou sair à francesa*.

O substantivo *palmar* — que primeiramente era sinónimo de *palmeiro* pois que, no regresso de Jerusalém, os peregrinos colocavam no chapéu uma palma, em sinal de peregrinação cumprida<sup>61</sup>, que depois passou a sinónimo de “peregrino estrangeiro”<sup>62</sup> — o substantivo *palmar* passou a verbo. Diz-se ainda hoje, em bom português, *palmar* a significar *roubar*<sup>63</sup>. Na mistura de peregrinos autênticos com falsos e vagabundos, *palmava-se* de facto muito!

Com a *coquille* à vista, entrou, *palmou* a *galhofa* e *saiu à francesa*!

60 Ver BOTTINEAU, Yves - Les chemins de Saint Jacques, Paris: Arthaud, 1983, p. 40.

61 O substantivo aplicou-se depois aos romeiros em geral; assim, no Porto e em Lisboa, havia o Hospital dos Palmeiros.

62 SANTA ROSA DE VITERBO, Frei Joaquim - *Elucidário*, edição crítica de Mário Fiúza, II Vol., Porto: Liv. Civilização, 1993, pp. 461.

63 *O Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1881, p. 1286.1, regista: “palmar, v. tr., furtar, empalmar, bifar”.

## 5. O culto de Santiago de Compostela em Trás-os-Montes e Alto Douro

Não há, nem na Europa nem em Portugal, uma concentração maior de lugares de culto jacobeu e de devoções afins que a de Trás-os-Montes. E, em Trás-os-Montes, ao longo e na orla do caminho Viseu-Chaves, eu penso que poucos o sabem ou têm em conta: nem o Turismo, nem a Igreja, nem os tantos que hoje gravitam à volta daquilo a que chamam o "caminho de Santiago".

Mas sabia-o já, nos meados do séc. XII, o *Codex Calixtinus* que — repito — diz assim: "As cidades e povoações maiores que então existiam na Galiza são as seguintes: "Viseu, Lamego, ... Orense...", etc. Àquela data, séc. XII, já se espalhava por todo o território português com intensidade a devoção jacobea!

Distribuídas por Portugal, há ainda hoje 184 paróquias que têm Santiago por padroeiro; 113 (quase 2/3) estão a Norte do rio Douro: 41 na diocese de Braga, 28 na do Porto, 22 em Viana do Castelo, 14 na diocese de Vila Real, e 8 em Bragança. Nestas contas não entram as mais de 20 desaparecidas ao longo dos séculos nem as que trocaram de orago.

Mas há ainda as *ermidas* ou *capelas*<sup>64</sup>. Tudo ao lado dos caminhos que viam passar os peregrinos compostelanos. Contam-se hoje em Portugal (+ -) 153 ermidas "de Santiago"<sup>65</sup>; 77 — exactamente metade! — estão também a norte do Douro e 30 na diocese de Vila Real (15 em Viana do Castelo, 12 em Braga, 19 no Porto, e 11 em Bragança). Curioso que Vila Real seja a diocese que tem mais ermidas de Santiago: 30!

De São Gonçalo de Amarante, há também 1 paróquia — Vilas Boas (Chaves) —, 6 Confrarias<sup>66</sup>, duas Irmandades e 8 ermidas<sup>67</sup>. Estas capelas nunca foram construídas no cimo dos montes<sup>68</sup> nem nos lugares ermos; aparecem

---

64 Ver em apêndice "*Igreja > Capela > Ermida > Freguesia e paróquia*".

65 Esta é uma contagem difícil. Houve certamente algumas mais. Bastam, para o provar, os hagiopónimos — Santiago — que ainda vigoram

66 Convento dominicano de Vila Real, Vilarinho da Samardã, Lagares (Moucós, VReal), Vila Marim (VReal), Borbela (VReal), Adoufe (VReal), e duas Irmandades, em Lamego e Fohadela. (VReal), para além das "seis ou sete *albergarias*" de que já atrás falámos, citadas por Viterbo (Ver nota 14).

67 Ermidas de São Gonçalo: Cambres (Lamego), Rio Bom (Lamego), Lobrigos (S. João), Constantim (VReal), Magalhã (VReal), Adoufe (VReal), Zimão e Fontes (Telões, VPA-guiar), Cambedo (Vilarelho da Raia).

68 Exceptuando a já citada na Serra da Estrela, entre Belmonte e Folgoso, afinal num ca-

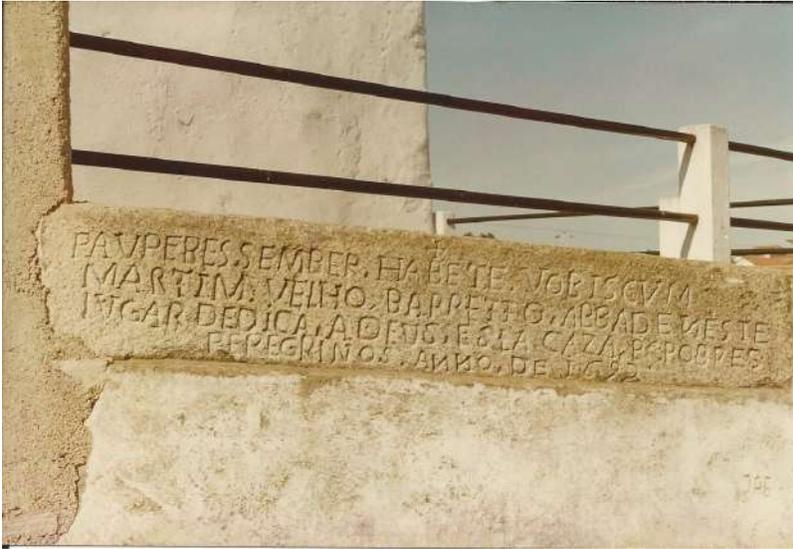


Foto 12: Antiga albergaria em Santa Valha (Valpaços): “ Pobres, sempre os tereis convosco. Martin Velho Barretto, Abade neste lugar, dedica a Deus esta casa para pobres peregrinos. Ano de 1692”.

sempre nas velhas estradas e nos caminhos de pé posto. Não contei nem Pousadas, nem Albergarias (ver foto 12) nem Estalagens, etc.

Mas havia bastantes e algumas destinadas mesmo só a romeiros. Em Mondrões (Vila Real, freg<sup>a</sup> de Santiago) havia duas Estalagens, uma na entrada e outra na saída da freguesia; uma outra ainda no lugar da Gralheira da freguesia de Telões de Aguiar, em lugar onde passava a via romana que ligava Viseu a Chaves (também aqui se conserva o topónimo *Estalagem*)<sup>69</sup>.

Há ainda ou houve, ao longo deste caminho, Confrarias e Irmandades, pinturas, imagens, topónimos e outras referências — ponte de..., festa de..., feira de..., — “de Santiago” e de “São Gonçalo”.

Foi neste caminho central relativamente ao território Entre-Douro-e-Galiza, onde a actual diocese de Vila Real foi palmilhado de cá para lá e de lá para cá, que surgiram as tais ermidas, lugares e possibilidade de algum descanso para o corpo e para o espírito, hoje quase sempre tudo fechado!

---

minho de Santiago, a única que conheço em monte alto é a de Sobre-a-Fonte, d Santiago, lugar da freguesia de Sedielos, Régua; disseram-me no entanto, ali pelo final de década do século XX, que teria sido mandada construir por um emigrante português em França.

69 A notícia de todas as albergarias apontadas neste parágrafo foi recolhida em PARENTE, João – *Idade Média no Distrito de Vila Real*, IV Vol., Lisboa: Âncora Editora, 2014, p. 315.

Todos estes dados, colocado num mapa, desenharam o traçado dos caminhos “de Santiago”.

Em conclusão. O caminho Viseu - Chaves (de apenas 180 Kms) tem, à sua volta, mais paróquias, ermidas e Confrarias jacobeanas<sup>70</sup> e gonçalinas (ver nota 53) — exactamente 32 unidades — do que o caminho Lisboa Porto, que tem 300 Kms. E o chamado caminho francês (Roncesvalles - Compostela) que, em 800 Kms, tem apenas 7!<sup>71</sup> E sabem porquê este último?

## 6. A peregrinação a Santiago de Compostela como património cultural

Disse, a começar, quealaria pouco do caminho romano que começava no Algarve, mas que na parte final, Viseu-Chaves, se transformaria num caminho de peregrinação a um pretensu túmulo de Santiago.

Porque foram os peregrinos que por aqui passaram ao longo de séculos, que inspiraram e urgiram, que exigiram directa e indirectamente, que subsidiaram até com as suas esmolos e ajudaram a levantar — não tenham dúvida — igrejas paroquiais, ermidas, albergarias, hospitais, pousadas, estalagens, hospedarias e mesões<sup>72</sup>, caminhos e calçadas, pontes e barcas, Confrarias e Irmandades — tudo “de Santiago”, de S. Gonçalo de Amarante e de algumas mais devoções afins. Mas muito mais do que isso: os peregrinos e quantos se encontravam pelo caminho trocaram ideias e práticas, costumes e técnicas, valores e crenças, tudo quanto haveria de produzir o fundo comum do espírito europeu que presentemente vive tempos maus.

Qualquer Dicionário diz que Património é um conjunto de bens materiais e

70 Paróquias de Santiago: Abravezes (Viseu), Magueija (Lamego), Sande (Régua), Fontes (StaMPenaguião), Folhadela (Vila Real), Andrães (Vila Real), Mondrões (Vila Real), Soutelo de Aguiar (VPAguiar), Oura (Chaves) Vilarelho da Raia (Chaves), Seara Velha (Chaves), Vilar de Perdizes (Montalegre). Ermidas: Vila Meã (Moledo, Castro Daire), Baltar (Castro Daire), Mouramorta (Castro Daire), Vila Real, Vila Meã (Bornes de Aguiar), Redial (Vilar do Tâmega, Chaves).

71 De facto, no caminho francês — Roncesvalles - Compostela — contam-se apenas 7 igrejas e ermidas “de Santiago”, in JAÉN, José María Anguita - *Guía del Peregrino Camino de Santiago*, León: Editorial Everest, 2004: 1. a de Santo Domingo de la Calzada; 2. ermita de Santiago o del Otero (p. 127); 3. iglesia de Santiago, em Carrión de los Condes (p. 135); 4. ermita de Santiago em Cruz de Hierro, em Foncebadón (p. 187); 5. iglesia de Santiago em Villafranca del Bierzo (p. 196); 6. Iglesia de Santiago em Barbadelo, depois de Sarriá (p. 227); 7. depois de Melide, em Boente, iglesia de *Sanctus Jacobus de Boento* (p. 248).

72 Este topónimo, que tem a ver com o latim “mansionem”, em francês deu *maison*. Assim, em Mesão Frio, por exemplo, existiu uma albergaria mandada construir pela rainha D. Teresa.



Foto 13: Santiago peregrino, na capela do Arestal  
(Vale Cambra)

imateriais transmitidos pelos antepassados, bens que constituem uma herança colectiva que deve ser entregue à geração seguinte: e eu não falei aqui hoje nem da Iconografia, nem do Adagiário, nem da Botânica<sup>73</sup>, nem da Heráldica, nem da Oratória, nem das festas e feiras “de Santiago”, a própria Toponímia nem lhe toquei.

---

<sup>73</sup> *Erva de Santiago*, nome que em Trancoso (terra de intensa devoção jacobea) se dava à Tasninha (*Senecio jacobæa. L.*), uma planta medicinal antidisentérica (VASCONCELOS, Prof Augusto de — *Dicionário das Plantas de Portugal que teem nome popular*, Porto, 1915, pp. 32 e 83); certamente que muito utilizada pelos peregrinos compostelanos para atalhar as complicações frequentes causadas por alimentos estragados. Em Fontão (Ponte de Lima), freguesia dedicada a Santiago, serviram-me num dia da festa do Apóstolo “peras de Santiago”, pequenas e bem rosadas, apetecíveis e saborosas. O mesmo se diga de algumas maçãs ditas também “de Santiago”, temporãs e vermelhinhas, na zona de Santo Tirso.

Compete ao Estado, à Autarquia (Câmara ou Freguesia), ainda à Igreja e à Universidade e a cada cidadão estudar, salvaguardar e valorizar o património jacobeu. O Turismo tem de auxiliar este esforço, pois que — em minha opinião — não pode pretender apenas muito dinheiro, servindo-se de um capital ou propriedade que é de todos.

Que grande Património, Turismo!, tu tens à tua frente, particularmente neste trajecto Viseu-Chaves! Mas tu não podes ser um Turismo que apenas fabrica e vende, “usado, bota-se fora”! O homem antigo andava fundamentalmente a pé e às vezes de barco. Cavalos, carros e liteiras eram para poucos. Andar a pé fazia parte do quotidiano e da humana condição. Por montes e vales, um homem levantado entre o céu e a terra era uma prática comum que não custava a ninguém. As pernas estavam habituadas e os pés eram robustos.

Hoje assim não é. O homem urbano não anda a pé, nem sequer nas estradas do Colesterol. E o caminhar é, para o corpo, antes de mais nada, uma disciplina que liberta o espírito. E o peregrino, mesmo sem ter disso consciência, era isso que procurava: Liberdade! Libertar-se das prisões do quotidiano; procurar o que só longe encontraria, que do “por ali” andava ele cheio; ter a certeza de uma palavra que, de certeza, ouvira já muitas vezes: “Procura que encontrarás!” (Lc 11,10).

Claro que não foram os cristãos que inventaram as peregrinações. Muito antes deles, peregrinava-se já, desde o passado mais obscuro ao lugar onde o Sol morria, ao Finisterra galego, ao Olimpo grego ou ao Stonehenge britânico, à floresta sagrada de Avalon, às fontes sagradas da Grécia e de Roma, aos “altos montes” de Israel, de Sião, de Garizim ou de Siquem (1 Re 12,1), de Betel (Gn 28,19), Mambré (Gen 13,18) ou Bersabé (Gen 21,22) mas sobretudo a Jerusalém, cidade a que se subia (Mc 10,33 e Lc 18,31; Act 15,2; Gl 2,1) mas de que também se descia: o homem que caminhava para Jericó e caiu nas mãos dos salteadores, “descia de Jerusalém” (Lc 10,30).

Mas o caminhar do *peregrino*, é muito diferente do do viandante. O verdadeiro peregrino sai do seu mundo profano na demanda do sagrado, deixa tudo para trás, a família e os bens. Muitas vezes, na insegurança dos tempos antigos, fazia testamento dos seus bens antes de partir. E libertava-se de toda a cangalhada, bastava-lhe o chapéu, um bordão e umas botas, ainda algum dinheiro se não queria pedir esmola, e depois kms e kms a palmilhar, passo a passo. O caminhar não lhe fazia bolhas nos pés nem lhe cansava as pernas. E o espírito libertava-se-lhe porque o tempo era de pensar e meditar, de resolver dramas, de penitenciar, de buscar e encontrar ou não, de comentar decisões, de procurar a Deus..., de encontrar Outros e de admirar a própria Natureza que não é só beleza, é muito mais do que isso, é o momento em que “o invisível se torna visível à inteligência” (Rm 1,20). E caminhar não lhe custava.

“Onde está o caminho da morada da luz?” (Jb 38,19), perguntava Job. “Ensina-me os teus caminhos, Senhor” (Sl 27,11), orava o Salmista. E o profeta: “Assim diz o Senhor: “Ponho diante de vós o caminho da vida e o caminho da morte” (Jr 21,8); “Se andardes por caminho direito conhecereis a paz” (Is 59,8), acautelava o Terceiro Isaías.

Quem nunca fez esta experiência, de caminhar da profanidade para o lugar sagrado não percebe o que é ou foi a peregrinação a Compostela. Só percebe o que é peregrinar quem, do fundo da alma, desejou verdadeiramente fazê-lo e o levou a sério; só depois de amargar as dificuldades do caminho, de entrar dentro de si e de escutar ou partilhar, só depois de chegar e de se *encontrar* com o mistério que, no mínimo, vislumbrou, pois que a peregrinação exige o afastamento do prosaico e busca o transcendente (o que sobe [*scandere*] *muito para lá...* [*trans* em latim]: donde *transcandere* > *transcedere* > subir para o transcendente); ... só esse percebe que peregrinar não é um *produto* apenas turístico (que se vende e compra e bota fora), uma receita economicamente interessante, ou interesse autárquico, radical, cultural, etc.

O caminho de Santiago foi efectivamente estrada de muita riqueza imaterial. Foi lugar de troca de saberes e sabores, de artes e culturas, de técnicas e estéticas (as maiores catedrais góticas de Espanha e quase todas as de França estão ao longo dos caminhos de Santiago, por exemplo), de serviços e diálogos. Por isso Goethe (1749-1832) disse que a Europa se fez a peregrinar a Compostela.

Peregrinando, o crente, o pecador, o encarcerado ou o cadastrado (o tribunal belga pode castigar o criminoso obrigando-o a ir a pé a Compostela) o mesmo agnóstico ou ateu, o zangado com Deus ou com a Religião, caminha na alegria de o fazer, com o peso do pecado ou o vazio de esperança; sobe a montanha e desce aos vales, esturra ao sol e, com a sombra ou a brisa, refresca-se debaixo de uma árvore, cansa-se e descansa, encontra-se e perde-se, esquece-se e recorda-se, sai de si para o longínquo e entra mesmo no transcendente; pelo caminho encontra alguém com quem troca riquezas e dores. Mas segue também caminho sozinho, falando consigo mesmo e mais ninguém, e possivelmente tem resposta de Deus. Depois de muito andar e libertado já de tudo, do seu terrunho, da casa, do trabalho que lhe cumpre, sequioso porque não tem água, que coma também não ..., mas já encontra um lugar que o acolhe, albergaria monástica ou não, possivelmente uma barca de “por Deus”, também um lugar sagrado, igreja paroquial ou ermida...

E o verdadeiro e demandado santuário, fim transitório de tanto caminhar, e nunca mais se lá chega que é o que o peregrino mais deseja!...: e, só no fim, a alegria inexplicável de chegar... Tudo isto é, afinal, a imagem da vida real de cada homem. Que é um homem senão um peregrino? Nascer, crescer, criar,

definhar e morrer: longo e difícil caminho! Por isso, dizia o Salmista: “Sou um peregrino nesta terra” (Sl 119,19). Por isso Job dizia que podia “caminhar mesmo nas trevas” (29,3) pois que, garantia Isaías, “não me fatigarei” (40,31). Um dos maiores caminhantes da história, Paulo de seu nome, nascido em Tarso e falecido em Roma, deixou escrito: “eu ando é para a frente. Esqueço o que fica para trás e corro para a meta a que Deus me chama” (Fl 3,12-14).

Sophia de Mello Breyner poetizou isto tudo numa foto “a la minuta”:

«A São Tiago não irei  
como turista. Irei  
- se puder - como peregrino.  
Tocarei a pedra e rezarei  
Os padres-nossos da conta como um campesino»<sup>74</sup>.

## Apêndice

### 1. Igreja > Capela > Ermida > Freguesia e paróquia

A palavra grega *ecclesia* quer dizer *reunião* de um qualquer grupo de pessoas, assembleia popular, etc. Jesus nunca falou na Igreja, nem utilizou esta palavra.

Aos primeiros cristãos, porém, que se reuniam em casa uns dos outros, nomeadamente no “primeiro dia da semana”, começaram a chamar-lhe a *ecclesia*<sup>75</sup> > **igreja** (que estava em Roma, em Corinto, igreja de Tessalónica, de Éfeso...).

Claro que os cristãos que formavam uma *ecclesia* > **igreja** começaram a ser muitos. Logo tiveram de procurar ou construir grandes espaços para caberem todos. A esses edifícios — não já ao conjunto dos cristãos — passaram então a chamar-lhes igrejas.

Mais tarde, além das igrejas grandes, surgiram outras, mais pequenas: as **capelas**, igrejinhas pequenas — quase todas só com um altar — normalmente situadas em lugares ermos (donde *ermidas*) e altos (que substituíam antiquíssimos templos pagãos).

Com o tempo, a palavra *ecclesia* começou a escorregar: *ecclesia* > *iglesia* > igreja; e os cristãos, os baptizados > os *fili* *iglesie* (filhos da Igreja) > *feligreses*

74 *Ilhas*, Lisboa: Texto Editora, 1989, p. 22

75 *étumos* + *logía* = verdadeira palavra-

que começaram a ser chamados os **fregueses**.

Mas, com o crescimento do número destes pequenos grupos de cristãos que se reuniam em igrejas, ermidas ou capelas, precisaram ainda de se organizarem melhor. Os bispos que viviam nas grandes cidades sentiram necessidade de enviar alguns presbíteros, dos que viviam consigo, a evangelizar o mundo rural. Este dividia-se em *pagus* > pequenas aldeias. Os que nelas viviam, os *pagani* (isto é, os habitantes dos *pagi*) ainda não haviam sido cristianizados. E a palavra *pagani* passou a dizer os não evangelizados, os pagãos.

E cada vez mais foi preciso também marcar com algum rigor o território entregue a cada presbítero. E a cada território se chamou **paróquia** (do grego *pará+oikía*, casa ao lado). Paróquia, portanto, era uma unidade territorial de casas de cristãos que, geograficamente, constituíam uma nova *iglesia* local

Modernamente, na nossa língua portuguesa, a palavra **freguesia** é do âmbito da administração civil e a paróquia da organização das igrejas locais.

## 2. "Confraria / Irmandade".

«A Confraria pode definir-se como associação de fiéis canonicamente ereta em pessoa moral para o incremento do culto público. A nota específica da Confraria consiste em que tem por fim “o incremento do culto público”, ainda que as obras de caridade cristã não sejam excluídas. (...) O novo Código de Direito Canónico engloba estas espécies de associações na designação genérica de associações de fiéis sem as especificar pelos seus fiéis (câns 321-326)» (BIGOTTE, J. Quelhas — “Confrarias”, in *Enciclopédia Verbo*, Editorial Verbo Século XXI, Vol. 7, col. 888). (...) “ [Às Confrarias] Dá-se-lhes, também, o nome de irmandades, fraternidades, confraternidades, congregações e, ainda, uniões e associações” (*Id.*, col. 889).



# Capítulo 2

## Iconografia Jacobea no Caminho Português Interior de Santiago de Compostela: proteção dos bens culturais da Igreja

**Maria Eunice da Costa Salavessa**

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD)

e\_salave@utad.pt

### 1. Introdução

Os bens culturais da Igreja, representam a expressão máxima da tradição cristã de sucessivas gerações de crentes e da herança cultural da Humanidade; são manifestação de Deus ao Homem e do Homem para Deus, e constituem testemunhos da identidade dos povos. Os inventários das dioceses proporcionam a base científica indispensável à sua salvaguarda e transmissão às gerações futuras (Lopes & Correia, 2004, pp. 245- 246). Os objectivos deste estudo consistiram em: estabelecer uma análise histórica da iconografia jacobea ao longo do Caminho Português Interior de Santiago de Compostela (CPIS), sinais de outros tempos, por terras transmontanas e alto-durienses, em templos românicos, muitos com pinturas murais dos séculos XV a XVIII representando São Tiago e outros Santos milagreiros, segundo uma tradição milenar cristianizada durante a Idade Média, projectada até à contemporaneidade, levando os peregrinos do norte de Portugal a caminharem até Compostela; criar uma base de dados que possibilite um restauro científico dos bens culturais da Igreja.

Ao longo dos séculos, milhões de pessoas, das mais variadas condições sociais, culturais e proveniências, sentiram necessidade de procurar luz e força para se encontrar com Deus e dar sentido à sua vida. O peregrino aprende a

viver o dia-a-dia em união filial com Deus, para que se eleve algum pensamento que o fira e assim melhore a sua vida e entre por caminhos de oração e de Amor (Escrivá, 1985, pp. 245-246).

Por caminhos de Santiago, os homens tentam imitar Cristo, manifestando o carácter eterno da Igreja, sempre em renovação, capaz de transformar qualquer existência humana que lhe não feche o coração. Os caminhos de peregrinação, possibilitam que os caminhos de todos os homens, sejam caminhos de santidade, abertos à esperança de um Reino que não é deste mundo.

Ao norte de Portugal, em meados do século X, chegaram os **monges de além Pirenéus**, nomeadamente franceses, que ocuparam importantes cargos clericais, militares e políticos, trazendo, para o nosso país, costumes monásticos, litúrgicos, eclesiásticos e literários daquelas regiões estrangeiras. As **ordens religiosas** responsáveis pela europeização de Portugal, nos sec. XII e XIII, foram as de Cluny, Cónegos e regrantes de Santo Agostinho, Cister e Templários (Ferreira de Almeida, 1978, vol.1, pp. 186-187; vol. 2, pp. 284-291) (Mattoso, 1992, pp. 151-154).

Os portugueses do norte, os mais devotos empreendiam viagens de peregrinação aos grandes santuários internacionais, com maior frequência a Santiago de Compostela, mas também a Nossa Senhora de Guadalupe, Roma e Palestina. Em Portugal, o culto a Nossa Senhora era muito antigo, mas ganhou maior projecção por influência das ordens religiosas de Cluny, Cister, S. Francisco e S. Domingos. Ao chegar ao destino, o peregrino visitava as relíquias do santo; ganhava indulgências, através da penitência, da confissão e da comunhão. Podia, ainda, dormir na igreja, junto do túmulo ou relíquias do santo, oferecia ex-votos de cera pela cura de pessoas ou de animais, adquiria imagens e relíquias e regressava, cansado mas feliz por ter a alma limpa e renovada (Oliveira Marques, 1987, pp. 158-161).

Por caminhos de peregrinação do Distrito de Vila Real, se disseminaram, desde a Idade Média, igrejas, capelas e ermidas, santuários de imagens milagreiras e objecto de devoção fervorosa, para além de asilos, hospitais, gafarias e albergarias. Os santos de devoção que iremos aqui mencionar, que encontramos nos templos ao longo do Caminho Português Interior de Santiago de Compostela, entre Vila Real e Chaves, essencialmente em pinturas murais dos séculos XV, XVI, XVII e XVIII, são: Santiago Maior, S. Jorge (em detrimento de Santiago Mata-mouros, por influencia inglesa ou italiana, nos finais do século XIV), São Cristóvão (padroeiro dos viajantes), São Roque (peregrino), Santo Amaro (peregrino ao Paraíso Terreno) e São Gonçalo (padroeiro das pontes, associado aos caminhantes). Ainda encontraremos Santa Maria Maior, Nossa Senhora das Neves, Nossa Senhora do Desterro, Nossa Sra. de Guadalupe, a Rainha Santa Isabel (também ela peregrina), São Brás (santo Bispo,



**Figura 1** – O famoso políptico da “Adoração do Cordeiro Místico”, que se encontra na Catedral de Saint Bavon, Gand, dos irmãos Hubert e Jan van Eyck, de 1432; tem no alto, ao centro, o Padre Eterno ((B)-entre Maria e São João Baptista, de cada lado, um grupo de anjos que tocam vários instrumentos musicais, nos extremos, Adão e Eva); verifica-se a influência desta figura nas pinturas murais do séc. XVI, de S. Brás na Capela de S. Brás (A) e na Igreja de Vila Marim, Vila Real (C) (representando São Brás, ao centro, Santo Antão, do lado esquerdo, e São Roque, do lado direito; esta pintura foi executada sobre outra do século XV, mais arcaica). Em baixo, na parte central, ainda do mesmo políptico de van Eyck, (E) os Peregrinos, guiados pelo gigante São Cristóvão, com o cajado na mão. Esta última figura vai influenciar as pinturas murais da Capela de S. Brás (a figura de S. Tiago (D)), de Vila Real e da Ig. de Sta Leocádia (pintura de S. Cristóvão (F)) . Jan van Eyck esteve em Lisboa, aquando do acerto do casamento entre o duque de Borgonha e a infanta Isabel de Portugal. Neste período em que o artista esteve na Península Ibérica, foi em peregrinação a Santiago de Compostela. De seguida, terminou o políptico do Cordeiro Místico em 1432. (Pijoan, 1972, pp. 61-74).

martirizado em Sebaste (308-323), o povo cristão começou por dedicar-lhe grande devoção na Cidade Eterna) e Santo Antão (que venceu as tentações do demónio, geralmente representado por um porco), entre outros santos protectores dos caminhantes (Figura 1).

## 2. Iconografia, lenda e vida de Santiago no CPIS

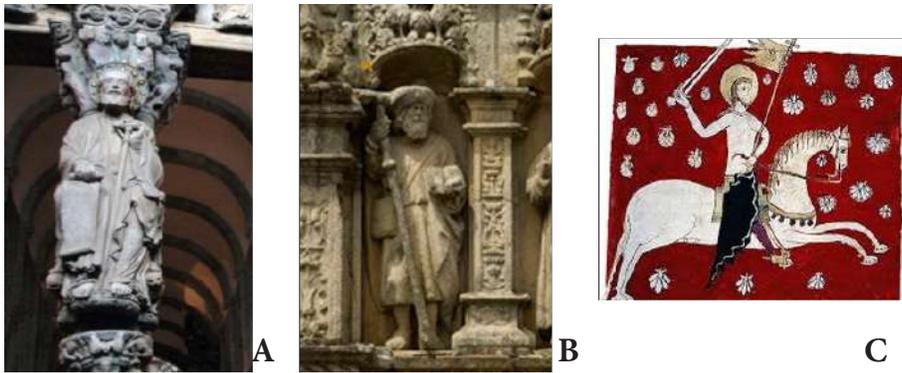
### 2.1. Apóstolo S. Tiago Zebedeu, o Maior

S. Tiago Maior era um dos doze apóstolos, irmão de S. João Evangelista. Tinham como pai Zebedeu, dono dum barco de pesca no lago de Genesaré. Chama-se Tiago “Maior” para o distinguir do Tiago “irmão” de Jesus. S. Mateus, 4, S. Marcos, 1 e S. Lucas, 5, contaram-nos a vocação de João e Tiago. Jesus chamou-os, quando os dois estavam ocupados a consertar as redes, e eles seguiram o jovem Mestre. Tiago ficou sendo um dos doze apóstolos: em Marcos, é o segundo a seguir a Pedro; em Mateus, Lucas e nos *Actos dos Apóstolos*, é o terceiro. Destacou-se nos seguintes momentos mais notáveis: na cura da sogra de Pedro; na ressurreição da filha de Jairo; e na Transfiguração. Jesus chamou, a Tiago e a João *Boanerges*, “filhos do trovão”, por eles terem querido que fosse mandado fogo do céu sobre uma cidade não hospitaleira, à semelhança do que fizera Elias; mas o Senhor repreendeu-os. Quando eles subiam a Jerusalém, mandaram pedir a Jesus, por intermédio da mãe Salomé, dois lugares de honra no futuro reino. O divino Mestre respondeu: “*Não sabeis o que pedis. Podeis beber o cálix que Eu tenho de beber?*” – “*Podemos.*” – “*O meu cálix bebê-lo-eis; quanto aos lugares de felicidade, isso depende do meu Pai*” (Leite, 1985, vol.2, p. 394). Tiago e João tinham a arrogância própria da juventude, julgavam-se no direito de possuir o sinal da vinda de Jesus e do fim do Mundo. O que é certo, é que, ao entrar Jesus em agonia, eles dormitavam no jardim debaixo das oliveiras prateadas pela lua radiosa. Mas Tiago amadureceu, durante o retiro no Cenáculo. Animado pelo Espírito Santo, veio com Pedro a Jerusalém para festejar a Páscoa. Herodes Agripa I mandou-o prender e executar; foi o primeiro apóstolo a derramar o sangue para mostrar ao Senhor a sua fidelidade. Segundo a tradição, o guarda de Tiago se converteu à vista da convicção e do testemunho do Apóstolo. Pediu perdão a Tiago que o abraçou; e ambos foram degolados.

O Apostolado de S. Tiago em Espanha figura, no fim do século VI, num *catálogo apostólico*, tradução latina de um texto bizantino que não representa uma tradição espanhola. Antes de 830, situava-se o túmulo do Apóstolo na Judeia, em Cesareia da Palestina, e mesmo em Marmárica, entre o Nilo e a Cirenaica. Por 830 descobriu-se, no território de Amaca (diocese de Iria Flávia - Padrón, na Galiza) um sepulcro dos tempos romanos. Foi celebrado como sendo de S. Tiago. Por 850 redigiu-se um texto afirmando a transferência de Jerusalém para a Galiza. Segundo esse texto, o corpo foi trazido por sete santos dos arredores de Granada, discípulos de Tiago. Tal texto pressupõe a pregação do mesmo Tiago em Espanha. No fim do século IX, foi escrita uma carta do papa Leão, a qual utiliza o *catálogo apostólico*. Pelos fins do século XI, retocou-se a epístola de Leão, puseram-se de parte os sete santos e introduziram-se

dois discípulos adjuntos. A *História Compostellana*, acabada em 1139, expressa a alteração mencionada. No século X, o túmulo de S. Tiago começou a atrair estrangeiros. No século XII, os peregrinos invadiram as estradas. Foram provavelmente os abades de Cluny que organizaram desde o século XI, essas proissões de fiéis à Galiza.

S. Tiago, é representado, primeiro como **apóstolo** a segurar o Evangelho, depois como **peregrino**, com surrão autenticado por uma concha e empunhando um bordão. E contava-se que ele apareceu numa batalha e afugentou os Mouros em Clavijo em 834 e por esse motivo foi representado como **cavaleiro mata-mouros** (Leite, 1985, vol.2, pp. 394-395) (Figura 2).



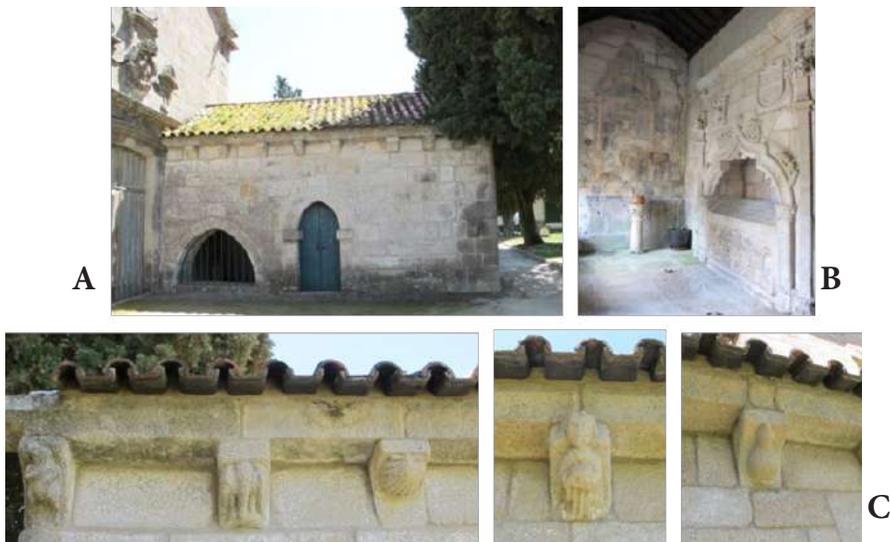
**Figura 2** – A) Santiago Maior, esculpido na coluna central do Pórtico da Glória da Catedral Compostelana, 1188. Santiago, fundador do santuário e bispo da sede apostólica, sentado em “cátedra” e apoiado num bastão em forma de tau. O Apóstolo, de cabelos e barba compridos, enverga túnica e manto, está descalço e segura, na mão direita, um “rolo”, o Novo Testamento. B) Fachada do Hospital dos Reis Católicos, em Santiago de Compostela. Santiago Peregrino, no portal renascentista executado como um retábulo, em 1519, apresenta: o **bordão**, onde o caminhante se apoiava e que servia para se defender dos cães e lobos; a **escarcela**, bolsa de couro, de boca larga e sem cordões; a **cabaça** pendente do bordão, onde o peregrino guardava vinho ou água; a **concha** de vieira, considerada a principal insígnia dos peregrinos jacobeus que, de regresso do santuário de Santiago, e em memória do Apóstolo, aplicavam na esclavina, chapéu ou escarcela; e um **chapéu** de feltro, de aba larga e redonda, para protecção do caminhante dos raios solares e da chuva (Santos, 2012, vol.1, pp. 62-63). C) Santiago Cavaleiro, in *Liber Sancti Iacobi, Codex Calixtinus. Scriptorium*, ca. 1330, Biblioteca da Universidade de Salamanca, Ms. 2631, fl. 120.

### 2.1.1. Capela românica-gótica de S. Brás, Vila Real; Capela-mausoléu gótica do Abade de Mouços, Vila Real; Igreja de Nossa Senhora de Guadalupe, Mouços, Vila Real

A **Capela de São Brás**, Monumento Nacional (Dec-Lei 16-06-1919, DG, nº 136 de 23 junho 1910) localiza-se no cemitério da Vila Velha, em Vila Real,

que ficou adossada, a nascente, à fachada principal da Igreja de S. Dinis no século XVII ou XVIII, quando se fizeram obras de acréscimo nesta Igreja. É uma capela do século XIV, românica-gótica da mesma época da igreja, dedicada a São Brás (Serenó & Teixeira, 1994; Noé, 2004) (Figura 3-A).

Tem planta rectangular e as fachadas rematam em cornija assente em cachorrada lisa ou com motivos esculpidos, geométricos, cabeças e bustos humanos e aves. A fachada setentrional, tem uma mísula zoomórfica, é rasgada por um portal de acesso ao interior, em arco quebrado com impostas salientes, e um vão maior, também em arco quebrado e rasgado até à cota de soleira, com grade de ferro. A fachada meridional apresenta a cachorrada com os topos esculpidos com iconografia jacobea: **S. Tiago Apóstolo**, vestindo túnica talar e toga com um livro, o Novo Testamento, a concha de vieira e a cabaça (Figura 3-C).



**Figura 3** – A) Capela funerária de S. Brás, do século XIV, à qual está adossada a Igreja de São Dinis. Sob o arco quebrado da fachada setentrional, jaz um sarcófago cuja tampa tem insculpidas uma espada entre duas meias luas, que se atribui ao filho de Egas Moniz, D. Lourenço Viegas, “O Espadeiro”. B) - Interior da Capela de S. Brás; a parede fundeira está coberta por um fresco em mau estado de conservação que representa S. Brás e S. Tiago. Na parede meridional, rasga-se um arcosólio, que alberga o notável sarcófago de João Teixeira de Macedo; O arco polilobado e festonado, apresenta arquivolta decorada com rosetas que assenta sobre colunas decoradas com cordame; o arco e a arca tumular decorada com elementos vegetalistas, estão enquadrados por duas pilastras de secção triangular, assentes sobre bases polifacetadas e coroadas por pináculos com cogulhos vegetalistas. C) A fachada meridional apresenta a cachorrada com os topos esculpidos com iconografia jacobea: S. Tiago Apóstolo, vestindo túnica talar e toga com um livro, o Novo Testamento, a concha de vieira e a cabaça.

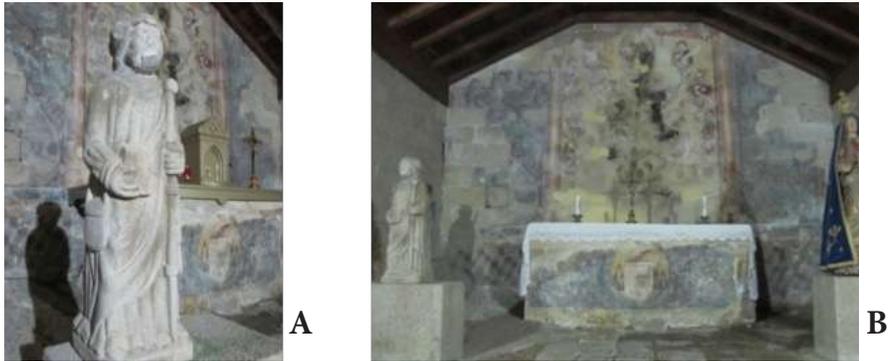
Esta Capela alberga, no seu interior dois sarcófagos. Um que, segundo a tradição, pertence ao filho de Egas Moniz, D. Lourenço Viegas, “O Espadeiro”; o outro, de João Teixeira de Macedo, embutido na parede do lado da Epístola, sepultado em 1506 (Figura 3-B).

Na *Capela-mausoléu gótica de D. Fernão de Brito, Abade de Mouços*, (IIP, Dec. Nº 35817, DG, 1º série, nº 187 de 20 Agosto 1946), construída em 1483 (Serenó & Teixeira, 1994; Noé, 2004), adossada ao flanco norte da Igreja Matriz de Mouços, encontra-se a arca tumular do fundador em granito com vestígios de policromia (pintura azul, branca e vermelha), com estátua jacente do abade (Figura 4-A). Os painéis laterais representam uma arcaria contínua de 6 edículas, e assentam num soco formado por 3 lintéis esculpidos, rematados por leões que agarram corpos humanos e animais e, entre eles, blocos em cantaria esculpida com ramagens e arcas cintadas. No painel ocidental, visível a partir do portal único da capela, está representada a Pietá com o Senhor morto no colo, ladeada por Madalena e Salomé. No painel oriental, duas edículas albergando o arcanjo São Miguel pesando as almas e o arcanjo São Rafael com o brasão do abade. Nos painéis laterais estão esculpidas edículas de arco canopial, que incluem os doze Apóstolos identificados por cartelas com o respetivo nome, inscrito com letras góticas. No painel setentrional, vem esculpido, logo a seguir a S. Mateus, que vem em 1º lugar, S. Tiago, seguido de S. André, S. Simão, S. Marcos e S. Lucas. No painel meridional, encontram-se representados, a partir da cabeceira do sarcófago, S. Pedro, S. Paulo, S. João, S. Bartolomeu, S. Filipe e S. Judas (Tadeu). **Santiago** vem representado como uma simbiose de dois tipos iconográficos, **Apóstolo e Peregrino**: Apóstolo - com uma auréola, envergando uma túnica talar e toga; com um livro na mão esquerda; tem cabelo e barba comprida - e como Peregrino - usando bordão, cabaça, alforge, chapéu de abas largas onde está colocada uma concha de vieira (Figura 4-B).



**Figura 4** - Capela-mausoléu gótica de D. Fernão de Brito, Abade de Mouços, construída em 1483, adossada ao flanco norte da Igreja Matriz de Mouços; aspectos da arca-tumular. B) - S. Tiago, século XV, arca tumular de Fernão de Brito, Abade de Mouços, capela funerária gótica de Nossa Senhora da Piedade, adossada à Igreja Paroquial de Mouços, concelho de Vila Real.

A *Capela de Nossa Senhora de Guadalupe, Mouços, Vila Real*, edificada no último quartel do século XV, apresenta características românico-góticas e está localizada na União das freguesias de Mouços e Lamares, concelho de Vila Real (Figura 5). É um Imóvel de Interesse Público, classificado segundo o Decreto nº 8/83, DR, 1ª série, nº 19 de 24 de Janeiro de 1983\*1. Foi construída pelo Abade de Mouços, D. Fernão de Brito, que mandou edificar, na mesma época junto da Igreja Matriz de Mouços o seu próprio mausoléu.



**Figura 5** - Altar-mor da Capela de Nossa Senhora de Guadalupe, na União das freguesias de Mouços e Lamares; A) a escultura de São Tiago Apóstolo-Peregrino em granito, tem cerca de um metro de altura, e é do século XV; B) a escultura em madeira policroma de Nossa Senhora de Guadalupe é do século XVI e é espanhola.

Originalmente, o patrono da Capela foi São Tiago, tendo mudado para Nossa Senhora de Guadalupe no tempo da ocupação filipina, de Portugal. Ainda se conserva a imagem de São Tiago, quatrocentista (Parente, 2014, tomo IV, pp. 84-86), esculpida em granito, junto ao altar-mor, do lado esquerdo, enquanto, do lado direito do altar, encontra-se a imagem de Nossa Senhora de Guadalupe, de madeira policroma, trazida de Espanha, nos finais do século XVI. A imagem quatrocentista de São Tiago da Capela de Nossa Senhora de Guadalupe de Mouços, de características góticas, representa um misto de **São Tiago Apóstolo** - com túnica talar e toga, com o Novo Testamento na mão direita, cabelos e barbas compridas - e de **São Tiago Peregrino** - com um bordão na mão esquerda, surrão sem fitas, chapéu de abas largas, botas como os caminheiros e capa com esclavina onde está colocada uma concha de vieira, sobre o peito.

2.1.2. *Pinturas Murais do séc. XVI, das seguintes igrejas: de Santa Marinha, Vila Marim, Vila Real, representando Santiago-Apóstolo dormitando no Jardim das Oliveiras; de Santa Maria da Azinheira, Outeiro Seco, Chaves, representando o “Pentecostes”; de São Tiago de Folhadela, Vila Real, representando o Apóstolo sentado em cátedra; Capela de S. Brás, Vila Real, com Santiago Maior Apóstolo-Peregrino; Imagens do séc. XVI-XVII: do Santo patrono da Igreja de Folhadela; de Santiago Apóstolo-Peregrino da Igreja de Santiago de Andrães, Vila Real.*

Na **Igreja românica de Santa Marinha de Vila Marim**, concelho de Vila Real, a nave tem junto ao arco triunfal, uma parede do lado do Evangelho, que a um plano superior, tem dois conjuntos de pinturas murais sobrepostos, um do século XV que representa *Santa Catarina* e outro de 1529 com uma cena de *Cristo a Orar no Horto*, rodeado por Pedro, Tiago e João e, ainda, *o Beijo de Judas* (Figura 6). Na primeira cena, enquanto Nosso Senhor Jesus Cristo (só se vê parte do corpo ajoelhado) entra em agonia, dirigindo-se ao Pai Eterno, no Horto das Oliveiras, que O afaste do Cálix, mas sem que se faça a vontade do Filho mas do Pai, **São Tiago** (do **Apóstolo** só se vê o nome e a parte superior da cabeça), São Pedro e São João dormitavam ao luar (Figura 6-B). A leitura deste conjunto é difícil, porque grande parte desapareceu, derivado da acumulação da humidade ascensional no núcleo da parede, resultando na formação de sais na interface entre o reboco e a superfície de suporte de granito, que causou o empolamento e destacamento da camada de revestimento.



**Figura 6** – C) Pintura mural da Igreja de Vila Marim, representando, no ângulo inferior esquerdo, Cristo a Orar no Horto, pintura do 1º quartel do século XVI, em parte incompleta (cobre uma pintura do século anterior que representa Santa Catarina). Enquanto Jesus entra em agonia, São Tiago (do qual só se vê o nome e a parte superior da cabeça), São Pedro e São João dormitavam no jardim das oliveiras, sob o luar. B) Detalhe da pintura mural da Igreja de Vila Marim. A) “Oração no Horto”, por Fra Angélico, 1438-1443, no Museu de São Marcos, Florença.



**Figura 7** – C- pintura mural do século XVI, representando o Pentecostes, Nossa Senhora Rainha dos Apóstolos, na Igreja de Nossa Senhora da Azinheira, em Outeiro Seco, concelho de Chaves. B - em pormenor, desenho do rosto de Santiago, olhos, nariz, cabelo e barba, idêntico, ao rosto de Santiago em A - “Nosso Senhor com os Apóstolos” – Catedral de Notre Dame, Paris (de joelhos está São Pedro, mais velho, logo por trás e de perfil, está São Tiago).

Pinturas Murais do séc. XVI, da *Igreja românica-gótica de Santa Maria da Azinheira*, paroquial de Outeiro Seco, concelho de Chaves, representam, na parede setentrional, o “Pentecostes” e a “Última Ceia”, cuja leitura se torna difícil, devido ao mau estado de conservação em que actualmente se encontram. No entanto, no mural da descida do Espírito Santo sobre a Nossa Senhora e os Apóstolos, é possível identificar a figura do Apóstolo São Tiago (Figura 7-B), localizado em primeiro plano, do lado do Evangelho (lado esquerdo do grupo de apóstolos). De destacar, uma semi-cúpula com a forma de uma concha de vieira, cujo espaço aéreo envolve a imagem da pomba (Figura 7-C). A concha de vieira representa o principal distintivo dos peregrinos jacobeus, o que vem reforçar a ideia de que esta Igreja de Santa Maria da Azinheira foi ponto de passagem de peregrinações a Santiago de Compostela (Parente, 2014, tomo IV, p. 168). A pomba que representa o Espírito Santo, está associada à pérola no centro da concha, sendo a pérola um mito antigo utilizado por Santo Ephrem para ilustrar tanto a Imaculada Conceição como o nascimento espiritual de Cristo no baptismo do fogo, Cristo identifica-se com a pérola. As conchas foram usadas pelos primeiros cristãos para assinalarem as sepulturas que queriam destacar (Chevalier & Gheerbrant, 1982).

A *Igreja românica de São Tiago de Folhadela*, no concelho de Vila Real, reformulada no período oitocentista, apresenta pinturas murais quinhentistas, de 1535 que têm afinidades com os murais da Igreja de Vila Marim, da autoria do pintor Arnao, para além de outras do século XVII, pinturas laterais do arco de triunfo (Teixeira, 1999).

Na parede fundeira do altar-mor, a pintura mural renascentista (Figura 8-A) representa um tríptico, com os três vãos separados por colunas de fuste liso, onde se enrola em hélice um caule de videira, encimados por arcos trilo-



**Figura 8-** A) Pintura mural do século XVI, da Igreja Paroquial de Folhadela, concelho de Vila Real, representando o **Apóstolo São Tiago sentado “em cátedra”**, entre São Pedro, do lado esquerdo e São Paulo, do lado oposto; B) Detalhe de Santiago Maior, da Igreja de Folhadela; C) escultura do século XVI de madeira policroma de Santiago Apóstolo, existente no Museu Nacional de Copenhaga (1523-33).

bados; por trás desta tripla arcada desenvolve-se um espaço com um fundo que consiste num padrão de brocado de fundo branco com desenhos vegetalistas dourados e vermelhos, e um pavimento quadrícula em perspectiva; neste espaço e sob as três edículas, encontramos entre São Pedro (do lado esquerdo) e São Paulo (do lado direito), o **Apóstolo São Tiago sentado “em cátedra”**, à semelhança da imagem do Pórtico da Glória de Compostela, descalço, com túnica e toga, o Novo Testamento, para além de outros atributos próprios do Peregrino, como o bastão, o chapeirão e a esclavina, capa curta colocada sobre o manto, que protegia o peregrino do frio e chuva. As conchas de vieira estão colocadas no chapéu e na esclavina.

É uma representação de Santiago que se assemelha a uma escultura do século XVI de madeira policroma de Santiago Apóstolo-Peregrino (este calçado com botas), existente no Museu Nacional de Copenhaga, (Figura 8-C) ou a uma gravura em madeira de Jost Amman, de 1568, de peregrinos a caminho de Santiago de Compostela. De cada lado dos santos Evangelistas estão duas composições simétricas e decorativas com os atributos de São Tiago, o bastão, a vieira, e o chapeirão: um escudo azul onde figuram cinco vieiras, sobre dois bordões em cruz de Santo André, flanqueado por duas colunas, à semelhança de um brasão cardinalício. Estas composições são rematadas em baixo por pinturas de grotescos e uma barra decorativa com estampilha.

Outro mural quinhentista com a representação de **Santiago Maior**, para além da figura do patrono, encontra-se no interior da **Capela de São Brás**, referida anteriormente (Figura 9-A). O mural, do século XVI, está em muito mau estado de conservação, mas é possível identificar três santos inseridos em nichos coroados por quartos de esfera, constituindo uma estrutura retabular simulada e em perspectiva, dividida por três colunas de fuste liso ornamentado com elementos vegetalistas, assentes em base circular e interligadas por arcos de volta inteira. Da imagem do lado esquerdo, só restam algumas partes que não permitem identificar o santo representado. Ao centro encontra-se São Brás (idêntico ao S. Brás de Vila Marim), e à direita **São Tiago Apóstolo-Peregrino**, identificável pelos atributos que lhe são próprios, como o bordão que segura com a mão esquerda e as Sagradas Escrituras que tem na mão direita e, ainda, em pose de caminhante. Por baixo das imagens dos santos, existem vestígios de uma legenda, praticamente ilegível, mas sob São Tiago ainda restou a letra T que nos permite confirmar a identidade representada (Figura 9-B).

O São Tiago da Capela de São Brás, representa o santo como judeu jovem (quando morreu ainda era jovem) de cabelos e barbas compridos e castanhos, com uma auréola dourada, envergando um manto vermelho e, tendo, na cabeça, um lenço branco enrolado, muito semelhante a uma pintura a óleo de Jan van Eyck, de 1427-30, pintada sobre madeira, existente na Catedral de São Bavo, em Ghent, que representa os Santos Peregrinos, guiados por um homem gigante, talvez São Cristóvão (Figura 1-E). Tal como São Tiago da Capela de São Brás, apresenta barbas e cabelos escuros, com um lenço branco enrolado na cabeça, manto vermelho, bordão na mão direita e em pose de andamento, com a perna direita a avançar mais que a esquerda, como estivesse a caminhar.



**Figura 9** - A) Interior da Capela de S. Brás, tem a parede fundeira coberta por um fresco em mau estado de conservação que representa S. Brás e S. Tiago; B) Por baixo de São Tiago, ainda se identifica a letra “T”.

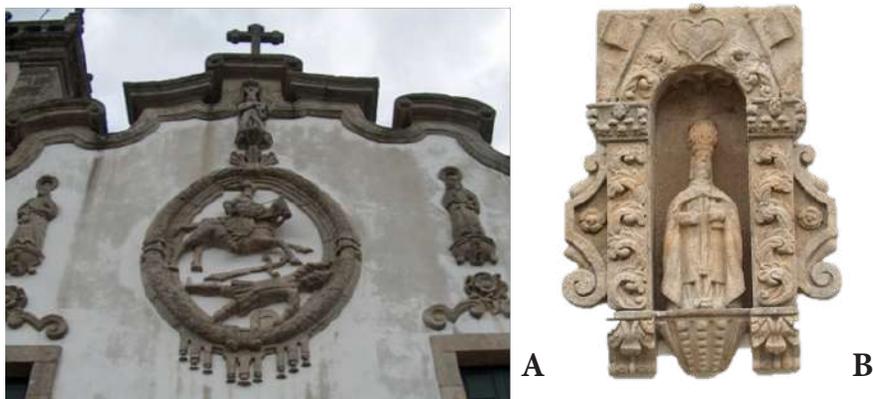


**Figura 10** – Esculturas de madeira policroma do século XVI-XVII: A) São Tiago Apóstolo-Peregrino, da Igreja de Folhadela, concelho de Vila Real; B) Santiago Apóstolo-Peregrino, imagem do padroeiro da *Igreja paroquial de Andrães*.

Na *Igreja de Santiago de Folhadela*, existe uma escultura de madeira policroma do século XVI-XVII, de **São Tiago Apóstolo-Peregrino** (Figura 10-A), com os atributos que lhe são próprios, sobre uma peanha vítrea, do lado do Evangelho da capela-mor, local dedicado especialmente ao orago da freguesia. Outro exemplo da figuração de **Santiago Apóstolo-Peregrino**, é a imagem do padroeiro da *Igreja paroquial de Andrães* (Figura 10-B), cuja fundação data do século XI. Este belo Santiago em madeira policromada deve datar dos séculos XVI-XVII, com túnica talar, manto, livro e descalço, como os outros da mesma tipologia, mas com bordão com cabaça, bolsa e chapéu de peregrino. As vieiras estão representadas esquematicamente nas vestes do santo.

### 2.1.3. “Santiago Mata-Mouros”, da Igreja Paroquial de Mondrões

A *Igreja Paroquial de Mondrões*, concelho de Vila Real, (IIP, Dec. nº 28/82, DR, 1ª série, nº 47 de 26Fev1982), é resultado da intervenção, durante os séculos XVI e XVII, dos Jesuítas, cuja presença é perceptível em algumas casas de Mondrões, e da reconstrução do século XVIII, sobre um templo original manuelino. Na transcrição da *Rellação de Villa Real e seo termo*, datada de 1701, se menciona que “A igreja de S. Tiago de Mondroens he do padroado dos religiosos da Ordem de S. Jerónimo, do real convento de Bellem, que a apresentão com título de vigario, e he anexa da matris do Salvador de Torgueda” (Sousa & Gonçalves, 1987, p. 544). Possuía, para além de uma Irmandade das Almas, quatro Confrarias, a de Nossa Senhora do Rosário, a do Santo Nome de Jesus, a de São Sebastião e a de São Tiago. A fachada principal, do século XVIII (Figura 11), apresenta, sobre o portal de verga recta com moldura de cantaria



**Figura 11** – A) - Fachada principal da Igreja Paroquial de Mondrões, onde se destaca, entre São Pedro e São Paulo, o ícone de Santiago Mata-mouros, inserido numa cartela oval emoldurada, montado num cavalo a galope, empunhando uma espada na mão direita e um escudo na mão esquerda. O cavalo esmaga o mouro com as patas dianteiras; B) - ao nível do portal e do lado esquerdo, encontra-se um nicho que alberga Santo Agostinho, cuja Regra era seguida pelos Cavaleiros de Santiago da Espada (do lado direito, existe uma imagem de Santo Ambrósio).

de diferentes perfis, e sob o perfil recortado da empena, de friso emoldurado, coroada por cruz de braços de topos em flor de Liz sobre esfera decorada, um grupo escultórico central incorporado na fachada: uma almofada oval coroada por concha a sugerir a evocação das águas, mais acima, uma cartela oval de contorno vegetalista, com brincos inferiores e remate em acanto aberto, onde se insere a imagem de **Santiago Mata-Mouros** e, a sobrepujar a cartela, uma mísula vegetalista, que suporta a imagem de anjo tocando trompete, anunciando o Juízo Final.

A estrutura setecentista de **São Tiago Mata-Mouros de Mondrões**, evidencia a evolução da iconografia jacobea, desde Santiago Mata-Mouros proveniente da primitiva basílica de Santiago de Compostela - construída no tempo de rei Afonso III de Oviedo destruída por Almançor no final do séc. X - e que está inserido no tímpano românico de Clavijo do transepto da Catedral de Compostela, montado no cavalo, de espada em punho, mas sem pisar qualquer mouro. Nesta representação jacobea do século XVIII, estão delineados os elos estreitos existentes entre a fé e a cultura da Idade Média. O garboso Santiago Mata-Mouros de Mondrões representa o Apóstolo guerreiro montado num cavalo a galope, com e um escudo na mão esquerda, e a espada em metal na mão direita brandida sobre o mouro, que jaz caído esmagado pelas patas dianteiras do cavalo, largado do sabre. Veste uma túnica e manto, para além do chapéu de abas largas com vieira, que o identifica como peregrino.

No final do século VIII verifica-se a consolidação do Reino Cristão da Galiza e Astúrias no Norte de Espanha que, com a ajuda de Carlos Magno, serviu de base à Reconquista da Península sobre o domínio dos Muçulmanos, processo que só terminou por volta de 1492 (ICOMOS, 1993). A reconquista cristã teve origem num movimento insurrecional contra os muçulmanos que dominavam os povos do norte peninsular - Ástures, Cântabros e Vascões - com Pelágio a consolidar-se em Covadonga, em 722, como chefe. Durante as ações de reconquista de Afonso I (739-757) das Astúrias, o território entre Douro e Minho não chegara a ser completamente “ermado”, pois nele se localizavam povoações mais importantes que foram arrasadas militarmente pelos muçulmanos, mas as gentes do campo, após um período de refúgio nas montanhas, retomaram o cultivo dos campos, onde as culturas e os animais se mantiveram. Foram galegos e moçárabes que ocuparam estas terras desde 881, no reinado de Afonso III das Astúrias até cerca do ano 1000, durante o reinado de Afonso V, da dinastia de Leão. Nos finais do século XI, o futuro reino de Portugal incluía o grande território Bracarense e territórios médios ou pequenos, naquele primeiro integrados, os de Basto, Benviver, Temilobos e Panóias; na envolvente do Caminho Português Interior de Santiago de Compostela, temos ainda a considerar os territórios Flaviense e Lamecense (Salavessa, 2001, vol. I, p. 13).

Segundo a tradição, durante a Reconquista Cristã, Santiago apareceu miraculosamente em vários combates travados em Espanha, como na batalha de Clavijo, em 23 de Maio de 844, onde ajudou o exército de Ramiro I das Astúrias a afugentar os Mouros, comandados por Abderramão (de Tejada, 1975, pp. 217-226). Ramiro I, em gratidão, consagra o apóstolo Santiago como patrono de toda a Hispânia, da qual fazia parte o Condado Portucalense. A intervenção milagrosa na batalha de Clavijo está intimamente ligado à Reconquista Cristã da Península e, desde então, o Apóstolo foi representado como o guerreiro que auxilia o exército cristão, o Santiago cavalgando nos céus ou combatendo na terra, designado de **cavaleiro mata-mouros**, muito grata no seio da Ordem de Santiago.

No contexto da Reconquista Cristã, a Ordem Militar de Santiago foi fundada para combater os muçulmanos e guardar as fronteiras dos reinos da Península Ibérica. Em 1160, formou-se uma confraria de cavaleiros relacionada com os cónegos regrantes de Santo Agostinho, que está na génese da Ordem de Santiago, reconhecida pelo rei Fernando II, em 1170, durante a reconquista de Leão. Em 1175, o Papa Alexandre III concede a bula da confirmação e aprovação, passando a irmandade a designar-se de Ordem de Santiago. Os Cavaleiros Santiaguistas faziam votos de pobreza e de obediência, seguindo a regra de Santo Agostinho (Apolinário, 2013, pp. 6-9). Santiago é considerado o protetor do exército português, desde o tempo de D. Afonso Henriques. Em 1172, este rei doava à Ordem de Santiago a vila de Arruda, assim como o castelo de Mon-

santo e, pouco depois, Alcácer, Almada e outras terras. Em todo o caso é certo que a coroa doa à Ordem castelos e grandes extensões de terras, à medida que a Reconquista avança para Sul do território Português (de Almeida, 1967-68: vol.I, p. 149). A Ordem de Santiago estava sediada em Uclés, Castela, casa-mãe a que se subordinava a filial portuguesa. Estabeleceu-se em terras que iam sendo ocupadas pelas hostes cristãs, com o auxílio de exércitos de cruzados que se dirigiam a Jerusalém (Quaresma, 2012, vol.1, p. 75). D. Dinis empenhou-se na separação das Ordens de Santiago e de Avis das casas-mãe Castelhanas. A independência dos espatários nacionais em relação a Castela, dá-se em 1452 com a bula concedida pelo Papa Nicolau V, *Ex apostolice sedis* (Apolinário, 2013, pp. 10-16). A Ordem era governada por um mestre, eleito por um corpo de treze cavaleiros, um prior-mor superintendia os clérigos espatários e um comendador-mor orientava as comendas concedidas aos cavaleiros da Ordem. A partir do reinado de D. João II, a coroa detém toda a soberania sobre as Ordens (Quaresma, 2012, vol.1, pp. 80-83).

### 3. Iconografia, de outros santos peregrinos no Caminho Português Interior de Santiago de Compostela (Figura 13-G)

O culto da **Virgem Maria** é um dos maiores cultos da Ordem de Santiago. Por esse motivo, desde a origem da Ordem, as igrejas de maior importância sob a sua alçada eram dedicadas a Santa Maria, com base numa lenda. O Apóstolo Santiago, o Maior, após a descida do Espírito Santo, pediu à Virgem Maria a bênção para a sua missão de pregação em terras da Península Hispânica. Nossa Senhora abençoou-o dizendo-lhe que se ele escolhera Espanha, terra da Sua afeição entre todas as da Europa, para aí espalhar a palavra divina e que se lembrasse de fundar uma igreja consagrada em Seu nome, na localidade onde convertesse o maior número de pessoas (Apolinário, 2013, p. 51) (Figura 12).

O culto a **S. Jorge** em Portugal deveu-se ao auxílio prestado pelo Duque de Lencastre, filho de Eduardo III de Inglaterra, a el-rei D. Fernando na luta contra Castela. A partir de essa altura, para os portugueses, o grito de “S. Jorge” substituiu na guerra, o de S. Tiago, utilizado em toda a Península, desde a Reconquista Cristã. **S. Jorge** é um Santo Auxiliador (Figura 13-A-B), que subjuga o dragão, e é invocado nas doenças de pele. É o patrono dos guerreiros, à semelhança de S. Sebastião e S. Maurício. Conta a lenda, que o dragão vivia num lago perto de Silena, na Líbia, fora combatido por vários exércitos, sem êxito. Periodicamente, deixava um rasto de destruição à sua passagem. Para o apaziguarem, levavam-lhe ovelhas ou uma rapariga, de alimento. Calhou a vez à infortunada filha do rei. Jorge, tribuno militar, cheio de compaixão, fez o sinal da cruz, partiu a cavalo em direcção ao dragão, que avançava sobre ele de boca aberta, e atravessou-o com a lança. A partir desse momento, o rei e todos os súbditos se converteram ao cristianismo. O rei, reconhecido por Jorge ter



**Figura 12** – A) Pintura mural do séc. XVI, “A Fuga para o Egipto”, Igreja Matriz de Santa Leocádia, Chaves; B) “A Fuga para o Egipto”, Catedral de Notre Dame, Paris; C) Nossa Senhora do Desterro de Vila Real, séc. XIV, Museu da “Vila Velha”, 2018; D) Santa Maria, século XIV, em pedra de Ançã, Igreja Paroquial de Covas do Barroso; E) La Vierge à l’Enfant, século XIV, Catedral de Notre Dame. F) Santa Maria Maior, renascentista em pedra de Ançã, nicho da fachada posterior da Capela-mor da Igreja Matriz de Chaves; G) Santa Maria, renascentista, Capela de Santa Maria Madalena, Santa Valha, Valpaços; H) Nossa Sra. de Guadalupe, século XVII, Capela de Nossa Sra. de Guadalupe, Ponte, Mouços, Vila Real; I) Nossa Senhora da Conceição séc. XVII, Igreja de Nossa Sra. da Azinheira, Outeiro Seco, Chaves. J) Pintura mural do século XVI, Capela de Nossa Senhora das Neves, Vilar de Perdizes.



**Figura 13** – A) São Jorge e o Dragão, por Paolo Uccello, meados do século XV, National Gallery, London. B) e C) – Pinturas murais do século XVIII, da Igreja de São Miguel, Nogueira da Montanha, Chaves. São Jorge, montado num cavalo branco, usando armadura brilhante, enterrando uma lança entre as mandíbulas do dragão; painel representando o milagre das rosas da Rainha Santa Isabel. D) Capela de Nossa Senhora das Neves, em Vilar de Perdizes, com pinturas murais do século XVI, painel representando cenas da vida de São Roque; no canto superior esquerda, apareceu um anjo a São Roque, enfermo da Peste Negra; noutra cena em maior pormenor, um patricio de Piacenza lhe deu refúgio até se curar; a Capela está na proximidade do Paço de Vilar de Perdizes, que incluía antigo hospital de Santa Cruz, maneirista para 9 a 12 catres, para além de Capela, botica e cruzeiro do séc. XVI, de apoio aos peregrinos de Santiago de Compostela. E) - Imagem de São Roque, do século XVI, na Igreja de Nossa Senhora de Guadalupe, exibindo o bubão de peste na perna direita, enquanto o cão, lhe oferece um pão. F) - Igreja Paroquial de Vila Marim, mural do século XVI, representando São Roque, pintura executada sobre outra do século XV. G) - Santo Amaro, século XVI, Capela de Santa Maria Madalena, Santa Valha, Valpaços. H) - São Gonçalo lendo a Sagrada Escritura; Igreja de São Julião de Montenegro, Chaves, Pintura do século XVI.

salvo a filha e a sua cidade, ofereceu-lhe grande soma de dinheiro, mas Jorge distribuiu-o pelos pobres e continuou o seu caminho, sem nada querer para si. Considera-se que S. Jorge morreu pela fé em Lida (Palestina), no fim do século III (Leite, 1985, vol.1, pp. 349-350).

**São Cristóvão** (Figura 1-E), é considerado o patrono dos viajantes motorizados. Foi martirizado no século III, na Síria, na cidade de Sámon. Entre nós, Cristóvão, significa “Porta-Cristo”. Segundo a lenda grega, Cristóvão era um bárbaro antropófago, da tribo dos cinéfalos (homens com cabeça de cão). Converteu-se ao Cristianismo, alistou-se no exército imperial, recusou-se a renegar a fé, e morreu em suplícios inimagináveis. A lenda, no Ocidente, reza que Cristóvão era apreciado pela bondade que mostrava ao próximo, e transportava as pessoas na travessia de um rio. Uma noite, rogou-lhe um menino que o transportasse. O gigante pegou nele às costas e entrou na água. Surpreendentemente, o transporte do menino tornou-se difícil, não devido à corrente, ou à escuridão, mas porque a criança pesava imenso! O colossal Cristóvão, firmou-se no cajado, chegando à outra margem, poisa o menino, declarando que o mundo não era tão pesado. Então diz o menino: “*Tiveste às costas mais que o mundo inteiro; transportaste o Criador dele. Sou Jesus que tu serves*”. (Leite, 1985, vol.2, pp. 395-396).

**São Roque** (Figura 13-D-E-F) (1345/1350-1376/1379) nasceu em Montpellier, França. Perdeu os pais quando tinha vinte anos, decidindo dividir os seus bens em duas partes, distribuindo uma pelos pobres e confiando a outra à guarda dum tio, antes de partir para Roma em peregrinação. Durante a peregrinação, parava para tratar dos doentes, curando-os, muitas vezes, com o sinal da cruz. Viveu em Roma muitos anos e regressou a França. Roque contraiu a Peste Negra (1346-1353) que na Idade Média causou muitas vítimas mortais na Europa, e, para evitar contaminar alguém, refugiou-se numa floresta, próximo de Placência. Deus ajudou-o, enviando um anjo que tratou a ferida, para além de ter feito brotar uma fonte para lhe matar a sede. Passou fome mas não morreu graças a um bom cão que lhe levava todas as manhãs um pão roubado da mesa do seu dono. Este, cuidou de São Roque, até o curar. Roque seguiu para Montpellier que, na altura, estava em guerra civil. Julgaram-no algum espião e prenderam-no. Foi esquecido na cadeia onde morreu de miséria passados cinco anos. Só a sua avó é que o identificou depois de morto, ao reparar numa sinal em forma de cruz, que ele tinha no peito de nascença. Logo que a sua vida foi divulgada no concílio de Ferrara de 1437-1439, o culto do Santo difundiu-se extraordinariamente, como eficaz protetor do terrível flagelo da peste. Em 1485, as suas relíquias foram transportadas para Veneza. Também é invocado como patrono de todos os animais, em geral. (Leite, 1985, vol.2, pp. 469-470; Bolle & Ascagni, 2001, pp. 8-15).

## 4. Conclusão

Nas Igrejas românicas do CPIS, Santiago é representado segundo os três modos que encontramos em Compostela, “Apóstolo”, “Peregrino” e “Cavaleiro”. Os frescos que representam Santiago, a Virgem Maria e os Santos Peregrinos, reflectem influências da pintura do final do Gótico da Europa Central, principalmente de modelos góticos de França, da escola de Flandres do séc. XV, do “Quattrocento” renascentista Itálico e ainda do 1º quartel do séc. XVI da Dinamarca.

## 5. Bibliografia

- Apolinário, F. (2013). *A Ordem de Santiago: A Arte como manifestação de culto e cultura*. Tese de Mestrado Integrado em Teologia. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Teologia.
- Bolle, P. e Ascagni, P. (2001). *Rocco di Motpellier / Voghera e il suo santo: Documenti e testimonianze sulla nascita del culto di un santo tra i più amati della cristianità*. Voghera: Associazione Italiana San Rocco di Montpellier, Centro Studi Rocchiano - Comitato Internazionale, Voghera.
- Chevalier, J. e Gheerbrant, A. (1982). *Dictionnaire des Symboles: mythes, rêves, coutumes, couleurs, nombres*; “Perle”. Paris: Éditions Robert Laffont S.A. et Editions Jupiter.
- De Almeida, F. (1967-68). *História da Igreja em Portugal*, Vol. I, “desde D. Afonso Henriques a D. Dinis”. Porto: Livraria Civilização Editora.
- De Oliveira Marques, A. H. (1987). *A Sociedade Medieval Portuguesa*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.
- De Tejada, José F. (1975). “El Solar de Tejada: una incidência en Clavijo”. Revista *BERCEO*, nº 89, 217-226
- Escrivá, J. M. (1985). *Caminho*, Lisboa: Edições Prumo.
- Ferreira de Almeida, C. A. (1978). *Arquitectura Românica de Entre-Douro-e-Minho*, 2 vols., Dissertação de Doutoramento, Porto: Universidade do Porto.
- José Leite, S.J. (1985). *Santos de Cada Dia*, 3 Volumes. Braga: Editorial A.O. - Secretariado Nacional do Apostolado da Oração,
- ICOMOS (1993). *Le chemin de Saint-Jacques de Compostelle*, Communautés autonomes d'Aragon (Provinces de Huesca et Saragosse), de Navarre, la Rioja, Castille et Léon (Provinces de Burgos, Palencia et Léon) et de Galice (Provinces de Lugo et de La Coruna, Paris: ICOMOS.
- Lopes, F. e Correia, M. B. (2004). *Património arquitectónico e arqueológico/ cartas, recomendações e convenções internacionais*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Mattoso, J. (1992) *Portugal Medieval. Novas Interpretações*. Lousã: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

- Parente, J. (2014). Monumentos e outros testemunhos medievais. Em J. Parente (Ed.), *Idade Média no Distrito de Vila Real*, Tomo IV (pp. 84-86; pag. 168). Lisboa: Ancora Editora - Minerva Transmontana, Tipografia, Lda - Vila Real.
- Pijoan, J. (1972). A arte de Flandres durante o século XV. Em J. Pijoan (Ed.), in *História da Arte*, Vol. 5. Barcelona: Publicações Alfa.
- Quaresma, A. M. (2012). De Milícia de Cristo a Entidade Senhorial – Notas sobre a Ordem de Santiago de Espada no Litoral Alentejano. Em J. A. Falcão (dir.), *Santiago no caminho sob as estrelas. Santiago e a peregrinação a Compostela*, Vol. 1, (p. 75, pp. 80-83). Câmara Municipal de Santiago de Cacém – Departamento do património Histórico e Artístico da Diocese de Beja.
- Salavessa, Maria. E. (2004). A Construção Vernácula do Alvão. Vila Real: UTAD
- Santos, R. V. (2012). Introdução a Iconografia Jacobeia. Em J.A. Falcão (dir.), *Santiago no caminho sob as estrelas. Santiago e a peregrinação a Compostela*, (Vol. 1, pp. 62-63). Santiago do Cacém – Beja: Câmara Municipal de Santiago do Cacém – Departamento do património Histórico e Artístico da Diocese de Beja.
- Sereno, I. e Teixeira, R. (1994) / Noé, P. (2004).1994/2004 *Capela de S. Brás*, Vila Real, <http://www.monumentos.gov.pt>; *Igreja Paroquial de Mouçós / Igreja de São Salvador*, <http://www.monumentos.gov.pt> . Acesso o 12 de fevereiro de 2019.
- Sousa, F. e Gonçalves, S. (Ed.) (1987). Rellação de Villa Real e seo termo (1721). Vila Real: Arquivo Distrital de Vila Real / Câmara Municipal de Vila Real.
- Teixeira, R. (1999). *Igreja Paroquial de Folhadela / Igreja de São Tiago*, Vila Real, Folhadela. Online em <http://www.monumentos.pt>. Acesso o 12 de fevereiro de 2019.



# Capítulo 3

## A paisagem cultural sagrada no Caminho Português Interior de Santiago

**Maria Olinda Rodrigues Santana e Artur Alves**

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD)

Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento (CETRAD)

osantana@utad.pt

### 1. Introdução

No âmbito do projeto de investigação e desenvolvimento: “Patrimonio cultural de la Eurorregión Galicia-Norte de Portugal: Valoración e Innovación. GEOARPAD”, POCTEC 2017-2019, COMPETE 2020, União Europeia, Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional FCT Portugal 2020, designadamente do subprojeto: Caminho Português Interior de Santiago de Compostela, liderado por uma equipa de investigadores do Centro de Estudos Transdisciplinares Para o Desenvolvimento da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, foi pedida colaboração para a realização do inventário, estudo histórico e tipológico do património protegido e não protegido do CPIS com vista à integração do mesmo no WEBSIG de apoio ao planeamento e promoção da rota do CPIS.

Metodologicamente, procedeu-se à contextualização da paisagem cultural sagrada, articulada com as paisagens culturais de montanha e vinhateira, uma vez que no espaço físico do CPIS se encontram na mesma paisagem marcas dos rituais agrários característicos dessas paisagens simbólicas. Num segundo momento, realizou-se uma revisão da literatura científica sobre o património jacobeu e cultural da rota. Num terceiro momento, estabeleceu-se uma tipo-

logia para o património protegido e não protegido. Dos primeiros bens inventariamos e classificamos na tipologia proposta 100 elementos culturais e dos segundos 685.

Todos esses bens foram incluídos, como “pontos de interesse”, no WEBSIG do CPIS acompanhados de informações históricas, geográficas e de georreferenciação, permitindo ao peregrino preparar a sua viagem ao pormenor. Neste texto, apresentamos os resultados da nossa colaboração no citado projeto. Num primeiro momento, foi necessário proceder a uma alargada pesquisa documental sobre a paisagem cultural sagrada, identificando as marcas simbólicas das diferentes práticas culturais ligadas à sacralidade e, em particular, ao património jacobeu, uma vez que se tratou de estudar uma rota de peregrinação jacobea. Inventariamos, igualmente, muitos outros elementos patrimoniais materializados na paisagem simbólica do CPIS, porque os espaços físicos desse percurso memorizam elementos do sagrado cristalizados na paisagem cultural sagrada, mas também símbolos dos rituais agrários da paisagem cultural de montanha, designadamente nos concelhos de Viseu, Castro Daire, Vila Pouca de Aguiar, e, ainda, indícios dos rituais associados ao cultivo da vinha e à produção do vinho na paisagem cultural vinhateira, património da UNESCO, nos concelhos de Lamego, Régua, Santa Marta de Penaguião e Vila Real. Os bens patrimoniais representativos do cultivo da terra nas zonas de montanha e no Alto Douro Vinhateiro apresentam especificidades culturais, coexistentes com os símbolos do sagrado.

Depois de estudarmos e seleccionarmos os bens do património protegido e não protegido do CPIS a incluir no WEBSIG, traçamos uma tipologia para enquadrar todos os bens patrimoniais encontráveis na paisagem cultural sagrada da rota jacobea. Arrolamos 100 elementos do património protegido (classificado e em vias de classificação) e 685 bens do património não protegido (não classificado), sentidos pelas comunidades assentadas na mencionada rota como elementos patrimoniais a preservar. Todos esses bens (785) foram inseridos nos pontos de interesse da base de dados no WEBSIG<sup>1</sup>, acompanhados das principais informações históricas, geográficas e de georreferenciação, fornecidas através dos endereços eletrónicos do SIGA, que se encontra alojado na página da Direção-Geral do Património Cultural (DGPC), para os bens classificados e em vias de classificação. Os bens do património não protegido apresentam tão-só informes geográficos e de georreferenciação.

## 2. Caminho Português Interior de Santiago

As marcas da devoção ao culto de Santiago no Norte de Portugal são muito antigas, tal como defende José Marques, são muito anteriores ao processo de

---

1 Pelo bolseiro do projeto Artur Alves.

independência de Portugal (Marques, 1992, p. 100). Outros historiadores asseveraram que, em Portugal, as antigas vias romanas foram usadas, na Idade Média e na Idade Moderna, pelos peregrinos de Santiago inclusivamente por vários soberanos portugueses (Almeida & Almeida, 2011, p. 15).

No território do Caminho Interior de Santiago, as vias romanas que cruzavam Viseu, Lamego, Vila Real e Chaves foram, por certo, calcorreadas pelos peregrinos medievos a caminho de Santiago de Compostela. Essa ancestral rota tem atualmente a extensão total de 228,1 Km no território português cruzando oito municípios: Viseu, Castro Daire, Lamego, Peso da Régua, Santa Marta de Penaguião, Vila Real, Vila Pouca de Aguiar e Chaves, continuando até Santiago de Compostela.

O caminho percorrido em Portugal passa por mais duma centena de freguesias (129), incluindo centros históricos de várias cidades, atravessando montanhas (Montemuro) em Castro Daire, passando pelo coração do Alto Douro Vinhateiro, Património da Humanidade classificado pela UNESCO, nos concelhos de Lamego, Peso da Régua, Santa Marta de Penaguião e Vila Real, cruzando de novo montanhas em Vila Real (Alvão) em Vila Pouca de Aguiar (Padrela), chegando a Chaves e continuando para Espanha. Atente-se no mapa abaixo ilustrativo do percurso.



Figura 1: mapa do CPIS construído por Readytopub para Xerardo Pereiro

Depois duma breve contextualização do CPIS, trataremos, a seguir, de contextualizar a paisagem cultural sagrada no Caminho.

### 3. Paisagem cultural sagrada

A paisagem cultural, num sentido lato, segundo o Conselho Europeu da Paisagem (CEP), é qualquer fração de território vivenciado pela população aí fixada, cujas características resultem da “ação e interação” dos fatores humanos sobre os naturais (Cruz, 2018, p. 109), ou seja, a paisagem cultural procede da convivência contínua do homem com a terra habitada na diacronia. É exatamente a intervenção humana ao longo dos tempos que molda e conserva as particularidades naturais e culturais de cada território. Ademais, numa perspetiva antropológica, o espaço é “uma realidade material e uma representação, uma categoria, que ordena o heterogéneo e que produz sentido e significados através da atribuição de valores afetivos aos territórios” (Bernardo *et al.*, 2018, p. 25). Na verdade, toda a organização territorial é o resultado duma organização humana e social. “A morfologia social de um território integra materialidade, práticas sociais e representações culturais tingidas de memórias sociais (Bernardo *et al.*, 2018, p. 25), nas interpretações culturais acrescentadas pelo homem ficam memorizadas várias camadas de símbolos do sagrado das diferentes épocas. Uma vez que as comunidades humanas fixadas ao longo dos tempos nos territórios foram modelando paulatinamente a paisagem, adaptando-se às suas especificidades ambientais e acrescentando uma espessura social e cultural sobre o natural.

Embora as cronologias e os trilhos dos povos que sulcaram os territórios em análise ainda não estejam completamente estudados, é sabido que, no mundo rural europeu, o cristianismo se implantou a partir dos finais do século II (Resende, 2015, p. 357). A partir desse período os lugares sagrados, povoados de símbolos e índices das antigas religiões pré-romanas, ganharam novas marcas sobrepostas às existentes, tendo sido, muitos deles, transformados em lugares de culto cristão materializados em ermidas, santuários, cruzeiros, cruzes impostos pela igreja católica às populações.

Em cada lapso temporal, o homem escreveu ou apagou na paisagem símbolos de diferentes tipos (verbais, pictóricos, figurativos) indiciadores das suas crenças religiosas. Uma vez, esses sinais perduraram no tempo, outras vezes, por circunstâncias várias, foram destruídos.

Importa recordar que, no contexto europeu, a paisagem cultural está, desde tempos imemoriais, associada ao mundo rural, quer ligado às atividades agro-pastoris, criadoras de paisagens culturais de montanha, quer estribado nas atividades agrícolas relacionadas com o cultivo da vinha e doutros produtos agrícolas mediterrânicos (oliveira, amendoeira, figueira), originando, por exemplo, uma paisagem cultural vinhateira.

No território sob escopo, a colonização agrária manifestou-se, ao longo dos

tempos, nas atividades do cultivo da terra, na pastorícia, na exploração florestal, essencialmente, nas paisagens culturais de montanha, noutras diversificou-se um pouco mais, porque foi preciso lutar com a natureza para a domar, transfigurando as montanhas em “jardins suspensos”, como aconteceu no Alto Douro Vinhateiro.

No percurso do Caminho Português Interior de Santiago, encontramos comunidades herdeiras das tradições e costumes ancestrais característicos da montanha nos concelhos de Viseu, Castro Daire, Vila Pouca de Aguiar, que criaram, na duração, uma paisagem cultural de montanha, designadamente, nas serras do Montemuro, Alvão e Padrela, deparamos ainda com comunidades firmadas numa paisagem cultural vinhateira, no consagrado Alto Douro Vinhateiro, nos concelhos de Lamego, Peso da Régua, Santa Marta de Penaguião. O concelho de Vila Real tem algumas povoações inseridas no Alto Douro Vinhateiro e outras na serra do Alvão, ou seja, nos dois tipos de paisagens culturais.

Podemos constatar pelos tipos de património protegido e não protegido encontrados nos territórios em análise que as comunidades estabelecidas no interior do país foram adaptando os seus modos de vida rurais, agropastoris ou vinhateiros às especificidades naturais, climáticas, edafológicas, orográficas, hidrográficas dos seus territórios. Umhas populações, dada a rudeza do relevo (montanha), a aspereza do clima e a consequente escassez de recursos, fizeram menos intervenções materiais no meio físico, em particular, as comunidades da montanha, tornando-se, obviamente, mais conservadoras do ponto de vista do edificado e da transformação da paisagem natural. Outros grupos populacionais, nomeadamente, os situados nas margens do rio Douro e seus afluentes, foram mais arrojados, pelejaram duramente na metamorfose dos seus territórios, arquitetando espaços singulares: a paisagem vinhateira do Alto Douro. A este propósito, Alves Redol, o escritor neorrealista que mais romances escreveu sobre o Douro, exaltou o gigantismo dos durienses, ao considerar que o vinho do Porto era “um sol engarrafado”, graças ao “preço das tragédias e heroísmos” que os “Durienses” tiveram de viver “para criar esse sol – fazer um astro com as mãos é tarefa de gigantes” (Redol, 2015, s. p.). A bravura dos durienses estribou-se, com frequência, numa fervorosa religiosidade esculpida na paisagem cultural vinhateira e na paisagem cultural sagrada. Assim sendo, as paisagens culturais foram guardando, simultaneamente, memórias das ancestrais práticas agrícolas e memórias da sacralidade nos diversos espaços habitados pelo homem. Os testemunhos das paisagens agrárias de montanha e vinhateira convivem com os testemunhos das marcas do sagrado implantados nos territórios.

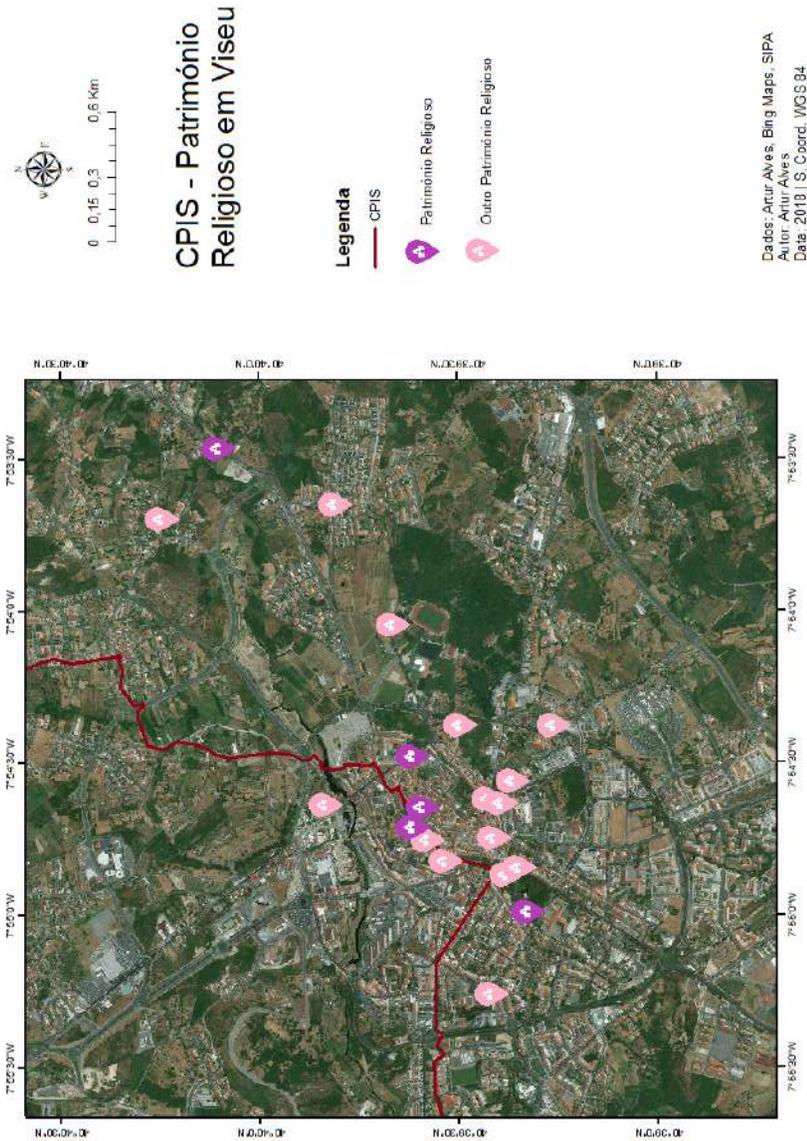
Na rota de peregrinação do CPIS, os sinais do sagrado são abundantes um pouco por todo o espaço: nos núcleos populacionais, nas vias de comunicação,

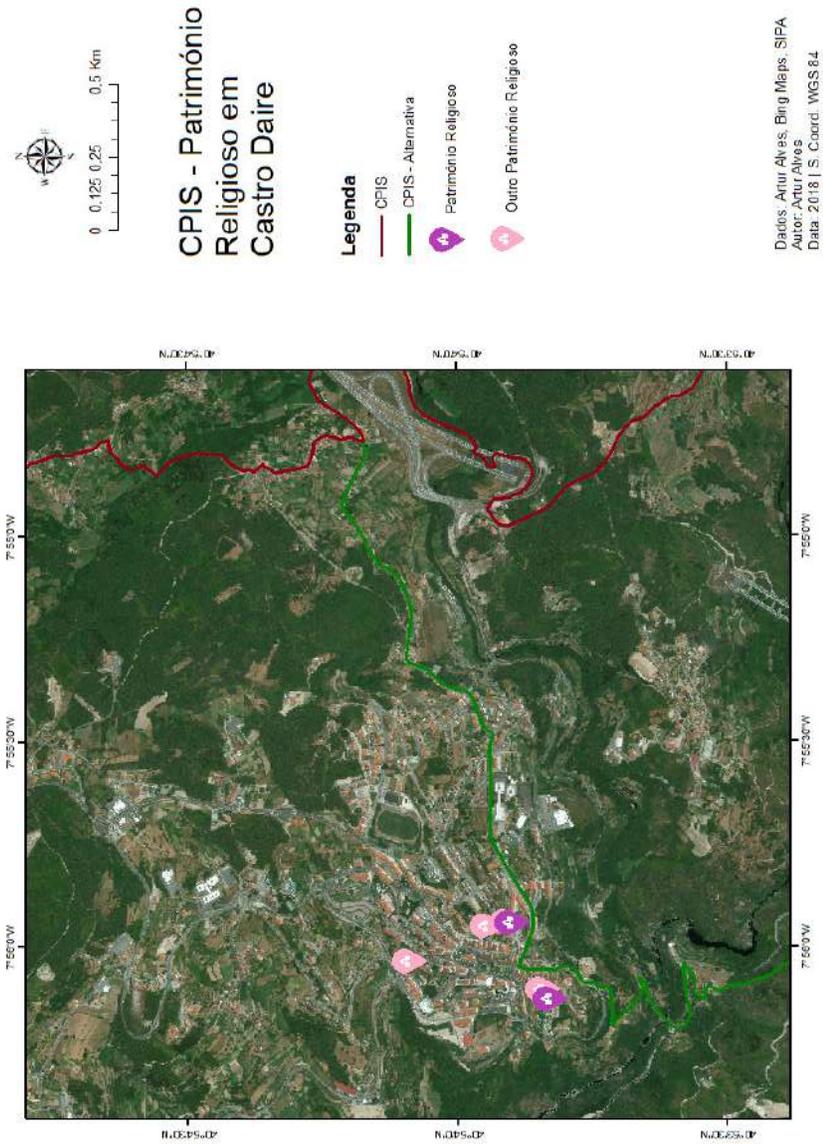
nos espaços comunitários, nos espaços abertos dos campos, das vinhas, das linhas de água, entre outros. Essas marcas simbólicas da sacralidade estão em grande parte presentificadas no património religioso classificado ou em vias de classificação, isto é, no património protegido, mas também existem muitos outros índices do sagrado não protegidos que foram acrescentados às paisagens de montanha e vinhateira pelas populações e por pessoas anónimas ao longo dos tempos. Dos primeiros, surgem, por exemplo, os bens culturais religiosos, como: as sés, as igrejas matrizes, os monumentos com maior dimensão, assentados em lugares públicos de destaque erigidos pelos agentes do poder (igreja, nobreza, burguesia). Subsistem, no entanto, muitos outros símbolos devedores da religiosidade popular, com especial significado para as comunidades rurais, associados às linhas da água (nascentes, fontes, ribeiros, rios) e às formas da terra (elevações, depressões). Esses sinais são, a título ilustrativo, as ermidas nos cimos dos montes, as cruzes e cruzeiros nos caminhos e nos campos, os nichos, as alminhas, os ex-votos colocados um pouco por todo o lado. Estes últimos índices religiosos continuam, constantemente, a ser acrescentadas às paisagens quer em meio rural quer em meio urbano. Referimo-nos, em concreto, aos signos religiosos ligados ao ciclo da vida (nascimento, crescimento e morte), tais como: as alminhas, as cruzes de homem morto, as cruzes de proteção nas entradas das casas, nos campos, vestígios religiosos tão frequentes no território português. A todos os lugares e objetos simbólicos do sagrado estão veiculadas narrativas de natureza histórica, religiosa, artística, lúdica (Cruz, 2018, p. 111) e muitas ainda estão preservadas nalgumas comunidades do CPIS.

Essas outras inúmeras marcas simbólicas fazem parte do património não protegido, pois são construídas, na maior parte das vezes, por pequenos grupos ou até por gente anónima. As centenas de elementos culturais arrolados no património não protegido têm, por vezes, uma proveniência popular, comunitária e identitária.

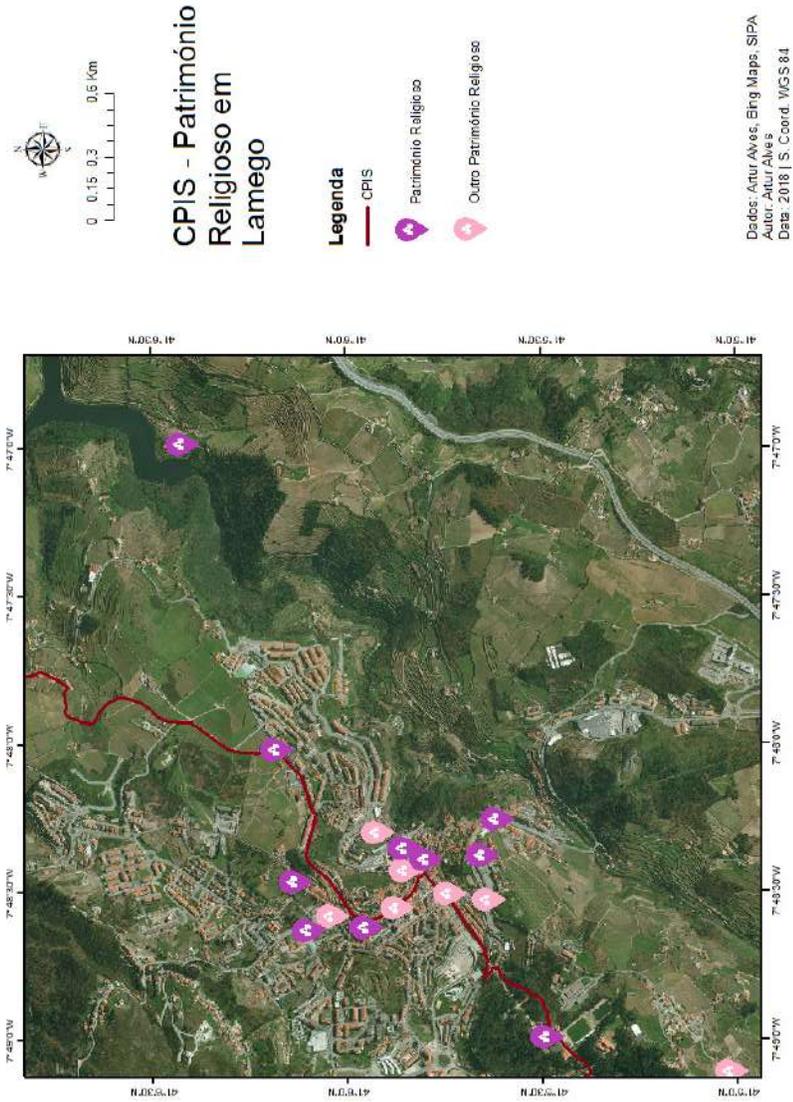
Para visualizarmos a forte presença do sagrado nos concelhos do CPIS, fornecemos, de seguida, oito mapas, referentes aos oito concelhos, extraídos do WEBSIG, com a localização do património religioso protegido e não protegido existente na rota de turíperegrinação.

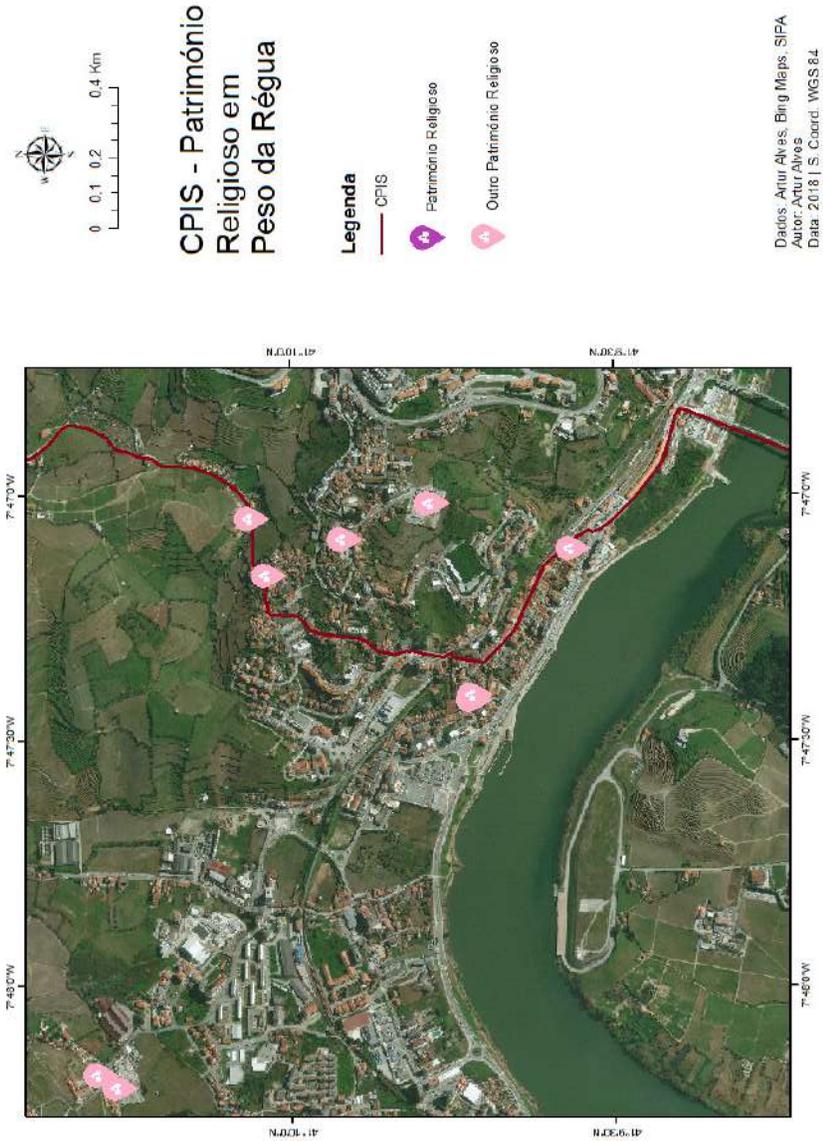
A observação dos mapas permite verificar a quantidade de índices do sagrado conservados, nestes territórios, na duração. São bens culturais do património religioso protegido (classificado ou em vias de classificação) e do património religioso não protegido, construído e salvaguardado pelas populações dos citados concelhos. Para visualizarmos mais facilmente o volume dos símbolos religiosos na paisagem cultural sagrada da rota do CPIS, fizemos um pequeno quadro elucidativo com os dados quantitativos.

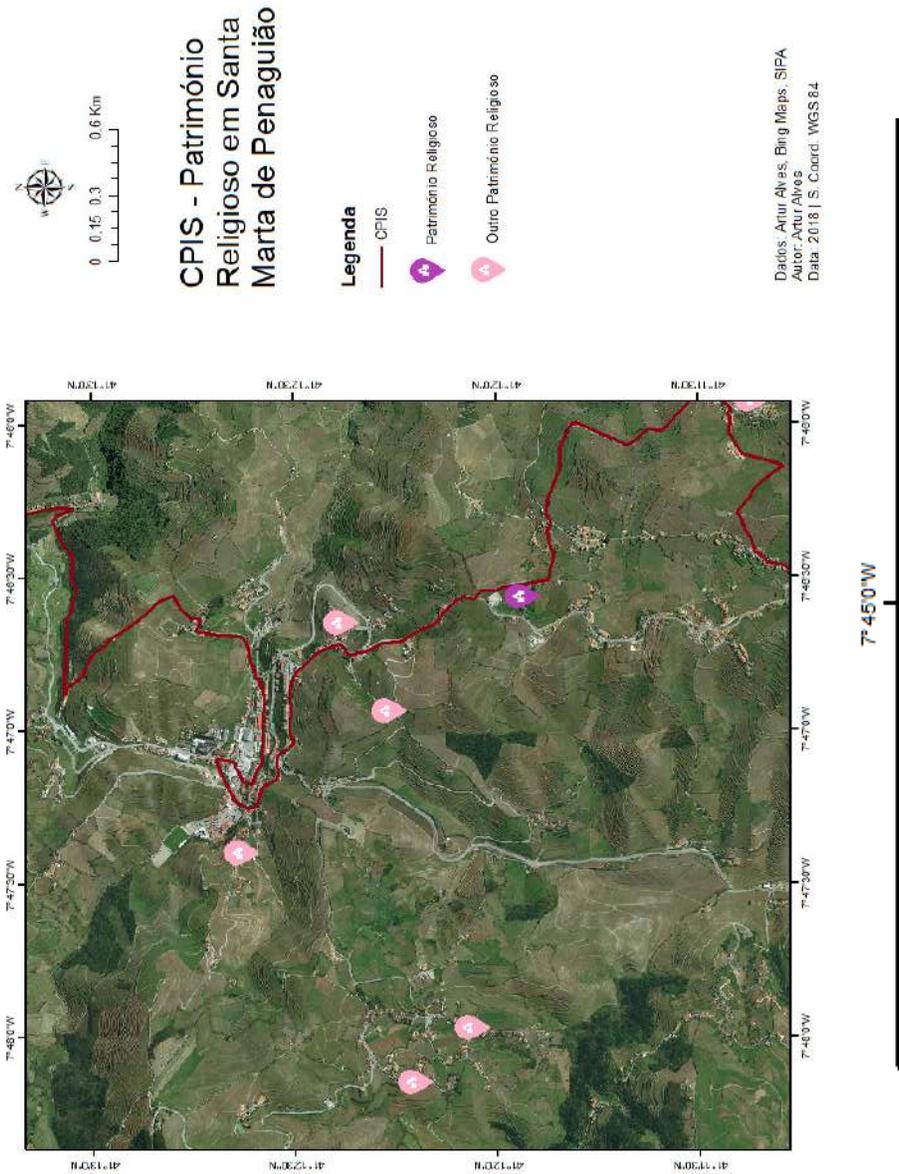


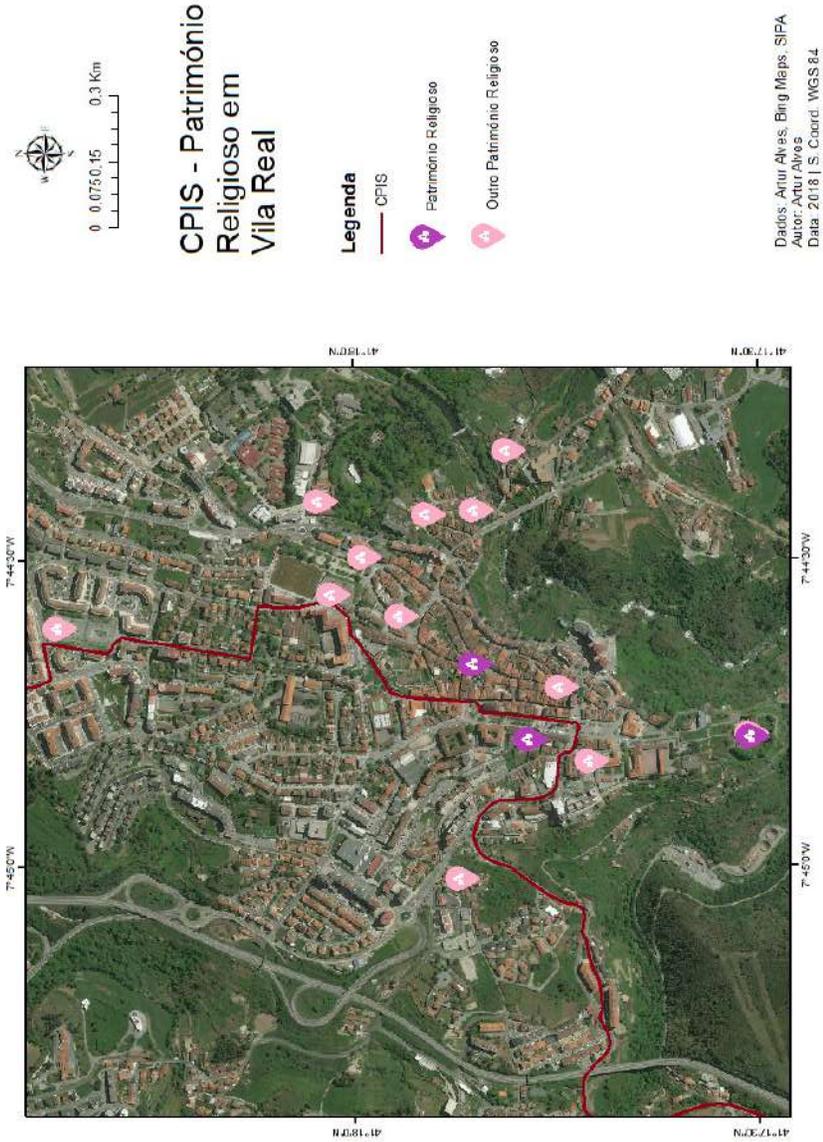


Mapa 2: Património Religioso Castro Daire, autor Artur Alves

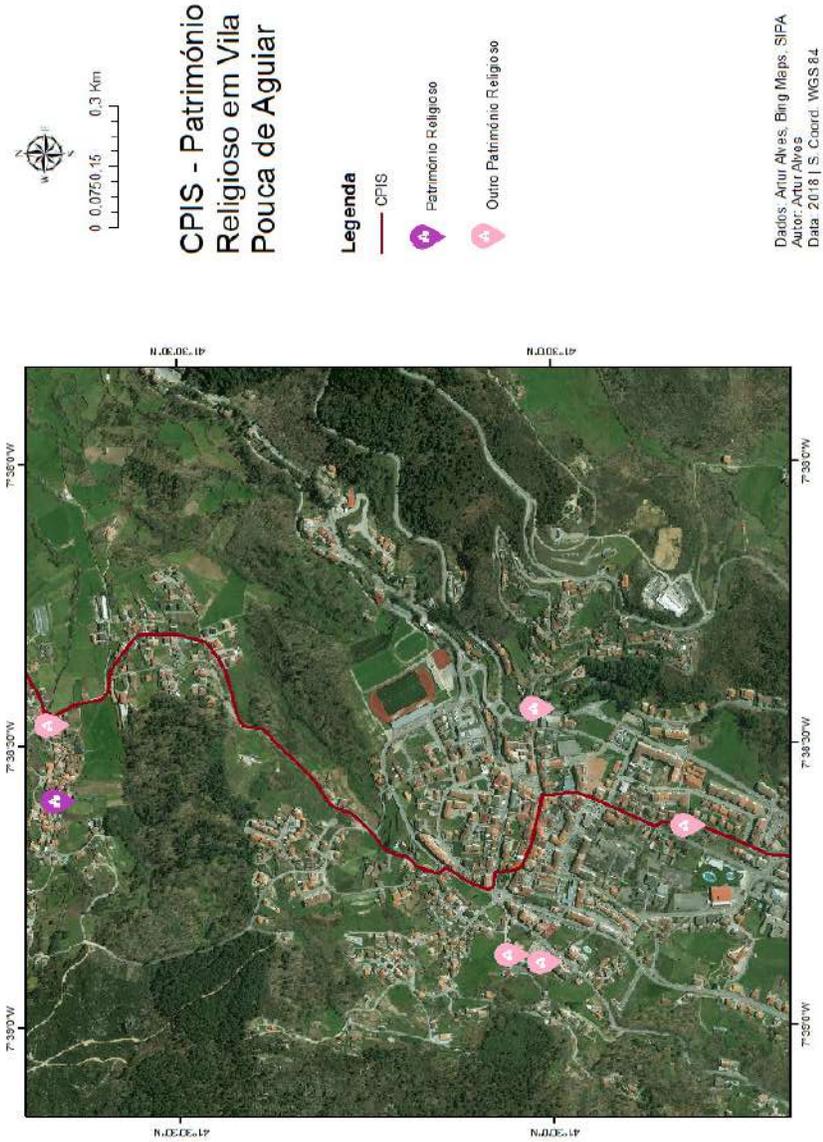


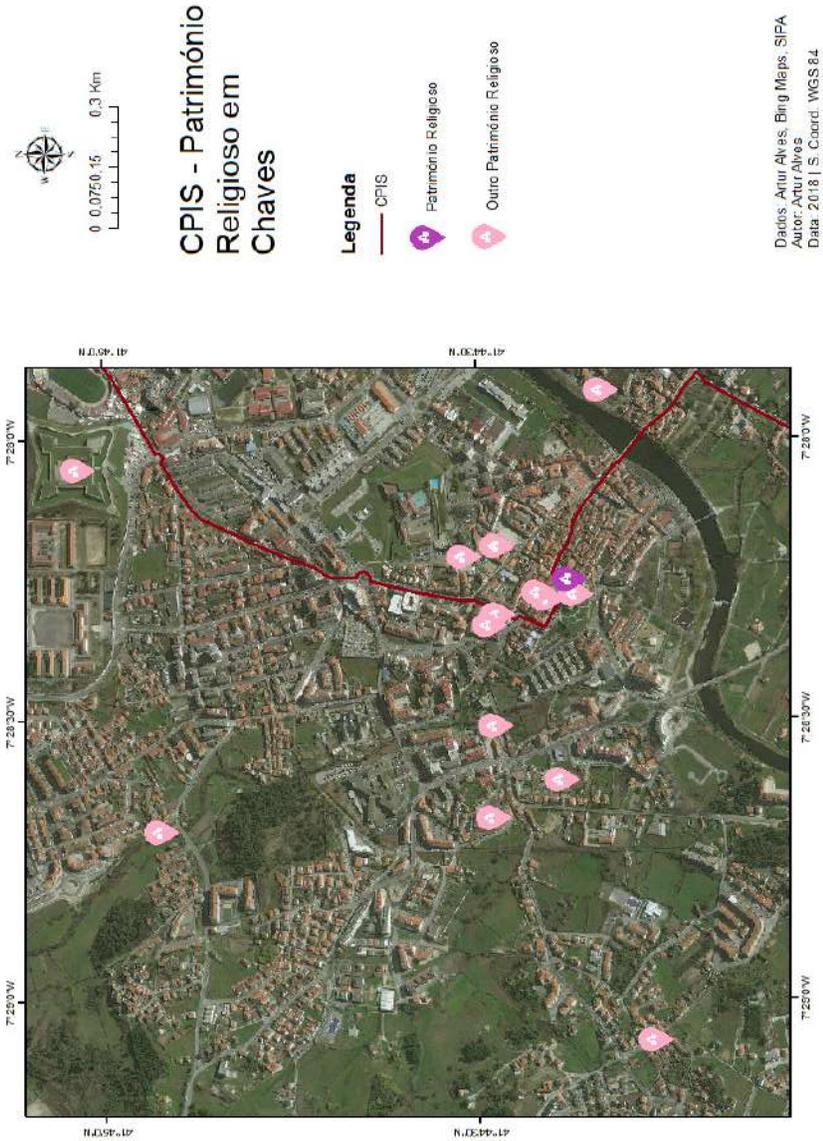






Mapa 6: Património Religioso Vila Real, autor Artur Alves





Mapa 8: Património Religioso Chaves, autor Artur Alves

Quadro 1: quantitativo dos bens patrimoniais religiosos do CPIS: elaboração própria

Concelhos	Património religioso classificado / protegido	Outro Património religioso não classificado / não protegido	Total de bens do património religioso
Viseu	5	15	20
Castro Daire	2	4	6
Lamego	10	7	17
Régua	0	8	8
Santa Marta de Penaguião	1	5	6
Vila Real	3	12	15
Vila Pouca	1	5	6
Chaves	1	14	15
Total	23	70	93

São 93 os bens patrimoniais religiosos visitáveis na rota de turiperegrinação CPIS. Todavia, convém notar que este grupo significativo de elementos religiosos integra-se num universo muito maior de quase oito centenas de bens patrimoniais (protegidos e não protegidos).

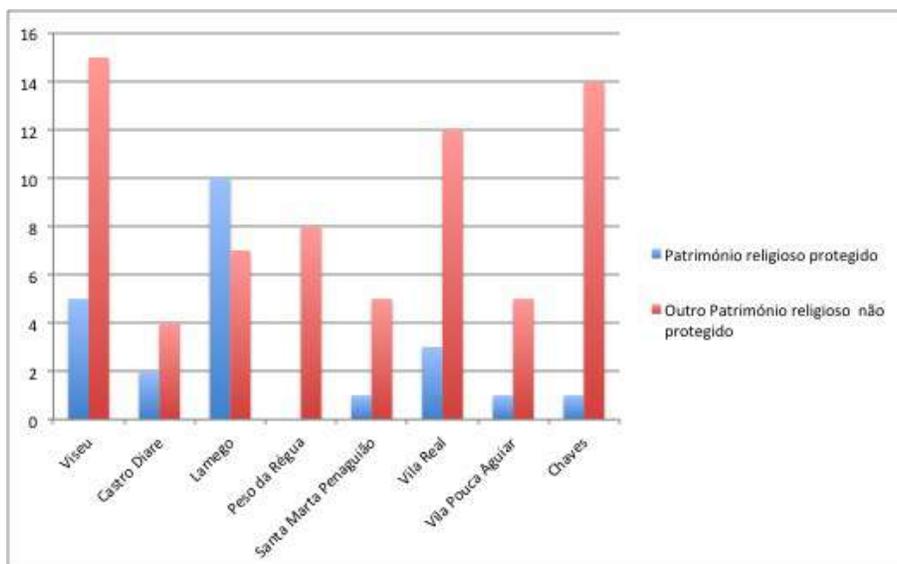


Gráfico 1: Tipos de património cultural religioso do CPIS

## 4. Proposta tipológica

Para enquadrarmos os 785 elementos culturais no WEWSIG, foi necessário escolher uma tipologia simples e operatória, para não sobrecarregar com muitas subcategorias a base de dados. Neste sentido, os 100 itens do património classificado ou em vias de classificação foram arrumado em seis grandes categorias: património religioso, património civil, património militar, património arqueológico, património mundial da Unesco e património vernacular.

Todos os bens do património protegido foram inseridos na base de dados do WEWSIG acompanhados das informações históricas, geográficas e de georreferenciação dos endereços eletrónicos do SIGA, que se encontram na página da Direção-Geral do Património Cultural (DGPC) no endereço<sup>2</sup>.

No património religioso protegido, inserimos, por exemplo, as sés dos centros históricos das várias cidades (Viseu, Lamego, Vila Real), as igrejas, os conventos, os mosteiros, as capelas, as ermidas, os cruzeiros classificados ou em vias de classificação.

No património civil, considerámos os palácios, as casas nobres, os solares, as pontes, as fontes, a rede viária classificados ou em vias de classificação.

No património militar, incluímos as torres, os castelos, as muralhas igualmente classificados ou em vias de classificação.

No património arqueológico, integramos, a título de exemplo, as antas, castros, cavas, as pedras escritas, os abrigos rupestres, entre outros.

No património mundial da Unesco (Alto Douro Vinhateiro), incluímos os lagares, as lagaretas cavadas na rocha, os marcos pombalinos, classificados ou em vias de classificação.

No património vernacular, encaixámos alguns elementos em vias de classificação como: os fojos (o Fojo do Lobo - Samardã), as alcarias (alcaria de Mazes), entre outros.

Para o património não protegido do CPIS, os 685 bens sentidos pelas populações como património significativo nos seus contextos vivenciais, procedemos, igualmente, ou seu enquadramento nas seguintes classes: outro património religioso, outro património civil, outro património militar, outro património vernacular. Para estes bens não protegidos, não foram aduzidas informações históricas, pois não constam do SIPA da Direção-Geral do Património Cultural Imóvel.

---

<sup>2</sup> Internet. Disponível em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt> (acedido janeiro, 5, 2018).

Quanto aos bens enquadrados no outro património religioso são, sobretudo, edifícios construídos por iniciativa popular, por exemplo, ermidas, cruzeiros, cruzes, no fundo, manifestações do sagrado memorizadas pelas comunidades e famílias nos seus habitats.

No outro património civil, incluímos inúmeros edifícios construídos maioritariamente, nos séculos XIX e XX, muitos pertencentes a movimentos arquitetónicos, tais como: a Arte Nova, a Escola Moderna do Porto, em outros. A título elucidativo, introduzimos o Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso, em Chaves, porque é uma obra arquitetónica da autoria do arquiteto Álvaro Siza Vieira (Prémio Pritzker) e fica na rota do CPIS.

No outro património arqueológico, inserimos vários vestígios arqueológicos interessantes que não estão classificados nem em vias de classificação, tais como: calçadas romanas, termas romanas.

No outro património vernacular, integrámos muitas construções populares ainda encontráveis nos meios rurais: espigueiros / canastros, eiras, lagares, moinhos, poldrados, pombais, construções que não são património protegido.

A variedade, quantidade e qualidade de elementos patrimoniais não protegidos é enorme (685). Este acervo patrimonial merece atenção, pois tratando-se dum património histórico representativo da evolução histórico-cultural das comunidades dos oito concelhos, e, não tendo qualquer tipo de salvaguarda, pode ser destruído a qualquer momento sem intervenção do Estado, até porque a maior parte deste património é privado ou de pequenos grupos comunitários, dependendo exclusivamente da vontade destes mantê-los ou destruí-los.

Deve o poder local zelar pela defesa deste património identitário das pequenas comunidades do Interior do país, aproveitando esses recursos patrimoniais, em vias de extinção ou já extintos em muitos lugares, para fortalecer a atratividade dos seus territórios.

## **5. Considerações finais**

Neste texto, damos conta, tão só, do trabalho realizado em equipa para a construção do WEGSIG de apoio ao planeamento e promoção da rota turipegrinação do CPIS.

Começamos por contextualizar a paisagem cultural sagrada em articulação com as paisagens de montanha e vinhateira existentes da rota jacobea em questão. Realizámos uma revisão da bibliografia histórica sobre a rota jacobea para conseguirmos inventariar todos os bens patrimoniais classificados e em

vias de classificação, bem como todos os bens patrimoniais não protegidos, num total de 785 bens. Propusemos uma tipologia abrangente que foi aplicada aos cerca de oitocentos elementos culturais incluídos no WEGSIG.

A pesquisa efetuada mostrou-nos que a preservação da paisagem cultural sagrada vinculada à ruralidade pode trazer desenvolvimento sustentado às comunidades dos oito concelhos do Interior do país.

Se os oito municípios alocassem e disponibilizassem nas suas páginas o WEGSIG poderiam aumentar a atratividade turística da rota turiperegrinação e simultaneamente a dos seus territórios. Uma vez que os turiperegrinos em qualquer parte do mundo podem aceder ao WEGSIG e preparar comodamente os seus roteiros de peregrinação, de acordo com os seus interesses pessoais, paisagísticos, religiosos, arquitetónicos, artísticos ou outros.

## &. Bibliografia

- Almeida, C. A. Brochado de & Almeida, P. M. Brochado de (2011). *Caminhos Portugueses de Peregrinação. O Caminho do Litoral para Santiago*. Maia: ISMAI - CEDTUR – CETRAD.
- Alves, Sandra Maria Pereira Paiva (2011). *A Antevisão do Peregrino na Iconografia de São Tiago no Caminho Português de Santiago entre Viseu e Chaves: Subsídios para a criação de uma rota turística*. Viseu: Universidade Católica Portuguesa, Centro Regional das Beiras, Departamento de Letras. Volume I. Mestrado em Turismo e Património.
- Bento, R. (2018). WEBSIG do CPIS. Disponível em <https://cpis.utad.pt> (acedido janeiro, 5, 2019).
- Bernardo, E. (coord.); Rodrigues, Vítor; Belo, Miguel; Bento, R.; Jorge, Filipa; Losada, Nieves; Pereiro, Xerardo. (2018). *Para um enfoque territorial do turismo no Douro*. ed. 21ª, 1 vol. La Laguna (Tenerife) - Espanha: PASOS. Disponível em <http://www.pasosonline.org/Publicados/pasosedita/PSEedita21.pdf> (acedido janeiro 5).
- Cárdenas, R. M. (coord.) (2011). *Turismo Espiritual: una alternativa de desarrollo para las poblaciones*. (S.l.): Universidad de Guadalajara.
- Cruz, P. J. S. (2018). La memoria del paisaje. Marcas sagradas en el paisaje simbólico de la región Duero-Douro. *Lugares e territórios: património, turismo sustentável, coesão territorial*, (33), 107-126.
- Eliade, M. (2016). *O sagrado e o profano*. Lisboa: Relógio d' Água.
- Lopes, F. (coord.) (1993). *Património Arquitectónico e Arqueológico Classificado: Distrito de Viseu*. Lisboa: IPPAR/Secretaria de Estado da Cultura.
- Lopes, F. (coord.) (1993). *Património Arquitectónico e Arqueológico Classificado: Distrito de Vila Real*. Lisboa: IPPAR /Secretaria de Estado da Cultura.

- Marques, J. (1992). O culto de S. Tiago no Norte de Portugal. *Lusitania Sacra*, 2.<sup>a</sup> série, 4, 99-148.
- Parente, J. (2014). *Idade Média no Distrito de Vila Real: monumentos e outros testemunhos medievais*. Lisboa: Âncora Editora.
- Pereiro, X. (2017). Turiperegrinos portugueses no Caminho Português Interior de Santiago de Compostela. *Revista Turismo e Desenvolvimento*, 27/28, 413-423. Disponível em: <http://revistas.ua.pt/index.php/rtd/article/view/6816/5325> (acedido janeiro 5).
- Pereiro, X. & Fernandes, F. (2018). *Antropologia e turismo. Teorias, métodos, praxis*. La Laguna (Tenerife): PASOS. Disponível em <http://www.pasosonline.org/en/collections/pasos-edits/151-numero-20-antropologia-e-turismo>. (acedido janeiro 5).
- Pereiro, X. (2019). Turismo y peregrinación, dos caras de la misma moneda: El Camino Portugués Interior de Santiago de Compostela. *Cuadernos de Turismo* vol. , nº , pp. (em processo de publicação). Disponível em: <http://revistas.um.es/turismo>. (acedido janeiro 5).
- Redol, A. (2015). *Horizonte Cerrado: Ciclo Port-Wine*. (5.<sup>a</sup> edição). Lisboa: Editorial Caminho, SA.
- Resende, N. (2015). *Cales: a pedra e a palavra: propostas para uma análise do nascimento e percurso histórico de um santuário*. *Douro - Vinho, História e Património - Wine, History and Heritage*, n.º 4, 351-374.
- Sousa, J..R. (1989). *Pelourinhos do Distrito de Viseu*. Viseu: Edição do Autor.
- Teixeira, R. (1998). Elementos para o estudo da ocupação romana no Alto Douro: bacia hidrográfica dos rios Varosa e Balsemão. *Douro - Estudos & Documentos*, vol. III (5), (1.º), 11-28.
- Terrón, Á. G. & Portugal, J. (1995). *Caminhos Portugueses de Peregrinação a Santiago de Compostela. Itinerários Portugueses*, 223. Santiago de Compostela: Xunta da Galicia.



# Capítulo 4

## Perfil, motivações e experiências dos peregrinos do Caminho Português Interior de Santiago de Compostela

**Xerardo Pereiro e Carlos Gomes**

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD)  
Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento (CETRAD)  
xperez@utad.pt / cjgomes@utad.pt

### 1. Introdução: Que significa ser peregrino de Santiago?<sup>1</sup>

O antropólogo Joan Prat, num magnífico texto (Prat, 2011) escrito já durante a sua reforma e após ter completado a pé o caminho francês de Santiago de Compostela, interroga-se acerca dos motivos que induzem tanta gente a fazer os Caminhos de Santiago, que benefícios têm ou esperam ter? e o que se sente ao caminhar? Ou ao andar de bicicleta pelo Caminho? – introduziríamos nós a interrogação. A peregrinação a Santiago de Compostela é um fenómeno

---

1 Este texto é resultado do projeto de I&D “Património cultural da Euro-região Galiza-Norte de Portugal: Valorização e Inovação. GEOARPAD” Programa operativo EP - INTERREG V A Espanha - Portugal (POCTEP). Convocatória 1, Identificador 769- GEOARPAD (0358\_GEOARPAD\_1\_E), financiado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do Programa de Cooperação INTERREG V-A Espanha-Portugal 2014-2020 (POCTEP)”. Ver: <https://cpis.utad.pt/>. O texto foi escrito no âmbito da Bolsa de Licença Sabática de Xerardo Pereiro na Universidade de Santiago de Compostela (Departamento de Geografia, orientação do Prof. Dr. Rubén Lois González), financiada pela FCT com o código SFRH/BSAB/143053/2018.

histórico com raízes profundas na época medieval e que tem experienciado numerosas mudanças (cf. Mendes, 2009; Pereiro, 2019). Mas o certo é que desde meados dos anos 1980 produziu-se uma intensa revitalização e reinvenção do culto jacobeu e o número de peregrinos que chegam a Santiago tem aumentado exponencialmente até aos 327.378 no ano 2018 (fonte: Oficina do Peregrino da Catedral de Santiago, cf. <https://oficinadelperegrino.com/estadisticas/>). Chegam através de vários caminhos, mas especialmente pelo francês e os diferentes portugueses como mostram as quadros nº 1 e nº 2.

Quadro 1: Estatísticas oficiais de peregrinos a Santiago e distribuição por Caminhos em 2017

<b>CAMINHO</b>	<b>NÚMERO DE PEREGRINOS</b>	<b>%</b>
<b>Caminho Francês</b>	180.738	60,04%
<b>Caminho Português</b>	59.235	19,68%
<b>Caminho do Norte</b>	17.836	5,92%
<b>Caminho Primitivo</b>	13.684	4,55%
<b>Caminho Inglês</b>	11.321	3,76%
<b>Via da Plata</b>	9.138	3,04%
<b>Caminho Português da Costa</b>	6.630 + 581 +116	2,43%
<b>Caminho de Muxía - Fisterra</b>	665	0,22%
<b>Caminho de Inverno</b>	526 + 29	0,18%
<b>Outros caminhos</b>	537	0,17%
<b>Caminho Português Interior de Santiago de Compostela</b>	338	0,11%

Fonte: “Oficina” do peregrino da Catedral de Santiago de Compostela. Ver: <https://oficinadelperegrino.com/>

Em relação a 2017 e a anos anteriores, o que observamos no fenómeno da peregrinação a Santiago é uma diminuição percentual do número de peregrinos que percorrem o caminho francês, percebe-se o aumento do número de peregrinos noutros caminhos - especialmente os portugueses e a diversificação dos caminhos a Santiago - o que nos deve levar a considerar Caminhos e não Caminho.

Quadro nº 2: Estatísticas oficiais de peregrinos a Santiago e distribuição por Caminhos em 2018

<b>CAMINHO</b>	<b>NÚMERO DE PEREGRINOS</b>	<b>%</b>
<b>Caminho Francês</b>	186.199	56,88%
<b>Caminho Português</b>	67.822	20,72%
<b>Caminho do Norte</b>	19.040	5,82%
<b>Caminho Primitivo</b>	15.038	4,59%
<b>Caminho Inglês</b>	14.150	4,32%
<b>Caminho Português da Costa</b>	13.841	4,23%
<b>Via da Prata</b>	9.127	2,79%
<b>Caminho de Muxía-Fisterra</b>	1.131	0,35%
<b>Caminho de Inverno</b>	703	0,21%
<b>Outros caminhos</b>	326	0,10%
<b>Caminho Português Interior de Santiago de Compostela</b>	308	0,09%

Fonte: “Oficina” do peregrino da Catedral de Santiago de Compostela. Ver: <https://oficinadel-peregrino.com/>

Mas mais além dos números, as interrogações sobre a identidade dos peregrinos continuam a fazer sentido: quem são? Onde vão? Que percurso fazem? Que fazem no percurso? Qual a tecnologia social para a peregrinação? Assim, tentaremos dar resposta a estas questões a partir da revisão da literatura científica e da nossa análise às experiências dos peregrinos do Caminho Português Interior de Santiago (CPIS) –cf. <https://cpis.utad.pt/>), experiências estas que também temos vivenciado nós próprios no CPIS e que serão úteis não apenas como uma auto-antropologia, mas como antropologia reflexiva em diálogo com as experiências de outros peregrinos.

Segundo Pereiro (2019) as perspetivas teóricas das peregrinações são de quatro tipos:

- a) Funcionalistas (cf. Lisón Tolosana, 1992; Halbwachs, 2017). A peregrinação é vista como uma forma de coesão social, de purificação da alma e de conexão com o sagrado.

- b) Simbólico-performativos-rituais (Turner, 1974; Turner e Turner, 1978; Herrero Pérez, 1995; Clift e Clift, 1996; Álvarez Sousa, 1999; Carneiro, 2007;). A peregrinação é interpretada como uma inversão ritual liminar das estruturas sociais quotidianas, isto é, são experiências anti-estruturais com uma conexão com a tradição e o passado, e um castigo corporal como forma de salvação e de nascer de novo.
- c) Dialética. A peregrinação é um campo social heterogêneo e cheio de disputas, divisões sociais, discursos e sentidos em tensão (Morinis, 1984; 1992; Eade e Sallnow, 1991, 2000; 2013; Murray e Graham, 1997; Coleman e Eade, 2004). Ele não é uma categoria e estrutura fixa, porém dinâmica, cheia de confrontos entre o local e o global, a fé católica e as diversas espiritualidades, a solidariedade e os conflitos.
- d) Processual e transformadora (Graburn, 1977; 1983; 2001). A peregrinação é definida como uma experiência etnobiográfica de transformação pessoal espiritual que se alia ao turismo na contemporaneidade, criando experiências multidimensionais, polissêmicas e complexas. Ela é uma subcultura do turismo global. Assim, a peregrinação pode ser considerada também como um sistema terapêutico, sugerido por médicos psiquiatras aos seus pacientes, como forma de reordenar as vidas pessoais de cada um a caminhar em contato com a natureza (Ingold e Vergunst, 2008), com outros e com nós próprios numa viagem interior.

Neste quadro de olhares teóricos sobre as peregrinações, na peregrinação a Santiago de Compostela, Santiago é a meta e o objetivo, mas hoje em dia o próprio caminho tornou-se uma meta. Caminhar significa literalmente deslocar-se a pé de um lugar a outro numa espécie de prática de nomadismo corporal humano que envolve uma multiplicidade de motivações na mesma pessoa. A peregrinação integra corpos em movimento que utilizam elementos tal como a mochila como uma espécie de tecnologia de liberdade (cf. Martín-Cabello et al., 2017) que são apropriados e intensificados pelo Mercado (ex. Camper, Decathlon...) nesta época de capitalismo avançado.

Por outro lado, os Caminhos de Santiago de Compostela são hoje um símbolo da identidade cultural local, regional, nacional, estatal e europeia, algo para o qual contribuíram a TV, a rádio, o cinema ou a literatura (cf. a obra de autores como Goethe, Unamuno ou Otero Pedrayo). E os Caminhos de Santiago de Compostela são, de igual forma, um modelo de rota turístico-cultural internacional que é imitada um pouco por todo o mundo, num processo que o antropólogo Peter Jan Margry (2008) denomina de *caminonization* e que conduziu a uma substancial internacionalização dos Caminhos de Santiago (cf. Murray e Graham, 1997; Mendes, 2009; Pereiro, 2019).

Mas essa internacionalização, não está isenta de mundividências e interesses díspares. No caso dos Caminhos de Santiago encontramos quatro grandes narrativas em dialética: a) as da Igreja Católica: o Caminho como fé e Deus; b) as da Política, com base na identidade e o poder; c) as da Sociedade civil, baseadas nos patrimónios culturais e naturais; d) as do Mercado, que enfatizam o turismo, as rotas culturais e o desenvolvimento. Todas estas narrativas oscilam e jogam entre o religioso, o espiritual e o profano, o católico e o não católico, o religioso, o secular e o pós-secular (Blom, Nilsson e Santos, 2015).

Na mesma linha de discurso, Joan Prat (2011) encontrou três versões do Caminho:

- a) Uma versão pagã (“pagus” - terra, terrunho): aberta, laica e heterodoxa, cheia de energias telúricas e espirituais, uma ecosofia com grande importância da mãe natureza, da mudança interior da vida e do caminho como um “turning point”.
- b) Uma versão religiosa cristã e ortodoxa, que entende o Caminho como um sentido da vida cristã, caminho físico e virtual a Deus, de oração, meditação, dor corporal. O Caminho é uma via ascética, purificadora, para a salvação da alma.
- c) Uma versão mista, religiosa e espiritual, magia e fé, sacralidade e turismo; iniciação ritual, metamorfose franciscana e caminho interior.

Estas narrativas e versões discursivas ajudaram-nos a entender melhor as motivações, práticas sociais e sentidos da experiência peregrina no CPIS, não sem antes explicitar qual foi a nossa metodologia.

## 2. Metodologia turiperegrina

A metodologia que serve de base a este texto é a aplicação de um guião de entrevista a 50 peregrinos portugueses e estrangeiros que completaram o percurso do CPIS. As entrevistas foram realizadas entre 2016 e 2019 após o seu regresso a casa, isto é, num momento de pós-experiência turiperegrina no qual as memórias sociais foram partilhadas com os investigadores (cf. Galani-Moutafi, 1999; Pereiro y Gómez-Ullate, 2018). Muitas das entrevistas efetuaram-se através de correio eletrónico e também por intermédio de um formulário no Google, face à dificuldade de inquirir presencialmente os peregrinos de diferentes procedências. As entrevistas foram transcritas e analisadas de acordo com técnicas qualitativas de análise de conteúdo (cf. Bardin, 2003).

De forma complementar, e como base deste texto, temos realizado a pé durante os anos 2016, 2017 e 2018, nós próprios, o CPIS (Portugal) e alguns troços da Via da Prata (Galiza), identificando a rota, observando e participando na experiência peregrina, dialogando com hospitaleiros e habitantes locais,

e refletindo sobre os significados da experiência. Do mesmo modo, também temos organizado em Vila Real várias caminhadas coletivas no troço Vila Real – Escariz, nas quais participaram alunos, docentes e investigadores da UTAD, caminheiros e membros das comunidades locais que o Caminho atravessa, com quem dialogámos informalmente. Estes diálogos mantidos foram sendo registados posteriormente em sede de diário de campo. Estas caminhadas tiveram lugar em abril de 2017, maio e julho de 2018. Como especial contributo, à construção deste texto, contámos com o auxílio da equipa de investigadores do projeto Georpad (projeto piloto CPIS, cf. <https://cpis.utad.pt/>), e vários especialistas em peregrinações e turismo como Christian Kurrat, Rubén Lois González, Arlindo Cunha de Magalhães, Paulo Almeida Fernandes (2014; 2018), Cristina Sánchez-Carretero, e outros.

De seguida, vamos centrar-nos na análise das teorias vividas pelos peregrinos do CPIS, o que eles fazem, dizem que fazem e pensam que fazem. Iremos, ainda, sublinhar reflexivamente que mais do que aprender sobre os peregrinos, temos aprendido deles e com eles os complexos e profundos sentidos da vida humana e os seus caminhos.

### **3. Os caminhos da vida no CPIS: Bom Caminho!**

O título desta seção é inspirada num romance do geógrafo e literato galego Ramón Otero Pedraio (1928) intitulado “Os caminhos da vida”. E também numa das expressões mais mencionadas ao longo dos caminhos de Santiago, mesmo entre desconhecidos, “Bom Caminho”. Bom Caminho também é o título de um documentário da realizadora Maria Cerqueira (cf. <https://www.rtp.pt/play/p4231/e372395/linha-da-frente> ) emitido em novembro de 2018 pela RTP1, no qual se demonstra a polissemia e multidimensionalidade das experiências de peregrinação a Santiago de Compostela (cf. Mendel, 2013), a partir da visão portuguesa.

Nesta seção vamos realizar um exercício de caracterização do perfil social dos peregrinos do CPIS, não sendo, de todo, o nosso intuito a sobre generalização a partir deste caso de estudo. Não obstante o reduzido número de peregrinos que utilizam o CPIS - como vimos anteriormente -, consideramos a nossa amostra bastante representativa e ponderada, para além de bem significativa, tendo em conta a produção de conhecimento a partir de uma abordagem mais interpretativa e etnobiográfica, como é o caso.

Entre os anos 2016 e 2019 entrevistámos muitos peregrinos, mas só 50 tinham feito o CPIS. Desse número 13 eram mulheres (26%) e 37 homens (74%); 32 peregrinos tinham estudos superiores, isto é, uns 64%, mas no grupo de entrevistados há peregrinos de todos os níveis de educação formal. Re-

lativamente às nacionalidades, 37 eram portugueses (74%) e 13 estrangeiros (26%), distribuídos da seguinte forma:

Quadro 3: Distribuição dos peregrinos do CPIS por nacionalidades

Portuguesa	37 (74%)
Espanhola	2
Brasileira	2
Alemã	2
Checa	2
Eslovaca	1
Irlandesa	1
Holandesa	1
Italiana	1
Russa	1
TOTAL	50

Fonte: Elaboração própria

As idades dos peregrinos do CPIS entrevistados oscilaram entre os 30 e 60 anos, isto é, adultos, enquanto o seu estado civil, este é o seguinte: 30 casados (60%), 14 solteiros (28%), 4 divorciados (8%) e 2 (4%) não sabemos. A sua orientação religiosa é a seguinte: 1 espiritual (2%), 2 cristãos (4%), 2 sem nenhuma (4%), 4 ateus (8%), 41 católicos (82%). Portanto há um predomínio dos católicos, mas não é exclusiva esta orientação religiosa. A maioria dos peregrinos da nossa amostra são portugueses e em Portugal a religião católica é de grande importância em todos os âmbitos sociais (cf. Sobral, 2012: 82). No entanto, destacamos, de igual forma, que há presença na nossa amostra de peregrinos ateus e com crenças espirituais, o que sem dúvida revela que o CPIS, já não é um caminho exclusivo de fé católica, mas sim um caminho que segue os três vetores expostos anteriormente por Joan Prat (2011): laicismo, religiosidade e espiritualidade.

Outro elemento importante do perfil dos peregrinos do CPIS é a sociabilidade, 41 peregrinos (82%) fizeram o caminho em grupo, com mais de duas pessoas, o que denota a importância da sociabilidade da experiência na companhia de outras pessoas. Contudo, contabilizam-se 9 peregrinos (18%), estrangeiros que fizeram o caminho sozinhos. Encontramos aqui uma clara diferença entre os peregrinos portugueses e os estrangeiros. Por um lado todos os peregrinos portugueses fizeram este caminho em grupo, mas entre os estrangeiros isso já não acontece, pois as motivações e práticas sociais são mais individualizadas.

É importante salientar a experiência prévia dos peregrinos. Muitos dos entrevistados repetiram a experiência de peregrinação neste ou noutros caminhos de Santiago, no de Fátima ou noutros de teor religioso. E a forma de peregrinar foi a seguinte: 13 peregrinos (26%) fizeram o CPIS de bicicleta e 37 a pé (74%). Viseu, Vila Real e Chaves são os principais pontos de saída destes peregrinos a caminho de Santiago. A duração do percurso é de entre 3 e 16 dias, respetivamente, sendo os “bicigrinos” (peregrinos que viajam em bicicleta) os que menos tempo demoram a chegar a Santiago. Salientamos, ainda, que já há quem faça o CPIS por etapas, fragmentadas ao longo do ano. Apenas 8 dos entrevistados (16%) manifestou que tinham levado um carro de apoio. Todos eles ficaram alojados em albergues de peregrinos instalados no caminho e também em alguns casos em residenciais e pensões.

A maioria dos entrevistados fez o caminho entre abril e setembro (primavera-verão), pela disponibilidade de tempo de férias e também por questões meteorológicas, pois é uma altura com nem com muito frio nem com muito calor dizem alguns deles: “O tempo é mais quente e os dias mais largos” (homem, 57 anos, maio de 2016); “Maio e junho, são os meses com os dias maiores. A natureza é fabulosa e enchemos o espírito” (homem, 59 anos, maio de 2016); “Nós costumamos ir ou em junho ou em setembro porque os dias são grandes, não são muito quentes e há muitos sítios no caminho de Santiago que não dá para fazer no Inverno por causa da neve” (casal, 53 e 54 anos, maio de 2016).

#### **4. As motivações turíperegrinas dos peregrinos do CPIS**

As motivações turísticas são sempre uma problemática complexa (cf. Pereiro e Fernandes, 2018). As motivações turísticas são as razões que levam uma pessoa ou grupo a viajar. Assim, as motivações, assumem-se como uma questão central na investigação turística, isto é: porque é que pessoas idênticas escolhem destinos turísticos diferentes? No processo de decisão turística intervem: a) atitudes: reflexo de valorizar positiva ou negativamente alguma coisa; b) perceções: impressões mentais do entorno turístico; c) personalidades: características psicológicas, gostos, preferências...; d) experiências prévias.

Mas as abordagens científicas das motivações turísticas, considerando também a experiência peregrina como um subtipo de experiência turística (cf. Pereiro e Fernandes, 2018), são as seguintes:

1. Economia: A escolha do turista é motivada pelo preço, o lucro e o benefício. Portanto é uma questão de custo-oportunidade.
2. História: As motivações da viagem foram mutáveis ao longo da história, por prazer na Antiga Roma, por motivações religiosas na Idade Média, educativos no tempo do “Grand Tour”, de relaxamento e re-

criação no século XX e XXI.

3. Psicologia: O seu centro foi a personalidade individual e a satisfação dos seus desejos e necessidades (motivações intrínsecas).
4. Sociologia e Antropologia: Destaque para a sociedade e o social como construtores de motivações, mais do que no individual, são motivações extrínsecas condicionadas social e culturalmente. A anomia social e a procura de “status” são apresentadas por estas ciências sociais como explicações centrais das motivações turísticas, entre outras.

Em jeito de sumário, as motivações turísticas obedecem a fatores intrínsecos (pessoais) e extrínsecos (estruturais e institucionais), a fatores de impulso interno e de atração externa que diferentes autores hierarquizam como mais ou menos importantes, determinantes ou condicionantes na experiência turística (cf. Pereiro e Fernandes, 2018).

Nesta seção vamos tratar de responder ao que leva os peregrinos a fazer os caminhos de Santiago e em particular a escolher o CPIS. Para responder a estas duas questões perguntamos diretamente aos intervenientes e os relatos que partilharam, mostram bem a diversidade e sentido das suas motivações. Falamos em motivações turíperegrinas porque na nossa perspetiva as motivações principais ligam as tradicionais e antigas motivações peregrinas com as motivações turísticas contemporâneas, e porque as motivações turísticas da peregrinação são multidimensionais. Ainda que já tenhamos abordado esta questão noutros trabalhos prévios (cf. Pereiro, 2017; Pereiro, 2019) a amostra de peregrinos que apresentamos neste trabalho é maior e mais diversificada em nacionalidades, pelo que representa um trabalho mais profundo e menos exploratório do que os anteriores. Iniciamos a nossa análise pelas motivações gerais para fazer o caminho e a peregrinação.

A primeira ideia com a qual ficamos após a nossa análise é a multiplicidade e multidimensionalidade das experiências peregrinas de Santiago, isto é, cada peregrino tem as suas próprias motivações e também diferentes formas de articular as diferentes dimensões das motivações, vejamos vários relatos das entrevistas:

*“Pilgrimage. I do these walks for religious reasons alone”* (homem, 54 anos, irlandês, 14-05-2018).

*“On foot. Beauty, tranquillity, mountains, challenge”* (mulher, 39 anos, russa, 23-11-2018).

*“Cultural motives... On foot, for is better because I like to do sports”* (homem, 27 anos, moçambicano, 23-11-2018).

*“Religiosos... Porque sou religiosa e faço peregrinações sempre que posso. Eu faço-o a pé”* (mulher, 30 anos, alemã, 23-11-2018).

- “O meu motivo era sobretudo religioso por ser escuteira, mas também foi porque os meus amigos também iam e ia ser uma experiência diferente para mim”* (mulher, 20 anos, portuguesa, maio 2016).
- “O Caminho Interior, liga-nos a nós que somos transmontanos e passa pelas nossas terras, nossas localidades, nossas gentes. Temos também a nossa gastronomia...isso tudo...enfim! É um caminho que nos apaixona. Depois a parte do território espanhol, é a parte da Galiza que está ligado a nós...e conseguimos fazer como um nosso 2º país-Um País Irmão!”* (homem, 70 anos, português, 25 de abril de 2016).
- “Para ser sincero, e apesar, de eu ser católico, fi-lo um bocado, por turismo e outro pelo facto de me poder sentir realizado espiritualmente, e penso que, é aqui que entra a parte da religião, no facto de nos sentirmos bem connosco próprios. É uma lufada de ar fresco, a chegada a Santiago.”* (homem, 45 anos, português, maio de 2016).
- “Fiz este caminho essencialmente por motivos culturais, pelo enriquecimento da experiência... Além de ser um caminho de fé, é um caminho de reflexão e de uma tamanha riqueza diversidade cultural que nos faz crescer ainda mais enquanto pessoas. O caminho também veio fortalecer as amizades do grupo...”* (homem, 40 anos, português 17-06-2016).
- “Sendo pertencente dos escuteiros, tínhamos várias motivações tais como culturais, religiosas e desportivas, sendo as religiosas as mais importantes”* (mulher, 20 anos, portuguesa, 16-04-2016).
- “Era um sonho pessoal, pois habituei-me a ver peregrinos no caminho e tive curiosidade de ver o que os movia e apaixonei-me pelo caminho e tudo que o envolve, prazer de caminhar, conhecer pessoas de várias nacionalidades, e trocar experiências”* (homem, 54 anos, português, 30-04-2016).
- “Faço por motivos espirituais, porque me sinto livre no Caminho, no entanto, é um momento de reflexão que nos faz pensar na vida e olhar de forma diferente para coisas que pensamos ser um grande obstáculo na nossa vida”* (mulher, 32 anos, portuguesa, maio de 2016).
- “Como referi anteriormente, apenas por aventura. Sou um amante do desporto, pelo que realizei o caminho a pé, também fruto de uma promessa que fiz a um amigo que faleceu (tom de voz altera-se, notando-se tristeza)”* (homem, 46 anos, português, maio de 2016).
- “Tomamos a decisão de fazer este caminho em primeiro lugar por motivos culturais, e por curiosidade em contactar com outros peregrinos que também fazem este caminho, permitindo assim uma troca de experiencias que se torna bastante enriquecedora. Nós optamos por fazer o caminho a pé uma vez que temos um grande gosto pela caminhada”* (mulher, 48 anos, portuguesa, 4-03-2016).
- “Tinha uma imagem pelos filmes e livros que li, em particular o livro e o filme “The Way”, e foi a partir daí que comecei a interessar-me pelos caminhos de Santiago”* (homem, 56 anos, português, 16-05-2016).

Estes testemunhos mostram a multidimensionalidade das motivações e ex-

periências peregrinas, que sumariamos na quadro 4, mas também diferentes formas pessoais e biográficas de integrar e articular uns tipos de motivações com outras.

Quadro 4: Quadro de motivações dos peregrinos a Santiago do CPIS

ESPIRITUALIDADE	RELIGIÃO	CULTURA	CURIOSIDADE	RECOMEN- DAÇÃO DE AMIGOS
IDENTIFICAÇÃO LOCAL	DIFERENÇAS COM OUTROS CAMINHOS	SOCIABILIDADE - AMIZADE -COM- MUNITAS	FUGIDA	DESPORTI- VAS
FÉRIAS	CONHECER OUTRA GEN- TE - AUTOCO- NHECIMENTO	CONTATAR COM A PAISAGEM E A NA- TUREZA	DESAFIO	INTIMIDADE NO CAMINHO
RE-MOTIVAÇÃO	AVENTURA	LAZER	MOTIVOS PRO- FISSIONAIS	REL A Ç Ã O ENTRE POR- TUGAL E GA- LIZA
PENSAR (paz e inter- valo para bem-estar)	REFLETIR	TERAPEÚTICOS - AUTOAJUDA	CIENTÍFICOS	AUTOREALI- ZAÇÃO

Fonte: Elaboração própria com base em entrevistas e trabalho de campo.

Uma questão associada à anterior, e que colocámos aos peregrinos do CPIS, foi obviamente, relativa aos motivos pelos quais escolheram o CPIS. Referimos, anteriormente, como o fenómeno da peregrinação jacobea a Santiago tem diversificado os seus caminhos e os seus pontos de saída, e queríamos saber de primeira mão quais as razões para escolher este caminho. Alguns dos testemunhos que dão resposta a esta questão e que queremos partilhar aqui pela sua significação, são os seguintes:

*“Em primeiro lugar, pelo facto de este ser, o mais próximo da minha residência. Em segundo lugar, porque dois dos meus colegas já o tinham feito, e assim, em caso de dúvidas/problemas, eles poderiam ajudar... Apesar, de ser uma altura quente, foi a única altura, em que tive férias laborais, por isso, teve mesmo de ser...!”* (homem, 45 anos, português, maio de 2016).  
*“Por decisão do grupo de escuteiros”* (mulher, 20 anos, portuguesa, maio de 2016).

*“Era um sonho pessoal, pois habituei-me a ver peregrinos no caminho e tive curiosidade de ver o que os movia e apaixonei-me pelo caminho e tudo que o envolve, prazer de caminhar, conhecer pessoas de várias nacionalidades, e trocar experiências”* (homem, 54 anos, português, 30-04-2016).

- “*Sim, já fiz uma peregrinação a Fátima. As maiores diferenças, para mim, são o facto de termos de passar pelas estradas, enquanto no caminho de Santiago temos sempre o caminho pelos montes e bosques, o que torna o caminho de Fátima mais perigoso*” (homem, 46 anos, português, 2-05-2016).
- “*Como era o caminho estatisticamente menos percorrido, decidi aventurarme (risos)*” (homem, 48 anos, português, maio de 2016)
- “*Este percurso foi escolhido por curiosidade, uma vez que já tínhamos feito também o caminho português do litoral, e queríamos desta forma ver as principais diferenças entre ambos, uma vez que este era muito mais recente e ao mesmo tempo desafiador*” (mulher, 48 anos, portuguesa, 4-03-2016).
- “*Porque passa na minha terra...*” (homem, 59 anos, português, maio de 2016).
- “*Científicos... Por ser menos conocido y estar menos transitado*” (mulher, 52 anos, galega, 23-11-2018).
- “*Length. I have only two weeks available*” (homem, 54 anos, irlandês, 14-05-2018).
- “*I always walk, as the original pilgrims did. The CPI, I found, was not well developed compared to the other Caminos I have completed (Francés; Português Central).*” (homem, 54 anos, irlandês, 14-05-2018).
- “*Walked Camino Portugues Central Santarem - Santiago, loved it, came back to Portugal to walk another route - CPI. Planning to walk other routes in Portugal in the future as well*” (mulher, 39 anos, russa, 23-11-2018).
- “*Desafio pessoal*” (homem, 44 anos, italiano, 23-11-2018).
- “*Já tinha feito os outros*” (homem, 42 anos, português, 23-11-2018).
- “*Promessa*” (homem, 32 anos, português, 23-11-2018).
- “*Porque fiquei interessado pelo trajeto e por ter feito outros caminhos na Espanha (Francês e do Norte) ... Percorrer um caminho passando por cidades de pequeno e médio porte e em zonas rurais. Foi um caminho bastante especial para mim pois sou filho de português e passei em Trás dos Montes região em que meu pai nasceu.*” (homem, 58 anos, brasileiro, 23-11-2018).
- “*Meu desejo era caminhar fora das rotas conhecidas, buscando mais a solidão. Gostaria de ter iniciado em tarouca (terra natal de meu pai), porém como não consegui informações por lá e temeroso de somente andar pela nacional, iniciei por lamego*” (homem, 47 anos, brasileiro, 23-11-2018).
- “*Was very tough. The weather was bad, I didn't meet anybody, caminho didn't seem to make any sense (up-down all the time, physically very demanding, remote areas). Sometimes albergues were badly maintained, I think also because this road is not often frequented*” (mulher, 37 anos, holandesa, 23-11-2018).

“*Because it were the closest route*” (mulher, 23 anos, portuguesa, 23-11-2018).

“*Because i already did the other one... On foot. by knowledge*” (homem, 68 anos, eslovaco, 14-11-2018).

“*Porque já fiz o caminho da costa e agora queria fazer o do interior*” (mulher, 30 anos, alemã, 23-11-2018).

De uma forma sumária, os motivos pelos quais os peregrinos escolhem o CPIS e não outros caminhos são estes:

- a) Curiosidade pessoal.
- b) Recomendação de amigos.
- c) Proximidade com o seu lugar de residência e identificação com ele.
- d) A diferença em relação a outros caminhos de Santiago.
- e) A possibilidade de convívio.
- f) Praticar desporto.
- g) Reforçar os laços de amizade.
- h) Científicos.
- i) Por ser menos conhecido e ter pouca gente.
- j) Desafio pessoal.
- k) Promessa.
- l) Descoberta das raízes familiares.
- m) Por poder estar em solidão.

Indo ao encontro ao que foi apontado por Christian Kurrat (2018), consideramos que as motivações dos peregrinos devem ser contextualizadas nos seus percursos biográficos para melhor as entender. É por isso que cada peregrino tem as suas próprias motivações para fazer o caminho. Podemos falar em motivações biográficas (Kurrat, 2018). No CPIS encontramos as seguintes motivações, que são condicionantes profundos da experiência peregrina:

- a) As de revisão da vida.
- b) As de situações de crise, em busca de possibilidades de superação para melhor enfrentar o futuro (ex. a morte de um familiar ou alguém íntimo).
- c) As dos que fazem um intervalo nos seus quotidianos profissionais e stressantes, para pensar as prioridades entre a sua vida profissional e pessoal.
- d) As motivações transitórias ou de iniciação, de alguém que está no término de um ciclo de vida e de passagem para outro ciclo de idade.
- e) Os que estão cansados da sua vida profissional e querem começar uma nova vida e criam um intervalo para reconstruir a sua identidade (cf. Lodge, 2001).
- f) Os que fazem férias no Caminho como forma de um lazer mais introspectivo, social e intercultural.

## 5. Que significa ser peregrino no CPIS? Ou “quem anda por gosto não cansa!”

Nesta seção da nossa análise apresentamos os significados da experiência peregrina ou turiperegrina (cf. Pereiro, 2017), segundo as óticas, no CPIS. O objetivo é conhecer os sentidos da experiência humana, sempre complexa, e tentar dar alguma luz sobre ela. Em primeiro lugar recorremos a alguns dos relatos que os peregrinos portugueses partilharam connosco:

*“Conhecer locais e pessoas novas”* (homem, 47 anos, português, maio de 2016).

*“Aprender mais sobre a história do caminho de Santiago de Compostela, como surgiu”* (homem, 47 anos, português, maio de 2016).

*“Um dos aspetos positivos foi o convívio com o meu grupo de caminhada e o único aspeto negativo que posso apontar era o calor e as dores musculares de caminhar muito”* (mulher, 20 anos, portuguesa, maio 2016).

*“Aprendi que podemos fazer coisas diferentes e ao mesmo tempo divertidas estando com um grupo de pessoas com diferentes idades e personalidades”* (mulher, 20 anos, portuguesa, maio de 2016).

*“Fiquei muito feliz após o percurso, porque este tipo de caminhadas para além de serem feitas em grupo, temos momentos dedicados só para nós e para os nossos pensamentos”* (mulher, 20 anos, portuguesa, maio de 2016).

*“Normalmente o ideal é fazer o caminho com 7, 8 pessoas. No caso de se querer levar por exemplo, um carro de apoio. É o ideal. Mas também gosto de fazer o Caminho sozinho. Porque conseguimos apreciar mais os aromas, os cheiros, a paisagem, enfim...!”* (homem, 70 anos, português, 25 de abril de 2016).

*“O Caminheiro, o peregrino de Santiago foge sempre dos hotéis, procuram sempre o albergue, porque para além de um ponto de reunião de todos os peregrinos, eles falam, comentam, brincam e fazem conversa...e estas partes são muito importantes”.* (homem, 70 anos, português, 25 de abril de 2016).

*“Sim e experiências. Fundamentalmente é a partilha, de água, do vinho, da comida, e tudo é interessante. As pessoas gostam de conhecer outras gastronomias, o que se faz na nossa zona, o que se faz nas zonas dele, o que há de bom. NUNCA deixamos de o que de melhor essa zona tem, da parte histórica sobretudo. Li uma parte que falava de um húngaro que todos os dias escrevia uns poemas, numa parede que pintava de branco: “Peregrino que força te move”. Só esta pergunta faz-nos sentir o que é o Caminho para Santiago...O que nos move não sei se é a parte da Fé, se é a parte religiosa, se é a parte histórica...se o que é!? Para mim é TUDO, é um conjunto de emoções. É uma viagem muito espiritual, é mais para dentro, mais interior, não se extravasa. Em Fátima É uma peregrinação*

totalmente diferente. São totalmente diferentes, não tem nada a ver uma coisa com a outra! A peregrinação de Santiago é como o apóstolo fazia, já é secular. Nossa Senhora de Fátima tem uma envolvimento quase só religiosa. Na minha ótica, que fiz mais de 30 vezes! Quando se faz o caminho torna-se necessário levar um pau, há quem chame um bastão que é o termo mais apropriado na peregrinação. Ajuda-nos nas subidas e descidas e pode dar para nos defendermos de um animal qualquer que possa, eventualmente atacar-nos. Ou para desviar umas “silvas” ou arbustos. O bastão é o nosso companheiro de viagem. Levo sempre uma vieira em forma de concha, ou a simbolizar uma espada. Botas e mochila, a última estava velha e queimei-a, mas vou arranjar outra, para continuar a fazer o caminho para Santiago” (homem, 70 anos, português, 25 de abril de 2016).

*“Quem realiza este caminho de alma e coração, acho que não pode apontar aspetos negativos. A sensação de liberdade da mente e corpo é indiscriminável”* (homem, 45 anos, português, maio de 2016).

*“Um dos locais por onde passei e que mais me marcou foi uma ponte perto de Santiago onde houve um acidente de comboio gravíssimo em 2013, aí vimos as memórias dos familiares e amigos das vítimas, isso fez-me refletir ainda mais sobre a viagem, nos já íamos com a alma cheia de coisas, e ao ver aquilo fez-nos pensar numa série de questões existenciais. Foi um choque antes de entrar no destino”* (homem, 40 anos, português, 17-06-2016).

*“É todo vivido tão intensamente que quando chegamos ao fim ficamos com um sentimento de vazio não pela experiência mas pela saudade que deixa e porque se quer viver todo de novo”* (homem, 40 anos, português, 17-06-2016).

*“...A nossa mochila é a nossa confidente, amiga, o nosso mundo. Nós apenas temos uma mochila. A mochila não representa só o que levamos, representa o que temos e o que podemos deixar...”* (homem, 52 anos, português, 9-05-2016).

*“E esta viagem é ótima para pensarmos mais sobre nós, qual a nossa missão e agradecer sempre a Deus por mais um dia! Cada dia é uma oportunidade, uma dádiva”* (homem, 52 anos, português, 9-05-2016).

*“Depois de ter feito a caminhada tornei-me uma pessoa mais ponderada, consigo agir de outra maneira, reajo moderadamente. Cresci muito a nível pessoal e espiritual, isto enriquece muito uma pessoa. Se numa viagem não conseguirmos fazer a viagem da cabeça ao coração está a viagem perdida. Quando chego a casa venho como novo. Os galegos usam muito esta expressão “sem dor não há glória”* (homem, 52 anos, português, 9-05-2016).

*“Comecei a dedicar-me mais ao culto do corpo como corrida e marcha e frequentei durante dois anos um ginásio local”* (homem, 55 anos, português, 25-04-2016)

- “Foi peregrinação pois o objetivo era chegar a Santiago de Compostela; foi turismo pois conheci vários lugares inesquecíveis e pessoas oriundas e vindas de vários países”* (mulher, 20 anos, portuguesa, 16-04-2016).
- “Aprende-se a viver em grupo”* (homem, português, 19-04-2016).
- “É um caminho que nos ajuda a nos reencontrarmos. O que é isso? Só fazendo o caminho se descobre. É como ser pai. Só depois de o ser é que sabemos o que é”* (homem, 35 anos, português, 6-05-2016).
- “Fátima, Sra. da Lapa, S. Macário, Sra. da Graça. Todas de Bicicleta. O Caminho de Santiago é diferente. Muito diferente. Mais místico”* (homem, 35 anos, português, 6-05-2016).
- “Acho que o caminho está bem sinalizado. O percurso é muito mais difícil do que o do litoral que já tinha feito, mas é mais recompensador fazer este porque exige mais esforço e também dedicação e chegasse ao fim com uma sensação de renovação espiritual e física também”* (mulher, 49 anos, 8-05-2016).
- “Foi uma experiência muito enriquecedora a nível espiritual. Aprendi a superar desafios e a mim própria pois nunca pensei conseguir fazer este caminho... Sim, superei um objetivo que tinha proposto a mim mesma e quando terminei senti-me uma pessoa realizada, uma pessoa mais leve, senti-me muito melhor”* (mulher, 49 anos, portuguesa, 8-05-2016).
- “Muita paz de espírito e sempre uma vontade enorme de voltar”* (mulher, 32 anos, portuguesa, maio de 2016).
- “Não levamos carro de apoio, penso que “acaba” um pouco com o sentido de aventura que esta experiência proporciona”* (homem, 51 anos, 26-04-2016).
- “Em termos espirituais mudou-me totalmente. O homem precisa de Deus, e de vez em quando faz bem-fazer um retiro/ peregrinação. Para cortar com o dia-a-dia e tornarmo-nos muito mais sensíveis ao respeito à natureza e património”* (homem, 59 anos, português, maio de 2016).
- “Para Fátima temos pressa de chegar, para Santiago temos pressa de partir”* (homem, 56 anos, português, 16-05-2016).
- “Conheci muitas pessoas e vivi momentos incríveis que nunca irei esquecer”* (homem, 39 anos, português, maio de 2016).
- “Os aspetos positivos são a abertura das pessoas, pois toda a gente se fala e toda a gente partilha experiências. Os aspetos negativos são ir num grupo muito grande, pois uns querem andar rápido e outros devagar, é difícil gerir. O facto de também terem apanhado chuva numa peregrinação e não estarem a contar com isso”* (homem, 53 anos; mulher 54 anos, maio de 2016)
- “Grande amizade” “peregrinação e divertimento”* (homem, 49 anos, português, 23-11-2018).
- “Peregrinação”* (homem, 42 anos, português, 23-11-2018).
- “Turismo e peregrinação”* (homem, 32 anos, português, 23-11-2018); (homem, 58 anos, brasileiro, 23-11-2018).

Vejamos, em seguida, alguns relatos que os peregrinos estrangeiros do CPIS partilharam connosco:

“*Turismo y peregrinación*” (mulher, 52 anos, galega, 23-11-2018).

“*Pilgrimage. I do these walks for religious reasons alone*” (homem, 54 anos, irlandês, 14-05-2018).

“*Turismo e peregrinação*” (mulher, 39 anos, russa, 23-11-2018).

”*Peregrinação*” (homem, 47 anos, brasileiro, 23-11-2018)

“*Li muitos relatos de pessoas que fizeram o caminho, mas poucos com o sentimento religioso, de entender que esses caminhos eram feitos por pessoas, há muito tempo, que buscavam uma graça ou que agradeciam por algo e que o destino final era o encontro com o sepulcro de um apóstolo de cristo. Era estar em um local sagrado, de estar perto de algo que um tempo esteve junto a Jesus. O meu objetivo era reavivar minha fé, superando todas as dificuldades, não só físicas. O que iria provocar em minha vida não tinha conhecimento, mas queria tentar*” (homem, 47 anos, brasileiro, 23-11-2018).

“*Pilgrimage. Sometimes I didn't feel like I was on the Camino the Santiago at all, no other pilgrims, no cafes and route is too touristic (detours). Route not well designed, way too tough... It is not a touristic experience*” (mulher, 37 anos, holandesa, 23-11-2018).

“*Viaje*” (homem, 47 anos, espanhol, 23-11-2018).

“*Turismo*” (homem, 68 anos, eslovaco, 14-11-2018).

“*Peregrinação*” (mulher, 30 anos, alemã, 23-11-2018)

Após a exposição destes testemunhos vamos apresentar o campo semântico social dos sentidos das experiências de peregrinação no CPIS. Os significados sociais e culturais destas experiências incidem nos seguintes eixos de significação ou linhas argumentais:

- a) Conhecer outras pessoas, lidar com a diversidade cultural, aprender a viver com outros, sociabilidade entre peregrinos, amizade.
- b) Conhecer outros lugares.
- c) Aprender história, coisas diferentes e divertidas.
- d) Conviver intragrupalmente e partilhar.
- e) Dor, esforço, calor,
- f) Reflexão pessoal, reencontro pessoal, pensar na existência humana, retiro, encher a alma, viagem espiritual e interior, crescimento pessoal e espiritual, renovação física e espiritual, transformação e mudança de caráter, ganhar mais sensibilidade pela natureza e o património cultural.
- g) Saudade da experiência peregrina após ter concluído a peregrinação.
- h) Religião, fé em Deus, agradecimento a Deus pela vida, reavivar a fé.
- i) História e reviver a história.
- j) Conjunto de emoções: liberdade de mente e corpo, paz de espírito.

- k) Superação, desafio, aventura.
- l) esprendimento de bens materiais, aprender o que importante na vida.
- m) Cultivo do culto ao corpo.
- n) Peregrinação e turismo.
- o) Misticismo.
- p) Viagem turística.

## 6. Que fazem os peregrinos no CPIS? - Práticas sociais dos peregrinos no CIPS

Muitos dos peregrinos dos caminhos de Santiago debatem sobre quem consideram os idealizados como “verdadeiros” peregrinos, e questionam quem leva carro de apoio, bicicleta, ou quem não dorme em albergues como peregrinos “inautênticos”. Estas dialéticas de distinção social estão muito presentes na experiência peregrina dos Caminhos de Santiago. Nesta seção vamos indagar sobre as práticas sociais dos peregrinos no CPIS. Os peregrinos entrevistados referem as seguintes atividades no CIPS: caminhar, descansar, dormir, comer, visitar pontos de interesse, fotografar, pensar, refletir, conviver, cantar, desfrutar da paisagem, praticar a solidariedade, falar com os locais, jogar cartas, comprar lembranças para os filhos, provas de vinhos, visitar adegas, ler ao fim do dia, fazer um diário pessoal da caminhada.

Em linhas gerais estas atividades dos peregrinos no CPIS podem ser divididas entre os caminheiros e os bicigrinos (Cardoso Pereira, 2013). Os primeiros caminham, demoram mais tempo a chegar e ao chegar descansam e recuperam para o dia seguinte porque chegam “magoados” (Cardoso Pereira, 2013). Os bicigrinos fazem as etapas em menos tempo, cansam-se menos e ao chegar mais cedo têm mais tempo para conhecer os lugares que o caminho atravessa e as localidades de fim de etapa. Eles chegam cansados e não magoados (cf. Cardoso Pereira, 2013).

Vejamos alguns relatos dos próprios peregrinos que nos elucidam sobre algumas destas práticas sociais, as suas lógicas e racionalidades:

*“Fiz o caminho com mais sete amigos caminheiros... cinco dos quais já tinham vivido essa experiência”* (homem, 45 anos, português, maio de 2016).

*“Visitei alguns locais de interesse em termos de património edificado, como por exemplo: ... igreja de Cea, pontos de trilhos romanos, aldeias típicas da Galiza, o que apesar de ser Galego parecia muito nosso. Fazia nos sentir como se estivesse-mos em casa...”* (homem, 40 anos, português, 17-06-2016).

*“Não lhe vou responder quantas fotos tirei, mas no primeiro ano que fui tirei*

*cerca de 6000 fotos*” (homem, 52 anos, português, 9-05-2016).

*“Para além do que referi anteriormente, era comum rezarmos em locais de culto”* (homem, 42 anos, português, maio de 2016).

*“Ao longo do caminho conheci um grupo de franceses, outro de ingleses e, ainda, outro de alemães”* (mulher, 20 anos, portuguesa, 16-04-2016).

*“Quando chegamos a Parada de Aguiar e porque já íamos muito cansadas não quisemos andar mais 800m para ir ao restaurante. Fomos à aldeia ao café. Não havia nada para comer... só cerveja e café. Uma senhora perguntou-nos se havia no albergue fogão. Foi a casa e trouxe-nos batatas, ovos, latas de atum, cenouras, couve, pão, fiambre, feijão-verde. Fizemos uma sopa e ainda deu para fazermos uma merenda para o dia seguinte”* (mulher, 55 anos, portuguesa, 16-04-2016).

*“Fizemos muitas amizades com quem trocamos através do facebook algumas mensagens”* (mulher, 55 anos, portuguesa, 16-04-2016).

*“Caminhar todo o dia e conhecer um pouco das cidades que pernoitei”* (homem, 58 anos, brasileiro, 23-11-2018).

*“Pela manhã sempre havia um momento para oração o restante era somente caminhar”* (homem, 47 anos, brasileiro, 23-11-2018).

*“I visited belvederes, religious sites, museums of Viseu, try the gastronomy”* (homem, 68 anos, eslovaco, 14-11-2018).

*“I visited churches and monuments”* (homem, 57 anos, alemão, 23-11-2018).

De forma sintética, as práticas sociais dos peregrinos no CPIS são as seguintes:

- a) Visitar património cultural.
- b) Desfrutar das paisagens e tirar fotografias.
- c) Rezar.
- d) Socializar entre os peregrinos.
- e) Comer e alimentar-se.
- f) Relacionar-se com os locais.
- g) Comunicar-se através das novas tecnologias.
- h) Caminhar.
- i) Ler.
- j) Lavar a roupa.
- k) Escrever um diário.
- l) Dormir.

Todos os peregrinos entrevistados utilizam a internet para se informar sobre o CPIS, e alguns leem guias sobre o CPIS. Inclusive, alguns peregrinos criaram e alimentam blogs e fóruns relativos à peregrinação pelo CPIS e outros caminhos (cf. <https://www.caminodesantiago.me/community/> <http://nezclinhas.blogspot.com/> <http://mulasdacooperativa.blogspot.com/>). Outra prática social importante, mas já à chegada ao seu destino, é a compra de recordações

e souvenirs, como por exemplo a vieira do peregrino, o bastão, pins, etc.:

*“Comprei lembranças de Santiago de Compostela. Comprei uma t-shirt de Santiago em forma de Pepa da Disney para a minha filha. Comprei também um jogo didático de Santiago e um porta lápis de Santiago”* (homem, 40 anos, português, 17-06-2016).

## 7. O CPIS enquanto experiência transformadora: os ganhos da experiência e os relatos da pós-experiência

O CPIS é uma experiência humana transformadora e revigoradora para os próprios peregrinos. São poucos os que afirmam que a sua vida seguiu igual ou vista da mesma forma. Nesta parte do texto vamos analisar os relatos pós-experienciais no seguimento desta nossa aproximação à experiência peregrina. Alguns dos relatos expostos nas entrevistas mostram alguns dos ganhos e benefícios da peregrinação, que a maioria dos peregrinos reconhecem de uma forma ou outra:

*“Simplesmente adorei, Portugal é muito mais belo do que parece”* (mulher, 20 anos, portuguesa, 16-04-2016).

*“Desprendimentos das coisas supérfluas; valorizamos a natureza e tudo que a rodeia; mentalmente, as horas que caminhamos sós e calmamente, levamos a refletir sobre a vida, a nossa existência, convivência com os outros e conosco próprios”* (homem, 54 anos, português, 30-04-2016).

*“Sinto que jamais fui a mesma pessoa, depois do caminho de Santiago, dou valor a coisas que antigamente passava despercebido. A televisão passou para a última coisa que vou perder tempo, por exemplo. O próprio silêncio (reflexão) é bem mais importante que ela”* (homem, 54 anos, 30-04-2016).

*“Cada Caminho que faço acrescenta algo à minha vida... É um pouco assim com todos os peregrinos”* (homem, 43 anos, português, 9-05-2016).

*“Nem sei ao certo o que aprendi, percebi que foi um esforço que valeu a pena e estaria disposto a fazê-lo novamente”* (homem, 51 anos, português, 26-04-2016).

*“O que mais aprendi com esta experiência foi o significado de liberdade, posso-te dizer que foi uma semana sem telemóveis nem internet, mas que na maior parte do tempo nem nos lembramos disso, o que também fiquei a valorizar mais com esta experiência foi o companheirismo”* (homem, 46 anos, português, 2-05-2016).

*“Que somos todos iguais e temos muito que aprender com as outras pessoas”* (homem, 39 anos, português, maio de 2016).

*“I bought bread, cheese, ham and fruit at supermarkets; sometimes had an*

*evening meal at restaurants. It was very hot; I didn't want to eat much, though I drank an unbelievable amount of water. I lost quite a lot of weight on the trip (about 4.5 kg: I usually weigh 68 kg)* (homem, 54 anos, irlandês, 14-05-2018).

*“Paisagens lindas principalmente em Portugal, muita chuva e lama nos caminhos, entretanto devido à época que escolhi para ir”* (homem, 58 anos, brasileiro, 23-11-2018).

*“Experiência fabulosa, transformação interior, desapego, simplicidade... Dúvidas de chegar a Santiago... Sim, paz interior, uma perspectiva diferente da vida, bem mais simples”* (homem, 49 anos, português, 23-11-2018).

*“A paciência é algo que você aprimora. O acolhimento recebido de estranhos prova que o ser humano ainda tem muita bondade. A caridade também é uma virtude que gera muitos frutos. A solidão te provoca essas reflexões. Para mim, a família tornou-se muito mais importante”* (homem, 47 anos, brasileiro, 23-11-2018).

*“Comunicação e conhecimento”* (mulher, 23 anos, portuguesa, 23-11-2018).

Portanto, os peregrinos do CPIS revelam nos seus testemunhos que ficaram mais ricos e reconhecem como benéficas as experiências, isto é:

- a) Descobrir Portugal.
- b) Mudança pessoal de valores.
- c) Aprendizagem humana e autoconhecimento.
- d) Liberdade.
- e) Valorizar mais o companheirismo, a solidariedade e a família.
- f) Valorar mais a equidade humana.
- g) Emagrecer.
- h) Paz interior.
- i) Uma visão diferente da vida e mais simples.
- j) Paciência, bondade e caridade como virtudes humanas.
- k) Reflexão pessoal e humana sobre a vida.

## 8. Valoração e propostas de melhoria para o CIPS

Ao longo do nosso trabalho tivemos a preocupação de conhecer, também, quais os aspetos que os entrevistados melhorariam na sua experiência peregrina no CPIS e/ou que elementos, potencialmente, contribuiriam para a sua melhoria. Para atingir o objetivo mencionado anteriormente, desenvolvemos três estratégias de pesquisa: a) pedimos-lhes para verbalizar os aspetos que consideravam positivos e negativos no CPIS; b) pedimos, também, para valorar alguns destes elementos numa escala de Likert; c) solicitámos, finalmente, que fizessem propostas de melhoria.

Vamos iniciar esta seção pela primeira estratégia, divulgando os relatos dos peregrinos sobre os aspetos mais salientáveis do CPIS:

*“Uma coisa importante que fiz como líder do grupo de Caminheiros de Vila Real e dizer que o que está pior no CPIS, é o Albergue em Vila Real, porque não obedece aos parâmetros ideais para o peregrino. Como sabe, é no Seminário. O peregrino, gosta de chegar, lavar a sua roupa e estendê-la. Gosta de conversar com os amigos, ter um salão para conviver e, em Vila Real, isso não se tem. Nós Gostaríamos de ter um albergue em condições. Já propusemos ao poder local, umas antigas casas dos Juizes (Rua Dr. João de Barros), que não estão a ser utilizadas, junto à N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Conceição, que era um sítio fabuloso, que iria valorizar a cidade e sobretudo o Caminho Português Interior para Santiago. Há pessoas que procuram em Vila Real e quando sabem que é no Seminário, ficam um pouco relutantes e procuram outros sítios, ou avançam para o albergue mais perto que é o de Vila Pouca de Aguiar que é de excelência”* (homem, 70 anos, português 25 de abril de 2016)

*“...Não gostei do facto do caminho português ainda ser em estrada Nacional, é pouco seguro”* (homem, 40 anos, português, 17-06-2016)

*“O albergue de Verim é muito mau, é dos piores que já estive”* (homem, 52 anos, português, 9-05-2016)

*“Propunha em Portugal: sinalização, os trajetos do caminho de Vila Pouca é muito mau, passamos lá uma vez e tinha chovido e tinha muita água, é terrível passar lá com muita água...”* (homem, 52 anos, português, 9-05-2016).

*“Propunha principalmente que se fizessem mais albergues em Portugal. De resto, acho bem como está”* (homem, 42 anos, português, maio de 2016).

*“Gostaria que os albergues estivessem abertos até mais tarde, pelo menos até as dez da noite”* (mulher, 20 anos, portuguesa, 16-04-2016).

*“Os alojamentos na grande maioria foram bons. O pior alojamento foi em Chaves (Bombeiros). Em Portugal os melhores foram os de Parada de Aguiar, Bombeiros de Vidago com instalações impecáveis (lençóis, almo-fadas, toalhas) e muita simpatia. O Albergue de Chaves é nos Bombeiros, muito pobre e sujo”* (mulher, 55 anos, portuguesa, 16-04-2016).

*“Existem muitos aspetos positivos que posso destacar, como a liberdade que se sente no meio da natureza, o contacto com outras pessoas e o desafio físico. Aspetos negativos: apenas as dificuldades que enfrentamos nos caminhos, pois estavam um pouco obstruídos... Uma melhor limpeza dos caminhos”* (mulher, 49 anos, portuguesa, 8-05-2016).

*“Reestudar o traçado marcado, criando alternativas (como acontece na Galiza), divulgação”* (homem, 61 anos, português, 30-04-2016).

*“Mais dinamização do respetivo caminho e colocação de mais pontos de água”*

(mulher, 49 anos, portuguesa, maio de 2016)

“Positivos: *O Caminho é muito rico em Património Cultural; Negativos: No Caminho Português do Interior, muitas igrejas se encontram fechadas o que é uma pena*” (mulher, 32 anos, portuguesa, maio de 2016).

“ *Talvez arranjar um pouco os caminhos onde existem alguns regos e buracos e arranjar fontes que estão danificadas e outras sem água*” (homem, 38 anos, português, maio de 2016).

“*Penso que está tudo bem planeado/projetado, seria bom se melhorassem a sinalização, mas de resto nada a dizer*” (homem, 51 anos, português, 26-04-2016).

“*Continuar a investir no caminho em si, na sinalização e sobretudo nos albergues e penso que este ponto é essencial, pois é importante para o peregrino ter onde pernoitar, descansar e cuidar de si depois de uma jornada*” (mulher, 48 anos, portuguesa, 4-03-2016).

“*Uma maior comunicação entre os povos da fronteira, embora se tenham dado passos nesse sentido. Há sempre aspetos a melhorar e através do diálogo sempre se vão aperfeiçoando muitas dos problemas. Por exemplo: as igrejas estão agora fechadas por causa dos roubos e, a nós peregrinos, faz-nos falta ir às igrejas tirar fotografias, descansar enquanto se reza, e conhecer o património*” (homem, 59 anos, português, maio de 2016).

“*Mais pontos de água*” (homem, 39 anos, português, maio de 2016).

“*Positivo la belleza del camino, negativo que está mal señalado...Mejor señalización y mejoría de los albergues*” (mulher, 52 anos, galega, 23-11-2018)

“*Reading on the internet. There wasn't much available—the notes of a New Zealand woman who calls herself “Grace the Pilgrim”; the <http://cpisantiago.pt> website (no longer in existence) and the information provided by the <http://urcamino.com> site*” (homem, 54 anos, irlandês, 14-05-2018).

“*Positive: the countryside, especially on the Portuguese side. The Douro Valley is spectacular. Negative: exceptionally poor waymarking in Portugal. Half the time I wasn't sure whether I was on the right track at all. I frequently had to cut across country to the Estrada Nacional 2 to re-orient myself and start again. From Viseu to SdC is officially 419 km. I probably walked around 500 km, much of it in the wrong direction*” (homem, 54 anos, irlandês, 14-05-2018).

“*Em Portugal melhorar a sinalização e os albergues... necessidade de mais informação nos postos de turismo do lado de Portugal... Na etapa Vidago - Chaves quase não existe sinalização, a saída de Chaves tem muito alcatrão, o trajeto deveria ser alterado pois temos paisagens fantásticas a beira do rio Tâmega*” (homem, 49 anos, português, 23-11-2018).

“*Very positive experience overall, although it would be easier to know there is no accommodation options between Ribolhos and Lamego (no albergue in*

*Bigorne and Penude) so we had to march 38km in the rain. <http://www.cpisantiago.pt> hasn't been operational for months, could be helpful for other pilgrims. Viseu to Regua is well marked, Regua to Vila Real- not so well marked but manageable” (mulher, 39 anos, rusa, 23-11-2018).*

*“Burnt forest - make new arrows there as was tricky to navigate in some parts, Some arrows were pointing in the wrong direction: bad signage before Vila Real, we got lost in the wine trees there, had to get back to the main road to walk the last several kms to town. Some arrows are missing in the farm-lands between Parada de Aguiar and Vidago, an arrow pointing in the opposite direction in the fields very close to Vidago. Vidago to Chaves: a crucial arrow is missing in the forest, intersection of 4 trails, need to turn right. Chaves, out of town route: sign in the roundabout is wrong (sign points to the right but you should take left instead)” (mulher, 39 anos, rusa, 23-11-2018).*

*“De turismo pude conhecer um pouco mais de outros lugares, como Peso da Régua, passar por plantações com videira e pastos. De negativo o caminho está um pouco abandonado, vários trechos com vegetação muito alta que inibe o caminhar solitário, a falta de sinalização nas áreas mais rurais e alguns lugares com mais de uma sinalização, que causa confusão” (homem, 47 anos, brasileiro, 23-11-2018).*

*“All albergues on CPI are of great quality, Bombeiros in Vidago as well” (mulher, 39 anos, rusa, 23-11-2018).*

Nos excertos das entrevistas as percepções dos elementos positivos e negativos do CPIS destacam os elementos mostrados na Quadro nº 5.

Quadro nº 5: Percepções positivas e negativas do CPIS

Positivas	Negativas
Alguns albergues (ex. Parada de Aguiar, Bombeiros de Vidago...) A liberdade. A socialização durante a experiência. O património cultural. A comunicação transfronteiriça e transnacional. A beleza do campo e da paisagem. A beleza do Douro, que atravessa.	Os albergues (ex. Vila Real, Chaves, Verín...) Os troços pouco seguros pela N-2. A sinalética do trajeto do CPIS. A falta de limpeza dos caminhos. As igrejas fechadas. As poucas fontes de água. A falta de informação sobre o CPIS.

Fonte: Elaboração própria com base em análise de conteúdo de 50 entrevistas com peregrinos do CPIS

Na mesma linha argumentativa, de seguida, apresentamos a valoração que os dezoito peregrinos que entrevistámos, em 2018, fazem do CPIS através de

uma escala de Likert. As categorias criadas foram construídas com base na nossa experiência do percurso a pé por todo o trajeto português do CPIS e nas 32 entrevistas feitas a peregrinos do CPIS em 2016 e 2017. Na tabela, em baixo, apresentamos os resultados da valoração feita, sendo 1 baixa e 5 alta (Quadro nº 6).

Quadro nº 6: Valoração do CPIS pelos peregrinos entrevistados em 2018

	1	2	3	4	5
Sinalização da rota	Xxxx	Xxxx	Xxxxx	Xxxx	X
Trajeto, percurso, caminho	Xx	Xxxx	Xxx	Xxxxxxxxx	
Lugares de interesse	Xx	X	Xxxxxxxxx		Xxxxx
Entorno natural e paisagístico			Xxx	Xxxx	xxxxxxxx
Conservação do património cultural		X	Xxxxxx	Xxxxxx	Xx
Alojamento	Xx	Xxxx	Xxx	Xxxxx	X
Restauração e gastronomia	X	Xxxxx	xxx	Xxxxx	xx
Oferta cultural complementária		Xx	Xxxxxxxxx	Xxxxx	
Postos de turismo	Xx	Xxxx	Xxxxx	Xxxxx	
Comércios	Xx	Xxxx	Xxxxx	Xxxx	
Limpeza e manutenção	Xx	Xxx	Xxxxxxxxx	Xx	xx
Segurança no Caminho	Xx	xxxx	Xxx	Xxxxx	xx
Hospitalidade local		X	Xxxxx	Xxxx	xxxxxx

Fonte: Elaboração própria com base em inquirição aos peregrinos

Por fim, apresentamos uma análise das propostas concretas de mudança e melhoria do CPIS assinaladas pelos peregrinos. Iniciamos esta análise pelos próprios testemunhos:

*“A comodidade de alguns albergues, essencialmente”* (homem, 47 anos, português, maio de 2016).

*“A qualidade de alguns albergues, por exemplo, e as estradas portuguesas”* (mulher, 20 anos, portuguesa, maio de 2016).

*“Accommodation is not a problem. Waymarking is. So is the availability of stamps for credentials. On the Portuguese side, it was extremely difficult to obtain these. I had to call into police stations and post offices. They were helpful, but they had never heard of the Camino de Santiago. Every time I had to explain what it was, and what I wanted. Lastly, the Catholic Church does not seem to consider the CPI important, and does not provide spiritual services of any kind for pilgrims. It sometimes seemed as though I had been set down in a random part of the Portuguese countryside, and left to make my way to SdC by whatever route I could. I was amazed by how few people, even in large towns like Viseu or Chaves, seemed to have heard of the Camino de Santiago. (They had all heard of the pilgrimage route to Fatima, and a lot of them wanted to give me directions to go there instead.)”.* *“Waymarking, especially (i) leading out of the towns; and (ii) in the rural districts. Even when I was on the correct route, the trail was often heavily overgrown with thorns and other kinds of dense vegetation. Once I had to crawl on my stomach for about 50m because the thorns were so thick that there was no other way through “. “I knew it was one of the less popular and more isolated Camino routes. I had no idea that it barely existed. Afterwards, I described it to my wife as being “more of a concept than a Camino,” and I think that’s pretty accurate. This was my third Camino. It hasn’t deterred me from doing others—I will be starting the Primitivo in three weeks’ time—but I can’t imagine ever doing it again. I can handle physical hardship, but never being sure that I am going in the right direction is a constant source of anxiety that does not help promote the right spiritual attitude”* (homem, 54 anos, irlandês, 14-05-2018).

*“More working municipal albergues on the route, signs corrected. You need to call and ask for the albergues to be open for you, it could be challenging to non-Portugues speakers. Adequate contact details should be provided for albergues* (mulher, 39 anos, russa, 23-11-2018).

*“Reach, I don’t know, more pilgrims I don’t know I loved it”* (homem, 44 anos, italiano, 23-11-2018).

*“De Bertelo até Vidago é necessário limpar vários trechos que estão tomados por vegetação alta. Reavivar as setas pintadas e colocar também placas indicativas da rota. Reativar o site do caminho interior português <http://www.cpisantiago.pt/> uma melhor sinalização é imprescindível”* (homem, 47 anos, brasileiro, 23-11-2018).

*“Website with up to date info would be great. Clean albergues, arrows missing on some parts”* (mulher, 37 anos, holandesa, 23-11-2018).

*“More visibility and informations about this stage”* (mulher, 23 anos, portuguesa, 23-11-2018).

*“A great walk would be recommending to the Russian Camino Facebook group and others”* (mulher, 39 anos, russa, 23-11-2018).

Estas propostas concretas vão ao encontro das percepções e valorações apresentadas mais acima e podem ser muito úteis para a melhoria da gestão do produto e desenho desta experiência turíperegrina que é o CPIS, liderada pelas autarquias atravessadas pelo CPIS.

## 9. Conselhos para a iniciação turíperegrina pelo CPIS

Nesta seção apresentamos uma série de recomendações que os próprios peregrinos nos transmitiram para comunicar a outros potenciais peregrinos do CPIS. O exercício solicitado nas entrevistas teve uma resposta muito positiva e poderá servir não apenas como entreajuda entre peregrinos, como também para melhor entender as necessidades, desejos, expectativas e a tecnologia social dos peregrinos. Isto é, mais além do seu lado prático e pragmático, estes discursos para a iniciação na prática peregrina no CPIS, são uma forma de narrar qual a preparação ritual prévia ao CPIS.

Vejamos os discursos dos peregrinos:

*“Devem preparar-se antes de fazerem um tipo de caminhada como esta, pois dedicam muito de nós. Têm que estar preparados para as dores musculares e uma das coisas que têm que ter em conta é o peso nas mochilas, parecendo que não menos peso tivermos melhor será para nós e será menos cansativo”* (mulher, 20 anos, portuguesa, maio de 2016)

*“Para todas as pessoas que gostam de caminhadas e são amantes do desporto, recomendo uma prévia preparação física. Pois, apesar de não ser um percurso difícil, existem sempre etapas mais complicadas, onde as pessoas pensam que não vão aguentar e por isso pensam na hipótese de desistir. Por acima, aconselho vivamente a prepararem-se fisicamente e, sobretudo, emocionalmente, pois as emoções comandam as nossas ações”* (homem, 45 anos, português, maio de 2016)

*“Grande preparação física e psicológica, é um caminho exigente”* (homem, 32 anos, português, maio de 2016).

*“Recomendaria que levem o menos peso possível porque é muito difícil subir e descer montanhas com o peso às costas. Que levem uma boa pilha para ajudar de noite. Que façam muitas caminhadas antes de se meterem a caminho de Santiago”* (mulher, 55 anos, portuguesa, 16-04-2016).

*“Eu recomendo as caminheiros, não só aos desta rota mas a todos que tenham sempre pensamento positivo, pois por vezes há etapas mais difíceis de realizar durante o percurso, mas têm sempre de manter pensamento positivo, para além disso devem fazer uma preparação física antes de realizarem o caminho, desta forma é mais fácil aguentar”* (homem, 46 anos, português, 2-05-2016).

*“Recomendo a toda a gente por uma mochila às costas, maquina fotográfica*

*e fazer uma peregrinação, viagem, de dez/ quinze dias, sem telemóvel. Experiências únicas com o caminho fazem agradáveis surpresas e a ficarmos diferentes para melhor, em relação a nós e ao outro”* (homem, 59 anos, português, maio de 2016).

*“Que planifiquen bien el camino y lleven agua (no hay fuentes)”* (mulher, 52 anos, galega, 23-11-2018).

*“Fazer outra “Ruta” ou começar no sanabres”* (homem, 42 anos, português, 23-11-2018).

*“Muita preparação para este caminho”* (homem, 32 anos, português, 23-11-2018).

*“Escolher a época ideal pois março peguei muito frio, chuva e caminhos encharcados”* (homem, 58 anos, brasileiro, 23-11-2018).

*“Cuidado com o corpo e os pés, pois esta rota exige mais esforço que as outras em Portugal; ter mapas impressos ou não para não se perde nas áreas mal sinalizadas; avisar com antecedência sua chegada aos albergues; e se for religioso aproveitar o caminho para rezar ou meditar, pois são poucas as pessoas que encontra e a solidão do caminho é muito bom para isto”* (homem, 47 anos, brasileiro, 23-11-2018).

*“If I would recommend, don’t do it alone, prepare well (also physically)”* (mulher, 37 anos, holandesa, 23-11-2018).

*“Comfortable sneakers for walking everywhere”* (homem, 68 anos, eslovaco, 14-11-2018).

*“Roupas e calçados confortáveis para subir até os pontos mais altos e para ver a paisagem”* (mulher, 30 anos, alemã, 23-11-2018).

Em jeito de sumário, os peregrinos apontam a necessidade de uma boa preparação física, psicológica e emocional antes de fazer o caminho, levar água, uma mochila não muito pesada, roupa e calçado confortável e adaptado ao traçado e também fazer na companhia de outras pessoas para ter mais apoio durante o percurso. Esta seria a tecnologia social necessária para a iniciação no CPIS, do ponto de vista dos seus protagonistas.

## **10. O CPIS: entre Portugal e Galiza: Diferenças entre um e outro lado da raia luso – galega**

O CPIS é um caminho de peregrinação que atravessa a fronteira luso-galega e que se junta com a Via da Prata ou Caminho Moçárabe em Verín (Galiza) e que continua em direção a Ourense até chegar a Santiago de Compostela. Portanto, o CPIS é um caminho e uma experiência transnacional e transcultural que permite vivenciar semelhanças e diferenças culturais entre os dois lados da raia. Neste apartado vamos apresentar as percepções dos peregrinos entrevistados sobre essas semelhanças e diferenças. Partimos de um enquadramento teórico implícito segundo o qual o turismo recria identidades e identificações

cruzadas. Vejamos em primeiro lugar os relatos dos peregrinos:

*“O caminho espanhol está em melhores condições que o português, mas o português é mais atrativo”* (homem, 47 anos, português, maio de 2016)

*“Na minha opinião o caminho do lado espanhol é sem comparação melhor que o português”* (mulher, 20 anos, portuguesa, maio 2016).

*“Um peregrino do outro lado da raia é melhor compreendido. Eles estão anos-luz daqui, os espanhóis compreendem. Nos contactamos com pessoas que pensam que nós somos malucos deste lado da raia. E os espanhóis estão muito mais evoluídos. Também é do interesse deles nós portugueses, porque levamos muitas divisas. Eles vivem do turismo religioso. E nós somos muito mais aceites. Aqui somos olhados como doidos. É muito difícil um espanhol não dizer “bom caminho”, utilizam muito esta expressão. Um peregrino é uma mais-valia para eles. As pessoas acham que os peregrinos são pessoas que não têm mais nada que fazer. Nós aqui em Vila Real também ganhamos com os peregrinos só por passarem aqui e ir ao Pingo Doce, pastelarias, etc”* (homem, 52 anos, português, 9-05-2016).

*“Notei que os caminhos eram melhores e estavam bem assinalados, comparativamente com os de Portugal”* (mulher, 20 anos, portuguesa, 16-04-2016).

*“A parte portuguesa do caminho (especialmente até Vila Real) é mais dura (dizem que é mais dura que o caminho francês) mas estupidamente bonita. Lindíssimo. Os últimos 150 kms do caminho (talvez a partir de Ourense) têm já aquela mística de caminho que até ali não é tão visível. Talvez por ter mais peregrinos a fazer o caminho”* (homem, 35 anos, português, 6-05-2016).

*“Em Portugal, o caminho de Santiago (caminho interior) ainda não tem a magia que sentimos ao longo de toda a parte Galega. Em Espanha tudo está muito organizado e à “espera” dos peregrinos, coisa que não acontece em Portugal”* (homem, 61 anos, português, 30-04-2016).

*“No Caminho Português do Interior penso que as pessoas do lado de Portugal não estão muito informadas sobre o Caminho, no entanto já em Espanha os locais desejam sempre um “Bom Caminho”* (mulher, 32 anos, portuguesa, maio de 2016).

*“Comparando Portugal e Espanha, julgo estarmos em desvantagem no que toca à sinalização e organização do caminho, bem como em número de albergues à disposição. O alojamento português era razoável, aconselho a investirem na garantia de melhores condições. Não tive más experiências a não ser umas quantas picadas de mosquitos (risos). Recomendo o albergue de Santiago de Parada de Aguiar, onde fui muito bem recebido e alojado”* (homem, 46 anos, português, maio de 2016).

*“Comparando ambos os lados da fronteira notei que em Espanha há um maior zelo e talvez valorização pelos caminhos, de certa forma como se*

- do lado de lá houvesse um maior investimento não só nos percursos em sim como também no apoio aos períginos. No entanto a paisagem é maravilhosa tanto no território português como no espanhol, isso é uma coisa que me agradou bastante*” (mulher, 48 anos, portuguesa, 4-03-2016).
- “Na parte espanhola os albergues eram muito mais inflexíveis em horários do que os nossos, e nós cá os albergues eram aproveitamentos como o exemplo de ficar no quartel dos bombeiros de Vidago, que era adaptado a albergue. A melhor experiência foi o próprio caminho pois gostou. Recomendaria todos os albergues menos o de Verin... Bem sinalizado exceto a entrada em Espanha, os primeiros 10 km*” (homem, 56 anos, português, 16-05-2016).
- “Do outro lado da fronteira estão mais e melhor organizados, o apoio nos albergues foi incrível*” (homem, 39 anos, português, maio de 2016).
- “No português está bastante melhor marcado na Galiza. Mas cá em Portugal não há vieras só há setas amarelas, nem em todos os sítios está muito bem marcado, os galegos têm mais cuidado com aquilo ate porque aquilo representa um recurso económico importante para a Galiza*” (casal, 53 e 54 anos, portugueses, maio de 2016).
- “It was adequate. The Xunta albergues in Galicia were the best, especially the one in Verin. “(homem, 54 anos, irlandês, 14-05-2018). Portugal: less infrastructure; most people had never heard of the CPI, even in the towns; spectacular landscape; very desolate and isolated. Almost no waymarking, and what there was tended to be overgrown by vegetation. I got lost frequently—badly lost. Spain: much better infrastructure; good waymarking; people a little less friendly; more expensive. Both sides of the border: nearly all the churches along the way were closed, making it difficult for pilgrims to pray*” (homem, 54 anos, irlandês, 14-05-2018).
- “Travel much more slowly than you would on other routes. 20 km a day, on the Portuguese side, is as much as anyone should attempt. Bring a magnetic compass to verify that you’re travelling in approximately the right direction. Don’t ask for directions; nobody knows where the trail is, and few people have even heard of it carry twice as much water as you think you will need, at least until you reach the Spanish frontier. Remember that until you reach Ourense, you’re on your own. In 2017, I was one of 81 people, according to the Pilgrim’s Once in SdC, to complete the CPI. Truthfully, I was surprised that there were even that many*” (homem, 54 anos, irlandês, 14-05-2018).
- “Em Portugal fraca sinalização, em Espanha boa sinalização, bons albergues*” (homem, 49 anos, português, 23-11-2018).
- “Quite different across the border on the Spanish side, more pilgrims there but I loved in more walking in Portugal*” (mulher, 39 anos, russa, 23-11-2018).
- “Em Portugal não existe o espírito do caminho. Os albergues servem para*

*turista e às vezes estão fechados para o peregrino*” (homem, 42 anos, português, 23-11-2018).

“*Portugal caminhos 0 Espanha 4\**” (homem, 32 anos, português, 23-11-2018).

“*O lado Português, a infraestrutura de albergues ainda é precária, quanto ao lado Espanhol é melhor a partir do encontro com a via da Prata*” (homem, 58 anos, brasileiro, 23-11-2018).

“*Camino de Santiago does not really live in Portugal*” (mulher, 37 anos, holandesa, 23-11-2018).

Como vimos em anteriores seções do texto a experiência peregrina CPIS – Via da Prata contribui para uma identificação dos portugueses com a Galiza, mas também para uma perspetiva cruzada de semelhanças e diferenças que sumariamos na tabela, em Quadro nº 7.

Quadro nº 7: Semelhanças e diferenças entre Portugal e Galiza percebidas pelos peregrinos do CPIS

Portugal	Galiza
CPIS mais atrativo CPIS mais duro Fraca sinalização Paisagem maravilhosa	Paisagem maravilhosa Melhores condições no caminho Mais e melhor atenção e apoio aos peregrinos Melhor sinalética Mais organização Mais albergues Mais peregrinos Má sinalética na entrada de Verín

Fonte: Elaboração própria com base nas entrevistas aos peregrinos do CPIS.

## 11. Recapitulação e notas finais

“*Nós, de certa forma estamos todos ligados*” (Discurso de um peregrino na reportagem Bom Caminho, realizadora: Maria Cerqueira, 2018, cf. RTP 1 play: <https://www.rtp.pt/play/p4231/e372395/linha-da-frente>)

Iniciámos o nosso texto com uma abordagem teórica dos significados e discursos da peregrinação a Santiago de Compostela. Mais a diante explicitámos de forma sucinta a metodologia empregue na investigação base para construção deste texto. Em seguida, apresentámos o perfil social dos peregrinos do CPIS, as suas motivações, os significados da sua experiência, as práticas sociais no CPIS, os ganhos e benefícios relatados na sua pós-experiência aos investigadores, a valoração e propostas de melhoria recomendada para o CPIS. Na última parte realçámos os conselhos e recomendações dos peregrinos a outros

peregrinos potenciais do CPIS e concluímos o texto com uma reflexão sobre as semelhanças e diferenças percebidas entre um lado e outro da fronteira luso-galega, atravessada pelo CPIS.

A peregrinação significa hoje algo diferente do passado: a) um esforço físico purificador anterior ao contato com o sagrado; b) um espaço de reflexão para pensar os pensamentos, os sentimentos e ações da vida; c) um voltar à natureza de acordo com os novos valores de harmonia com ela; d) um negócio importante para as comunidades locais, os mediadores e outros agentes sociais; e) um espaço de discursos ideológicos, políticos e institucionais; f) uma procura de paz interior e do sentido da vida; g) um antídoto contra o mal-estar social. Assim, a peregrinação turistificou-se e tornou-se mais espiritual do que religiosa, sem deixar de o ser. Desta forma, podemos afirmar que a peregrinação é polissémica e também portadora de multi-motivações.

Desde uma perspectiva fenomenológica (cf. Cohen, 1979; 1988) consideramos a peregrinação a Santiago como a procura de um novo centro espiritual e existencial. Interpretamos o CPIS como uma metáfora da vida e um espaço liminar, no qual há sempre uma dialética e tensão entre a coesão social, o sentido de comunidade, a *communitas* e a divisão e distinção social como práticas humanas complexas.

## 12. Bibliografia

- Álvarez Sousa, A. (Dir.) (1999). *Homo peregrinus*. Vigo: Xerais.
- Bardin, L. (2003). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Blom, Th.; Nilsson, M. & Santos, X. (2015). The way to Santiago beyond Santiago. Fisterra and the pilgrimage's post-secular meaning. *European Journal of Tourism Research*, 12, 133-146.
- Cardoso Pereira, F. (2013). *Bom Caminho. Um convite à viagem e à reflexão*. Lisboa: Planeta.
- Carneiro, S. (2007). *A pé com fé. Brasileiros no Caminho de Santiago*. São Paulo: ATTAR.
- Clift, J. D. & Clift, W. B. (1996). *The Archetype of Pilgrimage. Outer action with inner meaning*. New York: Paulist Press.
- Cohen, E. (1979). A Phenomenology of Tourist Experiences. *Sociology*, 13, 2, 179-201.
- Cohen, E. (1988). Authenticity and Commoditization in Tourism. *Annals of Tourism Research*, 15, 3, 371-386.
- Coleman, S. & Eade, J. (Ed.) (2004). *Reframing Pilgrimage: Cultures in Motion*. London: Routledge.
- Eade, J. & Sallnow, M. J. (Ed.) (1991). *Contesting the Sacred. The Anthropology of Christian Pilgrimage*. London: Routledge.

- Eade, J. & Sallnow, M. J. (Ed.) (2000). *Contesting the Sacred. The Anthropology of Christian Pilgrimage*. London: Routledge.
- Eade, J. & Sallnow, M. J. (Ed.) (2013). *Contesting the Sacred. The Anthropology of Christian Pilgrimage*. London: Wipf and Stock Publishers.
- Fernandes, P. (2014). *Caminhos de Santiago*. Lisboa: Editora do Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja.
- Fernandes, P. (2018) *Guia dos Caminhos de Santiago*. Porto: Porto Editora.
- Galani-Moutafi, V. (1999). The Self and the Other Traveller, Ethnographer, Tourist. *Annals of Tourism Research*, 27, 1, 203-224.
- Graburn, N. (1977). Tourism: The Sacred Journey. *Hosts and Guests: The Anthropology of Tourism*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 17-31.
- Graburn, N. (1983). *To Pray, Pay, and Play: The Cultural Structure of Japanese Domestic Tourism*. Aix-en-Provence: Centre des Hautes Études Touristiques.
- Graburn, N. (2001). Secular Ritual: A General Theory of Tourism. *Hosts and Guests Revisited: Tourism Issues of the 21<sup>st</sup> Century*. London: Cognizant Communications, 42-50.
- Halbwachs, M. (2017, or. 1925). *Los orígenes del sentimiento religioso según Durkheim. Introducción a la Sociología de la religión de Émile Durkheim*. Madrid: Ediciones Dado.
- Herrero Pérez, N. (1995). Camiño de Santiago, metáfora da vida humana. *Compostellanum*, 40, 3-4, 465-480.
- Ingold, T. & Vergunst, J. L. (eds.) (2008). *Ways of Walking. Ethnography and Practice on Foot*. Aldershot: Asghate.
- Kurrat, Ch. (2018). Biographical motivations of pilgrims on the Camino de Santiago, em *Book of Abstracts 10<sup>th</sup> Annual International Religious Tourism and Pilgrimage (IRTP) Conference, 27th-30<sup>th</sup> June 2018*. Santiago de Compostela, Universidad de Santiago de Compostela, p. 37.
- Lisón Tolosana, C. (1992). *Individuo, estructura y creatividad. Epopeyas para la antropología cultural*. Madrid: Akal.
- Lodge, D. (2001). *Terapia*. Barcelona: Anagrama.
- Margry, P. J. (ed.) (2008). *Shrines and Pilgrimage in the Modern World. New Itineraries into the Sacred*. Amsterdam: Amsterdam University.
- Martín-Cabello, A., Félez, J., García-Manso, A. & Pérez, R. (2017). *Turismo mochilero. Una aproximación desde la sociología y la antropología a una subcultura global*. Oviedo: Septem.
- Mendel, T. (2013). *Common Roads. Pilgrimage and Backpacking in the 21<sup>st</sup> century* [Documentário]. Watertown (Massachusetts): DER-Documentary Educational Resources.
- Mendes, A. C. (2009) *Peregrinos a Santiago de Compostela. Uma etnografia do Caminho Português*. Tese de mestrado não publicada, Instituto de Ciên-

- cias Sociais, Universidade de Lisboa.
- Morinis, E. A. (ed.) (1992). *Sacred Journeys: The Anthropology of Pilgrimage*. Westport: Greenwood.
- Murray, M. & Graham, B. (1997). Exploring the dialects of route-based tourism: the Camino de Santiago. *Tourism Management*, 18, 513–524.
- Otero Pedraio, R. (1928). *Os Camiños da vida*. Santiago de Compostela: Editorial Nós.
- Pereiro, X. (2017). Turiperegrinos portugueses no Caminho Português Interior de Santiago de Compostela. *Revista Turismo e Desenvolvimento*, 27/28, 413–423. Online em: <http://revistas.ua.pt/index.php/rtd/article/view/6816/5325>
- Pereiro, X. & Fernandes, F. (2018). *Antropologia e turismo. Teorias, métodos, praxis*. La Laguna (Tenerife): PASOS. Online em <http://www.pasosonline.org/en/collections/pasos-edits/151-numero-20-antropologia-e-turismo>
- Pereiro, X. (2019) Turismo y peregrinación, dos caras de la misma moneda: El Camino Portugués Interior de Santiago de Compostela. *Cuadernos de Turismo* vol. , nº , pp. (em processo de publicação). Online em: <http://revistas.um.es/turismo>
- Pereiro, X. & Gómez-Ullate, M. (2019). Pilgrimage Tourism and Cultural Route Team Ethnographies in the Iberian Peninsula: A Collaborative Study. Em Andrews, H., Dixon, L. & Jimura, T. (eds.), *Tourism Ethnographies* (pp. 112-127). London: Routledge.
- Prat, J. (2011). ¿Por qué caminan? Una mirada antropológica sobre el Camino de Santiago. Em Nogués-Pedregal, A.M. & F. Checa Olmos (Coords.) (2011), *La cultura sentida. Homenaje al profesor Salvador Rodríguez Becerra* (pp. 495-529). Sevilla: Signatura ediciones.
- Sanchez-Carretero, C. (2015). *Heritage, Pilgrimage and the Camino to Finis-terre. Walking to the End of the World*. London: Springer.
- Sobral, J. M. (2012). *Portugal, Portuguese: Uma identidade nacional*. Lisboa: FFMS (Fundação Francisco Manuel dos Santos).
- Turner, V. (1974). *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes.
- Turner, V. & Turner, E. (1978). *Image and pilgrimage in Christian culture*. New York: Columbia University Press.

# Capítulo 5

## O Caminho Português Interior de Santiago de Compostela enquanto rota transnacional Ibérica: significados e potencialidades

**Xerardo Pereiro, Ricardo Bento e Santiago Prado**

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD)

Universidad Internacional de La Rioja (UNIR)

Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento (CETRAD)

xperez@utad.pt / rbento@utad.pt / santiago.prado@unir.net

### Introdução

O turismo é uma forma de falar do poder, o turismo tem o poder de nomear o que é produto, destino e atrativo turístico (cf. Nogués Pedregal, 2019). Este texto tem como objetivo abordar o Caminho Português Interior de Santiago de Compostela (CPIS) desde a perspectiva da definição da sua rota turístico-cultural e das suas possibilidades de desenvolvimento. Iniciamos o texto com um enquadramento teórico das rotas e os itinerários culturais para logo analisar a legitimação historicista da construção social e política desta rota. Para isso selecionamos três dos guias mais importantes que descrevem esta rota, e frisamos o seu poder para representar o território e moldar a experiência do visitante. Finalmente apresentaremos uma análise do potencial estratégico e das possibilidades de desenvolvimento desta rota turístico-cultural.

### 1. O CPIS enquanto rota turístico-cultural: miradas teóricas

O antropólogo Luís Vale considera que no interior de Portugal assistimos à criação de quatro tipos de novas ruralidades (Vale, 2011):

1. Aquelas que são resultado da patrimonialização, com mais ou menos folclorização e politização cultural do território como um emblema identitário;

Figura 1. Imagem do percurso do CPIS



Fonte: Web oficial do CPIS (<http://www.cpisantiago.pt/>)

2. Aquelas fruto da destradicionalização, isto é, da manipulação da tradição seguindo uma nova lógica interpretativa e de intervenção (ex. desaparecimento dos velhos socalcos das vinhas do Douro e criação de vinhas ao alto; casas de emigrantes retornados...).
3. Aquelas classificadas como “ruralismo por formatação”, que seguem um modelo cultural híbrido global e que apresentam um novo “tuning cultural”, embrulho ou etiqueta para os produtos ditos rurais (ex. parques temáticos, feiras, museus, exposições, algumas arquiteturas, rotas turístico-culturais, trilhos pedestres, ciclovias...). DOURO
4. As que resultam da turistificação, consequência do despovoamento, a desruralização e a desagrarização, orientadas a um público citadino que idealiza o rural e consome símbolos rurais com base numa ideologia pastoralista (Marx, 1964) e também de sustentabilidade.

Consideramos o CPIS como uma rota turístico-cultural do interior de Portugal que participa nestes quatro processos de mudança social, cultural e territorial. E que sentido tem a criação destas rotas culturais e em especial a do CPIS? As rotas turístico-culturais são um dos produtos turísticos mais habituais nas últimas décadas devido à mercantilização da cultura e do património cultural e da multiplicação do desenvolvimento territorial do turismo (Briedenhann e Wickens, 2004; Hernández Ramírez, 2015). As rotas turístico-culturais refuncionalizam, resignificam e rematerializam territórios por via da criação de uma narrativa temática para o turismo. Através da sua criação replica-se um modelo global de turistificação para produzir particulares diferenças territoriais e comunitárias nos destinos turísticos.

Rotas e itinerários culturais representam um conjunto de produtos e experiências turísticas em rede, uma seleção de elementos naturais, culturais e patrimoniais para criar uma linha de pontos ou atrações a visitar e no fundo

um discurso e um relato para motivar e seduzir os visitantes. De acordo com o antropólogo Javier Hernández Ramírez (2015), o boom automobilístico e turístico, a partir do fim da Segunda Guerra Mundial, estão interligados e tem possibilitado a criação de rotas culturais. Ambos materializam um sistema social de valores com base na autonomia individual e familiar, a independência, a mobilidade e a possibilidade de exploração de um território livres de muitas pressões. Mas hoje em dia nem todas as rotas turístico-culturais são feitas ou pensadas para o automóvel.

Há muitos tipos de rotas culturais (ex. terrestres, marítimas, fluviais...), ainda que em todas elas predominam alguns elementos constantes: infraestruturas de alojamento, restauração, miradouros, guias, sinalização, mapas, navegadores, GPS, etc. A experiência humana do percurso destas rotas é multissensorial mas o visual predomina. Muitas das rotas culturais são desenhadas em áreas rurais ou rurbanas, e com uma ideia de tempo, espaço e ritmo diferente da do mundo de procedência dos visitantes. A maioria das rotas culturais tentam divulgar determinados atributos e singularidades do destino de acordo com as regras globais do mercado turístico e dos interesses dos visitantes (cf. Hernández Ramírez, 2015). A geografia turística de muitos destinos adquire uma retórica sobre a paisagem e o território que permite diferentes leituras por parte dos visitantes e visitados.

As rotas culturais são uma receita universal para narrar e tematizar territórios e destinos particulares, são como uma espécie de linguagem ou gramática que se expressa e representa sobre o território. As rotas apresentam também uma diversidade de situações e podem ser temáticas ou monográficas, mistas e genéricas, ou sobre atributos (ex. cinema, literatura, artes,...), mas todas elas resignificam o território a modo de collage e em função muitas vezes dos valores alóctones (cf. Herrero, 2011) confrontados com valores e visões autóctones.

As rotas e itinerários culturais foram desenvolvidos nos anos 1980 e 1990 pelo Conselho de Europa e pela UNESCO (cf. Hafele, 2013). O Conselho da Europa, com base na Declaração de Santiago de Compostela de outubro de 1987, iniciou a programação de um conjunto de rotas culturais com o objetivo principal de demonstrar como as raízes culturais da identidade europeia podem estar na base de uma Europa unida e coesa. Este programa tem hoje 31 rotas certificadas que promovem a diversidade e a identidade cultural da Europa, e o primeiro itinerário cultural a ser declarado em Europa foi o Caminho de Santiago de Compostela, em 1987, hoje em dia ainda uma referência europeia e global.

Uma década mais tarde, em 1997, nasce o Instituto Europeu dos Itinerários Culturais, através de um acordo de cooperação entre o Conselho de Europa e o Luxemburgo, ficando na sede da abadia de Neumunster com a missão de coor-

denar os itinerários culturais europeus numa estratégia de desenvolvimento de um turismo cultural sustentável (cf. <http://www.culture-routes.net/>). As suas funções são o acompanhamento de rotas já eleitas, a coordenação de redes e a assistência técnica, a educação das novas propostas de rotas, assim como a divulgação e a criação de uma base de dados sobre as rotas culturais europeias. Este serviço público europeu visa também: a defesa da identidade europeia, o multiculturalismo, a proteção das minorias, o diálogo inter-religioso, a segurança democrática e a prevenção de conflitos. De acordo com o Instituto Europeu de Itinerários Culturais do Conselho de Europa, uma rota cultural de reconhecimento europeu deve reunir as seguintes condições (cf. <https://www.coe.int/en/web/cultural-routes/certification>):

- Defining a theme representative of European values and common to at least 3 countries of Europe;
- Identifying heritage elements shaped by the geographical as well as cultural, historical and natural features of the different regions;
- Creating a European network with legal status bringing together the sites and the stakeholders which are part of the Route;
- Co-ordinating common actions to encourage different kinds of cultural co-operation, also the scientific level stimulating social debate on its theme, propose to European citizens an interpretation of their common history and shared heritage and provoke a series of coherent activities for young Europeans coming from different cultures and backgrounds and finally encourage cultural tourism and sustainable cultural development;
- Creating common visibility to allow the identification of the items part of the Route, ensuring recognisability and coherence across Europe.

As rotas culturais já certificadas pelo Conselho da Europa podem-se classificar de acordo com os seguintes temas-chave: caminhos de peregrinação, rotas religiosas, rotas comerciais, povos europeus, migrações, personagens europeus, património cultural industrial, património cultural arqueológico, rotas da alimentação, etc. Todas estas rotas culturais são temáticas e também territoriais, abrangendo no mínimo três países europeus, do ponto de vista geográfico. São portanto rotas transnacionais, que por outro lado assumem o turismo como um dos seus fins e usos sociais. Portanto nelas a cultura abraça o turismo como parceiro.

Por outro lado, em 1994, a UNESCO reuniu em Madrid um grupo de especialistas que elaboraram um relatório sobre rotas culturais como parte do património cultural mundial (UNESCO, 1994). O relatório intitulou-se *Report on the Expert Meeting on Routes as a Part of our Cultural Heritage*. Ele reconhece a utilidade do conceito de rotas culturais, que por vezes designa como rotas culturais patrimoniais. Tendo como base, novamente, os Caminhos de

Santiago, enquanto bem cultural declarado património cultural da humanidade desde 1993, o documento advoga pela consideração de certas rotas culturais como parte do património cultural da humanidade, com base no seu valor excecional universal. Além mais, o relatório sublinha o sentido patrimonial, de intercâmbio e de diálogo entre territórios (movimento e diálogo intercultural), e um sentido multidimensional nos seus usos e significados culturais (religiosos, comerciais, administrativos, militares, eventos, acontecimentos desportivos, alimentos, etc.). As rotas culturais são assim consideradas neste documento como um tipo de paisagens culturais, e como uma expressão espaço temporal que envolve elementos materiais e imateriais, e também exclui e baliza o que representam as rotas culturais para a UNESCO:

We intend to consider routes which combine exchanges and journeys and exclude those which are limited to representing a physical way used for travelling: Roman ways would not be classified under this idea of routes although they could still be included on the basis of their architectural or technological interest (for instance) (UNESCO, 1994)

Portanto, para a UNESCO, uma rota cultural deve estar ligada a componentes patrimoniais e ter um sentido patrimonial e identitário antes do que turístico e económico. Este relatório serviu de base para que anos mais tarde, em 1995, a 19ª reunião da Comissão Patrimonial da UNESCO reunida em Berlim, aceitasse oficialmente as rotas culturais como parte dos patrimónios culturais da humanidade. Em 1998 foi criado o Comité Científico Internacional sobre Rotas Culturais (CIIC), ligado ao ICOMOS, o que levou ao desenvolvimento do conceito de rotas culturais e ao estabelecimento de teorias e metodologias para identificar, investigar e implementar “itinerários culturais”. Em 2005, são incorporadas pela UNESCO as *Diretrizes Operacionais para Implementação da Convenção do Património Mundial da UNESCO*, nas que se reconhecem os itinerários culturais como uma das categorias para a inclusão na Lista do Património Mundial. Anos mais tarde, em 2008, o ICOMOS elabora uma carta de itinerários culturais e define estes da seguinte forma:

Toda vía de comunicación terrestre, acuática o de otro tipo, físicamente determinada y caracterizada por poseer su propia y específica dinámica y funcionalidad histórica al servicio de un fin concreto y determinado, que reúna las siguientes condiciones:

- e) Ser resultado y reflejo de movimientos interactivos de personas, así como de intercambios multidimensionales, continuos y recíprocos de bienes, ideas, conocimientos y valores entre pueblos, países, regiones o continentes, a lo largo de considerables períodos de tiempo.
- f) Haber generado una fecundación múltiple y recíproca, en el espacio y en el tiempo, de las culturas afectadas que se manifiesta tanto en su pa-

trimonio tangible como intangible.

- g) Haber integrado en un sistema dinámico las relaciones históricas y los bienes culturales asociados a su existencia. (ICOMOS, 2008, p.2)

Em 2010, o Conselho da Europa adota a Resolução CM/Res (2010) 53228 que estabelece um Acordo Parcial de Alargamento das Rotas Culturais, com o objetivo de facilitar a cooperação entre os países interessados em integrar o Programa de Rotas Culturais. Este acordo possibilita que mais países sejam integrados no programa e assim ajudar no desenvolvimento e promoção das rotas, contribuindo desta forma para a construção de uma identidade europeia comum (Hafele, 2013). Neste documento define-se rota cultural como:

a cultural, educational heritage and tourism co-operation project aiming at the development and promotion of an itinerary or a series of itineraries based on a historic route, a cultural concept, figure or phenomenon with a transnational importance and significance for the understanding and respect of common European values. (Council of Europe, 2010)

Rotas e itinerários culturais aparecem agora impulsionados por muitas organizações públicas e privadas, havendo um pouco por todo lado. Em Portugal (cf. Mota Figueira, 2013), as rotas culturais estão num processo de expansão. Um exemplo são as rotas pedestres, que envolvem elementos culturais e naturais, tanto as pequenas rotas (PR) como as grandes rotas (GR). Dos 308 municípios do país, 198 já têm homologadas alguma rota – 21 GR e 246 PR- (cf. <http://www.fcmpportugal.com/Percursos.aspx>). O registo de um percurso pedestre e a atribuição da numeração é feita a pedido da Entidade Promotora e fica condicionado às Normas da federação de Campismo e Montanhismo de Portugal que têm por objetivo principal a uniformização de critérios para a sua criação e implantação assim como para a promoção e desenvolvimento do pedestrianismo (cf. <http://www.fcmpportugal.com/>). A sua orientação é mais desportiva e de sociabilidade do que outras perspetivas mais culturalistas e patrimonialistas, e de acordo com a Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal (2006), um percurso pedestre homologado é:

uma instalação desportiva identificada pelas marcas GR (Grande Rota), PR (Pequena Rota) ou PL (Percurso Local), com o respetivo Número de Registo, e que possui a Marca de Homologação atribuída pela FCMP. Obedece a exigências precisas no tocante ao traçado, marcação e manutenção, nomeadamente no que respeita à segurança dos praticantes e à preservação do meio. É um itinerário sinalizado no terreno através de marcas da FCMP, geralmente em ambientes naturais e/ou ao longo de caminhos tradicionais. Estes percursos só serão válidos se estiverem homologado pela FCMP. (p. 2)

Em linhas gerais, os critérios de criação de um itinerário cultural têm em atenção os valores culturais, a memória histórica, a história, o património cultural e natural, e a pluralidade de identidades de um território e não a monocultura de uma única versão identitária. Os itinerários culturais tem como ideal promover os intercâmbios e os contactos entre os locais e os visitantes, respeitar o meio ambiente e seguir os princípios do desenvolvimento sustentável, procurando assim, evitar ou minimizar os impactos negativos da atividade. Esta última ideia obriga-nos a pensar sobre a capacidade de sustentação do território e a repensar a realização de itinerários para uma determinada escala e dimensão.

Também podemos definir os roteiros culturais como itinerários de visita organizados, nos quais não se apresenta apenas uma sequência de atrações a serem visitadas, procurando-se também, realizar uma leitura sociocultural do território. Este plano de visitas deve ter em conta que as atrações não servem por si sós, precisando de valorização sociocultural, de comunicação e interpretação, de reconhecimento da sua importância e relevância (De Menezes, 2002). Um itinerário ou rota cultural seria, portanto, um caminho sinalizado, através do qual se interpretam elementos culturais do meio ambiente, não apenas para os visitantes como também para os locais, sem descurar a sua vertente de educação patrimonial e ambiental. Alguns itinerários apenas unem pontos de interesse turístico-patrimonial, mas outros são caminhos históricos que têm em atenção não apenas os pontos de interesse como a própria via e a experiência do seu percurso. Para isso é necessário construir uma narrativa temática, isto é, um relato e um *storytelling* sobre o território em questão.

E quais são os objetivos de uma rota ou itinerário cultural? Em primeiro lugar, organizar um território para atrair visitantes e envolver estes em atividades com os locais. Sublinhar aqui a importância didática das rotas culturais para os estudantes locais, e por outro o autoconhecimento do próprio contexto, algo que é possível através de passeios de sociabilidade amical e vizinhal. Em segundo lugar, as rotas ou itinerários culturais têm o objetivo de permitir melhores visitas guiadas, que acabam por ajudar a estruturar (Picazo, 1996, Gómez e G.-Quijano, 2010; Mota Figueira, 2013). Portanto, podemos pensar as rotas culturais como uma ponte e uma mediação entre locais e visitantes, através da qual se constrói o olhar da paisagem para o visitante (Dahles, 1996), como uma estratégia multifuncional de desenvolvimento sustentável.

As rotas culturais representam metaforicamente e metonimicamente um território – destino turístico. Elas não são uma simples soma de informações abundantes ou uma acumulação de pontos de interesse, elas são também uma reflexão subjetiva, um retrato e um espelho de um território (Doctor Cabrera, 2000) e as suas identidades (cf. Mota Figueira, 2013). As rotas turístico-culturais podem apresentar a imagem do “glorioso passado” de um local, mostran-

do a fachada pública do sítio com base em mitos e estereótipos que mascaram uma complexa realidade para além das aparências. Como alternativa, os roteiros podem mostrar a história local, o presente e a sua relação local-global, podem falar de experiências humanas concretas e do quotidiano, contar o bonito e o feio, interpretar o passado e o presente, e ensinar interculturalmente alguns aspetos da face privada ou *background* do local visitado (Dahles, 1996).

## **2. Definir etapas, escrever no território: As etapas do traçado do CPIS**

### **2.1. Passado e presente do CPIS: de legado cultural esquecido a património cultural reconhecido**

Os caminhos de Santiago de Compostela têm como antecedentes os antigos viajantes para o que se imaginava como “fim da terra”, na Galiza (Cunha Magalhães, 2005), e hoje em dia converteram-se em um modelo global de desenvolvimento de rotas turístico-culturais (Margry, 2008). Os caminhos de Santiago representam um símbolo da identidade europeia e também uma estratégia de desenvolvimento turístico local, regional, nacional e internacional (Lois González et al., 2014).

Em Portugal, os antigos caminhos romanos foram usados pelos peregrinos na Idade Média e Moderna (Brochado de Almeida, 2011; Almeida Fernandes, 2014). O Caminho Português Interior de Santiago (CPIS) percorre 205 quilómetros de Viseu até Chaves, no território português, e 182 desde a fronteira com a Galiza (Vilarelho da Raia) até Santiago de Compostela, utilizando a Via da Prata (Verín – Ourense – Santiago de Compostela). O CPIS apresenta uma particularidade diferencial em relação a outros caminhos de Santiago, que é o facto de ser uma via de sentido duplo, permitindo aos peregrinos caminhar a Santiago de Compostela (Norte de Portugal, na Galiza) ou a Fátima (centro de Portugal) em sentido inverso para o Sul.

Se bem a ligação histórica do CPIS com o culto de Santiago está bem documentada e é algo consensual entre os investigadores, o seu legado cultural material e imaterial está destacadamente presente hoje no Centro e Norte de Portugal, especialmente no interior do país. Em relação a esta questão na figura abaixo registamos alguns elementos patrimoniais, especialmente igrejas, capelas e topónimos recolhidos pela equipa Geoarpad – CPIS, que mostram este legado histórico-cultural e a sua associação ao CPIS (Quadro 1).

Quadro 1. Identificação de património cultural jacobeu no CPIS

Concelho	Igreja / Capela	Freguesia	Coordenadas	Património Protegido	Link
Chaves	Igreja Paroquial de Vilarelho da Raia / Igreja de São Tiago	Vilarelho da Raia	41°50'34.6"N 7°27'06.8"W	Inexistente	
	Capela de Santiago	Ervededo (Largo da Capela, Rua de SãoTiago)	41°48'51.5"N 7°30'52.5"W	Inexistente	<a href="http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=29481">http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=29481</a>
	Capela de São Tiago	Vilela do Tâmega (Rua de São Tiago)	41°40'36.7"N 7°31'39.2"W	Inexistente	<a href="http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=12150">http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=12150</a>
	Igreja Paroquial de Seara Velha / Igreja de São Tiago	Seara Velha (Rua de São Tiago)	41°45'58.2"N 7°33'37.8"W	Inexistente	<a href="http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=12142">http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=12142</a>
	Igreja Paroquial de Tronco / Igreja de São Tiago	Tronco	41°46'38.1"N 7°17'42.6"W	Inexistente	
	Igreja Paroquial de Oura / Igreja de Santiago	Oura	41°36'59.4"N 7°33'57.7"W	Inexistente	<a href="http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=11844">http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=11844</a>
Vila Pouca de Aguiar	Igreja Paroquial de Soutelo de Aguiar / Igreja de São Tiago	Soutelo de Aguiar	41°28'42.135"N 7°39'57.597"W	Inexistente	<a href="http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=32317">http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=32317</a>
Vila Real	Igreja Paroquial de Andrães / Igreja de São Tiago	Andrães	41°15'56.578"N 7°41'8.390"W	Inexistente	

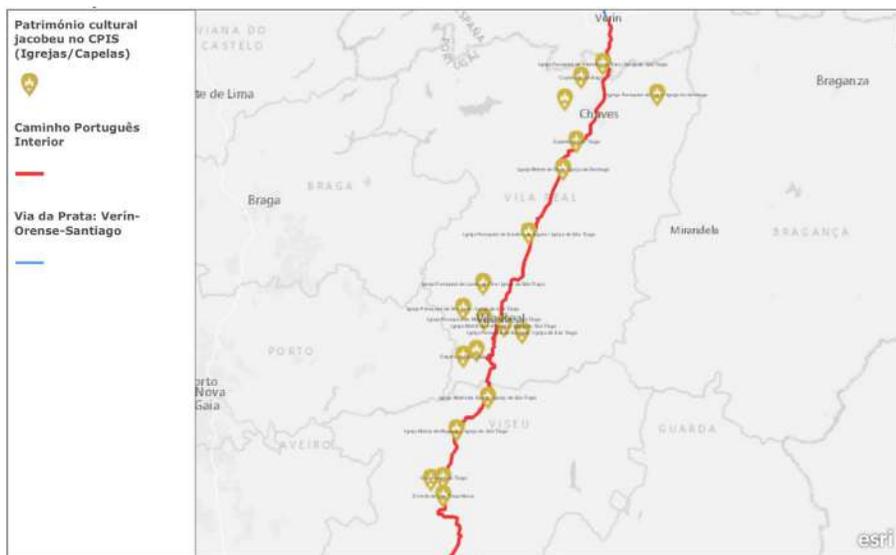
Vila Real	Igreja Paroquial de Folhadela / Igreja de São Tiago	Folhadela	41°16'48.9"N 7°44'20.3"W	Inexistente	
	Igreja Paroquial de Lamas de Olo / Igreja de São Tiago	União das freguesias de Borbela e Lamas de Olo	41°22'15.4"N 7°47'53.9"W	Inexistente	
	Igreja Paroquial de Mondrões / Igreja de São Tiago	Mondrões	41°17'39.3"N 7°47'41.8"W	Imóvel de Interesse Público	
	Igreja Paroquial de Vila Cova / Igreja de São Tiago	União das freguesias de Pena, Quintã e Vila Cova (Rua de São Tiago – Largo Madre Maria Clara)	41°18'58.205"N 7°51'24.289"W	Inexistente	<a href="http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4179">http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4179</a>
Santa Marta de Penaguião	Igreja Paroquial de Fontes / Igreja de Santiago	Fontes	41°13'30.5"N 7°49'02.5"W	Inexistente	
Peso da Régua	Capela de São Tiago	Sedielos	41°12'46.359" N 7°51'18.188" W	Inexistente	
Lamego	Ermida de São Tiago Maior	Penajóia		Inexistente	
	Igreja Paroquial de Magueija / Igreja de São Tiago	União das freguesias de Bigorne, Magueija e Pretarouca (Estrada de Santaigo)	41°03'12.4"N 7°52'34.0"W	Inexistente	<a href="http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=14502">http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=14502</a>
	Igreja Paroquial de Sande / Igreja de São Tiago	Sande	41°07'27.6"N 7°47'04.2"W	Inexistente	<a href="http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=14520">http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=14520</a>

Castro Daire	Capela de São Tiago	União das freguesias de Mezio e Moura Morta	40°57'0.000"N 7°54'44.892"W	Inexistente	
	Ermida de São Tiago Maior	Castro Daire	40°54'38.6"N 7°54'45.2"W	Inexistente	
	Igreja Paroquial de Picão / Igreja de São Tiago	União das freguesias de Picão e Ermida	40°56'48.1"N 7°56'52.3"W	Inexistente	
Viseu	Capela de São Tiago	São Pedro de France	40°41'32.701"N 7°47'20.951"W	Inexistente	
	Igreja de São Tiago	União das freguesias de Viseu	40°40'20.8"N 7°54'09.8"W	Inexistente	
	Igreja Paroquial de Cepões / Igreja de São Tiago	União das freguesias de Barreiros e Cepões (Estrada de São Tiago)	40°44'57.102"N 7°48'36.576"W	Inexistente	<a href="http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=14952">http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=14952</a>

Fonte: Trabalho de análise documental de Pedro Azevedo (CETRAD-UTAD) feito no âmbito do projeto Georpad – CPIS.

A relação de elementos patrimoniais acima mostra a conservação do legado jacobeu no CPIS, com uma estratigrafia e iconografia histórica importantes que é objeto de análise noutros capítulos deste livro. Mas se bem o CPIS é um caminho de Santiago com uma longa história, a sua revitalização é feita recentemente no século XXI, e teve como inspiração: a) um livro do professor Arlindo de Magalhães Ribeiro da Cunha (1995) sobre a história dos caminhos portugueses de Santiago; b) uma caminhada feita num troço deste caminho em 2000 de Cidadela de Aguiar até Sabroso de Aguiar; c) uma exposição de fotografias sobre os caminhos jacobeus feita em Vila Pouca de Aguiar em 2011; d) A assinatura, em 7 de abril de 2011, de um protocolo de cooperação entre os municípios do CPIS para homogeneizar a sinalética da rota. Portanto, foi a partir de inícios do século XXI que se iniciou uma colaboração muito estreita entre os municípios portugueses que a rota atravessa, para criar um produto-experiência-itinerário de turismo cultural e de peregrinação. São oito os municípios portugueses envolvidos neste projeto: Viseu, Castro Daire, Lamego, Peso da Régua, Santa Marta de Penaguião, Vila Real, Vila Pouca de Aguiar e Chaves.

Figura 2. Localização do património cultural jacobeu (igrejas e capelas) ao longo do CPIS



Fonte: Elaboração de Ricardo Bento

A liderança do projeto é da responsabilidade da Câmara de Vila Pouca de Aguiar, dos seus políticos, especialmente Ana Rita Dias (Vice-presidenta da Câmara Municipal) e dos seus técnicos de turismo, especialmente Catarina Chaves. O primeiro passo deste projeto de cooperação intermunicipal e transnacional foi identificar, com bases históricas, o traçado da rota. O segundo passo foi sinalizar a rota, e o terceiro foi a criação de “albergues” para hospedar os peregrinos cada 30-35 quilómetros. Em 24 de abril de 2012 celebrou-se a primeira caminhada oficial desta nova etapa de revitalização do CPIS. Sublinhar também que o projeto CPIS está integrado numa rede de cooperação internacional dos caminhos de Santiago (Federação Europeia dos Caminhos de Santiago, 2016) e na mais recente Federação Portuguesa dos Caminhos de Santiago. Nas palavras de uma das suas responsáveis: “O Caminho Interior Português é um caminho recente... o objetivo é não criar um produto de massas... é perigoso” (Catarina Chaves, 06-04-2016, conferência na UTAD em Vila Real).

Noutro nível que também afeta o CPIS, o governo português aprovou em 7 de fevereiro de 2019 um decreto-lei que visa a criação de uma Comissão de Coordenação dos Caminhos de Santiago em Portugal e estabelece os critérios aplicáveis à certificação destes percursos em harmonização com a Junta da Galiza. O objetivo é “estabelecer critérios comuns para o reconhecimento, salvaguarda, valorização e promoção do Caminho de Santiago em Portugal, através de um procedimento de certificação, sob a égide de uma estrutura de coordenação de âmbito nacional” (cf. <https://www.cmjournal.pt/cm-ao-minuto/>

detalhe/governo-cria-comissao-de-coordenacao-dos-caminhos-de-santiago). Isto vinha sendo exigido pelos municípios portugueses, também os do CPIS. O Decreto também prevê a criação de um Conselho Científico do Caminho de Santiago.

## 2.2. A inspiração da rota: O livro do Professor Arlindo de Magalhães Ribeiro da Cunha

Ainda que há outros trabalhos prévios sobre o culto jacobeu no Norte de Portugal e o CPIS (cf. Baquero Moreno, 1986; Marques, 1992), o livro do Prof. Arlindo Cunha serviu de inspiração e alavanca para o conhecimento, reconhecimento, divulgação e alavanca do desenvolvimento desta rota. O livro do Prof. Arlindo Cunha foi publicado em 1995 e dedica 84 páginas ao CPIS, no seu trajeto Viseu-Chaves. Ele foi a fonte de inspiração da recente revitalização do CPIS como reconhecido pelos técnicos de turismo que coordenam o projeto CPIS. O livro está muito bem ilustrado com fotografias a cores e croquis das diferentes etapas. As etapas que são definidas no livro são aquelas mostradas na quadro 2.

Quadro 2. Etapas definidas no guia-livro de Arlindo Cunha

Etapa	Distância	Lugares	Observações
1. Viseu-Almargem	12 Km	Viseu, Abravezes, Moure, Campo da Madalena, Bigas, Pousa Maria e Almargem	Calçada romana em Pousa Maria
2. Almargem – Mões	10 Km	Almargem, Cabrum, Vila Meã, Nogueirinha, Moledo (Castro Daire), Mões (Castro Daire)	
3. Mões – Magueija	20 Km	Mões, Vila Boa, Vila Franca, Fareja, Baltar, Moura Morta, Mezio, Bigorne, Magueija	
4. Magueija – São Gonçalo de Lobrigos	19 Km	Magueija, Magueijinha, Matança, Bairral, Outeiro Pereira, Parelona, Purgaçal, Ordens, Penude, Lamego, Souto Covo, Sande, Régua, Cruz das Almas, Alvações do Corgo e São Gonçalo de Lobrigos	

5. São Gonçalo de Lobrigos – Vila Real	17 Km	São Gonçalo de Lobrigos, São João de Lobrigos, São Miguel de Lobrigos, Santa Comba, Santa Marta de Penaguião, Banduje, Pousada, Covelo, Santa Bárbara, Cumieira, Silhão, Relvas, Parada de Cunhos, Vila Real	“Esta jornada é perigosa” afirma-se no guia (Cunha de Magalhães, 1995: 182)
6. Vila Real - Zimão	17 Km	Vila Real, Calçada, Vila Seca, Gravelos, Escariz, Benagouro Vilarinho de Samardã, Tourencinho, Gralheira, Zimão (Telões, Vila Pouca de Aguiar)	
7. Zimão – Oura	22 Km	Zimão, Parada do Corgo ou de Aguiar, Montenegro, Vila Pouca de Aguiar, Pedras Salgadas, Águas Romanas, Sabroso de Aguiar, Oura e Salus	
8. Oura – Chaves	15 Km	Oura, Salus, Vidago, Valverde, Pereira de Salão, Redial, Vila-nova da Veiga, Outeiro Jusão, Eiras, Chaves	
9. Chaves – Fronteira (Rabal)	12 Km por Vilarelho da Raia;  23 Km por Seara Velha;  13 Km por Cambedo	a) Por Vilarelho da Raia: Chaves, Outeiro Seco, Vilarelho da Raia.  b) Por Seara Velha para Vilar de Perdizes: Chaves, Casas dos Montes, capela de São Bartolomeu, Valdanta, Soutelo, Seara Velha, Meixide, Ponte da Asso-reira, Vilar de Perdizes. Logo seguia para a Xironda (Galiza).  c) Por Ervededo: Chaves, Couto de Ervededo, Agrela, Cambedo, Casas dos Montes (Galiza)	
TOTAL	144 Km por Vila-relho da Raia  155 Km por Seara Velha  145 Km por Cambedo		

Fonte: Cunha de Magalhães (1995)

Como comprovaremos mais abaixo, estas etapas não coincidem exatamente com as propostas oficialmente agora definidas pelo CPIS, nem em distância (menor na proposta do Prof. Arlindo) nem em trajeto, mas serviram de inspiração. Por outro lado, a obra do Prof. Arlindo Cunha mostra com alguma erudição as variantes ou diferentes possibilidades do percurso, justificadas pelo adágio popular do Norte de Portugal “todos os caminhos vão dar a Santiago” (Cunha de Magalhães, 1995: 226). Além do mais, o ponto de saída é neste guia erudito a cidade de Viseu e não a aldeia de Farminhão (Viseu), na fronteira com o município de Tondela, como acontece agora na atualidade com o percurso oficial do CPIS. Ao longo do caminho são identificados nele e nas suas proximidades vários elementos do património cultural jacobeu, isto é, ligado ao culto de Santiago, entre eles:

- Alminhas com a cruz de Santiago na saída de cidade de Viseu;
- A aldeia e capela de Santiago (antes de Abravezes);
- As alminhas com a cruz de Santiago em Moure Carvalhal;
- As cruzes de Santiago na capela da Nossa Senhora das Necessidades em Bigas;
- O cruzeiro jacobeu em Almargem;
- A antiga capela de Santiago em Vila Meã (Viseu), hoje Nossa Senhora da Saúde;
- A imagem policromada de Santiago peregrino na capela de Vila Meã (Viseu);
- Capela de Santiago em Baltar (Castro Daire), reedificada a finais do século XVII;
- Capela de Santiago em Mouramorta (Castro Daire);
- Pintura de Santiago na igreja paroquial de Mezio;
- Cruzeiro com vieiras em Mezio;
- Mageueja (Lamego): freguesia do Apóstolo Santiago;
- Escultura de pedra de Santiago Apóstolo no portal lateral da igreja paroquial de Mageueja;
- Aldeia de Sande: paróquia de Santiago;
- Antiga capela de Santiago no Largo do Tavalado (hoje Avenida Carvalho Araújo) em Vila Real, sede de uma confraria de Santiago Apóstolo, desaparecida no século XV (Cunha de Magalhães, 1995: 186);
- Imagem do Apóstolo Santiago na sacristia da Capela Nova (Igreja dos Clérigos) de Vila Real.
- Antigo Hospital de Peregrinos no Largo do Tavalado em Vila Real, do século XV, hoje desaparecido;
- Orago de Santiago na freguesia de Telões (Vila Pouca de Aguiar);
- Freguesia de Santiago em Soutelo de Aguiar (Vila Pouca de Aguiar);
- Capela de Santiago em Vila Meã (Vila Pouca de Aguiar);
- Paróquia de Oura (Chaves), freguesia de Santiago;

- Capela barroca de Santiago em Redial (Chaves);
- Antiga Albergaria de peregrinos no Largo da Madalena, criada por Dona Mafalda, esposa de Afonso Henriques;
- Pintura de Santiago peregrino no Caixotão da igreja paroquial de Seara Velha (Chaves);
- Capela e ponte de Santiago (Couto de Ervededo, Chaves);
- Imagem escultórica de Santiago na sacristia da igreja paroquial de Vilarinho da Raia (Chaves);
- Imagem escultórica montada de Santiago, em pedra, na igreja paroquial de Seara Velha (Chaves);
- Freguesia de Santiago em Seara Velha (Chaves);
- Albergaria de Peregrinos em Vilar de Perdizes (Montalegre) instituída em 1551;
- Imagem de pedra de Santiago a cavalo doada pela freguesia de Ervededo à Ermida de São Caetano (Chaves).

São 30 os elementos culturais patrimoniais jacobeus identificados neste guia pelo Prof. Arlindo de Magalhães Ribeiro da Cunha. A profusão deste culto a Santiago é explicada da seguinte forma pelo Prof. Arlindo Cunha: “Tal profusão de lugares de culto só aparentemente anárquica, é explicada pela variedade de trajectos seguidos pelos peregrinos rumo a Santiago. E, de facto, todos os templos dos dois santos estão, efectivamente, à borda desses caminhos antigos” (Cunha de Magalhães, 1995: 212).

No guia citado, descreve-se o património cultural e histórico construído, especialmente o religioso, mas também a flora e o tipo de solo e orografia do trajeto, com um pormenor de erudição e certa emoção nostálgica:

No silêncio quase mágico, cortado de quando em quando pelo cantar de uma ave, parecem ecoar os passos das colunas romanas e espera-se, a todo momento, ver passar um velho druida em busca do sagrado visco (*Viscum álbum* L.) dos carvalhos. (Cunha de Magalhães, 1995: 152).

Portanto este livro foi a fonte de inspiração, o espelho e o guia que orientou a revitalização desta histórica rota de peregrinação. A apropriação simbólica dele foi tão importante que 22 anos depois da sua publicação ainda é uma referência para o estudo e desenvolvimento desta rota.

### 2.3. O CPIS segundo o Eixo Atlântico do Noroeste Peninsular

No ano 2009 o Eixo Atlântico publica em três idiomas (português, espanhol e inglês) um guia dos caminhos de Santiago (Vázquez Mao, 2009) orientado à promoção do ano santo de 2010. Nesse guia o CPIS aparece enquadrado

nos designados como “caminhos do Sudeste” (Via da Prata, Caminho Moçárabe...) e no mapa só aparece reflexado o percurso desde Lamego até Chaves-Verín, que no interior do guia não é descrito nem explicado.

Trinta anos depois da publicação do livro do Prof. Arlindo Cunha, em 2015, o Eixo Atlântico publica um estudo detalhado sobre os caminhos de Santiago no Norte de Portugal (cf. Eixo Atlântico, 2015). Neste estudo (cf. <https://www.eixoatlantico.com/es/noticias/eixoatlantico/3668-el-gobierno-de-portugal-pone-en-marcha-organo-de-coordinacion-nacional-del-camino-de-santiago>) descrevem-se as etapas de acordo com a divisão estabelecida pelas Câmaras Municipais, tendo em atenção a disponibilidade de albergues e serviços ao peregrino no final de cada etapa registados na web oficial do projeto: <http://www.cpisantiago.pt/>

Quadro 3. Etapas do CPIS definidas no estudo do Eixo Atlântico 2015

Etapa	Distância
1 Viseu (Fontelo) – Almargem	16,7 Km
2 Almargem – Ribolhos	23,3 Km
3 Ribolhos – Bigorne	19,7 Km
4 Bigorne – Penude	11,9 Km
5 Penude – Bertelo	29,2 Km
6 Bertelo - Vila Real	11 Km
7 Vila Real - Parada de Aguiar	26,6 Km
8 Para de Aguiar – Vidago	22,6 Km
9 Vidago – Chaves	19,7 Km
10 Chaves – Verín	26,1 Km
Total	206,8 Km

Mas também encontramos algumas diferenças com a rota oficial promovida pelas autarquias, por exemplo, para o Eixo Atlântico a rota começa em Fontelo (Viseu), muito próximo da cidade de Viseu, e não em Farminhão, a sul do município. A descrição das etapas feita pelo Eixo Atlântico, ainda que com algumas diferenças, tem uma forte inspiração no guia do Prof. Arlindo Cunha, e é a seguinte:

### *Etapa 1: Viseu (Fontelo) - Almargem (16,7 km)*

“O itinerário sai de Viseu pela Cava de Viriato, seguindo a Estrada Velha, com duas alternativas. A primeira dirige-se à direita para a Rua de Santa Amélia até à Escola Preparatória de Abraveses; a segunda alternativa continua para o centro da Freguesia de Abraveses, saindo pela Rua da Praça e continuando pela Rua da Eirinha e seguindo em frente por um caminho de terra até a Escola

Preparatória. O itinerário vira à esquerda no primeiro cruzamento, pelo lugar de Quinta da Corga, e pouco depois vira novamente à esquerda para a estrada nacional. Cruza a estrada IP5 virando para o leste em direção a Moure da Madalena e Moure Calvalhal, passando à frente de umas alminhas onde figura a Cruz de Santiago. O itinerário atravessa a Lavandeira até chegar de novo à estrada asfaltada e cruzando-a. Pouco depois atravessa a estrada nacional de Castro Daire chegando ao Campo da Madalena. Depois de passar por outro conjunto de alminhas, o traçado vira novamente à direita incorporando-se à estrada nacional, que decorre um trecho, saindo para o oeste para novamente virar para o leste voltando a incorporar-se à mesma. O trajeto continua 800 metros sobre a estrada e sai pela margem direita continuando o itinerário por um caminho de terra até chegar a Bigas. Passada a Capela da Nossa Senhora das Necessidades, vira à direita, antes da ponte, por uma rua empedrada, cruza a estrada nacional e chega a Pousa Maria. Continua o traçado por um trilho de terra, até um cruzamento de três caminhos, em que continua pelo central, até alcançar um trecho da antiga via romana que segue a estrada nacional, junto à Ponte de Almargem. Depois da ponte, continua à direita cruzando o centro urbano de Almargem e, passando a Capela da Nossa Senhora, chega até um cruzeiro Jacobeu”.

### *Etapa 2: Almargem - Ribolhos (23.3 km)*

“Desde o cruzeiro, o itinerário segue pela Rua da Boavista, por um caminho de terra. Chega até uma estrada asfaltada e vira à esquerda e depois à direita, continuando por um caminho de terra até chegar a um cruzamento. No cruzamento vira novamente à direita e, mais adiante, à esquerda, descendo até ao rio Cabrum. Cruza o rio e sobe até a casa do Guarda Florestal. O traçado chega até à estrada asfaltada, no lugar de Água de Alte e vira à esquerda, e depois novamente à esquerda num cruzamento não sinalizado, até chegar a Vila Meã. Continuando pela estrada chega a Moledo e avança até à igreja paroquial, onde segue em frente para o interior da aldeia. Passada a aldeia, atravessa o rio Balteiro por uma ponte, e sobe ao monte até Penedos Juntos. Desce novamente o caminho até uma pista florestal, virando à esquerda até cruzar com a estrada asfaltada, e continua à direita da estrada até chegar a Mões. Após passar o núcleo de Mões, o traçado chega até um alto e começa a descer por outra estrada até chegar a Vila Boa. Antes de chegar à Capela de Vila Boa, vira à direita, passando à frente de um lavadouro. Cruza novamente uma estrada, e continua por um caminho de terra passando diante das últimas casas de Vila Boa e chegando a um cruzamento de caminhos, em que continua pelo central até uma bifurcação. Continua à direita até uma nova bifurcação, na qual continua por um caminho à esquerda que termina numa área de prados, entrando num pitoresco vale. O traçado continua atravessando os prados até retomar o caminho para o outro lado do vale, e subindo até à estrada asfaltada que leva à Ribolhos e depois continuando em frente em direção a Vila Franca”.

### *Etapa 3: Ribolhos - Bigorne (19,7 km)*

“O itinerário continua em Ribolhos atravessando a estrada que vai para Vila Franca, descendo até à aldeia. Rodeia a capela à direita e desce pelo caminho que vai para o rio Paiva, atravessando por uma passarela de pedras. O caminho continua subindo a Quinta do Vale da Cabra por um caminho de terra, e depois empedrado, até chegar a uma estrada que vira à esquerda em direção ao lugar de Pinheiro. Continua por um caminho através do monte, até cruzar com a estrada de Vila Nova de Paiva, e passando por Farejinhãs e Fareja. Continua a ponte sobre o rio Paiva, e depois pela primeira rua à direita, subindo em direção a Baltar. Em Baltar, o Caminho passa na frente da Capela de Santiago e sobe até chegar a um cruzamento, continuando à direita, até chegar ao local do parque e a estrada nacional de Castro Daire a Lamego. Após passar a estrada, dirige-se a Cinfães, e após percorrer cerca de 500 metros pela estrada, ainda por um caminho à direita que leva a uma ponte de origem romana e a outra Capela dedicada a Santiago, até chegar a Mouramorta. Passando o núcleo de Mouramorta, junto a um cruzeiro, segue o traçado por um caminho que leva a Mezio, passando por diversas passarelas de pedra que cruzam riachos, chega a um muro sinalizado com uma seta amarela indicando o caminho, rodeando o muro pela esquerda e passando por umas pedras até chegar a uns moinhos. O traçado segue descrevendo um semicírculo que contorna a serra até ligar com um caminho que corre entre muros, e que vira novamente à esquerda para chegar a Mezio. Passando a igreja de Mezio, o itinerário continua em direção à estrada nacional, desviando-se, antes de chegar à mesma, por um caminho sobre uma ponte que novamente termina na estrada nacional. Continua na margem direita da estrada em direção a Bigorne”.

### *Etapa 4: Bigorne - Penude (11,9 km)*

“O traçado continua em direção à Ponte de Reconcos que cruza o rio Balsemão, segue paralelamente à margem direita da estrada nacional de Viseu a Lamego até passar por Maqueijinha, onde se destaca a Igreja Paroquial, em devoção a Santiago. Continua em direção a nordeste passando por Matança, sinalizada por um cruzeiro com data de 1889, e passa pela Capela de Santa Cruz, continuando pelo caminho antigo que passa pelos lugares de Bairral, Outeiro Pereira, Parelouga e Purgaçal. Entra de novo na estrada nacional, sai dela em direção a Ordens e, finalmente, a Penude”.

### *Etapa 5: Penude – Bertelo (29,2 km)*

“O Caminho sai de Penude pela estrada nacional, no cruzamento chamado Carreira de Tiro, e continua até Lamego, onde se destaca a Catedral dos Remédios. Sai de Lamego pela estrada para Resende em direção a Souto Covo, atravessando antes de chegar, à estrada nacional de Lamego a Vila Real. Desde

Souto Covo, continua até à estrada nacional para a Régua e atravessa, seguindo em frente até São Pedro de Balsemão. Junto à Quinta do Atalho, segue pela Quenlla do Atalho até Sande. Aí cruza o afluente do Varosa para seguir até à Régua pela estrada nacional. Ao sair da Régua, o traçado atravessa novamente a estrada nacional em direção a noroeste, para virar depois para o nordeste até São Gonçalo de Lobrigos, também com a presença de uma Capela dedicada a Santiago. O itinerário continua até São João de Lobrigos, cruzando a estrada nacional de Régua a Vila Real, em São Miguel de Lobrigos, e continua para o norte até Santa Comba e Banduge. Novamente cruza a estrada nacional e chega a Pousada e Covelo, atravessando o núcleo da povoação e saindo em direção a Bertelo, onde cruza novamente a estrada nacional”.

#### *Etapa 6: Bertelo - Vila Real (11,0 km)*

“O traçado continua até Santa Barbara e ascende para o norte até Cumieira e Silhão, cruza a ponte sobre o rio Sordo até chegar a Relvas. A partir daqui, desvia em direção a noroeste e cruza a estrada nacional até chegar a Parada de Cunhos, onde se destaca a igreja paroquial. O traçado sai de Parada de Cunhos em direção a leste para apanhar a estrada nacional, que continua até Vila Real, passando pela Catedral e Igreja dos Clérigos”.

#### *Etapa 7: Vila Real - Parada de Aguiar (26,6 km)*

“O traçado continua em Vila Real em direção a Calçada, Vila Seca, Gravelos e Escariz, percorrendo paralelamente à estrada nacional entre Vila Real e Chaves até chegar à ponte sobre o rio Corgo. Após passar a ponte, continua até Benagouro, desviando para o nordeste até Vilarinho de Samardã, situada à margem direita do rio Corgo, onde a igreja paroquial guarda a imagem de São Gonçalo da antiga confraria do mesmo nome. A partir daqui, o caminho antigo encontra-se em mau estado e torna-se intransitável, pelo que o traçado continuaria pelo caminho que desce para o rio, e depois para a direita. Passado o rio, sobe até à linha de comboio, seguindo pela margem esquerda até Tourencinho, Gralheira e, finalmente, por um caminho antigo até Zima, passando pela Capela de São Gonçalo. O traçado continua em direção a Parada do Corgo, Motenegrelo e Parada de Aguiar, topónimo que se refere ao acolhimento de peregrinos e viajantes que passavam por estas terras”.

#### *Etapa 8: Parada de Aguiar - Vidago (22,6 km)*

“O itinerário continua até Vila Pouca de Aguiar, saindo pela Rua Doutor Bento Acácio Ribeiro, descendo até Cidadelhe e cruzando a Ponte. Segue a antiga estrada romana, devidamente sinalizada, até Pedras Salgadas e daí para Águas Romanas, passando a ponte sobre o rio Avelame, continuando até Sabroso de Aguiar. O traçado atravessa a estrada nacional de Chaves e sobe o

alto de Reigás. Continua paralelo à estrada pela margem esquerda descendo, até chegar a uma pequena subida em que se encontra a bifurcação para Oura. O caminho segue até Salus e Vidago”.

### *Etapa 9: Vidago - Chaves (19,7 km)*

“O caminho continua até alcançar a igreja neo-românica, continuando pela sua direita até cruzar com a estrada nacional e prosseguindo até Valverde, Pereira de Selão e Redial, onde encontramos uma Capela dedicada a Santiago. A partir daqui o traçado continua até Vila Nova da Veiga, cruzando novamente a estrada nacional, que volta a cruzar ao passar o núcleo de povoação, junto ao cemitério. Segue a estrada nacional por Outeiro Jusão até Chaves”.

### *Etapa 10: Chaves - Verín (26,1 km)*

“Existem pelo menos três alternativas de traçado, para cruzar a fronteira até à Galiza: por Vilarelho da Raia, por Seara Velha, e por Ervededo. A primeira parte de Chaves em direção a Outeiro Seco, passando perto da igreja românica de Nossa Senhora da Azinheira, e continuando até Senhora da Portela. A partir daqui, dirige-se a Vilarelho da Raia, onde a igreja paroquial contém uma pequena imagem do Apóstolo Santiago, e cruza a fronteira até Rabal. A segunda alternativa de traçado sai de Chaves pelo oeste, em direção a Vale de Anta, Soutelo, e Seara Veba, paróquia dedicada a Santiago. Continua até ao santuário da Senhora da Aparecida, e da Senhora das Necessidades, chegando a Meixido. Passa pela ponte de Assoreira e Ponte de Chaves até chegar a Vilar de Perdizes, onde cruza a fronteira até Xironda. Este caminho até há alguns anos estava em muito mau estado resultando intransitável, pelo que a escolher este caminho existe uma alternativa de traçado que desde a Capela de Nossa Senhora das Necessidades vai a Castelões, voltando a Meixido, e de lá segue pela estrada asfaltada em direção a Soutelinho da Raia e, entre a igreja paroquial e a Capela do Senhor dos Passos, sai para a direita o caminho antigo que leva até à Ponte de Assoreira. Finalmente, a terceira alternativa de traçado sai de Chaves pelo quartel em direção a Montalegre, e continua até Soutelinho e Couto de Ervededo, passando por outra Capela de devoção a Santiago, e chegando à Ponte de Santiago que atravessa. Continua até Agrela e Cambedo, com a Capela dedicada a São Gonçalo, e pouco depois atravessa a fronteira até Casas dos Montes”.

A continuação vamos a sublinhar algumas diferenças com relação ao guia do Prof. Arlindo Cunha. A primeira é o número de etapas, que no guia do Eixo Atlântico são 10 e não 9, e a sua conclusão em Verín (Galiza), já na Via da Prata ou Caminho Mozárabe, e não na própria fronteira.

Resultado dessa escolha, fruto de uma visão transnacional e euroregional da própria rota, é a maior distância oficial do CPIS. Ambos os guias reconhe-

cem três variantes para atravessar a fronteira com a Galiza. Ainda assim ambos os guias coincidem no início da rota na cidade de Viseu e não em Farminhão como promovem os municípios impulsores do CPIS.

## 2.4. O CPIS no guia dos Caminhos portugueses de Santiago de Paulo Almeida Fernandes

Em setembro de 2018 publica-se um guia sobre os caminhos de Santiago (Almeida Fernandes, 2018), que aborda o Caminho Central Português (Lisboa – Santiago), o Caminho da Costa (Porto-Santiago), o Caminho Português Interior (Farminhão, Viseu – Santiago) e o Caminho de Torres, Salamanca – Ponte de Lima – Santiago de Compostela). Estes foram os caminhos portugueses que a Comissão Nacional da UNESCO inscreveu em maio de 2016 na lista indicativa portuguesa para Património Mundial. O autor é um historiador que foi relator da proposta para a inclusão dos caminhos na Lista indicativa UNESCO em 2015. A justificação dada para a sua seleção e inscrição foi a seguinte:

Entre outros méritos da proposta sobre a qual se baseou aquela decisão, encontra-se o reconhecimento de uma espinha dorsal de caminhos jacobeus portugueses composta por quatro itinerários já consolidados, quatro rotas que, para além de estarem fortemente implantadas a nível local, beneficiaram, em anos recentes de qualificação e divulgação. (Almeida Fernandes, 2018, p. 5).

E a interpretação que este autor proporciona sobre o CPIS é reveladora da importância histórica do culto a Santiago no interior de Portugal: “O Caminho Português do Interior revela como, mesmo em zonas de difícil acesso e de povoamento historicamente escasso, o culto a Santiago deixou profundas marcas e se deteta ainda nas principais estradas que levavam à localidades mais importantes” (Almeida Fernandes, 2018, p. 5).

O guia do historiador Paulo Almeida Fernandes dedica 33 das 200 páginas do seu guia ao CPIS, isto é, 16,5% da obra. E o que mais nos interessa aqui é analisar qual foi a segmentação das etapas e a sua comparação com as outras propostas (Quadro 4).

O ponto de início da rota coincide com o proposto oficialmente pelas autarquias, mas é mais específico ainda e começa na fronteira com o município de Tondela, mais em concreto no Montebelo Golfe, a uns 3 Km de Farminhão. A distância em território português é diferente das rotas propostas por Arlindo Cunha de Magalhães e pelo Eixo Atlântico e muito semelhante à proposta oficial dos municípios. Também difere do guia de Arlindo Cunha em que este não acaba na fronteira, porém continua na fronteira e chega a Verín (Galiza),

Quadro 4. Etapas do CPIS segundo Almeida Fernandes (2018)

Etapa	Distância	Tempo	Dificuldade	Lugares
1. Farminhão – Fontelo (Viseu)	17 Km	4,5 horas	Baixa	Montebelo Golfê, Farminhão, São Cipriano, Póvoa de Medronhosa, Vildemoinhos, Viseu, Fontelo
2. Fontelo – Almagem	15 Km	4,5 horas	Baixa	Fontelo, Campo, Folgosa, Quintas, Pousa Maria, Almagem
3. Almagem – Ribolhos	24 Km	6 horas	Média	Almagem, Vila Meã, Moledo, Balteiro, Mões, Vila Boa, Grijó, Ribolhos (Castro Daire)
4. Ribolhos – Bigorne	18,5 Km	5 horas	Elevada	Ribolhos, Casais de Dona Inês, Vila Franca, Fareja, Baltar de Cima, Vila Pouca, Moura Morta, Mézio, Bigorne
5. Bigorne – Lamego	16 Km	4,5 horas	Baixa	Bigorne, Magueija, Matança, Penude, Lamego
6. Lamego – Bertelo	23 Km	7,5 horas	Elevado	Lamego, Souto Covo, Sande, Peso da Régua, Remostias, São Gonçalo, Miguel de Lobrigos, Santa Marta de Penaguião, Bandede, Concieiro, Bertelo
7. Bertelo – Vila Real	11 Km	3 horas	Baixa	Bertelo, Cumeceira, Relvas, Parada de Cunhos, Vila Real
8. Vila Real – Parada de Aguiar	26,5 Km	7 horas	Elevada	Vila Real, Ferreiros, Bordelinha, Adoufe, Coêdo, Escariz, Benagouro, Vilarinho de Samardã, Tourencinho, Gralheira, Parada de Aguiar
9. Parada de Aguiar - Vidago	23 Km	6 horas	Baixa	Parada de Aguiar, Vila Pouca de Aguiar, Cidadelha, Pedras Salgadas, Sabroso de Aguiar, Oura, Vidago
10. Vidago – Chaves	20 Km	5,5 horas	Baixa	Vidago, Valverde, Pereira de Selão, Redial, São Pedro de Angostem, Outeiro Jusão, Chaves
11. Chaves - Verín	27 Km	8 horas	Média	Chaves, Outeiro Seco, Vila Meã, Vilarinho da Raia, Vilarelho da Raia, Rabal, Tamaguelos, Mourazos, Tamagos, Cabreiroá, Verín
TOTAL	221 Km			

Fonte: Almeida Fernandes (2018)

numa visão transnacional da rota. Por outro lado, este guia, junto com o do Eixo Atlântico e com o guia oficial dos municípios só promove uma variante para atravessar a fronteira luso-galega, que é a de Vilarelho da Raia. Isto representa também uma diferença em relação ao guia de Arlindo Cunha de Magalhães, que ilustra três variantes históricas para atravessar a fronteira.

O guia destaca a vontade local dos municípios em desenvolver o CPIS, a sua antiguidade, a sua história e o seu lado aventureiro, com passagem por lugares de grande beleza (Almeida Fernandes, 2018: 115).

## 2.5. As etapas “oficiais” do CPIS

As etapas promovidas oficialmente pelos líderes do CPIS e publicitadas alargadamente em folhetos e na sua web (cf. <http://www.cpisantiago.pt/>), atualmente em manutenção, são aquelas mostradas na quadro 5.

Quadro 5. Etapas oficiais do CPIS

Etapa	Distância
1. Farminhão – Fontelo (Viseu)	17,2 Km
2. Fontelo – Almargem	16,9 Km
3. Almargem – Ribolhos	23,5 Km
4. Ribolhos – Bigorne	18,4 Km
5. Bigorne – Lamego	16 Km
6. Lamego – Bertelo	22,5 Km
7. Bertelo – Vila Real	11 Km
8. Vila Real – Parada de Aguiar	26,8 Km
9. Parada de Aguiar – Vidago	22 Km
10. Vidago – Chaves	19,7 Km
11. Chaves – Verín	26,1 Km
TOTAL	220,8 Km

Fonte: Folheto oficial do CPIS

O ponto de início oficial de toda a rota é proposto em Farminhão (Viseu), mas não na mesma povoação de Farminhão, porém num ponto na fronteira com o município de Tondela, ao pé do Montebelo Golfe, num lugar onde o sinal de saída foi vandalizado. O início e fim de cada etapa foram definidos em função da existência de serviços básicos e de albergue para peregrinos. O percurso promove o atravessar da fronteira até Verín (Galiza) e não fica pela fronteira como no guia do Prof. Arlindo Cunha. Por outro lado, na última etapa só promove uma das três variantes, aquela que passa em Vilarelho da Raia, mas não pelo traçado do “caminho da feira” (designação local) que é o

indicado pelo Prof. Arlindo Cunha, e sim pela aldeia de Vila Meã. Queremos afirmar com isto que há uma interpretação contemporânea da proposta de percurso do Prof. Arlindo Cunha.

Após ter feito o percurso completo do CPIS na sua parte portuguesa, desde janeiro de 2016, a pé, vamos apresentar aqui uma avaliação do traçado da rota. Sublinhar que nalguns casos fizemos várias vezes alguns troços tanto sozinhos, com amigos como em grupo. A nossa observação empírica deste encontro com o CPIS foi registada etnograficamente em diário de campo. No quadro abaixo detalhamos alguns aspetos observados durante os percursos, que não coincidiram exatamente com os propostos pelos municípios e sobre os quais não pretendemos fazer qualquer proselitismo ou recomendação (Quadro 6).

Os troços ou etapas acima referenciados não representam as etapas oficiais recomendadas pela organização do CPIS, porém, elas foram organizadas em função das forças dos investigadores e das possibilidades de alojamento a chegada. O habitual foi percorrer a pé entre 20 e 25 quilómetros, com uma duração de aproximadamente 5 horas, incluindo uma pequena paragem de 30 minutos a meio da etapa para recuperar forças. Esta questão não é banal, antes pelo contrário, nos caminhos de Santiago há uma luta pela posição do fim e do início das etapas – troços, pois é aí que os peregrinos consomem mais bens e serviços, deixando riqueza económica a essas localidades. Estar na metade de um troço, algo não sempre fixo, representa uma posição de menor força na atração, alojamento, acolhimento ou oferta de serviços aos peregrinos. O momento do ciclo de vida na reinvenção deste caminho ainda não apresenta de forma evidente este tipo de problemas que já se observam noutros caminhos de Santiago (ex. Caminho francês de Santiago de Compostela).

Outra questão dialética é a das variantes do CPIS. Ainda que haja um percurso oficial definido pelas autarquias e os seus técnicos, há no contorno do CPIS alguns movimentos sociais que defendem variantes do percurso. Uma delas é o percurso definido como “Coração do Douro” (Pinhão – São Fins do Douro – Alijó – Vila Pouca de Aguiar), que em 24 de março de 2018 foi realizado no seu primeiro troço por um grupo de caminheiros de SanFins do Douro. Esta iniciativa contou com o apoio do Clube Desportivo Sanfinense, da Junta de Freguesia do Pinhão, de Favaios, de Sanfins, de Vila de Maçada e o Município de Alijó, que disponibilizou um autocarro de apoio e motorista, e que efetuou o transporte dos participantes.

Quadro 6. Características gerais dos troços do CIPS percorridos

Troço	Distância em Km	Duração a pé	Simalética	Adequação para bicicletas	Adequação para cavalos	Fontes de água
1. Farninhão – Viseu	20	5 horas	Setas amarelas, placas metálicas e veteira	Sim	Sim	Sim
2. Viseu – Almarginem	18	5 horas	Setas amarelas, placas metálicas e veteira	Sim	Sim	Sim
3. Almarginem – Fareja	28	9 horas	Setas amarelas, placas metálicas e veteira	Sim	Sim	Sim
4. Fareja – Penude	26	8 horas	Setas amarelas	Sim	Sim	Sim
5. Penude – Santa Marta de Penaguião	22	5 horas	Setas amarelas	Sim, bicicleta de montanha com dificuldades	Sim, algumas partes com dificuldades	Problemas
6. Santa Marta – Vila Real	17	6 horas	Setas amarelas e placas de madeira	Sim	Sim	Problemas
7. Vila Real – Samardã	12	3 horas e média aprox.	Setas amarelas	Sim pela ciclovia; não pelo caminho oficial;	Sim	Sim
8. Samardã – Pedras Salgadas	26	5 horas e 30 minutos	Setas amarelas e placas metálicas	Sim	Sim	Sim
9. Pedras Salgadas – Vídago	12	2 horas e 45 minutos	Setas amarelas e placas metálicas	Sim mas com dificuldades	Sim	Sim
10. Vídago – Chaves	20	5 horas	Setas amarelas e placas metálicas	Sim	Sim	Sim
11. Chaves – Verín	26	6 horas	Setas amarelas e placas metálicas	Sim	Sim	Sim

Fonte: Elaboração própria com base em trabalho de campo e trabalho documental

### 3. Potencialidades e estratégias de desenvolvimento do CPIS

El crecimiento constante de esta industria y su tendencia consiguiente a la masificación se produce de forma paralela con una mayor conciencia ambiental de unos consumidores que cada vez exigirán destinos turísticos más limpios, más seguros y más benévolos para con el medio ambiente. Estas dos tenencias, cuantitativa y cualitativa respectivamente, convierten en algo imperativo el desarrollo y la gestión de una industria turística sostenible. (Frangialli, 1999, p. 3)

Nesta seção mostraremos uma análise estratégica das potencialidades e potenciais estratégias de desenvolvimento do CPIS. Esta análise estratégica poderá servir de base para melhorar a planificação, a organização da rota e o seu futuro. Um processo de planificação integra as seguintes fases: estudo, objetivos, avaliações, análise e síntese (ex. DAFO), definição de políticas e planos, recomendações, execução e gestão (cf. OMT, 1999). Nesta seção realizaremos um pequeno esboço até ao ponto da análise e síntese desse processo. Vamos começar por uma breve caracterização demográfica e turística do território imediato que atravessa, os municípios do CPIS. O território que atravessa o CPIS é o interior Centro e Norte de Portugal, espaço caracterizado pelo discurso dominante como um território de baixa densidade demográfica, como pode ser apreciado na figura abaixo a partir dos dados da população residente.

Quadro 7. Estimativas da População dos municípios do CPIS em 2016

Município	População
Chaves	39910
Vila Pouca de Aguiar	12328
Vila Real	50224
Santa Marta de Penaguião	6806
Peso da Régua	16131
Lamego	23350
Castro Daire	14448
Viseu	98007
Total	263.204

Fonte: PORDATA, <https://www.pordata.pt/>

O número total de habitantes dos municípios do CPIS é de 263.204, a maioria concentrado nas pequenas cidades e vilas sede de concelho. Nestes municípios a atividade turística tem a sua importância e relevância. Vejamos alguns números da oferta de alojamento turístico e também da procura no quadro 8.

Quadro 8. Alojamento hoteleiro dos municípios do CPIS em 2017

Município	Capacidade de alojamento dos estabelecimentos hoteleiros	Hotéis / cama	Nº de hotéis	Quartos	Nº de hóspedes	% de hóspedes estrangeiros
Chaves	1327	834	29	607	81554	23,5%
Vila Pouca de Aguiar	199	-	6	117	11158	20,1%
Vila Real	735	430	17	370	45040	21,5%
Santa Marta de Penaguião	66	-	3	30	814	0%
Peso da Régua	493	-	9	253	41506	27,1%
Lamego	735	24	-	359	48252	51,7%
Castro Daire	404	-	4	135	11470	11,2%
Viseu	1692	-	22	837	127353	27,7%
Total	5651		90	2708	367147	

Fonte: PORDATA, <https://www.pordata.pt/>

Com base nestes dados do ano 2017, podemos afirmar várias coisas:

- A capacidade de alojamento turístico hoteleiro é desigual entre municípios, sendo Viseu, Chaves, Lamego, Vila Real e Régua, por esta ordem, os de maior capacidade. No total dos oito municípios da rota estamos a falar de uma capacidade para 5651 hóspedes.
- A procura de alojamento turístico é desigual segundo os municípios, sendo Viseu, Chaves, Lamego, Vila Real e Régua, por esta ordem, os de maior procura.
- O número de hóspedes estrangeiros é relativamente baixo, com exceção de Lamego que atinge algo mais da metade, o que pode ter uma leitura positiva de potencial crescimento do turismo internacional.

A continuação apresentamos uma análise diagnóstica DAFO, também conhecido como FOFA ou SWOT:

	Ajudam a atingir os objetivos (+)	Dificultam atingir os objetivos (-)
Fatores internos:	FORÇAS	FRAQUEZAS
Fatores externos:	OPORTUNIDADES	AMEAÇAS

Será uma análise de avaliação externa feita durante e depois da inserção no terreno sob investigação e análise, portanto será feita “com um pé dentro e outro fora”. Esta análise implica três níveis de ação estratégica: a) o de produtos e atrativos turísticos concretos; b) o das políticas e programas municipais de desenvolvimento do turismo (análise de políticas e práticas); c) o das potencialidades do CPIS como produto e experiência de turismo e peregrinação. Na análise começamos pelas forças, seguiremos pelas fraquezas, atravessaremos as ameaças ou fatores externos que não conseguimos controlar e concluiremos a análise com as oportunidades, caminhos ou possibilidades para o desenvolvimento do CPIS.

### 3.1. Forças (*Pontos fortes*):

- A ligação e a coordenação técnica entre os municípios do CPIS.
- Mais importância do turismo nas webs municipais.
- A diversidade de ofertas de turismo rural da zona.
- As agendas municipais (ex. trimestrais) de eventos locais.
- Os produtos agroalimentares de qualidade reconhecida como DOP, IGP, DOC...
- O ciclo anual de feiras e eventos como complemento da atração de peregrinos.
- A vontade política local de consolidar o CPIS.
- A sinalética do CPIS.
- As paisagens naturais que atravessa.
- O ser um produto transnacional entre dois países.
- A não massificação do produto-experiência.
- A íntima ligação entre o CPIS e as termas da região (ex. Pedras Salgadas, Vidago, Chaves...).
- A juventude e dinâmica dos técnicos de turismo dos municípios.
- A candidatura do CPIS a património mundial da UNESCO.
- O apoio das associações de caminheiros locais.
- A integração do projeto na Federação Europeia dos Caminhos de Santiago (cf. <http://www.saintjamesway.eu/> ).
- O momento inicial do ciclo de vida deste produto e experiência turíperegrina, que leva a que não esteja massificado e permita criar um espaço de reflexividade e de viagem interior.
- A íntima conexão com a natureza e a diversidade de paisagens como novos pontos de interesse sacral.
- A possibilidade, enquanto rota transnacional, de viver a diversidade ibérica de uma forma intercultural.
- A articulação entre peregrinação, turismo e espiritualidade.
- As possibilidades que oferece para conhecer as paisagens rurais e rururbanas do centro e norte de Portugal e da Galiza (Espanha).
- A vivência compreensiva de um passado presente.

### 3.2. Fraquezas (Pontos fracos)

- Baixo número de peregrinos a frequentar o CPIS, o que implica uma baixa perceção local do valor do CPIS. “Sem peregrinos não há caminhos” (Paulo Almeida Fernandes, 10-1-2019, Encontro científico sobre o CPIS na UTAD em Vila Real).
- Alguns problemas de sinalização nalguns pontos, bem por falta de setas amarelas ou vandalização de sinais. Vejamos alguns exemplos etnográficos do afirmado:

*“Em 26-03-2016 percorremos este troço da rota, que se inicia oficialmente na fronteira com o município de Tondela, cerca da Hípica Montebelo, na freguesia de São Miguel, um ponto no qual desapareceu o primeiro sinal, talvez vandalizado, o que dificulta e cria ansiedade no peregrino. Começamos a caminhar pelas 9.30 horas e num cruzamento tinham roubado o sinal do caminho, após 30 minutos de caminhada atingimos a aldeia de Farminhão (município de Viseu), na qual não encontramos indicações sobre a localização do albergue. Até lá o caminho decorre por caminhos de terra batida, pouco alcatrão e estrada”* (Diário de campo, 26-03-2016).

*“Magueija celebra a sua festa de São Tiago, no fim de julho. Na aldeia de São Tiago (freguesia de Magueija), o caminho passa após Vila Nova, ainda que há muita confusão na sinalética e por momentos desaparece. Ali há duas figuras de Santiago, uma de Santiago peregrino em madeira no altar maior e outra em pedra, também do Santiago peregrino, com cabaça e uvas, na entrada sul da igreja. Segundo vários locais com os que conversamos, o caminho de Santiago discorre de Vila Nova, por São Tiago, desce pela estrada e a Calçada de Frades, aldeia de Matanças, N-2 e Penude. Há uma grande confusão de sinais neste troço, e desaparecem em muitos troços, caminha-se pela estrada, o que resulta muito duro e perigoso, além da ansiedade que cria a má sinalética. A duração da caminhada foi de 8 horas”* (Diário de campo, 8-07-2016).

*“Fontelo – Almargem: O traçado está mal sinalizado... a travessia do rio Vouga é perigosa, pois é feita pela estrada nacional, via com muito tráfego automóvel e quase sem bermas”* (Almeida Fernandes, 2018: 121).

- O segundo problema importante é a longitude e dificuldade orográfica de algumas etapas “oficiais”, especialmente a de Penude (Lamego) até Bertelo (Santa Marta de Penaguião). A falta de albergues intermédios obriga às vezes a procurar alojamento alternativo em residenciais e hotéis que estão à volta do caminho, o que por outro lado contribui para distribuir territorialmente a riqueza gerada pela caminhada. Portanto

são precisos alguns albergues ou outro tipo de alojamentos orientados a turíperegrinos com distâncias entre eles de 20-25 quilómetros.

- O terceiro problema é a falta de passadeiras de peões para atravessar estradas em zonas urbanas como a cidade de Vila Real, e também a falta de berma e caminho seguro para caminhar à beira da estrada N-2, por exemplo desde Escariz até Vilarinho de Samardã (Vila Real), o que converte a caminhada em uma atividade perigosa face ao intenso trânsito da estrada. Estamos a falar de caminhada, mas o mesmo se aplica aos bicigrinos, isto é, aos peregrinos que fazem uso da bicicleta. Vejamos um exemplo etnográfico disto:

*“Em 29-01-2016 fizemos esta etapa, que se inicia na cidade de Vila Real e tem duas possibilidades. A primeira é seguir pela rota oficial assinalada e a segunda é caminhar ou andar em bicicleta pela antiga linha do comboio entre Vila Real e Chaves. A primeira sai do Largo da Câmara Municipal de Vila Real, na Avenida Carvalho Araújo (ao pé da Loja interativa de Turismo, onde carimbam a credencial de peregrino) e segue inicialmente um percurso urbano bem sinalizado com setas amarelas e sinais metálicos, atravessa por um passo inferior a IP-4, passa em Parada de Cunhos, São Dinis, São Pedro, Nossa Senhora da Conceição, Borbela, Adoufe, Escariz (igreja de Santa Bárbara). Benagouro (capela de Santa Ana) e Vilarinho de Samardã. À saída de Escariz não é fácil de visibilizar o desvio à direita por caminhos de terra batida mais seguros do que a estrada N-2, na direção de Benagouro.*

*Vilarinho de Samardã é a aldeia onde o famoso escritor Camilo Castelo Branco passou a sua mocidade, a capela de Santo Afonso coroa a aldeia e as vistas da cidade de Vila Real e o vale do Corgo. Também conta com um pequeno café e um restaurante (Adega Passos Perdidos). A primeira parte de este percurso deve ser percorrida com muito cuidado do trânsito rodoviário, e a partir de Escariz o percurso discorre em parte pela N-2, o que torna muito perigosa a caminhada, pois falta berma adequada e distância de segurança face aos muitos carros e camiões que passam nessa estrada.*

*A segunda possibilidade é recomendada em tempo de inverno, deve iniciar-se na antiga estação de comboios de Vila Real e passa por contornos urbanos e rururbanos até Ambres, logo Fortunho e finalmente atinge o antigo apeadeiro dos comboios em Samardã. O percurso está muito cuidado pela Câmara Municipal de Vila Real e é utilizado por ciclistas e locais, não apresentando especiais dificuldades para um caminheiro iniciado. A distância total é de cerca de 12 quilómetros. Ao chegar ao apeadeiro de Samardã encontramos um problema e é o facto de chegar ao meio da “nada”, isto é, não há albergues nem alojamento nas proximidades. Temos duas possibilidades, ou seguir caminho a pé ou em bicicleta até o concelho vizinho de Vila Pouca de Aguiar ou baixar ao rio Corgo e subir até a aldeia*

*de Samardã, onde um carro de apoio poderá levar-nos novamente até Vila Real para alojamento” (Diário de campo, 29-01-2016).*

- O quarto problema é a incompatibilidade entre o Caminho e atividades como montarias de caça (matilhas) nos contornos do caminho como as vividas por nós na etapa de Samardã-Pedras Salgadas. Este conflito de usos e significados da rota é preciso solucioná-lo e geri-lo desde as políticas públicas, pois afeta negativamente à imagem e experiência desta rota transnacional de peregrinação. Para ilustrar este tipo de problemas podemos ler o nosso registo etnográfico em diário de campo:

*“Em 30 de janeiro de 2016 saímos de Samardã pelas 11.50 horas e passamos ao pé de um grande eucalipto com um placar comemorativo da visita do Primeiro-Ministro Cavaco Silva em 1994, e também ao lado da casa de Camilo Castelo Branco. Descemos ao rio Corgo por um caminho estreito, calçadado e cheio de água, atravessamos uma pontinha de ferro e subimos até a antiga linha dos comboios Vila Real – Chaves, quando na subida final um caçador com caçadeira gritou-nos e disse-nos para sair de ali que estavam numa montaria de javali e que íamos morrer, que era perigoso e que voltássemos para trás e para fora do caminho pelo qual caminhávamos. Íamos pelo caminho de Santiago disse-lhe em voz alta. Logo ele disparou um tiro ao ar para nos assustar. Atingimos a linha e continuamos a pé, sempre vigiados, durante pelo menos três quilómetros, pelos caçadores” (Diário de Campo, 30-01-2016).*

- Um quinto problema detetado é o dos riscos físicos no percurso: caminhos que se estreitam, caminhos atravessados por riachos, ameaças de cães, etc. e que tornam em “aventura” a experiência peregrina. Assim o exemplifica a nossa etnografia:

*“Em 10-07-2016 percorremos este troço após ter acordado cedo. Começamos a caminhar pelas 8.03 horas. Os primeiros passos discorrem pela vila de Santa Marta, à beira das Piscinas, os Bombeiros e logo o caminho corta em direção à Quinta de Lamego, primeira subida do dia, a temperatura já com 22 graus centígrados. Continuamos a subida entre vinhedos e deixando Santa Marta atrás; logo caminhamos pelo Caminho dos Torneiros, próximos de Serandelo, e seguidamente descemos por um caminho à beira de um ribeiro afluente do rio Aguilhão. O trajeto tornou-se difícil, angusto e estreito, com muita pendente e vegetação, perigoso, com risco de desprendimentos. Esta parte é muito difícil para bicicletas, e por cima sem sinalética adequada, que só aparece cerca da desembocadura do ribeiro, onde o caminho já se torna mais limpo e cuidado” (Diário de campo, 10-07-2016).*

- O sexto problema é a falta de informação *online* mais completa e agregada sobre o CPIS, além da falta de guias detalhados e pormenorizados sobre a rota do CPIS orientados aos potenciais peregrinos internacionais.

*“A segunda possibilidade é recomendada em tempo de inverno, e ainda que não há informação clara na web do projeto CPIS, deve iniciar-se na antiga estação de comboios de Vila Real e passa por contornos urbanos e rururbanos até Ambres, logo Fortunho e finalmente atinge o antigo apeadeiro dos comboios em Samardã. O percurso está muito cuidado pela Câmara Municipal de Vila Real e é utilizado por ciclistas e locais, não apresentando especiais dificuldades para um caminheiro iniciado. A distância total é de cerca de 12 quilómetros. Ao chegar ao apeadeiro de Samardã encontramos um problema e é o facto de chegar ao meio da “nada”, isto é, não há albergues nem alojamento nas proximidades. Temos duas possibilidades, ou seguir caminho a pé ou em bicicleta até o concelho vizinho de Vila Pouca de Aguiar ou baixar ao rio Corgo e subir até a aldeia de Samardã, onde um carro de apoio poderá levar-nos novamente até Vila Real para alojamento” (Diário de campo, 29-01-2016).*

### 3.3. Ameaças (Fatores ou forças externas)

- As dificuldades de acessibilidade ao interior de Portugal através de transporte público.
- O desconhecimento externo e internacional da existência do próprio CPIS.
- A não contabilidade e correto registo dos peregrinos do CPIS pela Oficina do Peregrino da Catedral de Santiago de Compostela.

### 3.4. Oportunidades (Potencialidades)

- A celebração do próximo Ano Santo Compostelano 2021 – Xacobeo 2021.
- O aumento da procura dos caminhos portugueses de Santiago e as possibilidades de re-motivação para o CPIS.
- A nova valorização simbólica do rural interior de Portugal
- A colaboração entre a UTAD e o projeto oficial do CPIS.
- A internacionalização do CPIS.
- A cooperação com outros Caminhos de Santiago.

#### 4. Conclusões e notas finais

Como se foi indicando, o caminho português do interior a Santiago de Compostela apresenta uma série de singularidades que o reconhecem já como património cultural. Se bem é certo que até o século XXI não se começa a sua ativação como elemento patrimonial, a publicação de Arlindo de Magalhães Ribeiro da Cunha (1995) sobre a história dos caminhos portugueses de Santiago é realmente significativa. Os municípios são quem tem de organizar-se e cooperar e a história reconhecida do CPIS serve como ponto de partida e legitimação. Como bem se assinalou, são muitas as forças e potencialidades, ainda que é preciso prestar atenção também aos pontos fracos e às ameaças.

A análise SWOT permite-nos propor as seguintes linhas de ação estratégica:

- Consolidar e/ou criar albergues em lugares estratégicos como Vila Real.
- A divulgação do CPIS em feiras internacionais como o FairWay (Santiago de Compostela) e outras.
- A divulgação do CPIS na web do Xacobeo e outras orientadas aos peregrinos de Santiago, para atingir os potenciais peregrinos.
- Remotivar para o CPIS os peregrinos dos caminhos portugueses litorais e também do Caminho Francês de Santiago de Compostela.
- A elaboração de um plano de marketing orientado ao desenvolvimento do CPIS.
- A articulação entre as autarquias e as empresas de animação turística para promover o turismo.
- O envolvimento dos locais no CPIS, por exemplo através de atividades de teor educativas com escolares ou a realização de bandas desenhadas com conteúdos sobre o CPIS (cf. Carreiro, 2007).
- A criação de uma Comissão de Coordenação dos Caminhos de Santiago portugueses.
- A criação de um observatório ou laboratório sociocultural de análise permanente do CPIS.

Portanto, estamos em disposição de indicar, desde uma visão estratégica do turismo, que o CPIS pode apoiar-se nos seus pontos fortes, principalmente o envolvimento das câmaras municipais e as sinergias que supõe a própria conexão entre a vida sociocultural, as possibilidades ambientais e o CPIS; minimizar as ameaças e fraquezas que supõem principalmente o pouco valor do CPIS devido ao baixo número de peregrinos e o pouco conhecimento desta via para achegar-se a Compostela; e aproveitar as múltiplas potencialidades, principalmente o trabalho de cooperação entre as câmaras autárquicas, a universidade, o próprio projeto oficial do CPIS e suas possibilidades para medrar internacionalmente a partir do Ano Xacobeo 2021.

## 5. Bibliografia

- Almeida Fernandes, P. (2014). *Caminhos de Santiago, Coleção Portugal, Caminhos de Fé*. Lisboa: Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja – Turismo de Portugal.
- Almeida Fernandes, P. (2018). *Guia dos Caminhos de Santiago*. Porto: Porto Editora.
- Baquero Moreno, H. (1986). Vias portuguesas de peregrinação a Santiago de Compostela na Idade Média. *História. Revista da Faculdade de Letras*, 3, 77-89.
- Brochado de Almeida, C. A., e Brochado de Almeida, P. M. (2011). *Caminhos Portugueses de Peregrinação. O Caminho do Litoral para Santiago*. Maia, ISMAI- CEDTUR – CETRAD.
- Briedenhann, J. e Wickens, E. (2004). Tourism routes as tool for the economic development of rural areas - vibrant hope or impossible dream? *Tourism Management*, 25, 71-79.
- Carreiro, P. (2007). *Un peregrino en Melide. Os Bolechas van de viaxe*. Vigo: Promocións culturais galegas SA.
- Cunha Magalhães Ribeiro da, A. (1995). *Caminhos Portugueses de Peregrinação a Compostela. Itinerários portugueses* (Identificação dos caminhos e coordenação da investigação). Santiago de Compostela/Porto, Xunta de Galicia/Centro Regional de Artes Tradicionais.
- Cunha Magalhães Ribeiro da, A. (2001). *Santiago em Portugal. A devoção e a peregrinação*. Vila Nova de Gaia Câmara Municipal de Gaia.
- Cunha Magalhães Ribeiro da, A. (2005). O Caminho português: património e etnografia. In Pardellas, X. (dir.), *Turismo religioso: o Camiño de Santiago* (pp. 49-84). Vigo: Universidade de Vigo.
- Cunha Magalhães Ribeiro da, A. (2011). A devoção e a peregrinação jacobeanas em Portugal. *Ad Limina*, II, 85-114
- Cunha Magalhães Ribeiro da, A. (2014). A devoção e a peregrinação jacobeanas em Portugal (II). *Ad Limina*, IV, 117-152.
- Cunha Magalhães Ribeiro da, A. (2014). Mestre Aquilino e o Caminho de Santiago. *Ad Limina*, V, 165-179.
- Cunha Magalhães Ribeiro da, A. (2017). O Caminho Português Interior de Santiago de Compostela. In Pereiro, X. (coord.), *Turismo e peregrinação: O Caminho Português Interior de Santiago de Compostela* (CPIS). La Laguna (Tenerife): PASOS edita (em processo de publicação).
- Dahles, H. (1996). The Social Construction of Mokum. Tourism and the Quest for Local Identity in Amsterdam. In Boissevain, J. (ed.), *Coping with tourists. European Reactions to Mass Tourism* (pp. 227-246). Oxford: Berghahn Books.
- De Menezes Tavares, A. (2002). *City Tour*. São Paulo: Aleph.

- Doctor Cabrera, A. M. (2000). Conocer para salvaguardar las ciudades históricas: itinerarios urbanos de Córdoba. In *Actas del Primer Congreso Internacional "Las Ciudades Históricas. Patrimonio y Sociabilidad"* (pp. 61-72). Córdoba: Cajasur.
- Eixo Atlântico (ed.) (2015). *Caminho de Santiago. Estudo dos traçados no Norte de Portugal*. Porto: Eixo Atlântico do Noroeste Peninsular. Recuperado de <https://www.eixoatlantico.com/es/noticias/eixoatlantico/3668-el-gobierno-de-portugal-pone-en-marcha-organo-de-coordinacion-nacional-del-camino-de-santiago>
- Frangiali, F. (1999). Prólogo. In OMT (ed.), *Guía para Administraciones Locales: Desarrollo Turístico Sostenible* (p. 3). Madrid: OMT.
- Gómez J., e G.-Quijano Díaz, C. (2010). *Rutas e itinerarios turísticos en España*. Madrid: Síntesis.
- ICOMOS (2008). *Carta de itinerarios culturales*. Recuperado de [https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/culturalroutes\\_sp.pdf](https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/culturalroutes_sp.pdf)
- Picazo, C. (1996). *Asistencia y guía a grupos turísticos*. Madrid: Síntesis.
- Hafele, E. (2013). *European Cultural Routes. A practical guide*. Viena, *Federal Ministry for European and International Affairs*, 2013. Recuperado de <http://www.kpd.lt/uploads/Tarptautiniai%20ry%C5%A1iai/Kult%C5%ABros%20keliai/Cultural%20Routes%20HANDBOOK.pdf>
- Hernández Ramírez, J. (2015). La ruta turística como estrategia de producción de la diferencia territorial. In *Actas IX Jornadas de Patrimonio Histórico y Cultural de la provincia de Sevilla. Itinerarios y rutas culturales* (pp. 111-127). Sevilla: Casa de la Provincia – Diputación de Sevilla.
- Herrero, N. (2011). La posmodernización de la tradición. Nuevos retos para la gestión del patrimonio. *Revista de Antropología Social*, 20, 293-307.
- Margry, P. J. (ed.) (2008). *Shrines and Pilgrimage in the Modern World. New Itineraries into the Sacred*. Amsterdam: Amsterdam University.
- Lois González, R. et al. (coords.) (2014). *New tourism in the 21st century: culture, the city, nature and spirituality*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Marques, J. (1992). O culto de S. Tiago no Norte de Portugal. *Lusitânia Sacra*, 4, 99-148.
- Marx, L. (1964). *The Machine in the Garden: Technology and the Pastoral Ideal in America*. New York: OUP.
- Mota Figueira, L. (2013). *Manual para a elaboração de roteiros de turismo cultural*. Tomar: Instituto Politécnico de Tomar.
- Nogués Pedregal, A. M. (2019). Anthropological contributions to tourism studies. *Annals of Tourism Research*, 75, 227-237.
- OMT (ed.) (1999). *Guía para Administraciones Locales. Desarrollo Turístico Sostenible*. Madrid: OMT.
- UNESCO (ed.). *Report on the Expert Meeting on Routes as a Part of our Cultural Heritage*. Paris: UNESCO. Recuperado de <https://whc.unesco.org/>

[archive/routes94.htm](#)

Vale, L. (2011). As novas paisagens rurais no interior de Portugal. In *Actas de la Mesa de Trabajo “Antropología y Nuevas Ruralidades”*, do XII Congreso de Antropología da FAAEE (sem páginas). León: FAAEE.

Vázquez Mao, X. (ed.) (2009). *Caminhos de Santiago. O Caminho que conduz a mais destinos*. Vigo: Tórculo.



# Capítulo 6

## Em torno do Caminho Português Interior de Santiago: o caminho de Santiago por Terras de Basto (Vila Real-Mondim de Basto)

**Pedro Ricardo Coelho de Azevedo**

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD)  
Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento (CETRAD)  
pedrodosrc@gmail.com

### 1. Introdução

Este texto tem por objetivo identificar o traçado e demonstrar a importância histórica do antigo Caminho das Terras de Basto utilizado pelos peregrinos rumo a Santiago de Compostela. Detentor de um elevado valor histórico-cultural, este caminho de peregrinação medieval constitui uma variante do Caminho Português Interior de Santiago e liga a cidade de Vila Real a Mondim de Basto. A observação participante e a investigação *in situ* permitiram identificar diversas obras arquitetónicas intimamente ligadas às peregrinações a Santiago de Compostela. Acompanhando o crescimento do turismo cultural e religioso em Portugal, este itinerário que possui um elevado potencial e necessita de ser valorizado em termos turísticos.

O caminho de Santiago entre Vila Real e a vila de Mondim de Basto constitui um importante recurso inexplorado em termos turísticos, o que por sua vez, associado ao crescimento turístico do CPIS, pode constituir um elemento de dinamização turística da região e ressurgir uma via de peregrinação a Santiago de Compostela (Urrutia, 2017). Os Caminhos de Santiago constituem uma importante rota cultural rumo à catedral de Santiago de Compostela. Esta situação é o resultado de uma política assente na recuperação e “reconstrução”

dos caminhos tradicionais de peregrinação a Santiago (Gusmán, I. et al, 2017).

Os caminhos de Santiago representam atualmente um símbolo da identidade europeia e uma estratégia de desenvolvimento turístico local, regional, nacional e internacional (Lois González et al., 2014). Inúmeros caminhos de peregrinação tornaram-se em “itinerários culturais” tal como hoje os conhecemos. Os percursos que serviam o quotidiano das populações eram os mesmos que os peregrinos e os viajantes estrangeiros usavam para se deslocarem. Ao longo da Idade Média, os caminhos que ligavam localidades mais pequenas criaram acessos aos mais variados recursos e assistiram a um grande dinamismo, não fosse esta uma época de grandes peregrinações.

Os caminhos de peregrinação no território português não foram construídos de raiz, ou seja, foram aproveitados os itinerários pré-existentes, sendo grande parte construídos sob a administração do Império Romano. Os caminhos de peregrinação não eram fixos pois variavam de acordo com as conveniências e necessidades dos peregrinos. Por vezes, estes percursos podiam ser alterados por várias razões. A degradação de infraestruturas, nomeadamente, a ausência ou a danificação de uma ponte era motivo suficiente para alterar um percurso. Contudo, os caminhos foram progressivamente tornando-se regulares.

Desde a Idade Média que existem caminhos estruturantes no norte de Portugal (Almeida, 1968; Almeida, 1973). Percorridos ao longo dos séculos por peregrinos que procuravam cumprir as suas promessas junto do Apóstolo São Tiago, o Caminho das Terras de Basto, tal como outros Caminhos, deixou de ser utilizado ao longo da Idade Moderna devido ao declínio das peregrinações, sendo uma situação idêntica à que ocorreu noutros caminhos portugueses. Nos últimos anos, o antigo Caminho voltou a ser percorrido por grupos de caminhantes e peregrinos que se deslocam até ao monte Farinha e ao santuário da Senhora da Graça. Apesar deste crescente interesse, não existe um itinerário devidamente definido e sinalizado que corresponda ao antigo caminho de peregrinação, muito menos que articule o património histórico existente.

Perante isto, este estudo pretende identificar o caminho com vista à sua revitalização, de forma a integrá-lo nos vários caminhos de Santiago existentes em Portugal e demonstrar que pode constituir um elemento de desenvolvimento do território. Aliás, são vários os concelhos e os estudos realizados que propõem a revitalização dos caminhos de Santiago como fator de desenvolvimento regional e turístico.

Além do mais, permite revitalizar uma antiga rota de peregrinação bem como dar visibilidade e rentabilidade a estruturas existentes nos concelhos de Mondim de Basto e Vila Real, aliado a um vasto património arquitetónico,

paisagístico, ambiental e gastronómico. O património cultural engloba o património edificado, estilos de vida vivos, artefactos antigos, arte e cultura modernas (Pereiro, 2009, p. 141; Timothy, 2011, p. 6).

A proposta de revitalização deste caminho, aliado ao património natural e paisagístico, constitui uma mais-valia para o desenvolvimento turístico que assume diferentes configurações (Richards & Munsters, 2010; Santos, 2010). Associado ao Caminho de peregrinação encontramos, um ambiente marcadamente rural com comunidades de montanha na serra do Alvão. Predomina uma crescente procura por experiências turísticas em meio rural (Kastenholz et al., 2014, p. 46). Atualmente, os conceitos de peregrinação e de turismo encontram-se intimamente ligados (cf. Griffin, Raj, 2012; Álvarez Sousa, 1999). Neste sentido, não há uma distinção nítida entre os peregrinos e turistas (Turner e Turner, 1978, p. 20). Os peregrinos percorrem o caminho por diversas razões. De acordo com Joan Prat, uma das razões prende-se com o facto de os peregrinos percorrem o caminho como uma rota histórica e cultural (2011).

A metodologia utilizada neste estudo centrou-se principalmente em duas fases distintas: na pesquisa bibliográfica e no trabalho de campo. A primeira fase consistiu na consulta de obras bibliográficas e documentos históricos com referências ao Caminho de Santiago em Terras de Basto entre Vila Real e Mondim, relatos de peregrinos bem, testemunho de memórias orais, análise toponímica, histórica e artística, nomeadamente de capelas, igrejas e outros elementos arquitetónicos. A segunda fase centrou-se na observação participante e no trabalho de campo *in situ*, ou seja, na realização de todo o percurso a pé com o objetivo de mapear o caminho, registar os pontos de interesse do Caminho e por último, realizar a inventariação de todos os bens patrimoniais. Deste modo, foi possível catalogar diversas obras arquitetónicas edificadas ao longo do percurso e que se encontram intimamente ligadas às peregrinações a Santiago de Compostela, como capelas e pontes.

A estrutura do texto que se segue abordará uma contextualização histórica do Caminho das Terras de Basto. Na conclusão será realizada uma problematização das vantagens da valorização deste percurso secular de peregrinação.

## **2. O Caminho Português Interior de Santiago e o Caminho de Terras de Basto**

### **2.1. O Caminho Português Interior de Santiago**

O Caminho Português de Interior de Santiago consiste numa via com origem medieval, sendo um dos caminhos de peregrinação mais antigos de Portugal. Possui 205 quilómetros em território português e tem início em Viseu e prossegue pelos concelhos de Lamego, Peso da Régua, Vila Real, Vila Pouca de

Aguiar e Chaves, localidade onde atravessa a fronteira luso-galega em Vilarelho da Raia e percorre cerca de 180 km da Via da Prata, já em território galego, até alcançar Santiago de Compostela. O Caminho foi revitalizado recentemente e regista uma crescente procura (Pereiro e Gómez-Ullate, 2019). Apresenta-se como um eixo viário importante desde a época romana. Como refere Vítor Adrião, “de Portugal ia-se a Santiago de Compostela por duas vias-principais: a de Lisboa-Porto-Tui, e de Lamego-Chaves-Ourense” (Adrião, 2011, p. 224). Além de atravessar o Douro Vinhateiro, o percurso tem passagem por núcleos de elevado interesse histórico e patrimonial como Viseu, Vila Real e Chaves.

## 2.2. Caminho das Terras de Basto entre Vila Real e Mondim

Existiam inúmeras ligações e variantes com o Caminho Português Interior de Santiago, sendo estes percursos caracterizados como rotas transversais que podiam conduzir os peregrinos às vias centrais (Eixo Atlântico, 2016, p. 65). Ao longo da sua extensão, o CPIS possuía algumas variantes. Lamego possuía uma importante encruzilhada, pois aqui entroncava uma via proveniente da Guarda, Trancoso e Sernancelhe, onde outra via transversal seguia por Mesão Frio, para Amarante, Guimarães e Braga. Outra variante que ligava o CPIS com as vias centrais tinha início em Vila Pouca de Aguiar e seguia por Ribeira de Pena até Guimarães, através da ponte de Cavês (Eixo Atlântico, 2015, p. 66). Chaves contava com três possíveis variantes: a de Outeiro Seco e Vilarelho da Raia, mais direta; a do Couto de Ervededo, Agrela e Cambedo; e a de Seara Velha e Vilar de Perdizes.

Outra variante do CPIS consistia no Caminho das Terras de Basto que faz a ligação entre a cidade de Vila Real e a vila de Mondim de Basto (fig. 1), na qual se debruça este trabalho. Presume-se que os romeiros viessem provenientes do santuário de Panóias. Terá sido percorrido por peregrinos que vinham de outras localidades transmontanas e vilas do interior do país. Tal como o CPIS, o Caminho das Terras de Basto regista poucos peregrinos, não havendo dados oficiais disponíveis sobre a utilização deste percurso. Esta situação demonstra “uma cifra que dá ideia de baixa massificação e da intimidade cultural desta experiência de peregrinação” (Pereiro, 2017, p. 415).

Os concelhos de Mondim de Basto e de Vila Real localizam-se no norte de Portugal, pertencem ao distrito de Vila Real e integram a antiga província de Trás-os-Montes. O antigo caminho de peregrinação a Santiago fazia a ligação entre Vila Real e Mondim de Basto e situa-se num ambiente predominantemente rural, preenchido por aldeias históricas como Ermelo, Fervença e Lamas de Olo, que albergam recursos culturais e naturais que, sendo conjugados, possuem potencialidade de serem valorizados em termos turísticos. Além do mais, o Caminho atravessa a serra e o Parque Natural do Alvão.

De forma a contextualizar o Caminho, importa referir que “a norte do rio Douro, durante a época medieval, existiram albergarias em Amarante (1192) e no Marão (1134). (...) Como se vê, em Trás-os-Montes, eram poucas e muitos dispersas, embora sempre em locais de passagem” (Almeida, 1973, p. 51). Humberto Baquero Moreno refere que “apresentando-se intenso o movimento de peregrinos através das vias de comunicação existentes na região de Entre-Douro-e-Minho, menor se mostrava o ritmo de passagem dessas gentes pelas terras de Trás-os-Montes” (Baquero Moreno, 1986, p. 79). Contudo, as estradas que iam de Braga a Chaves e Bragança e a estrada que ligava Lamego a Chaves, registavam bastante intensidade peregrina (cf. Coelho e Homem, 1996, p. 489).

O Caminho de Santiago entre Vila Real e Mondim, ou também denominado pelo Caminho de Terras de Basto, tem origem medieval. No século XV, o Barão Leon Rosmihal da Boémia atravessou Portugal a caminho de Santiago de Compostela com passagem pelas Terras de Basto. Apesar das informações históricas à cerca deste caminho serem escassas, predominam uma série de sinais jacobeus ainda ativos, sobretudo em Mondim de Basto, tais como a secular peregrinação de Santiago, que se realiza todos os anos na noite de 24 para 25 de julho, sendo referenciada no início do século XVI, onde os peregrinos sobem ao santuário de Nossa da Senhora da Graça no alto do Monte Farinha, coincidindo com as festas do concelho e que comemoram o culto a Santiago; e a realização da própria feira na mesma data (Magalhães, 1995, p. 330).

De forma geral, o caminho materializa-se a partir de Vila Real. Progressivamente deixa-se o meio urbano para entrar num meio predominantemente agrícola e rural. Apesar de o caminho atual ter início em Borbela, afastando-se do CPIS, o antigo Caminho em Vila Real passava por Lordelo. Em Mondrões existe a igreja de São Tiago<sup>1</sup>, onde ao seu lado passa uma estrada romana que era percorrida pelos peregrinos em direção a Lamas de Olo. A igreja desta localidade tem igualmente como orago São Tiago. O Topónimo Mondrões remete para a existência de uma portagem na época medieval, pois o termo «ia Mons Telonii, de telonium, ii», significa local de pagamento de impostos. Como refere João Parente, “qualquer destas etimologias lembra a circunstância de o antigo *pagus* ser atravessado pela via romana Portucale – Brigantia” (Parente, 2004, p. 88). A existência de dois topónimos «Estalagem», situados nas extremidades da aldeia, significa que por aqui terá existido uma estalagem para peregrinos.

---

1 A fachada possui um relevo de São Tiago a cavalo com a figura de um mouro a seus pés, ou seja, uma representação de Santiago mata-mouros, evocando um ponto de passagem das peregrinações a Santiago de Compostela. A igreja encontra-se classificada como Imóvel de Interesse Público.

Subindo a serra do Alvão, retoma-se a Estrada Municipal 313 proveniente de Bobela. Depois de passar a barragem Cimeira, entra-se na aldeia de Lamas de Olo, inserida em pleno Parque Natural do Alvão. Aqui localiza-se a igreja de São Tiago, de estrutura simples, que remonta ao século XVI e foi alvo de reformas em 1920, como é demonstrado na figura 1. Tem como orago o santo homónimo.

Figura 1- Igreja Paroquial de Lamas de Olo / Igreja de São Tiago



Fonte: Noé, Paula (2011) [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=32249](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=32249) (acedido a 23 de fevereiro de 2019).

É na aldeia da Anta, no concelho de Mondim de Basto, que tem início o percurso sinalizado com as notórias setas amarelas. De seguida, surge o lugar de Bobal, pertencente à freguesia de Bilhó, onde existe um cruzeiro dentro de uma capela, denominada por “Senhor do Bom Caminho”. Parente alude que na padieira da porta, do lado exterior, encontra-se a seguinte inscrição: «SY – DE BOM CAMINO / ESFA MANDOU EAZEY POY DUA / DE BOZON BENFO PALMEIRO / GALEGO – 1823», aludindo à passagem de peregrinos por esta região.

A partir de Bilhó, o caminho continua em direção ao lugar de Travassos, alcançando a estrada que liga à Senhora da Graça. A Irmandade dos Peregrinos do Caminho de Santiago por Terras de Basto procedeu à criação de duas rotas alternativas. A rota principal leva por um percurso descendente até à Levada

do Piscaredo<sup>2</sup>, passando pela aldeia de Vila Chã. Este percurso constitui uma alternativa ao caminho do Monte Farinha e à respetiva igreja de peregrinação de Nossa Senhora da Graça.

O santuário da Senhora da Graça é uma obra em estilo barroco e foi edificado no século XVIII. Trata-se de um dos principais santuários do Norte de Portugal e dos mais concorridos de entre Douro e Minho<sup>3</sup>. Possui “(..) para além do culto a São Veríssimo e a Nossa Senhora, também o culto São Tiago no seu dia” (Pereira, 2000, p. 20). Importa referir que a Romaria de São Tiago é referenciada em documentos desde o século XVI, encontrando-se, provavelmente, relacionada com os caminhos dos peregrinos. “De repente, organizada, se transforma a peregrinação e 25 de julho é eleito para romaria geral. Em honra de S. Tiago, o santinho da Senhora que por notável coincidência é louvado liturgicamente com o São Cristóvão da Vila e o São Veríssimo do Outeiro” (Oliveira, 1993, p. 25). A peregrinação de Santiago em Mondim de Basto é considerada uma das emblemáticas e maiores romarias de Trás-os-Montes e do norte de Portugal.

O largo de São Tiago situa-se num recinto que antecede o Monte Farinha. No topo de uma rocha foi colocada uma imagem de Santiago, identificando o local de acesso ao santuário da Senhora da Graça e que marca o lugar de passagem dos peregrinos. A partir do santuário, o caminho desce até Mondim de Basto, aproveitando o antigo caminho dos romeiros com passagem pelas capelas. Situada no centro de Mondim de Basto, a capela do Senhor (fig. 2), em estilo barroco, é classificada como Imóvel de Interesse Público e foi edificada nas primeiras décadas do século XVI. Inicialmente possuía um alpendre e terá servido de albergue aos peregrinos que demandavam o percurso de Mondim a caminho de Santiago de Compostela.

No centro da vila de Mondim, o caminho dividia-se e prosseguia em duas direções distintas: um em direção a norte, até Atei (Capela, Borralheiro e Matos, 2006) e outro em direção a Celorico de Basto, como é demonstrado na figura 3. Neste percurso, atravessando a ponte de Mondim sobre o rio Tâmega, o caminho continuava por Celorico, onde a toponímia remete para a passagem do Caminho de peregrinação: São Tiago de Gagos e São Tiago de Ourilhe. Os peregrinos prosseguiram em direção a Santa Senhorinha de Basto, no concelho de Cabeceiras de Basto, convertido num centro de peregrinação interna, como

---

2 *A construção da Levada de Piscaredo remonta ao século XIII, durante o reinado de D. Afonso II e foi fundamental para a irrigação dos campos de Mondim. Atualmente é um percurso de Pequena Rota (Levada de Piscaredo - PR2) promovido pelo Município de Mondim de Basto.*

3 Em 1843 foi construído o edifício de apoio aos peregrinos e que atualmente serve de albergue.

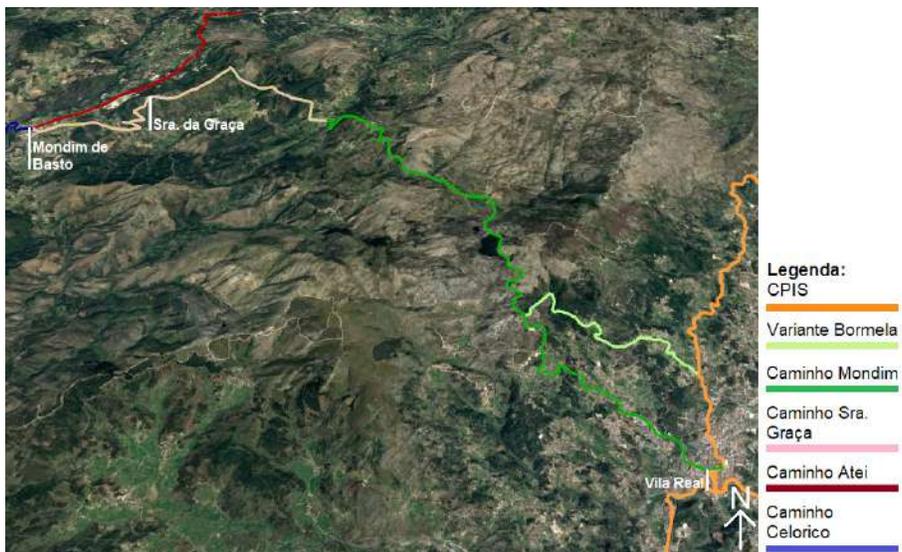
Figura 2- Capela do Senhor na vila de Mondim de Basto



Fonte: Do próprio autor

defende Marques (Marques, 2006, p. 259). Ainda em Cabeceiras, o lugar de São Tiago da *Faya* prestava igualmente culto a Santiago (Craesbeeck, 1992, p. 19). A partir daqui o Caminho continuava por Fafe, Guimarães e Braga, onde entroncava-se com o Caminho Central Português.

Figura 3- Caminho das Terras de Basto e prolongamento do caminho para Atei e Celorico de Basto



Fonte: elaboração própria adaptado do Google Earth

Vários locais situados em torno do Caminho possuíam como orago São Tiago como é verificado na tabela em baixo, evidenciado a passagem do Caminho das Terras de Basto.

Tabela 1- Localidades em torno do Caminho das Terras de Basto que possuíam como orago São Tiago

<b>Localidade</b>	<b>Concelho</b>
Vila Cova	Vila Real
Andrães	Vila Real
Folhadela	Vila Real
Mondrões	Vila Real
Lamas de Olo	Vila Real
Gagos	Celorico de Basto
Ourilhe	Celorico de Basto
Faia	Cabeceiras de Basto

Fonte: elaboração própria

Importa referir que vários troços do Caminho em Mondim correspondem a velhos traçados medievais, que ainda preservam os seus troços lajeados e que permitiam a ligação de diversos lugares referidos em documentação dos séculos XII, XIII e XIV (Dinis, 2009, p. 40). Possivelmente, os caminhos desta região entroncavam na via do Marão (Balsa, 2017). Atualmente existem testemunhos que muito provavelmente terá existido uma variante do Caminho em Mondim de Basto e que teria o seguinte itinerário: Lamas de Olo – Fervença – Ermelo – Vilar de Viando – Mondim. A ponte de Vilar de Viando, de origem medieval e que foi reedificada em 2003 após a sua ruína total, integra os itinerários dos caminhos de peregrinação a Santiago. De acordo com António Dinis, “esta ponte fazia parte do trajeto entre Ermelo e Mondim, a qual integrava, também a ponte da Várzea, sobre o rio Olo, exemplar que deverá datar do século XIII, considerando as dezenas de siglas gravadas no intradoso do seu único arco” (Dinis, 2009, p. 40).

De forma geral, são caminhos seculares que serviram de acesso às várias localidades de Basto e por onde os peregrinos, oriundos “de Vila Real, arribando por Lamas D’Olo, pela Anta e por Bilhó, atravessando Vilar de Ferreiros e depois trepando ao Monte, para descer a Mondim” (Oliveira, 1993, p. 23) rumavam a Santiago de Compostela. Como foi referido anteriormente, a partir da vila de Mondim de Basto continuava pelo concelho vizinho de Celorico de Basto, transpondo o Tâmega. Na Idade Média, o rio Tâmega constituiu uma barreira natural que dificultava a travessia das populações e dos peregrinos. Desta forma, os contributos provenientes sobretudo de populações nortenhas, incluindo doações pias, permitiram edificar as pontes de Amarante, de Cavez

(cf. Craesbeeck, 1992, p. 384) e de Mondim para ser possível transpor o rio Tâmega, como refere (Marques, 1992, p. 126; Magalhães, 2005, p. 67). Se por um lado é demonstrada preocupação com os peregrinos, por outro mostra a devoção existente ao Apóstolo Santiago.

Antes de serem construídas as pontes medievais de São Gonçalo em Amarante (1250) e da ponte de Cavez entre Ribeira de Pena e Cabeceiras de Basto no século XIII (Valladares, 1979), a travessia do rio Tâmega só podia ser feita através de barco. Perante isto, “a passagem do rio só poderá ter sido efetuada num dos muitos vaus que se encontravam a norte, já no concelho de Mondim de Basto, seguindo um dos mais antigos percursos que ligava Lamego a Chaves, passando por Paradança, Mondim de Basto, através da *Media Via*” (Teixeira, 2000, p. 36). Luís Oliveira contextualiza esta situação onde os peregrinos que percorriam os vários caminhos de Santiago provenientes de Lamego e rumando a Vila Real, que passavam por Lamas De Olo, pelas aldeias de Anta e Bilhó, atravessando Vilar de Ferreiros e o Monte Farinha para descerem à vila de Mondim, tinham que atravessar o rio Tâmega em barcas para prosseguirem até Braga, local de convergência do norte do país (Oliveira, 1993, pp. 23-24). No século XVI, em Mondim foi edificada uma ponte sobre o rio Tâmega, uma vez que até aqui, a ligação a Celorico de Basto era feita somente por barcas. Esta ponte, destruída pela ação do impetuoso rio, seria substituída pela atual, erguida mais a jusante, no ano de 1882 (Dinis, 2009, p. 40).

A predominância de várias referências e evidências históricas permite reconstituir com fiabilidade o Caminho de peregrinação das Terras de Basto nestes dois concelhos transmontanos.

### 3. Conclusão

Após um estudo de investigação bibliográfica e de trabalho de campo, conseguiu-se definir o traçado do Caminho de Santiago em Terras de Basto entre Vila Real e Mondim de Basto. Todavia, o traçado que propomos neste trabalho necessita de um estudo mais aprofundado. Acompanhando o crescimento do turismo cultural e religioso em Portugal, este itinerário que possui um elevado potencial que necessita de ser valorizado em termos turísticos. Tal como outros caminhos, é um marco das peregrinações jacobitas no norte de Portugal. Atualmente, existem sinais de revitalização do Caminho como as peregrinações realizadas ao santuário da Senhora da Graça no dia de 25 de julho, dia de São Tiago. Diversos grupos e associações de pedestrianismo têm percorrido com elevada frequência e de forma exponencial o Caminho, contribuindo para a sua dinamização como roteiro pedestre. A articulação do Caminho com outros trilhos e roteiros pedestres existentes nos dois concelhos permitiria uma maior diversificação da oferta turística.

Nos últimos anos têm surgido algumas propostas de recuperação, manutenção e principalmente de sinalização do caminho, fruto do esforço e das iniciativas levadas a cabo pelas comunidades locais, pela Associação de Defesa do Património das Terras de Basto e pela Irmandade de Peregrinos dos Caminhos de Santiago por Terras de Basto, esta última com sede em Mondim de Basto, que realizou a sinalização de uma parte do percurso, nomeadamente entre os lugares de Anta e Bilhó.

A criação de um guia turístico em alemão (Hass, 2017) por Hermann Hass, membro da Sociedade Alemã de Santiago, impulsionou a identificação e a divulgação do Caminho das Terras de Basto. O percurso possui cerca de 40 kms e é dividido em duas etapas: Vila Real-Bilhó e Bilhó-Mondim. O guia também demonstra o património existente ao longo do percurso. Importa referir que também existem albergues para os peregrinos pernoitarem em Vila Real e outro junto ao santuário da Senhora da Graça. A existência de outras estruturas de apoio como pontos de água, cafés, paragens de autocarro, aliados a uma rede de acessos e de transportes e o facto de grande parte do Caminho estar localizado no Parque Natural do Alvão, são aspetos que representam uma mais-valia que podem conduzir à certificação do Caminho bem como à criação de um roteiro turístico-cultural.

Contudo, o caminho permanece sem ser identificado bem como não se encontra sinalizado na sua totalidade, o que afasta peregrinos e turistas de o percorrerem. No nosso entender, o facto de não existir nenhum estudo aprofundado sobre este tema e principalmente por não estar sinalizado nem divulgado, constituem os maiores entraves ao seu dinamismo. Perante isto, pertence aos municípios de Mondim de Basto e de Vila Real, em articulação com outras entidades responsáveis, tomarem as ações necessárias que visem a valorização do Caminho. Os Caminhos de Santiago são diversos, não há um único ponto de vista histórico e nos processos de seleção patrimonial e turística deixam-se de lado elementos histórico-culturais e naturais importantes.

Todavia, cremos que o traçado do Caminho de Santiago entre Vila Real e Mondim, acompanhado da sua devida marcação e colocação da sinalética adequada, bem como por medidas de divulgação e de promoção, levaria peregrinos e turistas aos dois concelhos. Desta forma, este breve estudo pretende ser um contributo para a valorização histórica e para a preservação do Caminho das Terras de Basto como uma variante do CPIS que desempenhou um papel importante durante a Idade Média na passagem de peregrinos no território transmontano em direção a Santiago de Compostela.

#### 4. Bibliografia

- Adrião, V. M. (2011). *Santiago de Compostela: Mistérios da Rota Portuguesa*. Lisboa: Dinapress.
- Almeida, C.A. Ferreira de (1968a). *Vias Medievais. I. Entre-Douro-e-Minho*. Porto: Edição do Autor.
- Almeida, C. A. Ferreira de (1973b). Os caminhos e a assistência no norte de Portugal. *A pobreza e a assistência aos pobres na Península Ibérica durante a Idade Média: Actas das 1.as Jornadas Luso-espanholas de História Medieval*. Tomo I (pp.39-58). Lisboa: Instituto de Alta Cultura – Centro de Estudos Históricos.
- Almeida, C.A. Ferreira de (1998c). Caminhos medievais no Norte de Portugal. Em J. Ferreira; J. M. Cabral; M.T. Mergulhão (Eds.), *Caminhos portugueses de peregrinação a Santiago: itinerários portugueses* (pp. 339-356). A Corunha: Xunta de Galicia- Xerencia de Promoción do Camiño de Santiago.
- Almeida, C. A. Ferreira de (2001d). *História da Arte em Portugal: o românico..* Lisboa: Presença.
- Álvarez Sousa, A. (Dir.) (1999). *Homo peregrinus*. Vigo: Xerais.
- Azevedo, J. A.D' (1899). *Origens de Villa Real – (Protohistoria Portuguesa). Separata do Instituto*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Baquero Moreno, H. (1986). Vias portuguesas de peregrinação a Santiago de Compostela na Idade Média. *História- Revista da Faculdade de Letras*, (3), 77-89.
- Balsa, C. (2017). Via do Marão – Contributos para a identificação do traçado do antigo caminho do Marão. *Oppidum*, vol. X, 41-62. Disponível em: <http://www.cm-lousada.pt/download/pt/ficheiros/3-via-do-marao-contributos-para-a-identificacao-do-tracado-do-antigo-caminho-do-marao.pdf>. Acesso em: 11 de dezembro de 2018.
- Capela, J. V.; Borralheiro, R.; Matos, H. (2006). *As Freguesias do Distrito de Vila Real nas Memórias Paroquiais de 1758. Memórias, História e Património*. Braga: Universidade do Minho.
- Choay, F. (2011). *As Questões do Património: antologia para um combate*. Lisboa: Edições 70.
- Coelho, M.H. da Cruz e Homem, A. L. Carvalho (1996). A diversificação económica. Em J. Serrão. e A. H. Marques Oliveira (Dirs.), *Nova História de Portugal: Portugal em definição de fronteiras do Condado Portucalense à crise do século XIV* (pp. 385-528). Lisboa: Presença.
- Craesbeeck, F. X. (1992). *Memórias Ressuscitadas da Província de Entre-Douro-e-Minho no ano de 1726*. Vol. I. Ponte de Lima: Edições Carvalhos de Basto.
- Cunha, A. (1995a). A Compostela, por caminhos e caminhos... In Ferreira, José Cabral e Mergulhão, Maria Teresa (coords.), *Caminhos Portugueses de Peregrinação a Compostela. Itinerários portugueses (Identificação dos caminhos e coordenação da investigação* (pp. 327-338). Santiago de Compostela/Porto:

- Xunta de Galicia/Centro Regional de Artes Tradicionais.
- Cunha, A. (2005b). O Camiño portugués: património e etnografia. In Pardellas, Xulio (dir.), *Turismo religioso: o Camiño de Santiago* (pp. 49-84). Vigo: Servizo de Publicacións da Universidade de Vigo.
- Dinis, A. P. (2009). *Carta Arqueológica de Mondim de Basto*. Mondim de Basto: Câmara Municipal de Mondim de Basto.
- Eixo Atlântico (Ed.) (2015). *Caminho de Santiago: Estudos dos traçados no Norte de Portugal*. Porto: Eixo Atlântico e Xunta de Galicia. Disponível em: [file:///C:/Users/ASUS/Downloads/Estudos\\_Tracados\\_Caminho\\_Santiago\\_no\\_Norte\\_de\\_Portugal\\_web\\_1%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/ASUS/Downloads/Estudos_Tracados_Caminho_Santiago_no_Norte_de_Portugal_web_1%20(1).pdf). Acesso em: 5 de janeiro de 2019.
- Feldman, J. (2017). Key figure of mobility: the pilgrim. *Social Anthropology*, 25(1), 69-82.
- Fernandes, P. A. (2018). *Guia dos Caminhos de Santiago*. Porto: Porto Editora.
- Gusmán, I.; Lopez, L.; Lois González, R. C.; Santos, X. M. (2017). The challenges of the first European cultural itinerary: the way of St. James. *Almatourism: Journal of Tourism, Culture and Territorial Development*, 8(6), 1-19.
- Griffin, K. e Raj, R. (2012). *Reflecting on Religious Tourism and Pilgrimage*. Arnhem: Association for Tourism and Leisure Education (ATLAS).
- Hass, H. (2017). *Outdoor Der Weg ist das Ziel Portugal Spanien: Jakobsweg Ostportugal – Via Lusitana von der Algarve nach Ourense*. Outdoor.
- Lois González, R.; Santos-Solla, Xose M.; Taboada-de-Zuniga, Pilar (2014). *New tourism in the 21st century: culture, the city, nature and spirituality*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Kastenholz, E.; Carneiro, M.J.; Marques, C.; Loureiro, S.; Figueiredo, E.; Pereiro, X. (2014). A experiência turística no espaço rural. Em E. Kastenholz et al. (coord.), *Reinventar o turismo rural em Portugal – cocriação de experiências turísticas sustentáveis* (pp. 43-50). Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Lopes, E. T. (2000). *Mondim de Basto: Memórias históricas*. Mondim de Basto: edição do autor.
- Marques, J. (1992). O culto de S. Tiago no Norte do Portugal. *Lusitania Sacra*, 2ª série, 4: 99-148.
- Marques, J. (2006). Os Santos dos Caminhos Portugueses. *Revista da Faculdade de Letras: História*, III Série, vol. 7: 243-262.
- Memórias Paroquiais (1758). *Dicionário Geográfico de Portugal*, vol. 17: 11-14. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4240226>. Acesso em: 15 de dezembro de 2018.
- Oliveira, L. J. (1993). *Segredos da pirâmide verde*. Mondim de Basto: Junta de Freguesia de Mondim de Basto.
- OMT (2014). *El primer Congreso Internacional de la OMT sobre Turismo y Peregrinaciones explora el nexo entre el turismo y las rutas espirituales*. Madrid, Organización Mundial del Turismo. Disponível em: <http://media.unwto.org/es/press-release/2014-09-16/el-primer-congreso-internacional-de-la-omt-sobre-turismo-y-peregrinaciones->. Acesso em: 15 de dezembro 2018.

- Parente, J. (2004a). *Os cruzeiros da Diocese de Vila Real*. Vila Real: edição do autor.
- Parente, J. (2013-2014b). *Idade Média no distrito de Vila Real*. Vila Real: Âncora.
- Pereira, J. A. P. (2000). *Vilar de Ferreiros na história, no espaço e na etnografia*. Lisboa: s. e.
- Pereiro, X. (2009). *Turismo Cultural: Uma Visão Antropológica*. Tenerife: PASOS. Online em <http://www.pasosonline.org/Publicados/pasosocedita/PSEedita2.pdf>
- Pereiro, X. (2017). Turiperegrinos portugueses no Caminho Português Interior de Santiago de Compostela. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, (27/28), 413-423.
- Pereiro, X. e Gómez-Ullate, M. (2019). Pilgrimage tourism and culture route team ethnographies in the Iberian Peninsula: a collaborative study. Em H. Andrews, T. Jimura; L. Dixon (Eds.), *Tourism Ethnographies: Ethics, Methods, Application and Reflexivity* (pp. 112-127). London: Routledge
- Prat, Joan (2011). Por qué caminan? Una mirada antropológica sobre el Camino de Santiago. Em A.M. Nogués-Pedregal; F. Checa Olmos (Coords.), *La cultura sentida. Homenaje al profesor Salvador Rodríguez Becerra* (pp. 495-529). Sevilla: Signatures ediciones.
- Richards, G. e Munsters, W. (coord) (2010). *Cultural Tourism Research Methods*. London: CABI.
- Rodríguez Iglesias, F. (dir.) (2004-2007). *La Gran Obra de Los Caminos de Santiago: Iter Stellarum*. Vol. I: "Peregrinación y caminos". A Coruña: Hércules Ediciones.
- Salvador, C. (2000). *Santuários do Norte de Portugal*. Porto: Turisrul.
- Santos, M. G. M. Pouças (2010). *Turismo Cultural, Territórios e Identidades*. Porto: Edições Afrontamento.
- Sharpley, R. (2012). Tourism, Religion and Spirituality. Em T. Jamal e M. Robinson (eds.), *The Sage handbook of Tourism Studies* (pp. 237-253). Los Angeles: Sage.
- Smith, L. (2006). *Uses of Heritage*. Londres: Routledge.
- Urrutia, X. A. Morales (2017). *Las Rutas Turísticas Culturales como factor para el desarrollo de las áreas rurales. Análisis comparado del Camino de Santiago (Galicia-España) y el Sistema Vial Andino (Ecuador)*. (Doctoral dissertation, Universidade de Santiago de Compostela). Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- Timothy, D. J. (2011). *Cultural Heritage and Tourism*. Bristol: Channel View Publications.
- Turner, V. e Turner, E. (1978). *Image and pilgrimage in Christian culture*. New York: Columbia University Press.
- Valladares, A. C. (1979). *Boletim de Trabalhos Históricos*. Guimarães: Arquivo Municipal Alfredo Pimenta.

# Capítulo 7

## De Farminhão a Verim: crónicas, reflexões e recomendações para caminhar no Caminho Português Interior de Santiago de Compostela

**Carlos Gomes**

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD)  
Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento (CETRAD)  
cjgomes@utad.pt

### 1. Introdução<sup>1</sup>

Este trabalho<sup>2</sup> versa sobre o Caminho Português Interior de Santiago de Compostela (CPIS) e tem como respaldo institucional o projeto I&D “Património cultural da Euro-região Galiza-Norte de Portugal: Valorização e Inovação – GEOARPAD” - subprojeto: Caminho Português Interior de Santiago de Compostela. Este estudo, e o projeto em geral, inserem-se e vêm complementar o conhecimento que vem sendo produzido acerca do Caminho Português Interior de Santiago (cf. Cunha, 2001; 2005; 2011; 2013; 2014; Pereiro, 2017; 2019).

---

1 Este texto é resultado do projeto de I&D “Património cultural da Euro-região Galiza-Norte de Portugal: Valorização e Inovação. GEOARPAD” Programa operativo EP - INTERREG V A Espanha - Portugal (POCTEP). Convocatória 1, Identificador 769- GEOARPAD (0358\_GEOARPAD\_1\_E), financiado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do Programa de Cooperação INTERREG V-A Espanha-Portugal 2014-2020 (POCTEP)”. Ver: <https://cpis.utad.pt/>.

2 Quero expressar o meu profundo agradecimento à Cátedra do Camiño de Santiago e das Peregrinacións (<http://www.catedradelcaminodesantiago.com/>) pelo especial contributo a esta investigação, em geral, e a este texto em particular, na pessoa do seu diretor, Professor Doutor Domingo González Lopo.

O objetivo geral deste texto é, além de dar a conhecer alguns dos aspetos centrais e imprescindíveis das várias etapas do CPIS, registar e enunciar o processo individual de acesso à informação, atores e património deste caminho. A imersão no terreno efetuou-se com alguma preparação prévia de conceptualização e teorização acerca dos caminhos de Santiago e efetivou-se com recurso ao trabalho de campo antropológico. Note-se que, além de observar o “outro”, os lugares e tempos do CPIS, também procedi a uma auto-antropologia (Ingold & Vergunst, 2008) no ato de percorrer a pé e em várias etapas este caminho, potenciando, desta forma, uma franca aproximação à experiência vivida por um turiperegrino (Pereiro, 2017). Este processo auto-reflexivo, que ao mesmo tempo permitiu uma análise mais profunda e complexa do fenómeno de caminhar no CPIS é o mote para este texto e induz à compilação de algumas sugestões e/ou recomendações aqui introduzidas.

Assim, este capítulo organiza-se em quatro apartados. Num primeiro momento, tratam-se e enquadram-se questões teóricas e conceptuais relevantes à melhor compreensão da mensagem aqui transmitida. Expõem-se alguns apontamentos históricos sobre os caminhos de Santiago e sobre o CPIS, em concreto. Enunciam-se três dimensões basilares de legitimação e consolidação das peregrinações religiosas e, em traços genéricos, abordam-se algumas motivações para se fazer um Caminho de Santiago. Procede-se, também, a uma breve descrição dos elementos contextuais do CPIS, de estatísticas oficiais de peregrinos, de um dos seus maiores percursos – Professor Arlindo Cunha - e dos seus atuais promotores, os municípios.

Num segundo apartado, elaboram-se uma descrição das etapas, dos albergues, de pontos de alimentação, de fontes de água potável, etc. Esta crónica além de descrita textualmente vem, de igual forma, ancorada em registos fotográficos que juntos concorrem para a melhor descrição de serviços e recursos essenciais à caminhada no CPIS.

No penúltimo momento deste texto são esgrimidas algumas notas conclusivas, onde se analisam, avaliam e refletem certos aspetos que se tornaram cruciais ao longo dos 210 km percorridos por mim enquanto investigador. Se assim o entenderem, quem for ler este trabalho pode daí extrair informação pertinente e de suma importância à hora de enfrentar as especificidades deste caminho. Propõe-se, ainda, uma transposição e humilde comparação aos relatos produzidos por Joan Prat (2011) acerca da sua própria experiência num caminho de Santiago e das suas indagações sobre “Porque caminham?”.

Por fim, no último apartado, surgem de forma mais sucinta e prática um conjunto de recomendações elaboradas com base na experiência vivida durante a minha caminhada no CPIS, com base na literatura existente e, ainda, com base na discussão e debate de experiências com outros investigadores que

o percorreram. Esta lista de recomendações tem por estrutura implícita uma pirâmide de Maslow, onde se dividem e agrupam as necessidades humanas por categorias. Assim, em primeiro lugar (na base da pirâmide) surgem recomendações que versam sobre necessidades básicas, de seguida necessidades complementares e, por último, necessidades espirituais/intelectuais.

## **2. Caminho Português Interior de Santiago de Compostela: caminhada e lazer, peregrinação e devoção e outras dimensões**

De acordo com Cunha (2005), os caminhos de Santiago de Compostela têm como antecedentes as viagens de peregrinação pagã efetuadas através dos antigos caminhos romanos, em direção ao “fim da terra”. Em concreto, historicamente, a viagem de Este para Oeste, que termina na Galiza, esteve envolta em misticismo e, constantemente, alimentada por lendas que foram sendo transmitidas de geração em geração, num equilíbrio entre paganismo e cristianismo (Charpentier, 1971; Cunha, 2005). Ora, com certeza, o CPIS não foi exceção. Há relatos de viagens efetuadas na época medieval que não têm bem definido os trajetos até ao início do CPIS (perto da cidade de Viseu), mas que identificam muito bem o restante trajeto seguido até à cidade de Chaves (Tranoy, 1981; Brochado de Almeida & Brochado de Almeida, 2011). Estas lendas surgem não por invenção, mas antes por adaptações de situações reais que, à semelhança de outras tradições pagãs, foram sendo incorporadas e modificadas pela tradição católica, numa época de forte expansão do cristianismo (Charpentier, 1971).

As apropriações efetuadas pela igreja católica são mantidas e fortalecidas por três dimensões que, em simultâneo, acabam por definir todas as suas intervenções. Desde logo, e tendo como referência Rosendahl (2003), uma dimensão económica que se dedica a analisar e potenciar a mercantilização de locais e bens simbólicos; uma dimensão política que, por sua vez, trata de efetivar o controlo, a cristalização e promoção ideológica da religião, atuando com uma componente doutrinadora da sociedade; e, por fim, uma dimensão simbólica que pela sua multiplicidade imprime no espaço, e no tempo, os seus símbolos. Ainda de acordo com a mesma autora, considera-se que a religião molda, inequivocamente, o espaço, conferindo-lhe, sempre, as suas características e identidades, concebendo-o e demonstrando, claramente, a relação entre identidade religiosa e espaço geográfico (idem). No CPIS há uma apropriação, maioritária, pela religião até porque historicamente esta instituição foi quem geriu as maiores rotas de peregrinação e, este caminho em concreto, é pontuado, substancialmente, por oráculos e paróquias, património arquitetónico, ruas e história oral alusivas a Santiago. Contudo, cabe-me salientar que os interesses e motivações para o percorrer são múltiplos (Pereiro, 2017). As viagens religiosas, comerciais, espirituais, desportivas, de lazer ou outras, “abrem os

ollos, amplían os horizontes, poñen en contacto com xentes doutras culturas, tradicións, línguas e relixións. E as ideas circulan polos camiños e o intercambio é inevitable e frutífero” (Lourido, 2005, p. 37).

Pois, o CPIS, congrega todas as categorías e nuances descritas anteriormente – se quisermos, e com base em Pereiro (2017), as motivações são polissêmicas, são religiosas, turísticas e experiências combinadas - e abre a possibilidade de que, na sua singularidade, surjam produtos e experiências específicas deste caminho. Assim, e dando conta de algumas das suas especificidades, este caminho, em território português, atravessa os municípios de Viseu, Castro Daire, Lamego, Peso da Régua, Santa Marta de Penaguião, Vila Real, Vila Pouca de Aguiar e Chaves, percorrendo cerca de 210 quilómetros. Depois de cruzar a fronteira entre Portugal e a Galiza, o CPIS, desemboca na cidade de Verim para mais a diante se unir ou à Via da Prata ou ao caminho Sanabrês, ficando por percorrer cerca de 187 quilómetros até Santiago de Compostela. Uma das particularidades do CPIS é o facto de ser um caminho de sentido duplo, para Norte segue em direção a Santiago de Compostela e para Sul segue em direção a Fátima. Assim, o CPIS se quisermos caminhar em direção a Fátima é só seguir as setas azuis. Os executivos autárquicos dos municípios que este caminho atravessa, como entidades gestoras deste caminho, decidiram estabelecer 11 etapas oficiais a percorrer em território português. Esta aposta de definição e promoção do CPIS vem sendo levada a cabo, com maior afinco, desde 2010. De acordo com os municípios, as referências na definição destas etapas foram, claramente, a localização dos albergues e uma distância média de 25 a 30 km por etapa. A grande maioria das etapas permite o acesso a albergues geridos pelos municípios ou em parceria com o terceiro sector. Em geral, na região norte de Portugal, os edifícios que acolhiam escolas primárias em aldeias que hoje não têm crianças vão sendo postas ao serviço da comunidade – para sedes de associações, para alojamento local, etc. Em particular, no CPIS algumas das escolas primárias que deixaram de ter alunos ou se tornaram demasiado espaçosas para tão poucas crianças foram recuperadas, mobiladas e equipadas, enfim recondicionadas para servirem de albergue a quem faz este caminho. O albergue de Almargem é uma antiga escola primária, assim como o de Ribolhos, o de Bertelo e o de Parada de Aguiar (“Descrição Etnográfica do CPIS”, Xerardo Pereiro, inédito). Há, ainda, ao longo do CPIS várias opções de alojamento e restauração com maior e menor requinte. A este propósito – do alojamento oficial e do não oficial – teremos oportunidade de entrar em mais detalhe no apartado seguinte.

Em Portugal, a inexistência de um organismo de tutela<sup>3</sup> e de legislação e

---

3 A formalização da Federação Portuguesa do Caminho de Santiago acontecerá a 17 de maio de 2019, em Vila Pouca de Aguiar, sendo esta autarquia a coordenadora do processo. Um dos objetivos principais da criação desta federação prende-se com a necessidade de uniformi-

regulamentação específica para estas rotas de peregrinação, produziu algumas disfunções na hora de legitimar e, até, traçar os vários caminhos de Santiago e variantes. Um dos casos mais notáveis e apanágio desta falta de um órgão oficial, tratou-se da marcação do Caminho Português (CP) (Mendes, 2009). O CP foi, em alguns troços, devidamente, marcado por um conjunto de associações de amigos e aficionados pelos caminhos de Santiago, municípios e uma estreita colaboração da Asociación Gallega de Amigos del Camiño de Santiago. No caso do CPIS, a marcação foi (e tem vindo a ser mantida) efetuada pelos municípios das regiões que este atravessa, tendo como máximo referencial a obra do Professor Arlindo Cunha de Magalhães (1995). Apesar da organização e esforços encetados pelos municípios do CPIS, este caminho não apresenta, ainda, expressividade nas cifras de caminhos mais percorridos e mencionados à chegada na Oficina de Acolhida ao Peregrino, em Santiago de Compostela. Segundo as estatísticas disponibilizadas pela própria oficina, em 2018, percorreram o CPIS 308 pessoas – um número residual se compararmos com os cerca de 186 mil do Caminho Francês ou, ainda, os cerca de 67 mil do Caminho Português (<https://oficinadelperegrino.com/estadisticas/>).

O CPIS reveste-se de características únicas e materializa as multimotivações que desperta na hora de pôr pés ao caminho. Alguns exemplos de motivações para empreender este caminho podem estar relacionadas com a espiritualidade, com a religião, com a cultura, com a curiosidade e com a recomendação por parte de amigos e/ou familiares (Pereiro, 2019). Salientam-se, ainda, as motivações biográficas, propostas por Kurrat (2018), a saber: a) revisões na própria vida; b) situações de crise, em busca de possibilidades de superação para melhor enfrentar o futuro (ex. a morte de um familiar ou alguém íntimo); c) os que fazem um intervalo nos seus quotidianos profissionais e stressantes, para pensar as prioridades entre a sua vida profissional e pessoal; d) as motivações transitórias, de alguém que está no fim de um ciclo de vida e de passagem para outro ciclo (ex. obra de Hape Kerkeling); e) os que estão cansados da sua vida profissional e querem começar uma nova vida e criam um intervalo para reconstruir a sua identidade; f) os que fazem férias no Caminho como forma de um lazer mais introspetivo e intercultural. Neste caso, e à partida, a principal motivação foi, inequivocamente, científica. A motivação científica foi a ímpeto para produzir uma experiência que, à posteriori, pudesse contribuir para a classificação e conceptualização do vivido pelos utilizadores do CPIS que foram sendo entrevistados. Em simultâneo, e na ótica de MacCannell (1976), ao estudar a essência da experiência turística – e religiosa também neste caso – criamos a possibilidade de nos conhecermos melhor a nós próprios e, também de acordo com Pereiro (2019), as sociedades contemporâneas. Por tudo isto,

à medida que foram decorrendo as etapas, a experiência que fui assimilando ao longo da investigação – ou se quisermos o próprio caminho – acabaram por revelar e tocar algumas das motivações já mencionadas em Pereiro (2017; 2019). De forma a captar e compreender a complexidade e multidimensionalidade destes fenómenos, e na mesma linha que Pereiro (2019), fiz recurso a uma perspetiva antropológica focada nos significados das práticas e atividades sociais dos envolvidos e do próprio investigador – tendo por base o registado em sede de diário de campo. Parte deste material contido em diário de campo, e com valor elucidativo, será, oportunamente, introduzido e relacionado com aspetos relevantes nos apartados seguintes.

### 3. Crónicas e etapas em análise

A primeira etapa do CPIS começa em Farminhão e a referência é um centro de equitação que existe a poucos metros de distância. No seu ponto inicial, o caminho, padecia de alguma falta de sinalética (não existia nada a referir que ali é o ponto zero do CPIS), contudo, a vegetação neste troço tinha sido recentemente cortada (maio de 2018), criando, desta forma, uma imagem aprazível no seu ponto inicial. Nesta aldeia existe um albergue que faz parte do circuito oficial de albergues promovido pelos municípios que gerem o CPIS. A dormida custa 3 euros (inclui roupa de cama, almofada e toalha), há a possibilidade de, por 5 euros, aceder a um menu completo de refeição e por 2 euros pode tomar o pequeno-almoço antes de iniciar a etapa. As instalações têm capacidade para acomodar até 12 pessoas. Este albergue é parte integrante da Estrutura Residencial para Pessoas Idosas da Associação de Solidariedade Social, Recreativa e Desportiva de Farminhão e é aí que a credencial pode ser carimbada (primeiro carimbo oficial no CPIS), aliás como em todos os albergues deste caminho. O caminho atravessa terras, florestas, aldeias e algumas estradas municipais e estava, em geral, bem sinalizado. Durante esta etapa encontram-se uma série de fontes de água potável. Depois de cerca de 19 km alcança-se à cidade de Viseu. O Albergue de Fontelo é o local de pernoita oficial, situa-se na floresta/parque do Fontelo, no antigo parque de campismo (que é atualmente gerido pelos escuteiros de Viriato), tem capacidade para 20 pessoas e a dormida custa 3 euros. Este albergue não fornece comida (nem disponibiliza cozinha), a melhor opção são os restaurantes locais. Uma possível alternativa de alojamento é a Pousada da Juventude de Viseu localizada na entrada da Floresta do Fontelo e no mesmo edifício existe um multibanco (ATM) e um snack-bar. A rota passa em frente ao posto de turismo do município onde se pode carimbar a credencial, pode ser carimbada, também, pelos escuteiros no albergue. “Não foi fácil dar com o albergue, as pessoas a quem perguntava (inclusive pontos de informação públicos) indicam a Pousada da Juventude” (diário de campo a 7 de maio de 2018).

A segunda etapa leva-nos de Viseu a Almagem e representa cerca de 17 km de distância. Metade da etapa decorre em pequenas aldeias e a outra metade atravessa florestas com muitos carvalhos, pinheiros e eucaliptos. Existem cerca de 3 fontes de água potável ao longo deste troço. Os últimos 2 km antes do albergue são feitos numa estrada romana que desce uma colina até à estrada nacional 2 (N2) e depois cruza-se o rio Vouga mesmo no limite da aldeia de Almagem. O albergue oficial situa-se numa antiga escola primária que foi recuperada e transformada para hospedar os peregrinos. Nesta aldeia (Almagem) existe, apenas, um café e que cujos horários dependem da existência de clientela. Aí é possível fazer as refeições, mas só com reserva prévia – os proprietários dispõem-se a abrir o estabelecimento à hora de jantar e a servir uma refeição quente, modesta, com produtos da sua horta e em clima familiar por 7,5 euros. O preço da estadia no albergue é de 3 euros. Aquando do pagamento da estadia, ao presidente ou funcionária da Junta de Freguesia, a credencial é carimbada. “O melhor estava por vir, a cerca de 6km, em Pousa Maria, o troço segue a Via Romana – lindo!!” (diário de campo a 8 de maio de 2018).

Figura 1: Algueres entre Viseu e Almagem



Fonte: Fotografia captada pelo autor durante o trabalho de campo

A terceira etapa, de Almargem a Ribolhos, estende-se ao longo de 25 km. Este troço segue, principalmente, por florestas, atravessa pequenos riachos e cruza aldeias relativamente isoladas. Tem longas subidas (e, de igual forma, longas descidas) algumas de 5 km sempre a subir. Algumas das florestas e paisagens desta etapa estão marcadas pelo tom negro deixado pelos incêndios. O albergue oficial de Ribolhos é um dos melhores do CPIS, está totalmente equipado – é possível confeccionar refeições - e ocupa metade do edifício da escola primária. Em tempo de aulas é possível desfrutar dos sons e agitação característicos de uma escola, de crianças a brincar! O pagamento da estadia pode ser feito através de doação (sem valor mínimo). No canto da sala/cozinha, onde se podem encontrar objetos que foram deixados por outros peregrinos e onde disponibilizam uma mesa e cadeiras que convidam ao lazer, está um carimbo oficial desta rota com o qual se pode carimbar a credencial. “A aldeia é linda e remota [Cabrum – Eco-aldeia]...os trilhos nessa zona parecem mágicos” (diário de campo a 9 de maio de 2018).

Figura 2: Mata de pinheiros antes da descida para Cabrum



Fonte: Fotografia captada pelo autor durante o trabalho de campo

A quarta etapa concretiza-se de Ribolhos a Bigorne e tem cerca de 21 km. É uma etapa que nos leva a bonitas aldeias, pequenas florestas e atravessa o rio Paiva e o rio Paivô. Desta forma, gradualmente, este troço vai atravessando

típicas aldeias de montanha, à medida que vamos aumentando de altitude até atingir a Serra de Montemuro e o ponto mais elevado do CPIS (Bigorne: 1009 metros). O albergue oficial, em Bigorne, é propriedade da – sempre acolhedora – Sra. Isabel e do seu irmão (um pároco local). O café e restaurante Giesta ao chegar à localidade, também lhes pertence. Ali pode-se usufruir de uma refeição típica de Montemuro. O pagamento da dormida pode ser efetuado através de doação e a refeição tem um preço adaptado ao peregrino. A Sra. Isabel, no seu café, carimba as credenciais.

Figura 3: Troço de caminho e ponte romana – CPIS em Moura Morta



Fonte: Fotografia captada pelo autor durante o trabalho de campo

A quinta etapa leva-nos de Bigorne a Lamego em cerca de 18 km. Neste troço a sinalética é bastante confusa, algumas das setas amarelas dentro das aldeias (paralelas à N2, quem desce para Lamego) são pintadas de branco e outras são pouco visíveis. Segundo a versão oficial, este facto deve-se à interceção com o Caminho de Torres naquela zona do CPIS. Parte do caminho coincide com a N2 e é abrihantado com a paisagem do vale por onde serpenteia o rio Balsemão, ladeado pela Serra das Meadas. O albergue oficial localiza-se no Complexo Desportivo de Lamego e a estadia tem um custo de 7 euros por pessoa. Para efetuar as refeições existem alguns restaurantes nas proximida-

des. A credencial pode ser carimbada no albergue e/ou em qualquer uma das instalações associadas à diocese de Lamego.

Figura 4: Mercado ambulante nas aldeias da serra de Montemuro



Fonte: Fotografia captada pelo autor durante o trabalho de campo

Lamego - Bertelo (Santa Marta de Penaguião) é a sexta etapa e tem cerca de 23 km de extensão. Esta etapa, que maioritariamente se faz no vale do Douro, atravessa o rio Douro na cidade do Peso da Régua e, depois, leva-nos até Santa Marta de Penaguião. Neste troço, são possíveis vislumbres de paisagens ímpares intimamente associadas aos rios Corgo e Aguilhão. De forma gradual, vai-se subindo até Bertelo. Ao longo destes 23 km a moldura paisagística do caminho é monopolizada pelas vinhas da região demarcada do vinho do Dou-

ro. O albergue oficial de Bertelo pode acomodar 14 peregrinos e o pagamento é em doação (com sugestão de um mínimo de 5 euros). Há possibilidade de solicitar à equipa de Apoio Domiciliário do Centro Social e Paroquial de Santa

Figura 5: CPIS na Região Demarcada do Douro



Fonte: Fotografia captada pelo autor durante o trabalho de campo

Eulália da Cumieira – entidade que gere este albergue – a entrega do jantar, por um custo de 5 euros. A credencial é carimbada no próprio albergue.

De Bertelo a Vila Real, a sétima etapa oficial do CPIS, tem cerca de 11 km e a reduzida extensão transforma-se num serpentear e num sobe desce constante por vezes esgotante. Dentro da Cumieira há uma parte em terreno agrícola onde um muro desabou e aí constava a seta a indicar a direção certa. Portanto, é expectável – caso ainda não tenha sido resolvido – alguma confusão nesse ponto. Ao chegar aos limites do concelho de Vila Real, na aldeia de Relvas, é possível obter uma perspetiva única da grande obra de engenharia que marca a paisagem da cidade, a grande ponte da Auto Estrada nº 4 (A4). Esta etapa também utiliza a estrada nacional dois (N2) pela qual se entra na cidade de Vila Real onde se localiza o albergue oficial. A pernoita era efetuada nas instalações do Seminário diocesano de Vila Real, no entanto, segundo mencionado pela diocese de Vila Real, este encontra-se em obras. O albergue, provisoriamente, localiza-se nos Bombeiros Voluntários da Cruz Branca de Vila Real (já à saída da cidade, na zona nordeste). O preço da estadia cifra-se em 5 euros e as re-

Figura 6: CPIS à chegada a Vila Real



Fonte: Fotografia captada pelo autor durante o trabalho de campo

feições podem ser tomadas nos locais de restauração espalhados pela cidade. A credencial pode ser carimbada no posto de turismo da autarquia, no albergue e, eventualmente, nalgum organismo ligado à diocese de Vila Real.

A oitava etapa é de Vila Real a Parada de Aguiar (Vila Pouca de Aguiar) com cerca de 27 km de extensão. A paisagem perde a presença constante das vinhas para dar lugar à moldura da montanha, onde grande parte do percurso se efetua paralelamente ao rio Corgo, na antiga linha de comboio com o mesmo nome. Parte do troço efetua-se pela N2 e é recomendável a atenção redobrada devido ao tráfego automóvel. O albergue oficial é o Albergue de Santiago, em Parada de Aguiar, está totalmente equipado e é muito acolhedor. Podem ser confeccionadas as refeições ou encomendar a entrega por um par de restaurantes. A aldeia apenas dispõe de um café que encerra às 20:00h. Este é outro dos melhores albergues desta rota e tem capacidade para 10 pessoas. O pagamento da estadia efetua-se como doação de valor mínimo de 5 euros. A credencial carimba-se no próprio albergue.

A nona etapa é de Parada de Aguiar até Vidago, com cerca de 23 km. Depois de deixar a aldeia de Parada de Aguiar, o percurso retoma a antiga linha do Corgo – esta parte mais próxima de Vila Pouca de Aguiar (VPA) transformada em ciclovia – esperam-nos cerca de 4 km em linha reta até VPA. A etapa tem uma parte de especial alheamento da civilização! Chegados a Pedras Sal-

Figura 7: Antiga escola primária e agora albergue em Parada de Aguiar



Fonte: Fotografia captada pelo autor durante o trabalho de campo

gadas é altura de contemplar o vínculo estreito desta localidade com o termalismo. O CPIS passa mesmo ao lado do posto de turismo de Pedras Salgadas e, por opção, pode obter um carimbo na credencial. As etapas que se efetuam no concelho de VPA evidenciaram uma boa manutenção da sinalética. Ao entrar no concelho de Chaves - até atingir Vidago na zona do campo de golfe do Vidago Palace - há uma longa descida por caminhos rurais. Em Vidago o albergue oficial, com capacidade para 10 peregrinos, é nos Bombeiros Voluntários de Vidago, onde por um custo de 5 euros se passa a noite num local extremamente agradável e de gentes simpáticas e acolhedoras. A credencial é carimbada pelos bombeiros.

A décima etapa é de Vidago a Chaves com cerca de 20 km. A primeira parte do troço segue por uma estrada municipal e passa em várias aldeias e, depois, atravessa algumas zonas de floresta. À chegada a Chaves encara-se com o rio Tâmega. Tanto o albergue oficial como o alternativo, ambos mencionados nas informações disponibilizadas pelo município, não estavam a funcionar. Felizmente, há inúmeras opções de alojamento no centro da cidade, com preços acessíveis. A credencial pode ser carimbada no posto de turismo.

Figura 8: O CPIS na rota do termalismo



Fonte: Fotografia captada pelo autor durante o trabalho de campo

A última etapa do CPIS, liga Chaves a Verim e tem uma extensão de cerca de 29 km. Esta etapa tem a característica de ser transnacional, cruza a fronteira entre Portugal e Espanha (Galiza) em Vilarelho da Raia. No meu caso, optei por dividir a etapa ao meio, uma vez que há um albergue oficial em Vilarelho da Raia. À saída de Chaves, o troço percorre longas extensões de estrada e interseções viárias de algum tráfego. Após a passagem da zona industrial da cidade, ao entrar nas aldeias da área metropolitana, o trajeto faz-se, também, por estrada, mas estas são municipais – de menor tráfego. O albergue de Vilarelho da Raia, situa-se no Centro Social, Cultural e Desportivo de Vilarelho da Raia que, como associação, dinamiza um café da aldeia e, também, leva a cabo algumas atividades relacionadas com a história e cultura da própria aldeia e região de fronteira. Uma das atividades mais célebres e interessante, são as recreações do contrabando com o país vizinho, em tempos de ditadura em ambos os paí-

Figura 9: Chegada à cidade de Chaves



Fonte: Fotografia captada pelo autor durante o trabalho de campo

ses. A dormida tem um custo de 5 euros e pode-se, ainda, com antecedência encomendar alguma refeição quente. Restam cerca de 14 km até Verim, efetuados por entre aldeias da Raia e percebe-se que a chegada está próxima quando se avista – com alguma nitidez – o Castelo de Monterrei. À entrada de

Figura 10: Algues na Galiza quase a chegar a Verim



Fonte: Fotografia captada pelo autor durante o trabalho de campo

Verim, depois de Cabreiroá, as setas ou sinalética desaparecem, há que procurar o albergue Casa do Escudo, que fica perto do rio Tâmega no centro da cidade. A dormida fica por 5 euros e aí pode ser carimbada a credencial.

#### 4. Notas conclusivas

Tal como se pode perceber pela descrição das várias etapas do CPIS, e tendo como forma de imersão no terreno a abordagem antropológica, aqui fica expressa, talvez, uma motivação menos vulgar, a motivação científica. Foi, precisamente, este o mote – científico - para efetuar o CPIS, a pé, e em distintos momentos, experienciando, experimentando e manipulando uma série de elementos e variáveis comuns ou não às várias etapas. Embora a abordagem antropológica tenha por base uma lógica indutiva, na qual a observação e a análise guiam a

investigação (Santana-Talavera, 2000), quero, aqui, salientar que, desde o primeiro dia, de contacto com o CPIS, a lógica dedutiva esteve, igualmente, presente. Desde logo, fui influenciado e amparado – em linhas gerais –, nas idas para o terreno, com leituras em espectros como o da Antropologia e Turismo (Pereiro & Fernandes, 2018), da Antropologia das Religiões (Obadia, 2011) ou, ainda, e de forma mais presente e acutilante para este trabalho, pela Antropologia da Peregrinação e do Turismo (Badone & Roseman, 2004).

Esta incursão pelo CPIS teve, em larga medida, dois grandes objetivos. Numa primeira instância, ao percorrer a pé este caminho, pude experienciar algumas sensações, emoções, dificuldades e conquistas consubstanciadas no ato de caminhar em longas distâncias; pude, também, observar e registar troços e etapas em conformidade ou não como o mínimo estruturante que deve conter um Caminho de Santiago. Este objetivo tem, de forma implícita, duas grandes mais-valias, a saber: a informação que foi recolhida e interpretada poderá ser útil (ver recomendações para caminhar no final deste capítulo) para quem procure indicações/recomendações ao nível das necessidades básicas, de necessidades complementares e ainda de outras mais subjetivas, a fim de caminhar no CPIS; a segunda mais valia veio a revelar-se aquando da interpretação e definição do perfil e motivações do peregrino do CPIS (que dão corpo a um dos capítulos deste livro), desde logo, a análise ao espaço e tempo, aos “lugares e não lugares” na ótica de Marc Augé, que constroem a identidade deste caminho, quer como elementos que, em si próprios, produzem conhecimento acerca dos visitantes do CPIS, quer como veículo de aproximação – para mim enquanto investigador - à experiência dos peregrinos deste caminho.

Em paralelo às recompensas mais óbvias e mencionadas anteriormente, queria destacar – e tendo como referência o que fui registando em sede de diário de campo durante as imersões no CPIS – algumas das características identitárias deste caminho percebidas durante as caminhadas e corroboradas pelos discursos dos peregrinos entrevistados.

No primeiro dia e no albergue de Farminhão fica, a meu ver, bem expressa a hospitalidade tantas vezes mencionada, atente-se nestas passagens “Fui jantar, muito amavelmente servido, conseguiram arranjar-me umas bifanas...de sobremesa deram-me bolo que tinha sobrado da tarde, dia da Mãe, e, ainda, dois kiwis. Com o que sobrou da carne, fiz uma sandes que dará para o almoço de amanhã...e, ainda, um punhado de batatas fritas – a cozinheira fez-me o farnel e diz: não diga a ninguém se não ainda sou despedida [a propósito de me oferecer as batatas fritas]...De manhã apanho boleia com a carrinha que vai buscar utentes do Centro de Dia. O início do CPIS...fica a 2km daqui, para sul, aceito a boleia” (diário de campo a 6 de maio de 2018).

Outra nota que se destaca é o encontro e as conversas com alguns guardiões

Figura 11: Momento de registo em Diário de Campo – Albergue de Ribolhos



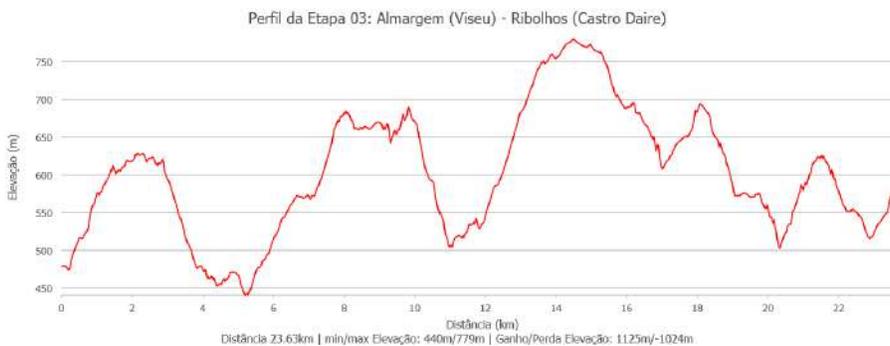
Fonte: Fotografia captada pelo autor durante o trabalho de campo

de informação sobre o CPIS, as suas gentes e quem o percorre. Destaco o caso do contacto com os donos da única taberna e local onde se pode obter uma refeição quente em Almagem (com marcação prévia), “Fui conversando com o dono, Sr. Libório sobre o CPIS, os peregrinos que vêm e trivialidades”. Houve, ainda, tempo para uma situação que me pareceu reportar a outros tempos, veja-se “Não achei muito correto a atitude subserviente da esposa que jantou, sozinha, na cozinha e foi-nos servindo sempre. Perguntei se não jantava e o Sr. Libório respondeu que ela gostava de comer na cozinha” (diário de campo a 8 de maio de 2018). Realço, também, as conversas informais com a Sra. Isabel do albergue e café Giestas de Bigorne. Veja-se este trecho, “Fui falando com Isabel, disse-me que alberga peregrinos desde os anos 80...contou-me que acolheu um casal de hippies que vinha a fazer o CPIS com um rebanho de cabras e alimentavam-se de raízes e frutos que encontravam” (diário de campo a 10 de maio de 2018).

Mais uma questão de destaque, prende-se com a manifesta e evidente discrepância, quando olhamos para o nível de exigência física, entre as várias etapas. Há etapas que requerem mais capacidade física do que outras, assim como

despertam necessidades específicas de preparação, manutenção e restabelecimento face ao impacto que causam no corpo. Uma dessas etapas, e talvez a mais exigente, liga Almagem a Ribolhos e está impregnada de longas descidas e, consequentemente, longas subidas como se pode verificar na *Figura 12*.

Figura 12: Perfil e oscilações entre subidas e descidas na etapa Almagem - Ribolhos



Fonte: <https://cpis.utad.pt/>

Nesta imagem, é bem perceptível uma longa subida de quase 5 km. Foi, ainda, experienciado – noutra etapa com grandes desníveis – de Lamego a Bertelo, já depois de passar Santa Marta de Penaguião, o efeito desagradável e nefasto das descidas acentuadas. Por vezes, suportar o peso do corpo nas descidas, torna-se penoso ao nível das dores e pressões extremas nos joelhos. Deixo uma passagem da etapa que nos leva até Ribolhos: “Hoje foi o pior dia desta epopeia... Nova descida vertiginosa até Moledo e depois subida de cerca de 5 km, até um monte onde tem eólicas, tive que parar umas 5 a 6 vezes para recuperar o fôlego. [já próximo da chegada o sentimento era este] Já vinha a arrastar os pés, mal me conseguia manter em pé – as bolhas não as sentia, mas os músculos não reagem” (diário de campo a 9 de maio de 2018).

Um apontamento, de igual forma, sobre a sinalética (ou falta dela) que em duas etapas e ocasiões distintas acabam por ter um impacto, também, diferente. Num primeiro momento, na etapa de Bigorne a Lamego, ao descer o vale que ladeia a serra das Meadas o troço abandona a Estrada Nacional nº 2 (N2) para percorrer o interior das aldeias. No entanto “a sinalização nestas aldeias é esquizofrénica, as setas amarelas estão pintadas de branco e as que não estão pintadas estão quase apagadas ou a um amarelo que não corresponde” (diário de campo a 11 de maio de 2018). Segundo o município de Lamego, isto acontece porque se trata de um ponto de interseção com o Caminho de Torres, que tem início em Salamanca (Espanha) e cruza o norte de Portugal, coincidindo com o CPIS em duas cidades principais, Lamego e Peso da Régua. Estas dissonâncias causadas pela múltipla sinalética, neste caso, não teve

impacto de relevo porque nesta etapa estava a ser auxiliado por uma aplicação para *smartphone* onde havia colocado, previamente, o mapa da etapa. Tal não aconteceu com a falta de sinalética na parte final da etapa entre Parada de Aguiar e Vidago. De forma deliberada, para esta etapa, uma das alterações que introduzi foi, precisamente, não usar auxiliares de rota. Queria experienciar a caminhada no CPIS orientando-me, única e exclusivamente, pelas setas e sinalética existente. No final da localidade de Sabroso de Aguiar, começa uma longa descida até ao campo de golfe do Vidago Palace. Essa descida efetua-se por um caminho de terra no meio de vegetação (densa em alguns pontos) e, a certa altura, surgiu uma bifurcação (em que ambas as alternativas estavam com pegadas e haviam sido percorridas) em que a placa de direção tinha desaparecido. Havia, apenas, um pequeno poste que tinha servido de suporte à placa. Era um dia de verão, quente e no seu pico de temperatura naquele momento, por volta das 12:30 – 13 horas da tarde, já havia percorrido cerca de 18 km, calculei que já estaria próximo do fim da etapa. Neste momento, estava quase sem água e se me perdesse poderia ter alguns dissabores e senti, até, alguma ansiedade como já tinha ouvido referir a alguns peregrinos quando se deparam com troços sem sinalética. Contudo, olhei atentamente para o poste onde estaria a placa e reparei que peregrinos (que conheciam o caminho ou tinham auxiliares de rota) tinham marcado/riscado no poste uma pequena seta a indicar que se deveria seguir para a direita – acabou por correr bem! Em relação à seta risca no poste, escrevi na altura o seguinte: “exemplo de solidariedade e sentimento de pertença que se gera nos Caminhos de Santiago” (diário de campo a 10 de julho de 2018).

É, ainda, tempo de registar que, ao contrário da disponibilidade, abertura e simpatia do proprietário do café e minimercado o Costa, em Outeiro Jusão a chegar a Chaves, esta cidade parece não querer acolher os peregrinos do CPIS. Os albergues oficiais (promovidos pelo município de Chaves e com preços adaptados aos peregrinos), os Bombeiros Voluntários Flavienses e a alternativa Pensão Flávia alojam peregrinos há algum tempo. Os Bombeiros referem que estão em obras (segundo uma funcionária do Posto de Turismo esta é a forma de declinarem as dormidas aos peregrinos) e a Pensão Flávia é intermitente a aceitação. Quando passei por Chaves, a 25 de julho de 2018, da Pensão Flávia dizem não alojar peregrinos por ser época alta e por lhes ficar mais vantajoso cobrar uma dormida a um turista a preço de mercado. A melhor opção que consegui foi um quarto em apartamento com preço a rondar os 25 euros. Para quem conseguir aguentar mais 15 km até Vilarelho da Raia, o albergue oficial do Centro Social e Recreativo de Vilarelho da Raia e as suas gentes estão de portas abertas para o receber. “Esta experiência nas etapas a norte do rio Douro - comparativamente com as de sul - tem-se demonstrado mais imprevisível, tenho tido mais dificuldades no alojamento e tenho dormido pior!” (diário de campo a 26 de julho de 2018).

Por fim, fazendo uma transposição para a experiência e o impacto causado em mim pelo CPIS, e tendo como especial referência Prat (2011), ao contrário de alguns dos entrevistados que sentiram e procuraram, continuamente, uma metamorfose ao fazer o caminho, eu, tal como Joan Prat, não atinigi esse patamar. Relembrando a motivação inicial – científica – e que, tal como referido antes, é um facto que ao longo do CPIS fui experienciando sensações enriquecedoras e fora do âmbito científico e, ainda em consonância com Prat (2011), contudo, o experimentado, não foi transcendental.

Ao olharmos e refletirmos sobre este texto, esta crónica, ficam bem explícitas as virtudes comuns, as especificidades e, também, as potencialidades do CPIS. Assim, e inscrevendo este caminho na matriz proposta por Prat (2011) quando tenta dar resposta à sua questão inicial “Porque caminham?”, além de o CPIS despertar um conjunto de motivações já referidas anteriormente (religiosas, espirituais, desportivas, turísticas e de lazer, biográficas, etc.), congrega outro tipo de atrativo. Ainda de acordo com Prat (2011), foi possível perceber que quem trilha o CPIS, também, tem como “denominador común que subyace tras esas razones manifiestas es el deseo, a menudo latente e inconsciente, de acceder a un estado de margen, liminalidad y communitas que el Camino facilita y que, por el contrario, resulta casi imposible de disfrutar en la vida convencional, es decir, cuando vivimos en la estructura. En otras palabras, se busca el oasis de paz y tranquilidad que supone el Camino, a sabiendas de que los privilegios asociados a la communitas son efímeros y su fecha de caducidad coincide con el fin de la ruta” (p. 35).

De seguida, e para fechar este capítulo, apresenta-se uma série de recomendações para caminhar no CPIS. Algumas dessas recomendações centram-se em necessidades básicas, outras em necessidades complementares e, ainda, outras mais espirituais e de conexão com a moldura que forma e informa o CPIS.

## **5. Recomendações para caminhar pelo CPIS**

1. A título de prevenção, visite o seu médico e verifique o seu estado de saúde geral.
2. Caminhe regularmente algumas semanas antes de iniciar o caminho, como forma de preparação física e mental. Vá aumentando, gradualmente, as distâncias como forma de tonificar e conferir elasticidade aos músculos das pernas, tronco e pescoço. Introduza nas caminhadas de preparação uma mochila com o peso expectável a transportar no caminho.
3. Cuidar os pés e as unhas antes da caminhada. Sugere-se que as unhas sejam cortadas de forma reta, possibilitando, desta forma, uma barreira de proteção aos dedos. Os pés devem estar bem hidratados/lubrificadas para

- reduzir a fricção/atrito, diminuindo, assim, a probabilidade de criação de bolhas.
4. Levar sapatilhas/botas desportivas de caminhadas (trekking, travessias...) confortáveis, leves e impermeáveis (ex. Gore-tex, Novadry...). Recomenda-se um número acima do habitual (os pés vão inchar), bem usadas (de forma a que os pés já estejam adaptados), nunca inicie o caminho com calçado por estrear.
  5. Uns chinelos ou sandálias são calçado essencial para os momentos de descanso dos pés, no final das etapas. Se possível (nestes momentos) mantenha as pernas ligeiramente levantadas.
  6. As bolhas devem ser drenadas com recurso a um alfinete/agulha esterilizada (boa opção é a cauterização da agulha com recurso ao fogo), sem remover a pele!!!! Volte a hidratar os pés. Leve analgésicos (por precaução), no entanto, cuidado que o seu uso pode “mascarar” uma possível lesão que será agravada pelos movimentos repetitivos sob o efeito de um analgésico.
  7. Usar meias especiais para caminhadas (ex. de algodão; sem costuras). Como dica, e de forma a reduzir a fricção das costuras nos pés, pode virar as meias do avesso.
  8. Usar colete refletor para se tornar visível no caminho.
  9. Optar por roupa confortável para caminhar. O vestuário deve estar adaptado às condições climáticas, devendo transportar, sempre, por precaução, uma capa impermeável. Sugestão: umas calças (um cinto pode dar jeito para outras situações, também) com pernas removíveis (para se transformar em calções) de tecido leve e de fácil secagem; 2 t-shirt's de caminhada (tecido leve, transpirável e de secagem rápida); 2/3 pares de roupa interior; um casaco leve e impermeável; 1 t-shirt/camisola para dormir; 1 calções/calças de algodão para dormir.
  10. Levar itens de higiene pessoal em doses adaptadas às etapas a realizar (evite o excesso de peso). Reserve algum sabão para (eventualmente) utilizar na lavagem da sua roupa.
  11. Levar chapéu, gorro, boné ou boina, para proteção do sol ou chuva, assim como protetor solar (apesar do CPIS serpentear por bosques frescos e luxuriantes atravessa, igualmente, zonas descampadas e passíveis de altos índices de radiação ultravioleta).
  12. Use um/dois bastão/bordão para auxílio à marcha, caso ache necessário.
  13. O peso da mochila deve representar 10% do seu peso (ex.: se pesa 70 kg, a mochila não deve ultrapassar os 7 kg). Opte por colocar na mochila o indispensável e aquando da caminhada ajuste-a muito bem ao seu corpo para que o peso esteja uniformemente distribuído. As melhores mochilas - para reduzir o impacto do peso no corpo do caminhante - tendem a ser aquelas que têm uma estrutura rígida na secção das costas e cintas ajustáveis no peito e abdómen.
  14. Levar água e frutos secos (ex. nozes, amêndoas, amendoins). A título de su-

- gestão, estes dois itens são ótimos como recurso de emergência a ter sempre na mochila! Os restantes itens alimentares ficam, obviamente, ao seu critério. Lembre-se... procure uma boa relação entre peso (do item) – potencial energético! NOTA: apesar de o CPIS dispor de inúmeras fontes de água potável ao longo das diferentes etapas, leve sempre água em quantidades generosas e hidrate-se regularmente!
15. A única pegada que o peregrino/caminhante deve deixar por onde passa é a dos seus pés/calçado. O seu lixo deve viajar consigo até encontrar o respetivo local de depósito!
  16. Levar saco cama, toalha e almofada (há albergues que dispõem destes utensílios, contudo, outros não). Pode, ainda, levar uma capa impermeável para a mochila.
  17. Levar telemóvel com bateria carregada (e respetivo carregador) e/ou máquina fotográfica.
  18. Levar a aplicação wikiloc instalada no telemóvel e gravar o percurso.
  19. Levar cartão de cidadão e alguns euros.
  20. Levar uma navalha, uma lanterna e fogo (isqueiro protege-se melhor da humidade).
  21. Levar credencial de peregrino (elemento imprescindível de acesso aos albergues).
  22. Caminhar em fila indiana em lugares com muito trânsito.
  23. Tomar um pequeno-almoço nutritivo antes da caminhada (fruta, sumos, cereais, pão...).
  24. Fazer alongamentos das articulações corporais antes do início, e no fim, da etapa.
  25. Caminhar pela berma, pela esquerda, e não pelo meio da estrada (quando utilizada por veículos motorizados).
  26. Tomar especiais cuidados e atenção ao atravessar as vias.
  27. Inicie a caminhada com um ritmo suave que permita o aquecimento, gradual, dos músculos e depois mantenha um ritmo contínuo e regular.
  28. De 2 em 2 horas (ou menos – 1 em 1h) faça paragens de, pelo menos, 10 minutos para descansar, nutrir e hidratar (também essencial para evitar câibras musculares). Depois da refeição principal da etapa (almoço) faça uma pausa de 2 horas e descanse os pés (coloque-os mais altos que a cabeça).
  29. Organize o caminho em etapas facilmente executáveis – normalmente, os albergues estão localizados em intervalos de 25/35 km de distância.
  30. Nos dias mais quentes, evite as horas de maior calor para caminhar. Comece a etapa de manhã cedo.
  31. Por fim, mas não menos importante, aproveite para desconectar do quotidiano – terrivelmente acelerado -, para reduzir ao máximo o uso da tecnologia e aumentar ao máximo a conexão com a natureza que o rodeia (que

no CPIS chega a ser estonteante). Aproveite para desfrutar do contacto com as populações ao longo do CPIS, da gastronomia das regiões que atravessa, aprecie o património material e imaterial com o qual se vai deparar. Observe “pequenos” aspetos que compõem a identidade deste Caminho e saiba organizar-se e aprender com esses aspetos únicos que o CPIS tem para lhe oferecer. Mantenha-se aberto e recetivo à diferença, absorva, mas, também, deixe de si por onde passa!

## 6. Bibliografia

- Badone, E., & Roseman, S. R. (Eds) (2004). *Intersecting Journeys. The Anthropology of Pilgrimage and Tourism*. Urbana and Chicago: University of Illinois press.
- Brochado de Almeida, C. A. & Brochado de Almeida, P. M. (2011). *Caminhos Portugueses de Peregrinação. O Caminho do Litoral para Santiago*. Maia: ISMAI- CEDTUR – CETRAD.
- Charpentier, L. (1971). *Santiago de Compostela: Enigma e Tradição*. Lisboa: Editorial Minerva.
- Cunha, A. (1995). *Caminhos Portugueses de Peregrinação a Compostela. Itinerários portugueses (Identificação dos caminhos e coordenação da investigação)*. Santiago de Compostela/Porto, Xunta de Galicia/Centro Regional de Artes Tradicionais.
- Cunha, A. (2001). *Santiago em Portugal. A devoção e a peregrinação*. Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal de Gaia.
- Cunha, A. (2005). O Caminho português: património e etnografia. Em X. Pardellas (dir.), *Turismo religioso: o Camiño de Santiago*. Vigo: Universidade de Vigo, pp. 49-84.
- Cunha, A. (2011). A devoção e a peregrinação jacobéias em Portugal. *Ad Limina*, II, pp. 85-114.
- Cunha, A. (2013). A devoção e a peregrinação jacobéias em Portugal (II). *Ad Limina*, IV, pp. 117-152.
- Cunha, A. (2014). Mestre Aquilino e o Caminho de Santiago, *Ad Limina*. V, pp. 165-179.
- Kurrat, Ch. (2018). Biographical motivations of pilgrims on the Camino de Santiago, em Book of Abstracts 10th Annual International Religious Tourism and Pilgrimage (IRTP) Conference, 27th-30th June 2018. Santiago de Compostela, Universidad de Santiago de Compostela, p. 37.
- Lourido, F. (2005). Os Camiños de Santiago na Península do S. XI ó XXI. Em X. Pardellas (dir.), *Turismo religioso: o Camiño de Santiago*. Vigo: Universidade de Vigo, pp. 31-48.
- Maccannell, D. (1976). *The Tourist: A New Theory of the Leisure Class*. New York: Schocken.

- Mendes, A. (2009). Peregrinos a Santiago de Compostela: Uma etnografia do Caminho Português. Dissertação de Mestrado. Instituto de Ciências Sociais. Universidade de Lisboa.
- Obadia, L. (2011). *Antropologia das Religiões*. Lisboa: Edições 70.
- Pereiro, X. & Fernandes, F. (2018). *Antropologia e turismo. Teorias, métodos, praxis*. La Laguna (Tenerife): PASOS.
- Pereiro, X. (2017). Turiperegrinos portugueses no Caminho Português Interior de Santiago de Compostela. *Revista Turismo & Desenvolvimento* 27/28: 413-423.
- Pereiro, X. (2019). Turismo y Peregrinación, dos caras de la misma moneda: el Camino Português Interior de Santiago de Compostela. *Cuadernos de Turismo*, 43: 407-434.
- Prat, J. (2011). ¿Por qué caminan? Una mirada antropológica sobre el Camino de Santiago. Em Nogués-Pedregal, A.M. & F. Checa Olmos (Coords.), *La cultura sentida. Homenaje al profesor Salvador Rodríguez Becerra* (pp. 495-529). Sevilla: Signatura ediciones.
- Rosendahl, Z. (2003). Espaço, cultura e religião: dimensões de análise. Em *Introdução à Geografia Cultural. Rio de Janeiro*. Brasil: Bertrand, pp. 187-224.
- Santana-Talavera, A. (2000). Los métodos de la antropología. *Ciencia y Mar*, 10: 3-27.
- Tranoy, A. (1981). *La Galice romaine. Recherches sur le nord-ouest de la péninsule ibérique dans l'Antiquité*. Paris: De Boccard.

# Capítulo 8

## Plano estratégico de comunicação e marketing do Caminho Português Interior de Santiago de Compostela

**Nieves Losada**

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD)  
Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento (CETRAD)  
nlosada@utad.pt

### 1. Introdução

O objetivo deste trabalho é fazer uma análise das potencialidades de desenvolvimento de um produto turístico de bem-estar no Caminho Português Interior de Santiago (CPIS), dada a quantidade e qualidade de recursos termais com os quais conta o território e em linha com a estratégia do seu parceiro galego. Considera-se que este produto vai ao encontro das principais motivações do peregrino e também dos interesses dos técnicos responsáveis pela gestão e dinamização deste caminho. Para isso realizou-se uma análise interna do próprio caminho e do seu contexto externo. Em seguida foi elaborada uma análise SWOT, na qual foram expostas as principais forças e fraquezas internas do caminho, assim como as principais oportunidades e ameaças externas. Finalmente, foram propostas algumas estratégias de comunicação para este produto turístico.

### 2. Turismo religioso e de peregrinações

O turismo religioso e de peregrinações é considerado um nicho de mercado com grande potencial, sendo que, com uma adequada planificação e gestão, poderá converter-se numa tipologia turística de grande relevância no âmbito

das viagens turísticas internacionais (Griffin e Raj, 2017). A importância adquirida por esta tipologia de turismo, nomeadamente pelo turismo de peregrinações no Caminho de Santiago, é alvo de interesse de investigação de diversas disciplinas como a geografia, a antropologia ou a sociologia, entre outras (Lois González e Santos, 2015).

A realização do Caminho de Santiago caracteriza-se por ser multi-motivacional, sendo que não atende unicamente a motivações religiosas, mas também a motivações turísticas como a busca de novas paisagens, necessidade de relaxar e escapar das pressões do quotidiano (Amaro et al., 2018; Lois-González e Santos, 2015; Murray e Graham, 1997). Santos (2006) indica que na atualidade estamos perante um produto turístico, sendo que a religião tem cada vez menos relevância. Neste sentido, embora um grande número de investigadores afirme que a relação entre turismo e peregrinações careça de um maior esclarecimento (Collins-Kreiner, 2010a; Murray e Graham, 1997), parece claro que estamos perante dois fenómenos com dinâmicas relacionadas (Lois González, 2013). De facto, as diferenças entre o peregrino e o turista são cada vez menores, pois os dois viajam motivados pela experiência de realizar o caminho e andam à procura do mesmo tipo de serviços (Amaro et al., 2018; Collins-Kreiner 2010a).

Assim, desde o ponto de vista da indústria do turismo, os peregrinos são turistas, e como tal devem ser tidos em consideração. Esta é uma questão de grande relevância nomeadamente no que diz respeito ao desenvolvimento de atividades económicas em torno do alojamento, restauração, comércio e centros religiosos, entre outras (Collins-Kreiner, 2010b). Aponta-se o ressurgimento do Caminho de Santiago como consequência da criação de um novo produto em linha com as motivações do turismo contemporâneo (Lois González, 2013).

### 3. O CPIS

O Caminho Português Interior de Santiago atravessa os municípios de Viseu, Castro Daire, Lamego, Peso da Régua, Santa Marta de Penaguião, Vila Real, Vila Pouca de Aguiar e Chaves. Além disso, o CPIS é uma via de sentido duplo, algo que o diferencia do resto dos caminhos, sendo que os peregrinos podem caminhar a Santiago de Compostela, na Galiza, ou a Fátima, em Portugal (Pereiro, 2017).

Estudos recentes apontam como principais motivações dos peregrinos que escolheram este caminho as seguintes: espirituais, religiosas e culturais, curiosidade pessoal, recomendação de amigos, proximidade com o local de residência, a convivência, a amizade e a prática desportiva (Pereiro, 2019).

Este caminho é, de todos os Caminhos de Santiago, o de maior concentração de património jacobeu da Europa, segundo o historiador Arlindo Magalhães (em Pereiro, 2019). Além disso, o CPIS é um caminho transfronteiriço, sendo que após 205 quilómetros desde a sua origem em Viseu, atravessa a fronteira luso-galega de Chaves-Verín, onde entronca com a Via da Prata até chegar a Compostela, após mais 182 quilómetros. Mas, o carácter diferenciador deste caminho é alcançado pela sua localização privilegiada no interior do Centro e Norte de Portugal, atravessando as paisagens do Douro e Trás-os-Montes e, acima de tudo, com uma grande riqueza de recursos termais e com grande tradição<sup>1</sup>, quer no lado português (Pedras Salgadas, Vidago, Chaves, entre outros), quer no lado galego (nomeadamente os de Verín e Ourense). Com tudo, trata-se do caminho menos transitado e também o mais desconhecido, sendo que não existe interesse nenhum por parte dos técnicos responsáveis pela gestão e dinamização do CPIS em imitar o resto dos caminhos de Santiago e massificar esta rota (Catarina Chaves em Pereiro, 2019).

#### 4. Turismo de bem-estar no CPIS

A utilização da água com motivos terapêuticos e salutareos tem uma grande componente ideológica e de religiosidade. Weisz (2011) indica que as águas poderiam ser uma fonte de cura baseada na religião. Na Galiza, a cultura termal não é simplesmente uma prática, percebe-se que está repleta de significado e simbolismo relacionados com elementos mágico-religiosos (Braña, 2016). Ao longo da história, diferentes culturas e civilizações utilizaram (e continuam a utilizar) a água termal e mineral com motivos religiosos, sendo em alguns dos casos as fontes termais consideradas como “um presente dos deuses” (Erfurt-Cooper, 2009).

As divindades e a água estiveram fortemente ligadas no passado, mas também na atualidade. A adoração à água e aos poços sagrados eram comuns na Europa. Nascentes de águas quentes e frias às quais eram atribuídos poderes de cura foram, muitas vezes, diretamente ligadas a um santo padroeiro e foram nomeadas em homenagem a esse santo em particular (Erfurt-Cooper, 2009). Muitas destas nascentes foram-se convertendo em locais de culto e peregrinação, p.e. O Santuário de Lourdes, em França, o que Harris (2013) denomina como “termalismo religioso”. Alguns destes locais de culto, aos quais se atribuíam poderes curativos milagrosos, foram reconvertidos, posteriormente, em sofisticados spas, p.e. Pyrmont, na Alemanha (Lempa, 2002). Na atualidade, os spas ou termas possuem distintas orientações em função do país, desde

---

1 Galiza e Norte de Portugal são, dentro da Península Ibérica, as regiões que, devido à qualidade das suas águas, concentram um maior número de enclaves dos quais brotavam águas mineromedicinais, conhecidas como “Cidades Aquae” (Sánchez, 2015).

a cura médica estrita, às terapias alternativas e ao bem-estar (Quintela, 2011).

Este tipo de peregrinações, a lugares de cura e culto mediante a utilização da água, tinha como único objetivo alcançar o destino final, com o intuito de se beneficiar das propriedades curativas das águas. Porém, nas peregrinações contemporâneas, o destino em si mesmo como meta final da peregrinação perde protagonismo. Neste sentido, Lois González e Santos Solla (2015) indicaram que, dos três elementos que compõem o Caminho de Santiago, a motivação primeira é o próprio início do caminho e o destino final, o segundo elemento é o próprio caminho que toma o protagonismo sobre os demais, sendo a experiência ao longo do caminho um elemento essencial da peregrinação a Santiago de Compostela. Os autores relacionam as peregrinações com o movimento *slow*, nomeadamente no que diz respeito à noção da viagem lenta enquanto se desfruta da gastronomia dos lugares e regiões visitadas.

Desta forma, a criação de uma oferta de turismo de bem-estar que satisfaça ao peregrino ao longo de todo o seu percurso, independentemente das suas motivações para realizar o caminho, poderia constituir uma estratégia de diferenciação do CPIS com respeito a outros caminhos mais massificados. O CPIS conta com elementos suficientes para criar um produto diferenciado do resto dos concorrentes, nomeadamente face às vias mais massificadas como o “Caminho Francês”, e dar resposta às motivações dos peregrinos na atualidade, em linha com a procura da tranquilidade e descanso, que não é encontrada noutros caminhos. Estes elementos, que giram ao redor das águas termais, minerais e/ou mineromedicinais com as que conta o percurso, consideram-se estratégicos na hora de desenvolver um produto de turismo de bem-estar no CPIS, pelo seu caráter inovador e diferenciador, no respeitante ao resto dos caminhos, e pela relação existente entre a utilização da água por motivos terapêuticos, de cura e de peregrinação.

Sendo que o seu parceiro estratégico na gestão e dinamização do CPIS, a Xunta de Galicia, aposta por ligar o Caminho de Santiago ao turismo termal, o apropriado seria elaborar uma estratégia de colaboração conjunta com o governo galego com o intuito de criar um produto conjunto de turismo de bem-estar no CPIS. Este produto diferenciado iria tomar como principal recurso a água termal e mineral, criando uma oferta específica de turismo de saúde e bem-estar no CPIS, dado que não existe um produto similar para o resto dos percursos.

## 5. Análise externa

O turismo de saúde e bem-estar é considerado pela OMT (UNWTO, 2010, p. 16) como a tipologia de turismo “mais favorecida pelo processo de envelhe-

cimento populacional na Europa” e, além disso, um dos projetos prioritários na Estratégia de Turismo de Portugal 2027. A ET 2027, considera o turismo de saúde e bem-estar como um ativo estratégico emergente, isto é, “um ativo que começa a ser reconhecido internacionalmente e que apresenta elevado potencial de crescimento, podendo no futuro gerar movimentos de elevado valor acrescentado e potenciar o efeito multiplicador do turismo na economia” (ET 2027, 2018, p. 46).

A Xunta de Galicia, prevê no seu Plano de Turismo Termal para a Província de Ourense (PTT, 2014-2020) desenvolver, a curto prazo, produtos termais estratégicos ligados ao peregrino que realiza o Caminho de Santiago. Os produtos que contempla são: “Descanso Termal do Peregrino”, “Caminho da Prata Termal” e “Compostela Termal”. Estes produtos são destinados à prestação de tratamentos específicos para o peregrino a desenvolver quer durante o caminho a Compostela, quer como prémio ou recompensa ao fim do trajeto.

O produto “Descanso Termal do Peregrino” consiste em estadias de dois dias num balneário ourensano que permita ao peregrino recuperar-se da peregrinação, com tratamentos apropriados às suas patologias (como pernas cansadas ou dor de costas). Com atores implicados prevê-se a colaboração do setor privado como o INORDE (Instituto Ourenzano de Desenvolvimento Económico). O objetivo é criar pacotes específicos para os peregrinos para serem promovidos em pontos estratégicos da capital galega, por exemplo no entorno da Catedral de Ourense, o Posto de Atenção ao Peregrino, ou estações de autocarro e comboio (PTT, 2014-2020, p. 74).

O “Caminho da Prata Termal” propõe realizar a rota da Via da Prata combinada com pernoitas e tratamentos em balneários, sendo o setor privado o ator principal, correndo os próprios estabelecimentos de alojamento em que o peregrino pernoita cada noite com os traslados entre alojamento-principio de etapa e final de etapa-alojamento. Para o bom funcionamento deste produto será necessário captar o peregrino antes de começar o caminho. Para isso prevê-se a colaboração em matéria de promoção com associações e organizações nacionais e internacionais interessadas no caminho (PTT, 2014-2020, p. 75).

O programa “Compostela Termal” consiste numa pequena recompensa ao peregrino que tenha feito o Caminho de Santiago, em concreto há um pequeno desconto num hotel balneário para estadias de duas/três noites em época baixa na realização de tratamentos relacionados com a recuperação das sequelas físicas do caminho (PTT, 2014-2020, p. 75).

Estas ações vão ao encontro de uma das linhas estratégicas previstas no “Plan Director y Estratégico del Camino de Santiago en Galicia 2015-2021” que consiste na criação de produtos específicos de carácter cultural e turístico-

cos vinculados ao Caminho de Santiago através do impulso à ampliação do bem-estar, entre outros, fornecida aos peregrinos em Santiago de Compostela. Além disso, com o desenvolvimento destas ações ao longo do caminho, o governo galego satisfaz também alguns dos objetivos presentes na “Estratexia do Turismo de Galicia 2020” (ETG, 2020), tais como: o incentivo ao setor termal e a comunicação e divulgação do caminho.

## 6. Análise SWOT

A partir da análise anterior, elabora-se nesta epígrafe uma matriz SWOT, que irá permitir contrastar as oportunidades e ameaças externas que assolam o CPIS com as suas forças e fraquezas internas (Tabela 1).

Tabela 1. Análise SWOT do CPIS

<p><b>FRAQUEZAS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ausência de imagem de marca reconhecida no mercado.</li> <li>• Pouco tecido empresarial e população envelhecida que comprometem o empreendedorismo.</li> <li>• Falhas na gestão do caminho por parte do setor público, nomeadamente no lado português.</li> </ul>	<p><b>FORÇAS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Quantidade e qualidade de águas termais, minerais e mineromedicinais.</li> <li>• Experiência e tradição termal.</li> <li>• Oferta formativa específica em turismo de saúde e bem-estar na Euro região Galiza-Norte de Portugal.</li> <li>• Rota transfronteiriça.</li> <li>• Vontade de cooperação transfronteiriça.</li> </ul>
<p><b>AMEAÇAS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Contração da procura interna em Espanha e Portugal.</li> <li>• Massificação do caminho.</li> <li>• Produtos substitutos.</li> </ul>	<p><b>OPORTUNIDADES</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Turismo de saúde e bem-estar em auge.</li> <li>• Envelhecimento populacional. Nicho de mercado: <i>turismo sénior</i>.</li> <li>• Procura de caminhos menos massificados e descongestionados.</li> <li>• Mercados estrangeiros emergentes: Itália e Alemanha.</li> <li>• Produto estratégico da Xunta de Galicia.</li> </ul>

Fonte: Elaboração própria

## 6.1. Fraquezas

A primeira está relacionada com a ausência de imagem de marca deste caminho, o que resulta num posicionamento no mercado muito débil. A juventude desta rota, em termos de produto turístico, comparada com outros caminhos já fortemente posicionados em mercados nacionais e internacionais, pode estar na origem desta fraqueza. A ausência de tecido empresarial no território é outra fraqueza para o CPIS. As características do território que o CPIS atravessa, nomeadamente a baixa densidade demográfica e população envelhecida, comprometem o empreendedorismo relacionado com o caminho e a possibilidade de atividade económica em torno deste produto. Além disso, detetaram-se falhas na gestão do caminho por parte do setor público, nomeadamente do lado português - no que diz ao respeito à sinalética, serviços ao peregrino, etc., mencionadas, inclusive, pelos próprios usuários<sup>2</sup>, o que representa um obstáculo para o desenvolvimento deste caminho.

## 6.2. Forças

Uma das maiores potencialidades do CPIS na aposta pelo turismo de bem-estar é a qualidade e quantidade dos seus recursos hídricos, nomeadamente no que diz respeito às águas minerais, termais e/ou mineromedicinais ao longo de todo o seu percurso, quer no lado português, quer no lado galego. A experiência e tradição no turismo de saúde e bem-estar na zona ao longo dos séculos, representa um reconhecimento para o caminho. O Hotel Vidago Palace e o Hotel Balneário de Cabreiroá, entre outros, são claros exemplos do que significou a atividade balneária neste território. Em relação ao anterior, destacar a formação existente específica em turismo de bem-estar e saúde na cidade

---

2 “Em Espanha tudo está muito organizado e à ‘espera dos peregrinos’, coisa que não acontece em Portugal...” (homem, 61 anos, 30 abril de 2016).

“Comparando Portugal e Espanha, julgo estarmos em desvantagem no que toca à sinalização e organização do caminho, bem como em número de albergues à disposição...” (homem, 46 anos, 2 de maio de 2016).

“Comparando ambos os lados da fronteira notei que em Espanha há um maior zelo e talvez valorização pelos caminhos, de certa forma como se do lado de lá houvesse um maior investimento não só nos percursos em si como também no apoio aos peregrinos...” (mulher, 48 anos, 4 de março de 2016).

“Do outro lado da fronteira estão mais e melhor organizados, o apoio nos albergues foi incrível” (homem, 39 anos, 23 de maio de 2016).

“No português está bastante melhor marcado na Galiza. Mas cá em Portugal não há vieiras só há setas amarelas, nem em todos os sítios está muito bem marcado, os galegos têm mais cuidado com aquilo até porque aquilo representa um recurso económico importante para a Galiza” (casal, 53 e 54 anos, 18 de maio de 2016). (Pereiro, 2019)

de Ourense (Universidade de Vigo), através do seu Mestrado em Turismo de Saúde e Interior, e projetos existentes em Outeiro Seco - Chaves, a nível de formação profissional (Turismo de Portugal), como um curso TESP (técnico superior profissional) em Turismo de Saúde e Termalismo.

Além disso, mais um ponto forte deste caminho é o facto de ser um caminho transfronteiriço, ao atravessar dois países, Portugal e a Espanha, questão que pode resultar em grande atratividade turística (Timothy, 1995).

Neste sentido, há que destacar também a vontade de cooperação entre as instituições com competências em turismo dos dois países a nível de gestão e promoção do turismo. Uma das linhas de atuação de Turismo de Portugal consiste em “gerar redes e conectividade” mediante a “cooperação transfronteiriça e transnacional, envolvendo o reforço das relações de cooperação Portugal-Espanha e a participação ativa de Portugal e dos seus territórios em redes internacionais” (ET, 2027, p. 58). Do outro lado, existe a vontade de fomentar a colaboração transfronteiriça com projetos específicos em matéria de turismo de saúde e bem-estar “apoiando a Rota Termal e da Água Chaves-Verín-Vidago, promovida pela AECT Eurocidade Chaves-Verín” assim como “fomentar a mobilidade na Eurorregião: Dois países, um destino” (ETG, 2020, p. 85 e p.127).

### 6.3. Ameaças

Uma das principais ameaças para este caminho procede da excessiva dependência do turismo doméstico. Recordar que a maior parte dos peregrinos que realizam o CPIS são residentes no norte de Portugal, sendo que uma das principais motivações para realizar o caminho é a proximidade com o seu local de residência (Pereiro, 2019). Mas, por outro lado, é necessário dizer que existe o risco de potenciar em excesso este caminho, e massificar esta rota, algo que não está entre os objetivos dos técnicos responsáveis pela gestão e dinamização do CPIS (Pereiro, 2019). Além do anterior, existe a possibilidade de trocar o CPIS por produtos substitutos e mais atrativos para o turista ou, inclusive, por outros caminhos melhor organizados.

### 6.4. Oportunidades

Uma das principais oportunidades para a dinamização do CPIS no que concerne ao produto de saúde e bem-estar, desde o ponto de vista da procura, é o auge desta tipologia de turismo nos últimos anos (UNWTO, 2010, p. 16). Além disso, desde o ponto de vista do setor, o turismo de saúde e bem-estar é a tipologia turística que em maior medida contribui à dessazonalização da procura.

O anterior está intimamente ligado à questão do envelhecimento popula-

cional, nomeadamente nos países do sul da Europa, sendo que esta tipologia de turismo, o turismo de saúde e bem-estar, emerge um interessante nicho de mercado a desenvolver nos próximos anos como é o amplo e heterogéneo segmento dos *seniores*.

Também a pouca procura que na atualidade tem o CPIS pode supor uma vantagem competitiva em relação a outros caminhos mais massificados, como o caminho Francês, fortemente congestionado pela grande quantidade de demanda que vem recebendo nos últimos anos, com um resultado de insatisfação para o peregrino.

Com o objetivo de tratar de paliar a sua excessiva dependência do mercado doméstico, como indicado anteriormente, o CPIS poderia aproveitar a oportunidade de atrair mercados internacionais, nomeadamente o italiano ou o alemão, principais mercados internacionais do Caminho de Santiago segundo dados procedentes da Oficina do Peregrino, recolhidos no “Plan Director y Estratégico del Camino de Santiago en Galicia, 2015-2021”.

Finalmente, indicar que o Caminho de Santiago é já um produto estratégico para o Governo Galego, o qual conta com grande experiência na gestão e promoção dos Caminhos de Santiago (ETG, 2020). Assim, esta seria uma boa oportunidade para delinear ações conjuntas para tratar de promover e dinamizar o caminho em ambos os lados da fronteira.

## **7. Estratégia de comunicação do CPIS.**

Atendendo à sua evolução no mercado, o CPIS encontra-se na fase de introdução do ciclo de vida do produto (CVP) turístico, sendo que existe ainda um baixo conhecimento deste produto e a evolução da demanda é lenta. As estratégias a seguir para a comunicação do CPIS nesta fase inicial do CVP seriam as seguintes (Munuera e Rodríguez, 2012):

- a) Criar conhecimento do produto mediante publicidade informativa. Além da existência de uma página web para o CPIS que integre informação em detalhe e prática para o peregrino e as campanhas informativas realizadas nas redes sociais, considera-se que o CPIS deveria trabalhar numa promoção conjunta com o país vizinho, pela mais-valia deste caminho como produto transfronteiriço que o diferencia do resto dos caminhos. Além disso, e como indicado anteriormente, o homólogo galego responsável pela promoção dos Caminhos de Santiago conta com mais experiência na promoção e comunicação dos caminhos, uma oportunidade para os técnicos portugueses. Ações de promoção conjuntas em mercados internacionais iriam permitir ao CPIS chegar a um maior número de potenciais usuários de maneira independente. Há que

recordar, que nesta etapa do CVP os recursos para a promoção são escassos, sendo necessário criar sinergias mediante ações de colaboração com outros organismos.

- b) Estimular a comunicação interpessoal, *worth of mouth*. Nesta etapa de incerteza, este tipo de comunicação é um dos mais eficientes, pois parece mais fácil que os consumidores com aversão ao risco sejam persuadidos por este tipo de comunicação, além de ser também uma estratégia muito económica.

Além disso, e sendo que o turismo de peregrinações está associado à corrente *slow*, e o que se pretende não é criar um produto de massas, recomenda-se uma estratégia de comunicação do CPIS sensível a questões relacionadas com a mobilidade no destino e as representações dos atrativos locais, etc., dado o papel que a comunicação exerce no comportamento responsável do turista e na escolha final do destino (Hardeman *et al.*, 2017).

Contudo, a estratégia de comunicação a utilizar requer uma análise mais pormenorizada das características dos peregrinos que realizam o CPIS, pois, a nacionalidade do individuo influencia em grande medida as suas atitudes e comportamentos (Özdemir e Yolal, 2016). Neste sentido, a análise cross-cultural é especialmente útil no momento de decidir quais dos elementos do programa de marketing podem ser estandardizados em vários países e quais podem ser mais localizados (Engel *et al.*, 1995). Assim, numa sociedade globalizada e multicultural como a atual, o enfoque cross-cultural constitui uma potente ferramenta para o marketing, sendo a nacionalidade do individuo uma variável amplamente utilizada na segmentação dos mercados turísticos (Lee e Sparks, 2007; Li, 2014; Özdemir e Yolal, 2016). Este enfoque revela-se especialmente apropriado para a segmentação dos peregrinos do Caminho de Santiago, dado o carácter internacional deste percurso.

## 8. Bibliografia

- Amaro, S., Antunes, A. e Henriques, C. (2018). A closer look to Santiago de Compostela's pilgrims through the lens of motivations. *Tourism Management* 64, 271-280.
- Braña, F. (2016). Magia, religión y vida. Apuntes de la literatura etnográfica sobre el agua termal en Galicia, Congreso Internacional del Agua. Termalismo y Calidad de Vida. Campus da Auga. Ourense, 2015.
- Collins-Kreiner, N. (2010a). Researching pilgrimage: Continuity and transformations, *Annals of Tourism Research*, 37(2), 440-456.
- Collins-Kreiner, N. (2010b). The geography of pilgrimage and tourism: Transformations and implications for applied geography, *Applied Geography*, 30, 153-164.

- Erfurt-Cooper (2009). Cultural and religious use of water. Em P. Erfurt-Cooper, e M. Cooper, (Eds.). *Health and Wellness Tourism: Spas and Hot Springs* (pp. 110-129). Bristol: Channel View Publications.
- Engel, J., Blackwell, R.D. e Miniard, P.W. (1995). *Consumer behavior*. 8<sup>th</sup> ed. Forth Worth: The Dryden Press, Cop.
- ETG 2020 - Estratexia do Turismo de Galicia 2020. Disponível em: [http://www.turismo.gal/docs/mdaw/mjk2/~edisp/turga296028.pdf?langId=es\\_ES](http://www.turismo.gal/docs/mdaw/mjk2/~edisp/turga296028.pdf?langId=es_ES)
- ET 2027 – Estratégia Turismo 2027. Disponível em [http://www.turismodeportugal.pt/pt/Turismo\\_Portugal/Estrategia/Estrategia\\_2027/Paginas/default.aspx](http://www.turismodeportugal.pt/pt/Turismo_Portugal/Estrategia/Estrategia_2027/Paginas/default.aspx)
- Griffin, K. e Raj, R. (2017). The importance of religious tourism and pilgrimage: reflecting on definitions, motives and data, *International Journal of Religious Tourism and Pilgrimage*, 5(3), 2.
- Hardeman, G., Font, X., & Nawijn, J. (2017). The power of persuasive communication to influence sustainable holiday choices: Appealing to self-benefits and norms. *Tourism Management*, 59, 484–493.
- Harris, A. (2013). Lourdes and holistic spirituality: Contemporary Catholicism, the therapeutic and religious thermalism, *Culture and Religion: An Interdisciplinary Journal*, 14(1): 23-43.
- Lee, S.S. e Sparks, B. (2007). Cultural influences on travel lifestyle: A comparison of Korean Australians and Koreans in Korea, *Tourism Management*, 28, 505-518.
- Lempa, H. (2002). The Spa: Emotional economy and social classes in nineteenth-century Pyrmont, *Central European History*, 35(1), 37-73.
- Li, M. (2014). Cross-cultural tourist research: a meta-analysis, *Journal of Hospitality and Tourism Research*, 38(1), 40-77.
- Lois González, R. (2013). The *Camino de Santiago* and its contemporary renewal: Pilgrims, tourists and territorial identities, *Culture and Religion: An Interdisciplinary Journal*, 14(1), 8-22.
- Lois González, R. e Santos Solla, X. (2015) Tourism and pilgrims on their way to Santiago. Motives, caminos and final destinations. *Journal of Tourism and Cultural Change*, 13(2), 149-164.
- Munuera, J.L. e Rodríguez, A.I. (2012). *Estrategias de Marketing: Un enfoque basado en el proceso de dirección* (2ª Ed.). Madrid: ESIC.
- Murray, M. e Graham, B. (1997). Exploring the dialectics of route-based tourism: the Camino de Santiago, *Tourism Management*, 18(8), 513-524.
- Özdemir, C. e Yolal, M. (2016). Cross-cultural tourist behavior: An examination of tourists' behavior in guided tours, *Tourism and Hospitality Research*, 17(3), 314-324.
- Pereiro, X. (2017). Turiperegrinos portugueses no Caminho Português Interior de Santiago de Compostela, *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 27/28, 413-423.

- Pereiro, X. (2019). Turismo y peregrinación, dos caras de la misma moneda: El Camino Portugués Interior de Santiago de Compostela, *Cuadernos de Turismo*, 43, 407-434.
- Plan de Turismo Termal (PTT, 2014-2020). Disponível em: [https://www.turismo.gal/canle-profesional/plans-e-proxectos/plan-de-turismo-termal?langId=es\\_ES](https://www.turismo.gal/canle-profesional/plans-e-proxectos/plan-de-turismo-termal?langId=es_ES)
- Plan Director y Estratégico del Camino de Santiago en Galicia, 2015-2021. Disponível em: [http://www.turismo.gal/tebascms/filestore/1/6/1/9/7\\_ea6b4c1cd5c2132/16197\\_f55ecb4c0306bdd.pdf](http://www.turismo.gal/tebascms/filestore/1/6/1/9/7_ea6b4c1cd5c2132/16197_f55ecb4c0306bdd.pdf)
- Quintela, M.M. (2011). Seeking “energy” vs. Pain relief in spas in Brazil (Caldas da Imperatriz) and Portugal (Termas da Sulfúrea), *Anthropology & Medicine*, 18(1), 23-35.
- Sánchez, E. (2015). La promoción de destinos turísticos termales a través de los medios sociales: análisis del caso de los balnearios de Galicia y del Norte de Portugal. Tese de doutoramento. Universidade de A Coruña. Disponível em: <https://ruc.udc.es/dspace/handle/2183/16081>
- Santos Solla, X.M. (2006). El Camino de Santiago: Turistas y peregrinos hacia Compostela, *Cuadernos de Turismo*, 18, 135-150.
- Timothy, D.J. (1995). Political boundaries and tourism: borders as tourist attractions, *Tourism Management*, 16(7), 525-532.
- UNWTO (2010). *Demographic Change and Tourism*. Madrid.
- Weisz, G. (2011). Historial reflections on medical travel, *Anthropology & Medicine*, 18(1), 137-144.

## Breve CV dos autores



Prof. Dr. Xerardo Pereiro. Xerardo Pereiro é “doutor europeu” em antropologia sociocultural pela Universidade de Santiago de Compostela (1997) e doutor “internacional” em turismo pela Universidade de La Laguna (2014). Agregado em antropologia pelo ISCTE – IUL (Lisboa) (2013). Foi investigador visitante na Universidade Complu-

tense de Madrid, na de Milão, ISCTE (Lisboa), Edimburgo e Birmingham. Atualmente é professor auxiliar com agregação na UTAD. É investigador do CETRAD (Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento: [www.cetrad.info](http://www.cetrad.info) ) e membro do Departamento de Economia, Sociologia e Gestão da UTAD. Foi coordenador da licenciatura em Antropologia Aplicada da UTAD, prémio Vicente Risco de Antropologia e Ciências Sociais 1994, prémio FITUR 2007 de investigação turística em Iberoamérica, finalista do prémio Angel Carril 2010 de antropologia, e prémio Gabriel Escarrer - Sol-Meliá 2011 de estudos turísticos, entre outras distinções. Foi professor visitante nas universidades de Vigo, Santiago, Corunha, Salamanca, Nova de Lisboa, Pablo Olavide de Sevilha, Fernando Pessoa, Sevilha, Panamá e Costa Rica, entre outras. Pesquisa sobre turismo, património cultural e relações rural-urbanas. É editor temático da revista PASOS. Tem realizado trabalho de campo antropológico nas Astúrias, Galiza, Norte de Portugal e Panamá. CV Degóis: <http://www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=1093500028276373>

Contato: [xperez@utad.pt](mailto:xperez@utad.pt)

---

Xerardo Pereiro (Coord.) (2019) *Patrimonio cultural Jaconeu, turismo e peregrinação: o caminho português interior de Santiago de Comportela*. La Laguna (Tenerife): PASOS, RTPC. [www.pasosonline.org](http://www.pasosonline.org). Colección PASOS Edita nº 25.



Prof. Dr. Arlindo Cunha Ribeiro de Magalhães é professor na Universidade Católica do Porto e é um dos grandes especialistas sobre a história e o culto jacobeu em Portugal, e também sobre as peregrinações e os caminhos portugueses de Santiago de Compostela. Capelão da Comunidade da Serra do Pilar (Gaia) e membro da Comissão Diocesana para o Ecumenismo.

Contacto: cunharlindo@gmail.com

Prof.a Dr.a Maria Eunice da Costa Salavessa. É Professora Auxiliar de nomeação definitiva da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Departamento de Ciências Florestais e Arquitectura Paisagista. Mestre em Reabilitação da Arquitectura e Núcleos Urbanos pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa (1997), Doutorada em Ciências Naturais e Tecnológicas - Ciências da Engenharia (2002). Membro do CITAB/UTAD, no Grupo de Biosystems Engineering, desde 2012. As suas actividades de Ciência e Tecnologia têm incidido sobre a conservação de alvenarias históricas, revestimentos históricos e eco-argamassas de revestimento. Publicou 14 Artigos em revistas indexadas, 15 trabalhos em atas de eventos, possui 3 capítulos de livros e 14 livros publicados. Possui 14 itens de produção técnica. De momento participa, por convite di CETRAD, no projecto GEOARPAD/Caminho Português Interior de Santiago de Compostela. Orientou 28 dissertações de Mestrado em Engenharia Civil e Arquitectura Paisagista e arguiu 5 teses de Mestrado, em Engenharia Civil e Arquitectura Paisagista. Participou em vários eventos no estrangeiro e em Portugal. CV Degóis:



<http://www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=1009748325799985>

Contacto: e\_salave@utad.pt



Maria Olinda Rodrigues Santana. Concluiu a Agregação em 2009. É Professora Associada com Agregação na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Publicou 35 artigos em revistas especializadas e 22 trabalhos em atas de eventos, possui 15 capítulos de livros e 43 livros publicados. Possui 189 itens de produção técnica. Participou em 14 eventos no estrangeiro e 57 em Portugal. Orientou 2 teses de doutoramento e orientou 15 dissertações de mestrado nas áreas de Humanidades, História e Arqueologia, Outras Humanidades e Línguas e Literaturas. Atualmente participa em 4 projetos de investigação. Atua nas áreas de Humanidades e Humanidades com ênfase em História e Arqueologia. Nas suas atividades profissionais interagiu com 52 colaboradores em coautorias de trabalhos científicos. No seu curriculum DeGóis os termos mais frequentes na contextualização da produção científica, tecnológica e artístico-cultural são: cultura portuguesa, história, linguística portuguesa, arte, cultura escrita, tecnologia, cultura mirandesa, ciência, língua mirandesa e tradução. CV Degois:

<http://www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=9695968291678948>

Contacto: [osantana@utad.pt](mailto:osantana@utad.pt)



Artur Alves é licenciado em engenharia do ambiente e em engenharia zootécnica pela UTAD, mestre em Engenharia Zootécnica e também mestrando em Sistemas de Informação Geográfica pela UTAD. Bolseiro do projeto Georpad – Caminho Português Interior de Santiago de Compostela.

Contacto: [ambalves@utad.pt](mailto:ambalves@utad.pt)

Carlos Gomes é licenciado em Serviço Social, pela UTAD e tem um mestrado em Serviço Social - Especialização: Território e Desenvolvimento, pela mesma universidade. Frequentou, durante 3 anos letivos, a licenciatura em Antropologia, na Universidade de Coimbra. Bolseiro do projeto Geoarpad – CPIS.



ResearchGate: [https://www.researchgate.net/profile/Carlos\\_Gomes25](https://www.researchgate.net/profile/Carlos_Gomes25)

Ciência Vitae: <https://www.cienciavitae.pt/cv/> - Ciência ID 2212-D374-8676

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7792-8224>

CV DeGóis:

<http://www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=6650504728875465>

Academia: <https://utad.academia.edu/CarlosGomes>.

Contato: [cjgomes@utad.pt](mailto:cjgomes@utad.pt)



Prof. Dr. Ricardo Bento. Licenciado em Engenharia Civil pela UTAD e pós-graduado em Engenharia Urbana, pela FCTUC, concluiu em 2011 o Doutoramento em Ciências da Engenharia (Planeamento e Ordenamento do Território) pela UTAD. É Professor Auxiliar do Departamento de Engenharias da UTAD e membro Especialista em Planeamento e Ordenamento do Território da Ordem dos Engenheiros. Pu-

blicou 12 artigos em revistas especializadas com peer review e 25 trabalhos em atas de eventos científicos, possuindo 10 livros/capítulos de livros publicados. Participou em mais de 30 projetos, de investigação e de extensão universitária, tendo coordenado 19 destes últimos. Atua nas áreas de Planeamento e Ordenamento do Território e SIG, coordenando desde 2010 o Grupo de Estudos Territoriais da UTAD (GETER-UTAD), tendo sido responsável pela coordenação técnico-científica da revisão de 10 Planos Diretores Municipais (PDM) sobretudo na região do Douro. É investigador do Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento (CETRAD) da UTAD.

Ciência Vitae: <http://www.cienciavitae.pt//pt/1319-07B6-EDC0>

Contato: [rbento@utad.pt](mailto:rbento@utad.pt)



Prof. Dr. Santiago Prado Conde. Licenciado em Educação pela Universidade de Santiago de Compostela, licenciado em Antropologia Social e Cultural pela Universidade do País Basco, Doutor em Antropologia pela Universidade Autónoma de Barcelona. É professor Contratado Doutor na UNIR (Universidad Internacional de la Rioja). Foi XII prémio Vicente Risco de Ciências Sociais no ano 2007. É investigador colaborador do grupo EMIGRA (Universidade Autónoma de Barcelona) e do CETRAD da UTAD.

CV Degóis:

<http://www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=7046466635929887>

Contato: [santiago.prado@unir.net](mailto:santiago.prado@unir.net); [chagopc@yahoo.es](mailto:chagopc@yahoo.es)

Pedro Ricardo Coelho de Azevedo é licenciado em História pela Universidade do Minho e mestre em Património e Turismo Cultural pela mesma universidade. Doutorando em Desenvolvimento pela UTAD e bolsheiro de doutoramento da FCT, na área da antropologia, com acolhimento pelo CETRAD. Realiza a sua tese de doutoramento sobre os caminhos transmontanos de peregrinação a Santiago de Compostela. Foi prémio Almedina por Mérito Escolar, como aluno com melhor aproveitamento do Instituto das Ciências Sociais no ano letivo 2013/2014.



Contato: [pedrodosrc@gmail.com](mailto:pedrodosrc@gmail.com)

Prof.a Dr.a Nieves Losada. María Nieves Losada Sánchez. Concluiu o Doutoramento em Turismo pela Universidade de Vigo em 2013. Na ctualidade desenvolve a sua carreira investigadora no CETRAD, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, no marco do projeto DOUROTUR. Publicou 10 artigos em revistas especializadas e 6 trabalhos em atas de eventos, possui 6 capítulos de livros publicados. Possui 7 itens de produção técnica. Entre 2010 e 2016 participou em 4 projetos de investigação. Atualmente participa em 1 projeto de investigação. Atua na área de Ciências Sociais com ênfase em Outras Ciências Sociais. Nas suas atividades profissionais interagiu com 11 colaboradores em co-autorias de trabalhos científicos.



CV Degóis:

<http://www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=4809755485838891>

Contato: [nlosada@utad.pt](mailto:nlosada@utad.pt)







Este livro é resultado do projeto de I&D “Património cultural da Euro-região Galiza-Norte de Portugal: Valorização e Inovação. GEOARPAD” (cf. <https://cpis.utad.pt/>), mas tem a sua base no projeto Cultour plus (cf. <http://www.cultourplus.info/pt/>), no qual participou o CETRAD da UTAD com grande protagonismo e que se detinha sobre o estudo de rotas culturais e de peregrinação na Europa. A publicação representa um passo no caminho do estudo e investigação sobre O Caminho Português Interior de Santiago de Compostela (CPIS), que por ser menos conhecido e de revitalização recente não desmerece atenção científica. As marcas simbólicas de Santiago estão intensamente espalhadas e presentes em todo o Portugal, sendo, especialmente, encontradas no Norte de Portugal e, mais ainda, no interior Norte - zona que o CPIS atravessa. Esta forte presença de ícones jacobeus é, sobejamente, demonstrada nesta publicação pelos diversos autores. Estas marcas de Santiago aparecem muito ligadas à rota do CPIS: paróquias com o nome de Santiago, topónimos, caminhos, ruas, igrejas, capelas, esculturas, pinturas, albergues, hospitais históricos, feiras, lendas, tradições populares...

